

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O conceito de personalidade democrática nos primeiros trabalhos de Paulo Freire (1940-1960): conexões com a atualidade

Fernanda Ribeiro Ruffo Roberto

RIBEIRÃO PRETO – SP

2021

FERNANDA RIBEIRO RUFFO ROBERTO

O conceito de personalidade democrática nos primeiros trabalhos de Paulo Freire (1940-1960): conexões com a atualidade

Versão original

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Cesar Fonseca

RIBEIRÃO PRETO – SP

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Roberto, Fernanda Ribeiro Ruffo

O conceito de personalidade democrática nos primeiros trabalhos de Paulo Freire (1940-1960): conexões com a atualidade. Ribeirão Preto, 2021.

174 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Educação.  
Orientador: Fonseca, Sérgio Cesar.

1. Paulo Freire. 2. Personalidade democrática. 3. Educação.

Nome: ROBERTO, Fernanda Ribeiro Ruffo

Título: O conceito de personalidade democrática nos primeiros trabalhos de Paulo Freire (1940-1960): conexões com a atualidade

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ninguém é sozinho e nada se faz sozinho. Essa é a principal lição que aprendi ou melhor, reaprendi, por meio dessa jornada. Uma pessoa que muito admiro sempre falava: “sozinho posso ir mais rápido, mas juntos vamos mais longe”. Essa dissertação é a prova disso e não poderia deixar de agradecer todos que fizeram parte dessa jornada intensa que vai muito além do meu “mestrar” e que muito contribuiu para meu desenvolvimento como profissional e, principalmente, como pessoa.

Primeiramente, quero agradecer minha família, materializada principalmente na figura de duas mulheres fortes que admiro, minha mãe e minha vó. Cada uma, à sua maneira, foi meu abrigo, fortaleza e torcida para que eu pudesse realizar meus sonhos. Foram elas, cada qual com sua particularidade, que me guiaram até aqui e por isso sou infinitamente grata. Ambas me ensinaram a importância de buscarmos ser alguém que nos orgulhamos. Estudar faz parte dessa busca para mim, a busca por independência e por ser alguém melhor. Mãe e vó, espero que vocês se orgulhem desse trabalho pois ele também é (de) vocês.

Agradeço aos meus amigos e amigas da faculdade, que por serem pessoas e profissionais incríveis e que muito me espelho e quero por perto, me incentivaram a fazer e a finalizar esse trabalho. Quantas vezes a simples pergunta “como tá o mestrado?” foi um impulsionador para eu refletir sobre esse processo, aproveitar e dar o máximo que pudesse para meus estudos. Um salve especial à Gi, Ro, Raquel, Ju, Lais, Lu, Dê e Kiko, quero que saibam que admiro muito quem vocês são e sou mais porque somos. Minha 49ª turma de Psicologia da FFCLRP USP. Acredito muito que graduação é a lente pela qual a gente enxerga o mundo e eu enxergo muito a partir da nossa história.

Junto a esse caminhar, vivenciei uma rotina de trabalho maluca, e conciliar as duas jornadas só foi possível porque tive parceiros e amigos que muito me ajudaram, seja incentivando, se interessando pelo mestrado, seja aliviando minha barra e contribuindo fortemente para minhas entregas e compromissos. Aos meus amigos do Hippo, que viveram alegrias e dores que só a gente sabe – Ana, Vic, Gu, Aurora, tantos. Ao Ra, que não está mais aqui mas que sempre vai viver em mim e em tantas pessoas como fonte de inspiração. Ra, acho que cumpri a missão de ser a primeira “mestranda” do time. Fê, o meu primeiro e eterno par em São Paulo, meu amigo, meu motivador e fortaleza. De tantos jeitos você me salvou, saiba disso. Carol, Jubs, meus alicerces na área de Pessoas e alegrias do dia a dia. Oli, Gu, Rafa, Dan, meus amigos dentro e fora. Sem vocês não sei como seria.

Ao meu professor e orientador, Sérgio, minha admiração e agradecimento. Obrigada por acreditar em mim, em ajudar no avanço das ideias iniciais para a materialização de um trabalho mais robusto. Agradeço absurdamente pelo “o que” me ensinou, mas principalmente pelo “como”. Obrigada pela liberdade, pela confiança, pelos aprendizados, pelo cuidado, pelo jeito que conduziu nossa relação. Aprendi com você muito mais do que o conteúdo desse trabalho, mas uma forma de trabalhar que muito me inspira. Tudo isso foi possível graças a você. Mas mais do que esse trabalho, você foi responsável por eu esperar a prática educativa de novo, algo que em vários momentos duvidei como um caminho possível para mim. Agora, é algo que anseio e que espero estar preparada no futuro. Agradeço também a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, minha *alma mater*, e ao Programa de Pós Graduação em Educação, pela oportunidade de compor o time de discentes, algo que sempre será para mim uma fonte de honra e orgulho por toda a vida.

Agradeço por fim ao Ma, meu melhor amigo, meu amor e namorado. Quantas vezes você foi essencial para que eu pudesse seguir buscando meus sonhos, mesmo que você não saiba disso. Obrigada pelo cuidado, pelo apoio, pelo amor. Por deixar o passar dos dias mais leves. Por mostrar a importância da constância e dos pequenos gestos. Foi na constância, com amor, que esse trabalho foi se desdobrando, também. Obrigada por me ensinar a ter calma, tranquilidade, mesmo sendo meu oposto em tantos aspectos. Nada é mais enriquecedor e potente para o mundo do que diferenças e diferentes que convivem bem juntos. E é isso que somos. Obrigada por me ajudar a reencontrar minha força quando o caminhar apertava. Por me ensinar a amar e a valorizar os momentos que fazem a vida ser o que é. De um jeito próprio, nossa relação vai ser sempre uma fonte linda de aprendizado e florescimento para mim. Que ela continue a florescer e dar frutos de alegria, amizade e amor entre nós. Sempre serei grata pelo nosso reencontro.

A todas as pessoas que esbarrei até aqui, eu sou e serei sempre mais a partir da relação com vocês. Obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar e compreender a questão da “personalidade democrática” desenvolvida por Paulo Freire, em seus intercâmbios com outros temas pertencentes à sua obra até o período de 1960. Esse período é descrito como fundante no desenvolvimento do pensamento de Freire como educador, pois é nesses anos que Freire entrou em contato, a nível prático e teórico, com problemáticas relevantes do campo da educação e desdobrou os alicerces de sua obra (Kohan, 2019). É nesse período que Freire aprendeu lições valiosas sobre a prática educacional e os principais desafios de uma sociedade como a nossa. Desafios que ainda permanecem, mesmo que em novos formatos. Paiva (1980) descreve os trabalhos de Freire desse período da década de 50 como uma “síntese pedagógica do período”, pois são fotografias ricas dos movimentos, desafios práticos e correntes filosóficas que eram debatidos e estudados pelos profissionais e pesquisadores do campo da Educação. A questão da “personalidade democrática”, por sua vez, é o cerne da discussão que conecta a educação com a formação de uma sociedade democrática, mais participativa, justa e igualitária – relação essa de maior importância para Freire. Em termos de método empregado nesse trabalho, trata-se de uma pesquisa histórica, em que foi realizado um levantamento documental, em conjunto com uma análise biográfica de Freire, com ênfase nos anos de 1950, na sua vivência no SESI e nas diversas iniciativas educacionais e políticas que se envolveu nesse período. Entre os principais comentadores de Freire que contribuíram para nosso levantamento biográfico e para um entendimento mais profundo de sua obra estão Moacir Gadotti, Celso Bieseigel, Ana Maria Araújo de Freire, Walter Omar Kohan e o próprio Paulo Freire. Em termos de documentação e análise de registros foi a partir do acervo digital do Instituto Paulo Freire, que encontramos os documentos do processo de estudo de Freire, pistas de como o educador desenvolvia os temas fundamentais de sua obra nos primeiros anos, com um destaque a questão da personalidade que relacionava-se fortemente com o contexto de industrialização e democratização do Brasil e os modelos educacionais que Freire discutia, criticava, contribuía e vivenciava. Nas marginais das principais obras estudadas e comentadas por Freire até a publicação de sua tese de doutoramento, encontramos seus comentários que indicam a forma como o educador foi desdobrando a questão da mentalidade democrática, que permanece muito valiosa a ser analisada e debatida para aqueles que desejam se aprofundar na obra de Paulo Freire e debater a relação entre educação e democracia naquele período, como também em tempos atuais.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Personalidade democrática. Educação.

## ABSTRACT

This research aims to analyze and comprehend the concept of “democratic personality”, developed by Paulo Freire, through its exchanges with other themes belonging to the author’s opus until 1960. This period is described as foundational in the development of Freire’s thoughts as a teacher, because it was when Freire came across, in theory and practice, with relevant problems in the field of education and projected the bases for his works (Kohan, 2019). In the same period, Freire took valuable lessons regarding the educational practice and the main challenges for a society like ours, which are still present, even though in new formats. Paiva (1980) describes Freire’s works in the 1950s as a “pedagogical synthesis of the period”, as they are rich photographs of the movements, practical challenges and philosophical trends debated and studied by professionals and researchers in the field of Education. The “democratic personality” issue, on the other hand, is nuclear for the discussion connecting education and the formation of a democratic, more participative, fairer and equal society – a relation of great importance for Freire. In terms of methodology, we apply a historic investigation, performing a documental research combined with an analysis of Freire’s biography, with an emphasis on the 1950s, on his experiences at SESI and on the diverse educational and political initiatives he was involved with in this period. Among the main commentators of Freire that contributed the most for our biographical analysis and for a deeper understanding of his opus, we cite Moacir Gadotti, Celso Bieseigel, Ana Maria Araújo de Freire, Walter Omar Kohan and Paulo Freire himself. Regarding documentation and register analysis, Paulo Freire Institute’s digital archive provided the documents for our study process, as well as hints on how Freire developed the fundamental themes of his works in those first years. Examining the material, we spotted a prominence of the personality question, which strongly related to the industrialization and democratization context in Brazil and to the educational models Freire discussed, criticized, contributed to and experienced. From the marginalia in the main works Freire studied and commented until the publication of his PhD thesis, we found annotations that indicate the way he unfolded the issue of democratic mentality. Such a question remains valuable for analysis and debate by those who wish to deepen their knowledge over Paulo Freire’s opus, as well as to discuss the relation between education and democracy in that period and today.

Keywords: Paulo Freire. Democratic personality. Education.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Anotações em <i>El fin y los Medios</i> (Aldous Huxley) .....	42
Figura 2 – Anotações em História Econômica do Brasil (Caio Prado Júnior) .....	43
Figura 3 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 2 (Caio Prado Júnior) .....	44
Figura 4 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 3 (Caio Prado Júnior) .....	45
Figura 5 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 4 (Caio Prado Júnior) .....	46
Figura 6 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 5 (Caio Prado Júnior) .....	47
Figura 7 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 6 (Caio Prado Júnior) .....	48
Figura 8 – Evolução política do Brasil e outros estudos (Caio Prado Júnior) .....	49
Figura 9 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 1 (Fernando Azevedo) .....	50
Figura 10 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 2 (Fernando Azevedo) .....	51
Figura 11 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 3 (Fernando Azevedo) .....	52
Figura 12 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 4 (Fernando Azevedo) .....	53
Figura 13 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 5 (Fernando Azevedo) .....	54
Figura 14 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 6 (Fernando Azevedo) .....	55
Figura 15 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 6 (Fernando Azevedo) .....	56
Figura 16 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 1 (Fernando Azevedo) .....	57
Figura 17 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 2 (Fernando Azevedo) .....	58
Figura 18 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 2 (Fernando Azevedo) .....	59
Figura 19 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 3 (Fernando Azevedo) .....	60
Figura 20 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 4 (Fernando Azevedo) .....	61
Figura 21 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 5 (Fernando Azevedo) .....	62
Figura 22 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 6 (Fernando Azevedo) .....	63
Figura 23 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 7 (Fernando Azevedo) .....	64
Figura 24 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 8 (Fernando Azevedo) .....	65
Figura 25 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 9 (Fernando Azevedo) .....	66
Figura 26 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 10 (Fernando Azevedo) .....	67
Figura 27 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 11 (Fernando Azevedo) .....	68
Figura 28 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 12 (Fernando Azevedo) .....	69
Figura 29 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 13 (Fernando Azevedo) .....	70
Figura 30 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 14 (Fernando Azevedo) .....	71
Figura 31 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 15 (Fernando Azevedo) .....	72
Figura 32 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 16 (Fernando Azevedo) .....	73

Figura 33 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 17 (Fernando Azevedo) .....	74
Figura 34 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 18 (Fernando Azevedo) .....	75
Figura 35 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> – parte 1 (Gabriel Marcel) .....	76
Figura 36 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 2 (Gabriel Marcel) .....	77
Figura 37 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 3 (Gabriel Marcel) .....	78
Figura 38 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 4 (Gabriel Marcel) .....	79
Figura 39 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 5 (Gabriel Marcel) .....	80
Figura 40 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 6 (Gabriel Marcel) .....	81
Figura 41 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 7 (Gabriel Marcel) .....	82
Figura 42 – Anotações em <i>Los hombres contra lo humano</i> - parte 8 (Gabriel Marcel) .....	83
Figura 43 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 1 (James Conant) ....	84
Figura 44 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 2 (James Conant) ....	85
Figura 45 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 3 (James Conant) ....	86
Figura 46 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 4 (James Conant) ....	87
Figura 47 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 5 (James Conant) ....	88
Figura 48 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 6 (James Conant) ....	89
Figura 49 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 7 (James Conant) ....	90
Figura 50 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 8 (James Conant) ....	91
Figura 51 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 9 (James Conant) ....	92
Figura 52 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 10 (James Conant) ..	93
Figura 53 – Anotações em <i>La Educación en un Mundo Dividido</i> - parte 11 (James Conant) ..	94
Figura 54 – Anotações em O que é filosofia? - parte 1 (José Gasset y Gasset) .....	95
Figura 55 – Anotações em O que é filosofia? - parte 2 (Jose Gasset y Gasset) .....	96
Figura 56 – Anotações em O que é filosofia? - parte 3 (Jose Gasset y Gasset) .....	97
Figura 57 – Anotações em História da República - parte 1 (José Maria Bello) .....	98
Figura 58 – Anotações em História da República - parte 2 (José Maria Bello) .....	99
Figura 59 – Anotações em História da República - parte 3 (José Maria Bello) .....	100
Figura 60 – Anotações em História da República - parte 4 (José Maria Bello) .....	101
Figura 61 – Anotações em História da República - parte 5 (José Maria Bello) .....	102
Figura 62 – Anotações em História da República - parte 6 (José Maria Bello) .....	103
Figura 63 – Anotações em História da República - parte 7 (José Maria Bello) .....	104
Figura 64 – Anotações em História da República - parte 8 (José Maria Bello) .....	105
Figura 65 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 1 (Juan Mantovani) .....	106
Figura 66 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 2 (Juan Mantovani) .....	107

Figura 67 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 3 (Juan Mantovani) .....	108
Figura 68 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 4 (Juan Mantovani) .....	109
Figura 69 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 5 (Juan Mantovani) .....	110
Figura 70 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 6 (Juan Mantovani) .....	111
Figura 71 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 7 (Juan Mantovani) .....	112
Figura 72 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 8 (Juan Mantovani) .....	113
Figura 73 – Anotações em <i>Educación y plenitud humana</i> - parte 9 (Juan Mantovani) .....	113
Figura 74. Anotações em <i>El hombre y la sociedad en la época de crisis</i> - parte 1 (Karl Mannheim) .....	114
Figura 75 – Anotações em <i>El hombre y la sociedad en la época de crisis</i> - parte 2 (Karl Mannheim) .....	115
Figura 76 – Anotações em <i>Los Partidos Políticos</i> - parte 1 (Maurice Duverger) .....	116
Figura 77 – Anotações em <i>Los Partidos Políticos</i> - parte 2 (Maurice Duverger) .....	117
Figura 78 – Anotações em Raízes históricas do nacionalismo brasileiro - parte 1 (Nelson Werneck Sodré) .....	118
Figura 79 – Anotações em Raízes históricas do nacionalismo brasileiro - parte 2 (Nelson Werneck Sodré) .....	119
Figura 80 – Anotações em Raízes históricas do nacionalismo brasileiro - parte 3 (Nelson Werneck Sodré) .....	120
Figura 81 – Anotações em <i>La nueva sociedad</i> - parte 1 (Peter Drucker) .....	121
Figura 82 – Anotações em <i>La nueva sociedad</i> - parte 2 (Peter Drucker) .....	122
Figura 83 – Anotações em <i>La nueva sociedad</i> - parte 3 (Peter Drucker) .....	123
Figura 84 – Anotações em <i>La nueva sociedad</i> - parte 4 (Peter Drucker) .....	124
Figura 85 – Anotações em <i>Raíces del Existir</i> - parte 1 (Simone Weil) .....	125
Figura 86 – Anotações em <i>Raíces del Existir</i> - parte 2 (Simone Weil) .....	126
Figura 87 – Anotações em <i>Raíces del Existir</i> - parte 3 (Simone Weil) .....	127
Figura 88 – Anotações em <i>Raíces del Existir</i> - parte 4 (Simone Weil) .....	128
Figura 89 – Anotações em <i>Raíces del Existir</i> - parte 5 (Simone Weil) .....	129
Figura 90 – Anotações em <i>Hay que cambiar de educación</i> – parte 1 (Roberts Dottrens) .....	130
Figura 91 – Anotações em <i>Hay que cambiar de educación</i> - parte 2 (Roberts Dottrens) .....	131
Figura 92 – Anotações em <i>Hay que cambiar de educación</i> - parte 3 (Roberts Dottrens) .....	132
Figura 93 – Educação não é privilégio - parte 1 (Anísio Teixeira) .....	133
Figura 94 – Educação não é privilégio - parte 2 (Anísio Teixeira) .....	134
Figura 95 – Educação não é privilégio - parte 3 (Anísio Teixeira) .....	135

Figura 96 – Educação não é privilégio - parte 4 (Anísio Teixeira) .....	136
Figura 97 – Educação não é privilégio - parte 5 (Anísio Teixeira) .....	137
Figura 98 – Introdução aos problemas do Brasil (ISEB) .....	138
Figura 99 – Evolução da consciência .....	156
Figura 100 – Teoria da ação revolucionária e teoria da ação opressora.....	156

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Origem e quantitativo de obras contendo manuscritos de Paulo Freire .....	38
Tabela 2 – Idiomas das obras analisadas .....	38
Tabela 3 – Obras contendo anotações de Freire que foram contempladas na transcrição .....	40

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>Considerações iniciais .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2</b>	<b>Contextualização inicial da pesquisa, objetivos e metodologia.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PAULO FREIRE: VIDA E OBRA .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1</b>	<b>Breve biografia .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2</b>	<b>A experiência no SESI: a prática que originou sua produção intelectual .....</b>	<b>33</b>
<b>3</b>	<b>O ARCABOUÇO TEÓRICO ATÉ A TESE .....</b>	<b>36</b>
<b>3.1</b>	<b>As reflexões a partir das obras .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2</b>	<b>As anotações de Freire: os fac-símiles e suas transcrições .....</b>	<b>40</b>
<b>3.3</b>	<b>Aspectos relevantes dos materiais transcritos .....</b>	<b>139</b>
<b>4</b>	<b>A QUESTÃO DA PERSONALIDADE DEMOCRÁTICA .....</b>	<b>145</b>
<b>4.1</b>	<b>Personalidade Democrática: o referencial como pano de fundo .....</b>	<b>145</b>
<b>5</b>	<b>ESTRUTURA DA MENTALIDADE DEMOCRÁTICA .....</b>	<b>151</b>
<b>5.1</b>	<b>O que origina a mentalidade democrática? .....</b>	<b>151</b>
<b>5.2</b>	<b>Aspectos ligados ao desenvolvimento e à sustentação da mentalidade democrática .....</b>	<b>158</b>
<b>5.3</b>	<b>Entre mentalidades democráticas e o desenvolvimento social e econômico .....</b>	<b>163</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>170</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>172</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Considerações iniciais

Toda pesquisa nasce de alguma vontade ou curiosidade despertada pelo diálogo. Diálogo com pesquisadores, amigos ou colegas. Diálogo ao vivo, com voz ou pelo texto. Diálogo entre contextos, entre períodos e situações. Diálogo este qual for, vincula-se ao despertar do aprendizado.

Essa pesquisa não foi diferente. Uma vontade genuína de ampliar a minha visão de mundo foi o que ditou a escolha de realizar a pesquisa pelo campo da educação. Sabia da importância em seguir com a postura de estudante, mesmo depois de formada e acreditava que isso se manteria como uma possibilidade maior se fugisse do meu campo de formação inicial que é a psicologia. Não que não existissem no campo tantas outras possibilidades de aprendizado. Nada disso. Só existia mesmo uma vontade maior de conhecer outra ciência humana. Ciência humana essa que dialoga frequentemente com a psicologia. Ciência essa que também estuda o ser humano. E que em seu nível mais idealizado, seja por mim ou por outras pessoas, enxergava o ser humano, essencialmente, como um potencial. Como alguém, nas palavras de Freire, que poderia “ser mais”.

O meu primeiro contato com educação foi por meio de algumas disciplinas de psicologia escolar, em que pude aprender um pouco mais sobre o conceito de desenvolvimento e aprendizagem. Lá estudei teóricos como Vygotsky, Piaget, Wallon e tantos outros intelectuais estrangeiros. Curiosamente não, nada, nenhum contato com Paulo Freire. Só após terminar a faculdade, quando estava em processo de amadurecimento sobre fazer ou não esse mestrado e refletindo se deveria mesmo ser no campo da educação, que busquei Paulo Freire. Foi justamente por meio de seu último livro “Pedagogia da autonomia” que o conheci. Hoje, formando um curioso paralelo histórico, descrevo a pesquisa que realizei sobre as primeiras incursões do pensamento teórico de Paulo Freire, focando especificamente no contexto histórico travado até a publicação de seu primeiro texto longo, “Educação e atualidade brasileira” de 1959. A obra foi desenvolvida pelo autor para compor parte primordial de um concurso a uma cadeira de professor em uma universidade de Recife: sua tese de doutoramento.

Assim como Freire descreve ao iniciar sua tese, busquei não chegar aqui com “ares de dono”. Pelo contrário. Busquei justamente exercitar minha ingenuidade de modo que ela passasse a ser crítica sobre o tema sem, necessariamente ser arrogante ou desrespeitosa. À medida que a proposta da pesquisa foi compreender o conceito de personalidade democrática

em Freire, também busquei – de certa forma – exercitá-la na escrita. Para isso, partindo primeiro de um exercício de contextualização da obra e, posteriormente, de conscientização de alguns componentes estruturais da obra, que pude avançar na construção dessa pesquisa.

Foi a partir da contextualização que fui aprendendo mais sobre quem foi Paulo Freire, com quem dialogava, em que momento histórico e cultural viveu e quais são suas obras mais relevantes. Junto a isso, dentro do período que me propus a estudar, quais são os conceitos mais marcantes e como eles se relacionam ou não com a temática de personalidade democrática. A pesquisa documental também foi parte essencial para a construção dessa pesquisa. O que compôs etapas de levantamento dos textos, busca pelas obras, encontro com o Instituto, leitura dos documentos, sistematização dos achados e mais leitura. Embora compreender a letra de Freire em alguns documentos tenha sido um desafio, encontrar e elencar as relações vinculadas em seu pensamento teórico se mostraram como uma atividade ainda mais complexa. Os exercícios da leitura e da escrita foram contínuos de tal forma que sei que esse trabalho não poderá ser encerrado por aqui.

Tão pouco deve-se concluir que esse trabalho está encerrado. Sabe-se das suas inúmeras limitações (como presentes em qualquer outra pesquisa) e, portanto, também de suas inúmeras possibilidades pela frente: seja de ampliação, reformulação ou desconstrução das contribuições construídas por mim até esse momento, que são materializadas neste texto.

Durante o desenvolvimento do texto, irei expor com mais detalhes o motivo da escolha pelo teórico e pelos conceitos-chaves que optei explorar, compreender e reformular na pesquisa.

## **1.2 Contextualização inicial da pesquisa, objetivos e metodologia**

2021 marca o centenário de Paulo Freire (1921-1997). Segundo Monclus, o pensador brasileiro foi – nada mais, nada menos – que um dos principais “fenômenos educativos” do século passado e continua sendo “um ponto de referência estritamente prático” para o ato de educar. Hoje reconhecido como patrono da educação brasileira, já foi exilado do país ao pôr em prática um autêntico trabalho de educação que tinha por objetivo um processo de conscientização dos oprimidos (GADOTTI, 2010). De Pernambuco para o mundo, Paulo Freire construiu e trilhou um processo educativo focado na libertação – uma teoria carregada de prática – que o fez ser reconhecido mundo afora (FONSECA; PACÍFICO, 2017). Seu trabalho contribuiu – e contribui – para as discussões de diversas áreas de conhecimento, expandindo sua influência para além da educação.



O ano de 2018 circunscreveu o cinquentenário da publicação do livro **Pedagogia do Oprimido**, uma das obras de Freire mais reconhecidas no cenário mundial. A dimensão da relevância de sua obra para os debates de educação, sociedade e política podem ser mensurados pelo número de citações que o livro tem mundo afora, colocado como o terceiro livro mais citado globalmente, no campo de ciências sociais, segundo levantamento de Elliot Green (2016), pesquisador associado da *London School of Economics* (LSE).

Essas datas constituíram-se como uma oportunidade para revisar as ideias do autor brasileiro e examinar a contribuição e o impacto dessas ideias na atualidade. Oportunidade essa não meramente ilustrativa ou circunstancial, mas de fato significativa dado que o cenário que vivenciamos hoje como democracia e sociedade ainda carrega aspectos comuns – ou pelo menos, próximos – daqueles aspectos que constituíam o contexto e o momento histórico que Freire viveu ao elaborar sua teoria. Diversos problemas e problemáticas que inspiraram Paulo Freire em suas ações e reflexões sobre educação permanecem, progredem e se transformam como realidade mesmo anos e anos depois. Segundo Ribeiro (2018), o obra de Freire se mostra mais atual do que nunca, visto que o momento político vivenciado no Brasil é de instabilidade, descrédito, desesperança e nítidos sinais de retrocesso por parte de um governo que não promove o diálogo com seu povo e por parte da sociedade que ainda está (des)aprendendo a agir como uma democracia. Garcia (2012), ainda levanta que a negligência do Estado à educação pública, a predominância da oralidade entre o povo e o impacto das tecnologias na forma de organização da sociedade e cultura são outros aspectos que contribuem para a relevância atual de Paulo Freire. Sua contemporaneidade também é apontada e discutida por autores como Scocuglia (2018), Pena, Nunes e Kramer (2017), Melo (2018), entre outros.

Kohan (2019) em seu livro mais recente intitulado “Paulo Freire mais do que nunca”, é mais um pesquisador que reforça a oportunidade de dialogar com Freire na contemporaneidade. Segundo o autor, Freire mostra-se como um teórico importante para dialogar por uma série de motivos, mas principalmente – e justamente – porque sua presença não se limita e não pertence a um tempo cronológico específico. Pelo contrário, as ideias, a história e a contribuição de Paulo Freire pertencem ao tempo educacional, ao tempo – que segundo Kohan, não passa. Pois quando o assunto é educação é sempre tempo de começar, recomeçar e reinventar, ainda mais em um cenário de tantas mudanças.

O contexto atual do mundo, e principalmente do nosso país, incita a reflexão sobre quais os caminhos a democracia está a seguir e como a educação pode contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais participativa, mais consciente e mais justa. A reflexão é tão frequente e substancial em Paulo Freire. Como cidadãos de uma democracia ainda jovem,

estamos aprendendo a viver com as diferenças, a tolerar o próximo e a participar ativamente – e de forma consciente – da política e da construção da sociedade. Compreender o que incita o desenvolvimento da democracia e sua interface com a educação e contexto histórico é um caminho necessário para repensarmos nossa prática educacional contemporânea e identificar quais pontos dessa prática nos aproximam ou nos afastam de uma sociedade mais justa e igualitária.

E diversos são as formas de se trilhar esse caminho. Dialogar com Freire é um deles. E dentro do diálogo com Freire surgem tantas outras formas. Inúmeras vezes Freire é colocado em pauta quando pesquisadores e profissionais desejam contribuir com essa reflexão sobre educação e democracia e tantas outras questões que atravessam essa relação entre elas. Embora grande parte desses pesquisadores foquem quase que massivamente no Paulo Freire da “Pedagogia do Oprimido”, sua contribuição intelectual para o campo da educação e para as questões que permeiam a democracia começam relativamente antes dessa época. E é sobre esse “antes” que me debruçarei durante esse texto. Um período demarcado do seu nascimento até meados da década de 60, etapa inicial de sua vida (e de seu trabalho) que se encerra quando o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, iniciado sob sua coordenação, é interrompido quando a ditadura é instaurada no Brasil em 1964.

É nessa fase de sua vida que Freire começa a elaborar seus primeiros textos, a materialização do início de uma vasta contribuição intelectual para o campo das ciências humanas. E em cada um desses textos, seja os artigos menores do SESI ou sua tese para doutorado – ou até mesmo em alguns textos informais encontrados, Freire já demonstrava um interesse grande na relação entre educação e democracia. É evidente que a estrutura do seu pensamento já começou a ser construída bem antes da publicação de seus textos mais conhecidos, mesmo que de tantas formas tenha sido transformada ao longo de sua trajetória profissional. Em diversas passagens, recuperando um pouco a infância e os primeiros anos de trabalho de Freire, Kohan demonstra a relevância desses primeiros anos de vida e de trabalho (marcado até o exílio de 1964) para a obra de Freire, colocando essa época como a etapa fundante de seu pensamento enquanto educador. Neste período que Freire vai aprender lições valiosas sobre educação em nível prático e em nível filosófico, lições essas traduzidas (ou em geral percebidas) em sua obra a partir dos conceitos de humildade, igualdade entre educando e educador, diálogo, conscientização e a relação entre educação e democracia.

Mesmo carregando certa ingenuidade em suas primeiras formulações teóricas, Freire mostrava um nível alto de criticidade no que tange às questões que buscou explorar sobre educação no contexto brasileiro até 1964. Inclusive, o próprio autor reconhece que há sim

passagens ingênuas em seus trabalhos dessa época, mas são muito mais críticas do que ingênuas, mesmo que “isso não absolve minha ingenuidade”, retratado em uma entrevista realizada em 1972 no Chile (TORRES, 1979). É evidente que Freire, independente da época, nunca deixou de apostar no poder transformador da educação. Esse otimismo frente ao poder da educação, essa aposta em seu papel na mudança é presente desde seus primeiros trabalhos. No entanto, é válido afirmar que antes do golpe de 1964 não reconhecia completamente os limitadores desse potencial transformador, beirando mais um “otimismo ingênuo” do que um “otimismo crítico” que defende vestir junto com sua prática anos depois (FREIRE, 1986). Independente disto, e mesmo que o próprio autor faça uma autocrítica em relação a suas primeiras elaborações teóricas, os seus trabalhos iniciais não deixam de se estabelecer como alicerces (mesmo que reorganizados, reformulados, transformados) da estrutura teórica que Freire continuaria a elaborar nos próximos anos. Inclusive o carácter político da educação, tão estrutural em sua concepção teórica, é mencionado pelo próprio Freire como um aspecto pouco trabalhado por ele no período pré-golpe de 1964, embora é possível, sim, encontrá-lo presente tanto em sua prática como educador como em suas reflexões e escritas – mesmo que nessa época ainda não explore com afinco a questão das classes sociais (TORRES, 1979).

Paiva (1980) também reforça que os trabalhos de Freire pré-golpe são relevantes tanto para compreender sua teoria quanto para um entendimento mais profundo dos movimentos, desafios e correntes filosóficas que eram debatidos e estudados pelos profissionais e pesquisadores do campo da Educação. Paiva (1980) chegou a ilustrar a importância da obra de Freire pré golpe ao posicionar esta como “síntese pedagógica do período”. Scocuglia (1999) descreve esse período como uma fase de fortes filtrações, influências e criações próprias de um pensamento político-pedagógico. Político, pois em seus primeiros textos, e em sua tese acadêmica, Freire demonstrava uma preocupação genuína com a formação política no Brasil, debatendo e refletindo sobre a interface que a educação teria nessa formação. Silva (2011), complementando essa visão, descreve que a tese “Educação e Atualidade Brasileira” (1959) esboça uma narrativa que marca todo o percurso intelectual de Paulo Freire e que a postura dialética – tão marcante em diversas de suas obras – já está presente neste primeiro texto longo. Neste trabalho, já se encontra um dos aspectos estruturantes da sua visão de homem que acompanhará todo o desenvolvimento de seu pensamento - a transitividade do ser humano. Sua tese “Educação e Atualidade Brasileira” pode ser considerado como o ponto de partida da teoria de Paulo Freire, caracterizado por uma mescla coerente de ideias que amadureceriam como a linha de força de seu pensamento (GADOTTI, 1996).

Araújo (2015) também relata que nos textos do final da década de 50, Freire já articulava questões que envolviam o papel da educação na construção da democracia, introduzindo o tema de mudança comportamental como necessária, tanto em adultos como em crianças, para a evolução da sociedade brasileira - o desenvolvimento da personalidade democrática. A teoria da personalidade democrática também é citada por Gadotti (1996) como uma das questões cruciais trabalhadas por Freire em seus primeiros escritos. Foi inspirado em diversos autores, principalmente intelectuais europeus, que Paulo Freire engendra uma teoria de personalidade democrática vinculada a sua concepção de educação (PAIVA, 1980).

Beisiegel (2010) relata o conceito de personalidade democrática como estrutural na formação do pensamento de Paulo Freire. Para o autor, seja na obra escrita seja na prática de seus primeiros anos, Paulo Freire defendia uma educação condizente com a atualidade brasileira, uma educação completamente comprometida com o desenvolvimento do país, com a formação de uma consciência mais crítica e a construção de personalidades democráticas. O desenvolvimento da sociedade está vinculado a formação de comportamentos e de personalidades mais preparadas e compatíveis com a democratização. Aqui, o diálogo funciona como um elemento importante para a formação dos indivíduos na prática democrática e, conseqüentemente, para uma sociedade mais democrática e desenvolvida.

É evidente, portanto, que uma série de comentadores e pesquisadores da obra e trabalho de Paulo Freire reforçam a importância dos seus trabalhos iniciais, tanto para um entendimento mais profundo da teoria de Paulo Freire como também para uma compreensão mais crítica referente ao campo da educação - seja olhando para nosso contexto passado, presente e futuro. Junto a isso, em um esforço por parte dos estudiosos de sintetizar os trabalhos iniciais de Freire em alguns conceitos fundamentais, aparece a ideia de “personalidade democrática” (BEISIEGEL, 1982; 2010; PAIVA, 1980; GADOTTI, 1996). No entanto, mesmo que tratado e explorado por tais intelectuais como elemento relevante da obra de Freire, o conceito não foi aprofundado com um foco exclusivo, despertando algumas questões que procurei me debruçar durante essa pesquisa. Afinal, o que é personalidade democrática para Freire em seus trabalhos iniciais? Esse conceito é seu ou algo construído a partir do intercâmbio de outros autores? Como surge esse conceito e como é constituído através de sua linha de pensamento? Como ele se relaciona com os demais aspectos da sua visão sobre educação?

Assim, a partir dessas indagações surge o objetivo geral desta pesquisa: compreender a concepção de Paulo Freire acerca do conceito “personalidade democrática”, em seus intercâmbios com outros temas pertencentes à sua obra no período de 1940 a 1960. Para me aproximar desse objetivo geral, analisei o conceito partindo de um levantamento e exploração

da produção escrita de Freire no período inicial de sua carreira até o momento de elaboração de seu primeiro texto longo “Educação e Atualidade Brasileira”, em 1959. Durante a pesquisa, também houve a preocupação em identificar a relação do conceito de personalidade democrática com outras temáticas relevantes de sua obra, como educação e sociedade. Também busquei identificar os principais interlocutores elencados por Freire ao explorar o tema. Junto a isso, o momento histórico e cultural em que os conceitos foram desenhados e modificados também foram explorados com o intuito de explicitar a prática do autor com a teoria que foi desenvolvida. Essa preocupação em destacar o contexto, o momento e os atores envolvidos em cada uma das construções intelectuais de Freire também foi motivador para a busca de uma metodologia que considerasse esses aspectos em minha própria pesquisa.

Quando se discute um método é costumeiro esquecer-se que existe uma pessoa por detrás do uso de uma metodologia. Ferreira Neto (2008) traz em sua discussão – ao dialogar com conceitos de Foucault – a ideia de que seguir uma Metodologia implica também em um despreendimento de si, em “modificar o que se pensa e também o que se é” – trazendo de volta a pessoa como parte da discussão metodológica.

Dito isto, buscou-se escolher uma metodologia que explorasse as duas perspectivas: (a) caminho(s) que se trilha(m) para alcançar um objetivo; e (b) pessoas que constroem, trilham e vivenciam esse(s) caminho(s).

Dessa forma, para compreender melhor os conceitos desenvolvidos por Freire, cabe (a) um levantamento do caminho trilhado por ele; e (b) um levantamento de quem é ele. Isso será feito partindo da concepção de Freire de que o homem é um ser histórico e que a participação e contribuição dele se dá por meio do diálogo. Propõe-se realizar um levantamento da **história** de Paulo Freire e, conjuntamente a isso, uma análise de seus conceitos, identificando os diálogos com demais referências trazidas pelo autor e pensadores contemporâneos. Ou seja, será feita uma pesquisa histórica. A análise de seus conceitos partirá, inicialmente, de um levantamento documental - ou seja, um levantamento de fontes registradas pelo autor.

Segundo Lopes e Galvão (2001), os estudos vinculados a uma perspectiva histórica no campo da educação contribuem na medida em que não se limitam apenas às investigações sobre um pensamento educacional, mas expandindo sua visão também para as relações em volta: tanto do autor, como dos conteúdos encontrados e dos materiais encontrados.

Em relação aos documentos e conteúdos angariados para a pesquisa, algumas perguntas podem nortear a exploração científica: onde eles estavam? Em que momento foram utilizados? Para quem eram direcionados? Por que existiam dessa forma? O que espera-se desse documento no presente? Com o que ele dialoga hoje? Existe utilização para o reencontrado?

Para Certeau (2000), a pesquisa histórica consiste na separação, associação e transformação de documentos, partindo de um novo ponto de vista, de um novo lugar e de um novo momento. É construída a partir do deslocamento e da reformulação de sentidos. A partir de um levantamento documental e de uma pesquisa histórica, é possível perceber que o passado é um fato que não se modifica, mas o conhecimento e as formulações sobre eles estão sempre se transformando, se reinventando, é algo presente pois é uma produção em processo.

Existe uma diferença entre o ensino da história e a pesquisa histórica: diferença claramente circunscrita pela distância entre um cenário que os fatos são expostos – e dados como certos – e um cenário em que os fatos (a serem) produzidos – e postos em dúvida. Ou seja, na pesquisa histórica o pesquisador assume seu papel de também produzir história, encarando as fontes e os fatos não como algo simplesmente dado – em uma postura completamente passiva – mas como algo a ser colocado em cheque, e, portanto, redescoberto, construído e transformado.

Para produzir esses novos fatos históricos, o pesquisador deve atuar em cima de rastros e traços para que a partir de uma elaboração, um raciocínio oriundos primeiramente de hipóteses daquele que pesquisa. É a partir das perguntas que se inicia o trabalho do pesquisador. E essas perguntas nascem de um interesse no tema. Um interesse suficientemente incômodo para que se possam produzir questões e, depois, narrativas e histórias.

Alguns interesses e desejos motivaram a pesquisa: entre eles, a visão idealista sobre a educação e sobre a possível forma da educação encarar o ser humano como alguém – que em si próprio – carrega e é a promessa de oportunidade e transformação. Como alguém que partilha de certo modo essa visão potencialmente transformadora da educação, encontra-se Freire. A partir desse encontro, vem algumas perguntas: Quem é Paulo Freire? Quando ele deu início a sua atividade intelectual? O que seus primeiros textos discutem e afirmam? Quais são as primeiras referências com que Paulo Freire dialoga para constituir sua visão de educação e democracia? Como Freire encarava a relação entre educação e democracia em seus primeiros anos profissionais? Como aparece a personalidade democrática?

Dessa forma, com o objetivo de explorar e se aprofundar mais por essas perguntas, a primeira etapa da pesquisa constituiu em uma visita presencial ao Instituto Paulo Freire, que é responsável por deter o acervo de obras do educador. A partir dessa visita, foi feito um breve levantamento de sua história que direcionaram alguns artigos e documentos desenvolvidos por Freire que merecem ser coletados e estudados, referentes ao início de sua carreira como educador, circunscrito no período que vai desde seu nascimento até meados de 1960. Entre esses documentos, encontram-se os materiais desenvolvidos para o encontro do SESI, alguns

artigos publicados no diário de Pernambuco e a tese **Educação e Atualidade Brasileira**. Esse período, como já abordado durante a introdução desse trabalho, é considerado relevante justamente por ser a etapa inicial do trabalho prático e intelectual de Paulo Freire (KOHAN, 2019). Segundo Schugurensky (2011), esse etapa inicial da vida e trabalho de Freire pouco foi explorado em termos de pesquisa sobre o educador, mas é nesses primeiros anos de sua prática que Freire aprendeu lições importantes sobre educação, que acabaram por moldar a espinha dorsal de sua teoria. É neste período que grande parte dos elementos estruturantes de seu pensamento intelectual começa a serem elaborados e demonstrados - elementos esses que permanecem presentes em toda a linha do tempo de suas obras, mesmo que reformulados, transformados e/ou adaptados.

Em paralelo a isto, foi desenvolvido um levantamento biográfico de Paulo Freire, partindo de alguns artigos e livros que relatam sobre sua vida e experiência enquanto educador – e pessoa. Para aprofundar o material que já foi apresentado, o contexto histórico e político do país em cada uma dessas etapas de Freire será mais detalhado. Vale dizer, que será dada uma ênfase maior aos períodos de 1940 até meados de 1960, também conhecido como período do “Primeiro Paulo Freire”. A necessidade de adentrar mais no período supracitado se dá pelo fato do autor se reinventar de acordo com seu momento histórico e social. De acordo com Rossi (1982) é um equívoco comum ignorar o fato de que a obra de Freire também evolui, expande, se modifica de acordo com suas vivências pessoais e suas aventuras profissionais - em cada contexto, espaço e tempo.

Dessa forma, acredita-se que o educador e sua obra não podem ser consideradas como algo limitado e anacrônico – pelo contrário, é claro que suas perspectivas e propostas iniciais não foram definitivas e que Freire, por si só, sempre criticou e analisou suas construções teóricas passadas (e presentes).

É importante levar em consideração também um outro fator que marcou sua obra e garantiu esse aspecto flexível de sua obra e de suas concepções teóricas: a postura constantemente crítica em relação à própria prática e produção intelectual. Em diversas oportunidades, Paulo Freire assumia as referências que adotava e discutia abertamente sobre as diversas opiniões referente ao seu trabalho, inclusive pontuando situações e momentos em que optou por seguir caminhos diferentes ou trazer olhares e reflexões novas, como demonstrado em algumas entrevistas com o educador exploradas por Torres (1979). Segundo Scocuglia (2013), o patrono da educação tinha o costume de realizar frequentemente a autocrítica, revisitar, repensar e reformular diversas concepções em sua obra, incorporando suas próprias críticas, bem como as críticas e apontamentos de outros leitores e pensadores. Sendo assim, foi

levantado os comentários feitos e apontados informalmente quando realizava uma das suas inúmeras “leituras desinteressadas”.

Entre as principais fontes de referência, temos entrevistas e documentos desenvolvidos pela sua segunda esposa Ana Maria Araújo Freire, por seu amigo – e também educador – Moacir Gadotti, seus filhos e demais profissionais que tiveram contato com o autor. Além disso, evidentemente a própria obra de Freire, circunscrita pelos textos publicados entre a década 1940 até a década 1960, foi um dos principais recursos considerados para essa construção da pesquisa – principalmente sua tese de doutoramento.

Aqui é válido reforçar que, primeiramente, buscou-se compreender sua tese como uma parte que compõe o pensamento de Freire, em dado período e em dada situação histórica e social do autor. Essa tomada de decisão foi uma forma de levar em consideração uma preocupação do próprio Freire, elucidada por Romão (2003), quando a tese teve a oportunidade de ser republicada como livro. Segundo o pesquisador, Freire discutia a necessidade de contextualizar sua tese como pertencente a um momento diferente do atual, de forma a trazer um debate mais orgânico, dialético com as questões da contemporaneidade. Essa preocupação com contexto, beirava uma inquietação que acompanhou cada texto freireano e que, com certeza, é um aspecto enriquecedor de sua produção intelectual. Segundo Romão (2003, p. 9), esse desconforto de Freire só demonstrava “a preocupação de quem sempre teve, ainda que sem o ficar proclamando, o primado epistemológico da Razão Dialética”.

Junto a essas fontes supracitadas, temos alguns rastros e traços que também foram utilizados para identificar a evolução do pensamento de Freire: documentos que continham escritas informais do autor, seja em papéis avulsos ou em outros livros. Sem intuito claro de publicação, o autor escreveu por diversas obras (obras essas utilizadas e citadas em seus textos publicados) um pouco do seu pensamento e reflexões.

De acordo com sua esposa Ana Maria Araújo Freire (2018), era comum o educador anotar em pedaços de papéis, fichas, ou “no cantinho da cabeça” as suas ideias, na medida em que elas surgiam na rua, nas conversas, nas leituras ou em alguma conferência ou entrevista que participava. Esse hábito de Freire está muito atrelado a sua forma de encarar a leitura (do mundo) e a escrita de forma extremamente integrada. Não se concebe, para Freire, a leitura de forma separada da escrita. Pelo contrário, esses dois atos quase sempre tidos como separados pela maioria das pessoas, só poderiam ser entendidos como uma unidade para Freire. Nas palavras de sua esposa (2018):

Quando ele “escrevia”, ia “lendo” outros autores e relendo a si próprio da



mesma maneira que ao ler a si e aos outros ia escrevendo e reescrevendo sua nova leitura do mundo. Há no ato de ler e no ato de escrever uma intrínseca relação dialética que torna impossível dissociarmos um do outro, reafirmo com Paulo. (FREIRE, 2018, p. 315)

Considerando a integridade do ler/escrever, compreende-se que as escritas informais de Freire são partes relevantes para entender sua visão de mundo. Visão de mundo está explicitada pelas suas obras publicadas, pelos seus manuscritos e também pelas escritas e trechos de próprio punho encontrados em obras que o autor leu. Diversas dessas “marginálias” foram identificadas nos livros que compunham anteriormente a biblioteca pessoal do educador e, após um trabalho de curadoria, foram cuidadosamente registradas e guardadas pelo Instituto Paulo Freire em um acervo físico e digital.

O acervo digital utilizado na pesquisa é um dos frutos de um extenso projeto organizado pelo Instituto Paulo Freire: o projeto “Paulo Freire Memória e Presença: preservação e democratização do acesso ao patrimônio cultural brasileiro”, iniciado em 2011 com a parceria do Ministério da Cultura, que teve como principal objetivo preservar, garantir e democratizar acesso qualificado à obra e ao legado de Paulo Freire. O acervo digital conta com mais de 2 mil materiais oriundos da produção de terceiros sobre a vida e obra de Freire, mais de 600 materiais oriundos da obra de Paulo Freire (entre eles, artigos, livros escrito, entrevistas, manuscritos, entre outros materiais de própria autoria) e mais de 400 materiais de iconografia (fotos, vídeos, pôsteres, ilustrações, etc.) que contém a presença de Freire. O Instituto Paulo Freire também garantiu que a partir desse projeto fossem incluídos no acervo digital, na seção que contém os materiais de sua obra, parte dos trechos e anotações de Paulo Freire de próprio punho, que materializam e revelam parte de suas reflexões realizar a partir da leitura de alguns autores e livros.

Considerando a riqueza e acessibilidade desse acervo digital, realizei um mapeamento na seção de sua obra, justamente para buscar pequenos artigos, manuscritos, materiais e anotações informais de sua própria autoria que auxiliassem na tarefa de compreender melhor a estrutura de seu pensamento no período que vai até meados de 1960. Para isso, o acervo traz uma grande facilidade: ordenação e filtros. Utilizei uma ordenação ascendente partindo da data de publicação. A partir dessa ordenação selecionei os materiais encontrados que faziam parte do recorte temporal escolhido para essa pesquisa. Entre essa seleção encontramos “marginálias”, que seriam trechos e anotações de Freire escrito em livros que leu. Para um entendimento melhor dessas anotações, realizei um mapeamento para identificar em que obras (e de que autores) elas foram encontradas, elaboradas e, posteriormente, registradas.

Esses textos “informais” do educador compuseram parte relevante da pesquisa desenvolvida. Para encontrá-los e selecioná-los, alguns passos foram dados. Primeiro, foi feito um levantamento das marginais encontradas e documentadas pelo Instituto. Segundo, fez-se um filtro, levando em consideração apenas as marginais que aparecem em livros referenciados pelo próprio Freire em seus textos publicados – no caso, com uma ênfase maior nas obras citadas em sua tese **Educação e Atualidade Brasileira**. Terceiro: a identificação/criação de pontes entre os “textos formais” e os “textos informais” de Freire, ou seja, entre marginais e publicações. É válido dizer que os textos informais encontrados foram analisados à luz da filologia, baseando-se no trabalho realizado no trabalho de Silva (2017) em sua dissertação de mestrado, que teve como objetivo analisar o manuscrito de Pedagogia do Oprimido. Esse processo será detalhado na seção onde descrevo o trabalho realizado com os textos encontrados.

Sabe-se que a escolha dos documentos não pode ser compreendida como um processo inteiramente objetivo, visto que é mergulhado na intencionalidade do pesquisador em realizar a pesquisa de certo modo. Essa subjetividade – e os perigos que caminham com ela – já fora apontada por Le Goff (1996). Na percepção do autor, o pesquisador deve afastar os pré-julgamentos ao máximo dos materiais, mantendo-se fiel e próximo do que efetivamente encontra nos textos e demais elementos de sua pesquisa. Na percepção adotada aqui, sabe-se da importância de respeitar as ideias originais do autor, mas propõe-se em conjunto com isso, debatê-las e até mesmo transformá-las na medida que se entende que fazer uma pesquisa histórica também é criar novos pontos de vista sobre temáticas clássicas ou anteriores. No entanto, com um cuidado maior de delimitar cada contribuição. A escolha dos documentos e sua posterior análise é uma delicada articulação entre o presente e o passado - articulação essa dificilmente neutra.

Segundo Massimi (1984), o documento, como objeto da pesquisa histórica, transmite ao pesquisador um conhecimento parcial, mutilado, pois já representa uma interpretação dos fatos criada pelo pesquisador. Existe, para a significação do documento, uma necessidade de um esforço interpretativo do pesquisador. Dessa forma, o que move e orienta a pesquisa é seu interesse no objeto de pesquisa e não no objeto documental em si.

Complementando, Pimentel (2001) descreve a pesquisa histórica como uma série de evidências e rastros coordenados e analisados, para depois serem interpretados. Existe um desafio colocado ao pesquisador, para que ele ou ela sejam capazes de colocar em diálogo com o passado a sua contemporaneidade, sem permitir-se que se vá para um caminho de “historicismo, que se traduziria em anacronismo, ou uma interpretação errada do passado” (PIMENTEL, 2001, p. 197).

Além de expor a forma como essa pesquisa foi realizada, existe uma preocupação com a destinação e a contribuição social dessa pesquisa. Spink (2000) aponta à importância da reflexividade em uma pesquisa, ou seja, a constante revisão e análise crítica do andamento da pesquisa e da ciência como todo, por parte dos cientistas. Assim, é um dever não só estudar o pensamento crítico, mas exercê-lo na construção dessa pesquisa. Vê-se também como necessário possibilitar a circulação das informações e conhecimentos da pesquisa, visto que toda pesquisa deve cumprir seu papel social (SPINK, 2000). Desse modo, só seguir uma metodologia não é fazer pesquisa. É necessário também se preocupar com sua destinação e disponibilizar seu conteúdo para as pessoas. Em outras palavras, é preciso se preocupar com as pessoas implicadas nesse “caminho” (FERREIRA NETO, 2008).

Aqui, encontramos novamente a importância da relação entre pesquisa e prática, entre teoria e aplicação, tão discutidos por Freire. O discurso elaborado a partir dessa pesquisa nada valerá se não considerarmos sua aplicação, seu retorno para a esfera em que está inserido. Ou seja, o discurso dessa pesquisa também perderá seu sentido se descartarmos “o homem, a pessoa, o sujeito” de “sua produção” (MAZZOTTI, 2006). Assim, espera-se que o discurso dessa pesquisa não seja considerado ou colocado como isolado, e, sim sempre posto em sua coletividade com demais trabalhos e pesquisa da área e da contemporaneidade, fazendo parte recorrente de outras discussões e intercâmbios, para participar efetivamente de contribuições no campo da educação.

## 2 PAULO FREIRE: VIDA E OBRA

### 2.1 Breve biografia

Voltado a uma educação transformadora, Freire se engajou em um projeto pedagógico voltado para a coletividade. O pensador brasileiro viveu o coletivo, se aproximou, ouviu, dialogou, agiu a partir e em conjunto com as pessoas a sua volta – com alunos, com professores, com parceiros, com família e amigos que fizeram parte de sua jornada profissional e o pessoal. Segundo ele, “ninguém nasce feito”, as pessoas vão se fazendo aos poucos “na prática social de que tomamos parte” (FREIRE, 2007, p. 81). Sua obra carrega muito dos diálogos que estabeleceu com sua prática e também com outros pensadores e as diversas matrizes filosóficas que pode entrar em contato, conforme Borgethi (2013) e Scocuglia (2018) explicam. Seu trabalho e sua escrita, em diferentes momentos, refletiu a compreensão e a reflexão que fez de/com diversos autores, entre eles: Karl Jaspers, John Dewey, Marx, Gramsci e Piaget. Seu discurso teórico foi construído a partir – também – de intercâmbios com a tradição humanista do século XX, da chamada Escola Nova, e de autores como Anísio Teixeira e John Dewey.

Nascido em Recife (PE) em Setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire. Experimentou dificuldades de acesso a recursos básicos, sentiu fome e viveu a pobreza – junto aos seus outros três irmãos – após a morte de seu pai, quando ainda era adolescente. Desde muito cedo, enfrentou uma realidade próxima ao que depois ele relatava nas passagens sobre os “oprimidos”. Segundo Borgheti (2013), Paulo Freire aprendeu a importância do diálogo desde cedo, ao ser fruto de uma relação amorosa marcada pela diferença e pelo respeito. Sua mãe era católica e seu pai era espírita e ambos sempre incentivaram uma ambiente familiar de afeto, tolerância e cuidado.

Frequentou a escola primária em Jaboatão e concluiu os estudos secundários no Colégio Oswaldo Cruz, no Recife. Ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1943, sem expectativas ou sinais de que viria a se tornar um educador. No ano seguinte casou-se com Elza Maria Costa de Oliveira, uma professora, e formou junto a ela uma família com mais cinco filhos.

Após terminar a graduação, em torno de 1946, advogou por um curto período e conduziu apenas um caso, que fora suficiente para que refletisse sobre os caminhos que daria para sua vida profissional. O caso o fez refletir sobre os aspectos morais e éticos que esbarrava enquanto advogado. O episódio foi relatado em entrevista com Lutgardes Freire, um dos filhos de Paulo, conduzida para a pesquisa de mestrado de Silva (2017):

Ele terminou a faculdade de Direito. Ele teve o primeiro caso dele, no qual que defender um credor junto a um dentista. E ele chegou a conversar com o dentista e falou que ele deveria pagar o que devia para a outra pessoa. E o dentista ficou apavorado, falando que não tinha dinheiro para pagar aquilo. E aí meu pai desistiu da advocacia. E minha mãe disse a ele: “É óbvio, eu sabia que você não tinha jeito para a advocacia, você é professor!”. (SILVA, 2017, p. 534)

Após essa situação, com o apoio da família e de sua esposa, Freire iniciou sua carreira como educador no próprio colégio Oswaldo Cruz, ministrando aulas de português. De acordo com o próprio Freire (1991), em uma das entrevistas concedidas aos educadores do Sindicato de Professores de São Paulo (SINPRO-SP), mesmo que não considerasse que tenha nascido professor, relatou que a profissão de educador já aparecia de alguma forma em sua vida, antes mesmo de perceber. Quando menino, exercia completamente um dos aspectos que considera essencial para a prática docente: a curiosidade. Quando adolescente, já sonhava em dar aulas, de forma tão frequente que parecia já algo real. Embora sempre tenha reforçado a importância da prática social em sua formação como educador, é evidente que sempre tenha tido um certo apreço pelo gosto de ensinar e aprender, o que de certa forma contribuiu para que esse gosto resultasse logo também como uma escolha profissional e como uma realidade.

Em 1947, recebeu um convite para trabalhar no setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI). Assumiu a superintendência do Serviço e contribuiu para os desenvolvimentos das atividades da instituição até 1957.

Logo no início da década de 50, em conjunto com outros educadores, fundou o Instituto Capibaribe, uma instituição de ensino privado reconhecida até hoje na região de Recife pelo qualidade de ensino e formação de uma postura participativa, ética e democrática. Nessa época, já começou a ganhar reconhecimento na esfera política e a participar ativamente da construção de uma nova forma de encarar a educação no meio público. Vale ressaltar que é neste contexto – de um Nordeste pobre e sem recursos – que sua prática de educação popular (e sua teoria) começou a ser desenhada. Região em que mais de 30 milhões de pessoas viviam quase sem recursos, eram analfabetos e pouco participavam de discussões referente a sua própria condição enquanto povo, enquanto grupo, enquanto parte da sociedade brasileira (Gadotti, 1996).

Entre as décadas de 1950 e 1960, Paulo Freire fez parte do Movimento de Cultura Popular de Recife, organizou e realizou campanhas de alfabetização, desenvolveu um plano nacional de alfabetização, entre algumas das ações que contribuiu e nas quais se engajou.

Suas experiências começavam a ser relatadas e sistematizadas por meio da escrita, seja em textos informais que eram frutos de sua prática constante de reflexão, como também em

seus primeiros artigos publicados em meados de 1957 sobre a experiência no SESI e, principalmente, em sua tese de 1959 que demonstra todo esse esforço de sistematização da sua prática em uma teoria sobre educação, inaugurando grande parte dos principais conceitos que fora explorado e reformulado durante toda a sua trajetória. Nesta época, Freire também desenvolveu uma série de materiais com o intuito de direcionar e orientar os educadores do SESI em suas reuniões de pais e professores (Araújo, 2015). Tais escritos foram disponibilizados publicamente - um longo período depois - pela sua segunda esposa, por meio da biografia intitulada “**Paulo Freire: uma história de vida**”, em 2006.

Sua proposta pedagógica saiu do raio “de bairro” e alcançou uma potência nacional – fato este materializado pela sua tese de Concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, intitulada “**Educação e Atualidade Brasileira**” (1959). O trabalho desenvolvido não lhe garantiu o cargo na Escola de Belas Artes, mas o título de doutor possibilitou, em 1960, a nomeação para o cargo de professor efetivo na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Recife. Esta tese foi o marco da ampliação do pensamento de Freire, partindo do âmbito de proposta comunitária para uma proposta capaz de repensar a educação nacional como um todo. Neste período, é possível identificar em sua escrita pontes com os princípios do catolicismo progressista e do nacionalismo-desenvolvimentista. Autores como John Dewey, Karl Jaspers, Maritain e Lima Vaz, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda foram referências marcantes em seu trabalho até o fim da década de 60.

Freire (2014) cita, em uma entrevista com Sérgio Guimarães, que mesmo que sua tese de 1959 carregava algumas ingenuidades, ela também carregava bons acertos quando se tratava da defesa em construir uma democracia em toda a sua substantividade. Entre esses pontos, ele fala da importância de homens e mulheres nas discussões e nas tomadas de decisão em suas ruas, em suas escolas, em seus sindicatos, e na educação e sociedade. Segundo ele, não se arrepende de ter dito em 1959 e continua dizendo até então.

Os escritos de Freire de 1950-1960 demonstravam uma sintonia – e uma preocupação – com o contexto político a qual estava inserido – época intitulada por Ferreira e Delgado (2003) como o “Tempo da Experiência Democrática”. Para Freire, significava, na verdade, uma época ainda marcada pela “inexperiência democrática”. Esse período histórico foi marcado por quatro governos diferentes, que contribuíram para o desenvolvimento acelerado do capitalismo industrial no Brasil e o estabelecimento de democracia ainda frágil, culminando no aumento da miséria e da desigualdade no país. Seus trabalhos demonstram um anseio em despertar o desejo e a participação ativa dos cidadãos no aprender-ser-democracia.

A tese de 1959 explicitou as condições sociais e históricas que contribuíram para a ingenuidade política e inexperiência democrática do povo brasileiro. Ao relatar a forma como nossa sociedade foi construída e como as relações sociais e de poder se desdobraram, Freire identifica os motivos pelos quais nossa democracia ainda caminhava a passos lentos. Uma sociedade autoritária, conservadora e fechada justificava a postura de “antiparticipação” e de “antidiálogo” que sustentam nossa democracia falsa, figurativa, distante do povo. Uma democracia sem povo, sem construção ativa. Uma democracia para poucos. Aqui, o conceito de diálogo já se mostra como fundante da personalidade democrática e a participação ativa na construção e transformação social que a comunidade brasileira não sabia, mas precisava.

O movimento da sua teoria nada mais foi do que um reflexo de sua prática enquanto educador, cidadão e pessoa. Em 1960, Freire já conquistava um espaço significativo nos movimentos sociais da sua cidade. Participou do início do Movimento de Cultura Popular de Recife (MCP), uma iniciativa criada pelo prefeito Miguel Arraes, que contava com o apoio e condução de Germano Coelho – durante sua participação foi responsável pela divisão de pesquisa da entidade. O momento em que Arraes lança o convite aos jovens intelectuais para que juntassem na construção de um novo formato de educação voltado ao povo é relatado por Freire (1992) como uma vontade do prefeito de “trabalhar tanto quanto pudesse” em um modelo de educação que fosse mais “ligado ao povo, às classes trabalhadoras”, mesmo que não dispusesse em sua administração de muitos, ou melhor ou algum recurso, para investir nessa empreitada, mas colocou a infraestrutura da Prefeitura completamente a disposição para que seus convidados pudessem colaborar nessa iniciativa (FREIRE, 1992, p. 36)

A participação de Freire no MCP foi marcada pelo lançamento de duas iniciativas de educação popular: o **círculo de cultura e o centro de cultura**. O círculo era um encontro do povo – com o povo – para o povo, com o objetivo de promover discussões sobre problemas reais e alavancar a construção de soluções conjuntas – a partir de reflexões provocadas pelo educador. Esses encontros deram origem ao que, posteriormente, seria conhecido como seu método de alfabetização. O processo educativo sempre esteve vinculado a um processo político para Freire – educação como conscientização. Para Freire, as preocupações eram maiores do que o aprendizado em si da linguagem, mas com a participação de homens e mulheres na construção da sociedade que desejam fazer parte. Existia uma preocupação maior com o “analfabeto político” do que com o alfabeto apenas da língua que falamos, uma preocupação com aquele que tem “uma percepção ingênua dos seres humanos em suas relações com o mundo” (FREIRE, 2002, p. 105 e 106).

Esses tipos de encontros já demonstravam pontos-chaves que Freire sempre valorizou em sua proposta educacional – na verdade, pontos que eram a base de sua proposta: o diálogo e a construção conjunta. Em meados de 1962, assumiu a direção do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. No ano seguinte, foi convidado pelo ministro Paulo de Tarso a assumir a cadeira de presidência da Comissão Nacional de Cultura Popular e – em menos de um ano – foi nomeado coordenador do Programa Nacional de Alfabetização pelo Ministério da Educação – com o objetivo de estender para nível nacional suas iniciativas educacionais que se desdobraram no método Paulo Freire de alfabetização de adultos. Segundo Freire (1980) os resultados obtidos “impressionaram profundamente a opinião pública”. Assim, entre 1963 até março de 1964, diversos cursos de formação de coordenadores foram realizados e estava previsto a instação de “20.000 círculos de cultura capazes de formar, no mesmo ano, por volta de 2 milhões de alunos” (FREIRE, 1980, p. 17-18).

No entanto, o plano desenhado nunca pode ser colocado em prática. Logo nos primeiros dias de Abril de 1964, a campanha foi condenada como “altamente subversiva”. Com o golpe militar, os trabalhos de Freire foram reprimidos e seu posicionamento enquanto educador lhe rendeu o exílio (Reis, 2012). Dado esse episódio, mudou-se para o Bolívia em 1964, primeiro país a aceitá-lo em regime de asilo político. Em novembro do mesmo ano, foi para o Chile com a família e retomou seu trabalho com a alfabetização de adultos. Pouco depois de sua chegada, o país foi considerado pela UNESCO como um dos cinco países que melhor colaboraram para superar o analfabetismo.

Foi no Chile que sua obra **Pedagogia do Oprimido** foi redigida e guardada, antes de ser apresentada para o mundo e o Brasil. O manuscrito que formava a obra foi elaborado a partir de primeiras anotações e rabiscos, que foram fruto do registro de suas experiências, fortemente estimulado pela sua esposa Elza. Esse processo foi relatado por Freire (2014) da seguinte maneira:

Comecei a escrever fichas o que ia dando em função do conteúdo de cada, um certo título ao mesmo tempo que as enumerava. Andava sempre com pedaços de papel nos bolsos, quando não com um pequeno bloco de notas. Se uma ideia me ocorria, não importava onde eu estivesse, no ônibus, na rua, num restaurante, sozinho, acompanhado, registrava a ideia. Às vezes era uma pura frase. À noite, em casa, depois do jantar, trabalhava a ou as ideias que havia registrado, escrevendo duas, três ou mais páginas. Em seguida dava o título da ficha e o número em ordem crescente. (FREIRE, 2014, p. 80)



Seu trabalho continuou a ser registrado, como forma de reflexão de sua prática. Assim como Freire, sua obra se transformava, repetia, refletia e recuperava e reformulava alguns aspectos antigos e já citados/trabalhados anteriormente. A obra sintetiza o trabalho que Freire desenvolvia a anos com grupos populares e de minoria a partir de uma visão abstrata: “oprimidos e opressores”, “educação bancária e problematizadora”. Essa abstração conferiu a universalidade de suas construções teóricas sobre a educação. A concretização das suas hipóteses a partir da sua prática como educador reforçava a coerência e a força de seu discurso, potencializando a influência de sua obra a nível mundial (BEISIEGEL, 2018).

Durante sua estadia no Chile, trabalhou no Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária (ICIRA) e no escritório Especial para a Educação de Adultos. Foi professor na Universidade Católica de Santiago e realizou alguns trabalhos com a unidade alocada da UNESCO. Foi durante o ano de 1965 que o educador brasileiro concluiu sua obra intitulada “**Educação como prática da liberdade**”. Esse trabalho escrito é considerado por Beisiegel (2010, p. 78) como “uma avaliação crítica das experiências até então vivenciadas” em território brasileiro. Aqui, mais uma vez, vai ser explicitada a importância do diálogo para a conscientização das conjunturas que nos circundam e para o desenvolvimento de uma personalidade democrática.

Segundo Beisiegel (2018), neste período o discurso de Freire era recheada de alguns aspectos que frequentemente apareciam seja nas versões escritas seja em suas exposições orais: comunidades desfavorecidas, e inacessibilidade e inadequação das práticas educacionais disponíveis, a dominação e o autoritarismo presente nas classes sociais mais abastadas, a falta de diálogo entre comunidades e as perspectivas de uma emancipação do povo por meio da construção conjunta de um novo espaço educacional – práticas populares.

Na década de 1970 e 1980, Freire fez parte de diversos estudos e iniciativas educacionais nas américas, na África, na Europa e na Oceania. Deu aula em universidades mundialmente renomadas, como a Universidade de Harvard e contribuiu para a educação de diversas pessoas e povos pelo mundo afora. Na época que residiu em Genebra, Freire prestou serviço para o Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas e criou o Instituto de Ação Cultural (IDAC), junto com outros profissionais que também foram exilados. A equipe do instituto realizou diversas viagens para países da África, como Guiné-Bissau, após o período de libertação política (descolonização), com o intuito de promover e garantir a luta pela liberdade em todos os seus níveis para esses povos oprimidos. Como fruto de sua troca e diálogo constante com os líderes guineenses, desenvolveu um dos seus livros mais marcantes: “**Cartas à Guiné Bissau**” (1977).

Retornou para o Brasil somente após 1979, e lecionou por alguns anos em algumas universidades estaduais, como UNICAMP e PUC-SP (FREIRE, 1996). Assumiu o cargo de Secretário da Educação do Município de São Paulo em 1989 e, desde 1987, foi membro do Júri Internacional da UNESCO. Foi professor visitante da USP no segundo semestre de 1991 e manteve uma produção intelectual ativa nos seis anos subsequentes (BEISEIGEL, 2010). Neste período elaborou artigos, livros e demais produções científicas. Participou de eventos, entrevistas e conferências. Era o momento de “reaprender” seu país.

Ingressou na Secretaria da Educação de São Paulo em 1989 e iniciou seu mandato com 700 escolas em situações precárias, uma proposta educacional com pouca qualidade, 720.000 alunos distribuídos entre ensino fundamental e infantil e mais de 39 mil funcionários da rede de educação municipal. Entre suas contribuições mais marcantes, temos: a implantação dos conselhos de escola, a implementação de um plano de reforma curricular com foco em interdisciplinaridade, mecanismos de educação continuada para professores e a criação do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova).

Após sua saída da Secretaria da Educação em 1991 e mesmo com sua agenda comprometida com encontros intelectuais, Freire iniciou novos projetos. Segundo Gadotti e Torres (1991), era o momento do reencontro de Freire com referências intelectuais e com um trabalho teórico. Era tempo de se voltar “aos clássicos, na intimidade de sua biblioteca”. Seu trabalho na Secretaria contou com a implementação de um novo modelo educativo, a consolidação de uma equipe de ponta, mesmo com as diversas críticas que teve da imprensa e de diversos setores “antigovernamentais” (GADOTTI; TORRES, 1991, p. 2).

Contribuiu para a inauguração do Instituto Paulo Freire (IPF) e esteve presente nas primeiras atividades desenvolvidas pela instituição. O IPF, idealizado pelo próprio educador ainda no ano de sua despedida da Secretaria, constitui como uma organização que se propõe a dar continuidade - e reinventar - ao legado freiriano. Paulo Freire participou da construção de seu estatuto, das nomeações dos assessores internacionais e da definição da sua linha de atuação e principais projetos (GADOTTI; CANOY, 2018).

Em 1993, desenvolveu “**Política e Educação**”, uma coleção de textos que reforçam a sua visão esperançosa sobre a Educação como caminho para libertação e “(re)humanização” de uma sociedade que se via sem perspectivas a partir do avanço de uma globalização cruel e predadora, de estruturas sociais excludentes e de dispositivos que contribuem para um futuro exclusivista e tecnológico - sociedade essa marcada pelo niilismo e pessimismo. Faleceu em 1997 deixando um enorme legado para a educação nacional (e internacional).

## 2.2 A experiência no SESI: a prática que originou sua produção intelectual

Freire (1959) assume já na introdução do texto de Educação e Atualidade Brasileira que grande parte das ideias fundamentais expostas naquele trabalho estavam intrinsecamente vinculadas a uma experiência que teve por mais de oito anos à frente do serviço de educação e cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), que somado aos dois anos na superintendência, formavam dez anos consecutivos de “convivência” com problemas educacionais e sociais frutos do contexto transitório que vivia a sociedade brasileira. Essa experiência foi qualificada pelo autor como “toda democrática” à medida que tinha como proposta central promover a consciência crítica e a inserção autêntica do povo no processo de democratização do país.

O SESI é uma entidade de direito privado, originada das lideranças patronais do país, criada em 1946 com objetivo de prestar assistência social aos trabalhadores industriais, sua família e comunidade a partir de iniciativas de promoção de saúde e educação. Os tempos de SESI foram descrito por Paulo Freire como “período fundante”, não por acaso é citado em algumas das entrevistas concedidas e em sete diferentes livros do educador: “Educação e Atualidade Brasileira”, “Cartas à Cristina”, “A educação na cidade”, “O caminho se faz caminhando”, “Essa escola chamada vida”, “Pedagogia da esperança” e “Pedagogia dos sonhos possíveis”.

Segundo Freire (1993), em uma entrevista para o SINPRO-SP, o SESI deu a chance para ele estabelecer um diálogo com a classe trabalhadora, urbana e rural. Foi por meio dessa experiência, considera, que foi se tornando um pedagogo e, de fato, sendo reconhecido pelas redondezas como tal. No SESI, entre uma série de outras iniciativas e trabalhos, destaca-se a elaboração dos círculos de pais e professores. O círculo foi criado com o intuito de fomentar o diálogo e o debate com a comunidade. De ser um movimento em prol do desenvolvimento da responsabilidade social e política de cada pessoa que formava a comunidade. Foi por meio desses encontros, que Paulo Freire teve a oportunidade de errar e de aprender, de compreender a importância de desenhar e desenvolver uma proposta e uma prática educacional em conjunto com o educando, partindo da identidade cultural e visão de mundo desse educando, assumindo essa identidade e visão como ponto de partida, para depois transformá-la.

O círculo pretendia sobretudo formar atitudes (FREIRE, 1957). Atitudes essas que fazem parte e fomentam a personalidade democrática. O círculo não era simplesmente um “acontecimento” qualquer, mas o resultado do preparo prévio do professor e dos pais,

contemplando um plano traçado e uma série de técnicas utilizadas. Ao educador, caberia o papel de estimular os participantes ao debate sempre com uma postura respeitosa, admitindo e trabalhando as críticas, sem impor sua opinião, ao mesmo tempo sem se anular. Orientar o debate sem ditar necessariamente o que é adequado dizer ou não dizer, mas direcionando para que cumprimento de seu objetivo final. Em geral o objetivo é discutir uma solução voltada a um problema real vivenciado pelos participantes e trazidos por eles, seja como pais, como pessoas ou como cidadãos. Instigando, desde antes do encontro, o tema através de perguntas e provocações que auxiliem os participantes a saírem de uma postura mais passiva, se apropriando do tema, a ponto de intencionarem uma mudança sobre ele. Junto a essa experiência, floresce a democracia, visto que o círculo é espaço horizontal, participativo.

No entanto, um ponto importante trazido por Freire (1957) é que o círculo não pode quedar-se em um papel teórico ou acadêmico. Ele é o início, o despertar de um movimento maior que ele mesmo. Após o círculo cumprir o seu papel de trazer aos participantes um despertar maior em relação a problemática, cabe aos educadores também dar um passo a mais. Passo esse de mostrar como o problema se dá na “vida diária”, e chamando os participantes para uma maior análise e maior presença que condicione e propicie a mudança de hábitos. Chamá-los para a integração. Em um dos seus artigos escritos em 1957 para o Diário de Pernambuco, Freire cita um exemplo de levar os pais, depois de algumas sessões de debate, a vivenciar as dependências da escola em sua plena atividade, para se aproximar mais e experienciar de fato o problema que estão discutindo. Assim, é possível a esse país mudar um antigo hábito de passividade a um hábito de participação, de mudança que são tão caros ao processo democrático.

A elaboração dos círculos foi, para Paulo e os demais profissionais de sua equipe, uma verdadeira escola sobre a prática democrática, a medida em que a sua própria elaboração também permitiu que se refletisse sobre a consistência entre o discurso e a prática. Esse modelo do círculo relatado na sua série de três artigos em 1957 não fora o modelo inicial proposto por sua equipe. Na verdade, só após uma série de revisões do próprio modelo do círculo que foi possível a chegar a um formato verdadeiramente democrático junto aos pais que participavam.

Segundo Freire (1994), muitos aprendizados foram gerados a partir de alguns erros iniciais no trabalho desenvolvido tanto no preparo dos professores como também dos círculos com os pais. Freire e sua equipe estavam realizando as agendas sem de fato ouvir os participantes, acabando por escolher as pautas das reuniões sem envolver os pais de seus alunos. No modelo inicial do círculo de pais e professores, o currículo acabava por ser pouco dos pais e muito dos professores. E por mais que os encontros, como retratado por um pai em certo

encontro icônico citado por Freire (1994), ensinassem algumas coisas boas para o público, acabava por não se apoiar em problemas mais relevantes vivenciados por eles na tarefa de educar os filhos: como manter a disciplina e o respeito dentro de casa sem recorrer a violência, por exemplo. Fora só após esse episódio em que um pai mais jovem expôs essa problemática que Freire (1994) e sua equipe de fato começaram a se aprofundar com mais consistência e coerência na experiência democrática. Revisaram todos os modelos adotados com um “discurso” democrático. A partir daquele dia, a missão não era apenas falar sobre participação democrática, mas de fato promovê-la em cada aspecto possível dentro do SESI.

Além do círculo de pais e professores, Freire também teve a oportunidade de criar uma agenda entre as divisões administrativas do SESI, fomentando a troca e o aprendizado entre os diversos níveis de trabalhadores que compunham a administração da instituição. Outro passo importante, que compôs o trabalho de Freire no período em que assumiu a superintendência da organização, foi a agenda junto aos clubes sesianos, formados pelas lideranças de trabalhadores. A experiência possibilitou um meio de comunicação que provocasse dentro desses clubes um posicionamento, também, mais democrático. Por meio dessas agendas, Freire foi quebrando aos poucos a natureza assistencialista que existia entre os clubes e a administração (administração essa que provia os recursos mas não chamava para a discussão), incitando-os a serem mais responsáveis e ativos, a ponto de os próprios clubes buscarem meios de se tornarem independentes dos recursos da administração.

Com o SESI, Freire pensava frequentemente sobre a prática educativa, e, por isso, propôs uma certa teoria dessa prática - materializada e sistematizada pela primeira vez em sua tese de 1959. Foi neste período, que aprendeu, para nunca mais esquecer, como lidar “com a tensa relação entre teoria e prática” (FREIRE, 1994, p. 140). O reflexo de sua experiência no SESI foi considerado como a base experimental para a elaboração de sua tese, e posteriormente, para toda a sua linha de pensamento sobre educação, como já citado anteriormente. Essa constatação continuou como verdade anos depois, reforçado pelo próprio autor sempre que surgia a oportunidade de refletir sobre seu trabalho desenvolvido no Brasil pré-golpe de 1964.

### 3 O ARCABOUÇO TEÓRICO ATÉ A TESE

Paulo Freire (1994), ao concluir a décima primeira carta escrita à Cristina, que reflete sobre sua prática nos tempos do SESI, enfatiza a importância de viver a prática de forma profunda, amarrando-a sempre com uma reflexão crítica e um estudo teórico. Segundo ele, foi o estudo e a pesquisa que auxiliaram a moldar o que foi seu trabalho no SESI (FREIRE, 1994). A prática e a teoria apartadas não oferecem resultados satisfatórios, pois o aprendizado se torna incompleto, distante ou superficial. Sua experiência prática levou a questionamentos, que o mobilizaram a encontrar as diversas leituras que realizou naquele período.

As leituras contribuíram muito, oferecendo uma oportunidade de refletir, compreender melhor e refinar o que Freire estava fazendo na época como educador. Em alguns momentos, as leituras confirmaram a prática, e em tantos outros, as leituras auxiliaram a aprimorar essa prática. Foi a leitura frequente de diversos textos que o equipou com as ferramentas necessárias para continuamente ler e intervir no contexto em que estava, segundo Freire (1994). Por isso, além da influência de seu trabalho, da sua família, colegas de trabalho e profissão, professores, alunos e alunas, parceiros de iniciativas e do próprio povo, nota-se que Freire teve uma vasta rede de influenciadores teóricos que contribuíram para a formação de seu pensamento autoral como educador.

De acordo com um levantamento feito pela sua segunda esposa, Freire teve diversas e amplas influências teóricas que podem ser parcialmente checadas em um caderno de próprio punho em que o autor registrava os livros que completavam a leitura. Nessa caderneta, encontra-se uma lista com 572 livros. Encontra-se uma lista extensa, mesmo Freire interrompendo seu registro.

Vê-se aqui, que Paulo leu até o ano de 1947 mais autores estrangeiros do que brasileiros, principalmente dos seus temas e áreas de interesse, como história, filosofia, literatura, gramática, antropologia, sociologia e educação. Freire lia livros também escritos em outras línguas, iniciando a leitura em espanhol em 1943, a leitura em francês em 1944 e em inglês em 1947. Livros estrangeiros aparecem como parte da referência bibliográfica usada na sua tese de doutoramento antes de 1960.

As diversas vertentes teóricas exploradas por Freire já foram também relatadas por Celso Rui de Beisiegel, um pioneiro na análise teórica de Freire. Segundo Beisiegel (1982), só no trabalho acadêmico de 1959 de Freire, encontram-se influências de intelectuais vinculados ao humanismo cristão, ao nacionalismo desenvolvimentista do membros do Instituto Superior

de Estudos Brasileiros (ISEB), e às experiências de democracia liberal de origem anglo-saxônicas.

Essa amplitude de influenciadores fica clara quando vemos os números por trás desses relatos. Em “Educação e atualidade brasileira” encontram-se 57 obras citadas no corpo do texto e mais 28 obras que declaradas como parte das consultas para formação do texto. Dentro dessas 85 obras, encontram-se 70 autores. Desses autores, 26 são brasileiros e os demais estrangeiros. Desses 26 brasileiros, pelo menos 8 membros ou participantes do ISEB, mostrando um diálogo constante com as ideias dos isebianos durante a tese, ora se aproximando dessas ideias, ora se afastando. Aqui é válido dizer que o Instituto foi criado em 1955 com o objetivo de ser um centro permanente para a elaboração de estudos de qualidade que se debruçassem sobre as principais questões envolvendo nossa sociedade e nossos momentos e contextos políticos, garantindo o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional.

### **3.1 As reflexões a partir das obras**

Diversas cópias físicas dessas obras compõem parte da biblioteca pessoal de Freire, hoje administrada e cuidada pelo Instituto Paulo Freire, após a doação realizada pelos seus filhos. Nos exemplares físicos dessas obras, como já citado anteriormente, é possível encontrar anotações de próprio punho de Paulo Freire. Essas anotações mostram um pouco de suas reflexões a partir da leitura realizada, do contexto e de algumas relações que fazia com demais leituras e sua própria prática.

Resgatando nosso objetivo central que é compreender a concepção de Freire acerca de conceito de “personalidade democrática” em seus primeiros trabalhos, considerei que essas anotações informais poderiam trazer pistas relevantes sobre a elaboração desse conceito em sua obra, sendo uma fonte de aproximação da linha de pensamento acerca do tema antes de sua sistematização maior na tese de 1959. Portanto, fiz um mapeamento no acervo digital de Freire buscando encontrar essas anotações, com foco nas elaboradas nesses primeiros anos de trabalho antes do golpe de 1964.

No levantamento realizado, mapeei 84 obras (de diversos autores) com anotações informais de Freire, que constituem parte da biblioteca pessoal do educador preservada pelo Instituto que foram disponibilizadas no ambiente digital. Dessas, pelo menos 40 fazem parte das obras utilizadas pelo educador como referência bibliográfica na elaboração dos seus primeiros artigos, e logo após, de sua tese de doutorado em 1959. Entre o universo completo dos 84 livros, temos

textos em diferentes línguas e autores de diferentes origens. Abaixo temos duas tabelas que demonstram alguns números relevantes do levantamento realizado:

**Tabela 1 – Origem e quantitativo de obras contendo manuscritos de Paulo Freire**

<b>Origem do escritor</b>	<b>Quantidade</b>
Alemão	3
Americano	5
Argentino	2
Austríaco	1
Belga	2
<b>Brasileiro</b>	<b>37</b>
Espanhol	1
Francês	7
Guatemalteco	1
Húngaro	4
Inglês	8
Italiano	2
Não identificado	7
Português	2
Romeno	1
Suíço	1
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>

**Fonte:** A autora (2021)

**Tabela 2 – Idiomas das obras analisadas**

<b>Língua utilizada no exemplar</b>	<b>Quantidade</b>
Inglês	9
Português	56
Espanhol	18
Francês	1
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>

**Fonte:** A autora (2021)

Aqui fica evidente que grande parte das obras lidas por Freire, ao menos nessa época,



eram de autores estrangeiros. Válido dizer que várias das obras se encontravam escritas (ou traduzidas) em idiomas estrangeiros. Inclusive, em alguns dos exemplares foram encontrados comentários de Freire também em outro idioma.

Após o trabalho inicial, veio o desafio de decodificar e compreender o conteúdo dessas anotações. Para isso, utilizei alguns recursos do campo da linguística, mais especificamente da filologia, para garantir uma qualidade e uma sistematização adequada no trabalho realizado com os achados de Freire. A filologia é um campo de conhecimento responsável por estudar, decodificar, sistematizar e conservar textos, com um objetivo claro de “descrevê-los fidedignamente e reproduzi-los de um modo sensível”, com cuidado e cautela, considerando-os como “depósitos de sabedoria certa do passado” (RIGHI, 1967, p. 13). Para Alves e Ximenes (2019), a filologia deve ser contemplada sob uma ótica mais dinâmica, pois mesmo que tenha como objeto de estudos algum texto antigo, este não pode ser considerado como um monólogo isolado e estático, mas sim como uma plataforma em que é possível encontrar e interagir com a língua em sua totalidade viva, que carrega a elaboração em um dado momento cultural e histórico, mas que desloca-se e atualiza-se a partir do momento que é colocado em uma nova linha de discussão, em um novo contexto e em contato com novos tipos de interpretação e significação.

Nesse estudo, apresentamos os fac-símiles que contém as anotações de Freire em formato de imagens, seguidos de uma transcrição “semidiplomática”. Esse estilo de transcrição/edição permite um certo grau interferência em que é possível realizar algumas modificações para tornar mais compreensível e claro para o público o significado abordado no texto original (CAMBRAIA, 2005). Por exemplo, neste tipo de edição semidiplomática, é permitido transformar os sinais abreviativos encontrados no texto em formato original. Esse tipo de edição já carrega um caráter interpretativo, por ser um trabalho construído a partir do entendimento e do contexto do editor, deslocando o significado inicial do texto para um novo - contexto desta pesquisa, que carrega uma intenção já definida.

Na estrutura utilizada na transcrição, considerei como base as normas utilizadas por Silva (2017) em sua dissertação de mestrado que explora o manuscrito de Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, adaptando para nosso contexto de pesquisa. Entre as normas que adaptei e adotei para a transcrição, estão:

- A transcrição será, sempre que possível, conservadora;
- As abreviaturas serão substituídas pelas palavras completas para facilitar o entendimento;
- A pontuação será rigorosamente mantida;

- Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas utilizado no texto original;
- Eventuais erros de escribas serão corrigidos;
- A acentuação original que não condizer mais com a acentuação contemporânea será corrigida;
- Palavras ou letras não legíveis serão substituídas por: [ilegível]
- Assinaturas e datas cronológicas encontradas serão transcritos em negrito.
- Grifos realizados por Freire foram compostos como parte da transcrição contendo no início: [grifo de PF]; e no seu encerramento: [fim do grifo de PF].

Um ponto importante a ser relatado: não foi possível realizar a transcrição de todas as anotações encontradas no acervo, que faziam parte do universo de anotações do período cronológico que interessa para essa dissertação. Quando não foi possível compreender minimamente o conteúdo trazidos nas anotações de Freire, seja por deterioração da página que foi digitalizada, seja por uma limitação no entendimento da caligrafia empregada pelo autor, optou-se por descartar essa transcrição do estudo para não prejudicar ou usurpar completamente o seu conteúdo original.

### 3.2 As anotações de Freire: os fac-símiles e suas transcrições

Das 84 obras que contém anotações de próprio punho de Freire, 40 são de autores utilizados por Freire em sua tese de 1959, conforme já abordado. Dentro dessas, transcrevemos algumas anotações encontradas em cerca de 18 dessas obras, conforme visto na tabela abaixo. Na tabela descrevemos o nome do autor, nome da obra, se o autor é usado na tese e se a obra em específico mapeada também é citada.

**Tabela 3 – Obras contendo anotações de Freire que foram contempladas na transcrição**

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Autor usado na tese?</b>	<b>Obra citada na tese?</b>
Aldous Huxley	<i>El fin y los medios</i>	Sim	Sim
Anísio Teixeira	Educação não é privilégio	Sim	Sim
Caio Prado Júnior	História econômica do Brasil	Sim	Sim
Caio Prado Júnior	Evolução política do Brasil e outros estudos	Sim	Sim
Fernando Azevedo	A cultura brasileira: tomo três	Sim	Sim

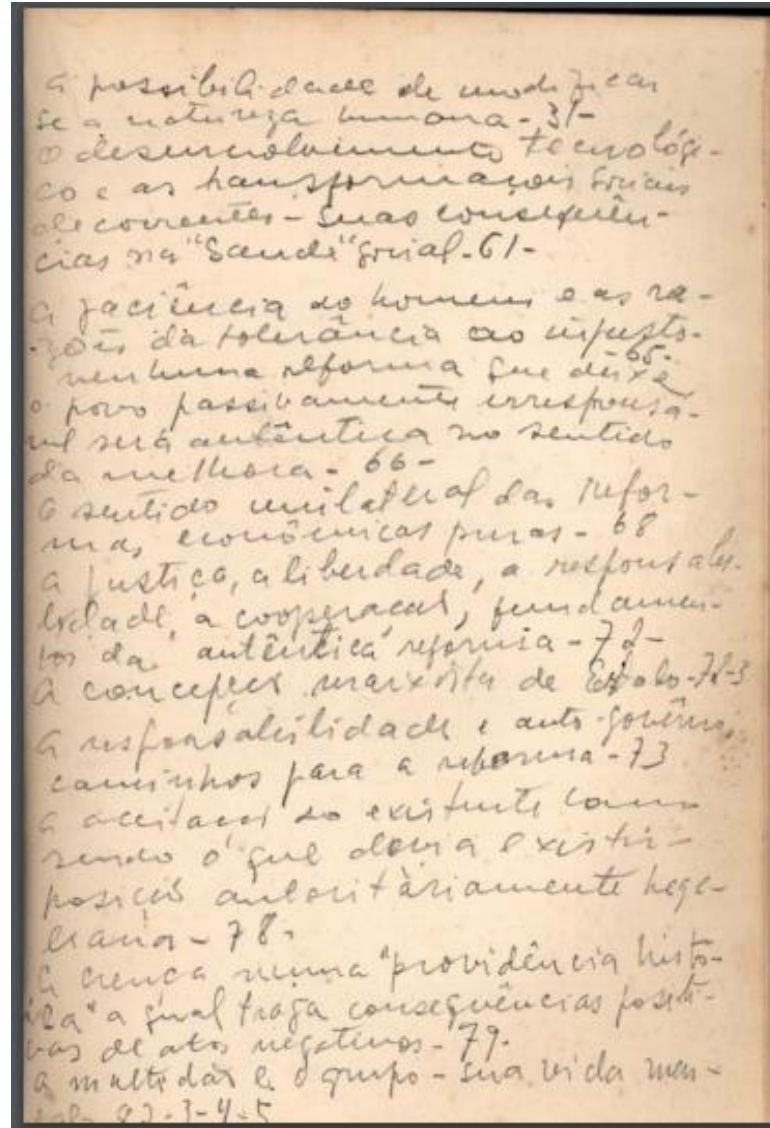
Fernando Azevedo	A cultura brasileira: tomo um	Sim	Sim
Gabriel Marcel	<i>Los hombres contra lo humano</i>	Sim	Sim
ISEB	Introdução aos problemas do Brasil	Sim	Não
James B. Conant	<i>La Educación en un Mundo Dividido</i>	Não	Não
José Maria Bello	História da República	Sim	Não (consultado)
Jose Ortega y Gasset	O que é Filosofia?	Não	Não
Juan Mantovani	<i>Educación y plenitud humana</i>	Sim	Não
Karl Mannheim	<i>El hombre y la sociedad en la época de crisis</i>	Sim	Não
Maurice Duverger	<i>Los Partidos Políticos</i>	Sim	Não (consultado)
Nelson Werneck Sodré	Raízes históricas do nacionalismo brasileiro	Sim	Não
Peter Drucker	<i>La nueva sociedad</i>	Sim	Sim
Robert Dottrens	<i>Hay de cambiar la educación</i>	Sim	Não (consultado)
Simone Weil	<i>Raíces del Existir</i>	Sim	Sim

**Fonte:** A autora (2021)

Considerei para as transcrições, como é possível ver na tabela, algumas obras que não necessariamente foram citadas na tese de Freire. No entanto, por fazerem parte das leituras realizadas pelo educador antes do período de elaboração de sua tese e/ou por também serem de autores que Freire trouxe como referência, mesmo que citando outras de suas obras, concluiu-se que seriam achados relevantes, que poderiam enriquecer o estudo aqui realizado.

Abaixo, seguem todas as anotações transcritas e os fac-símiles referentes a esta pesquisa.

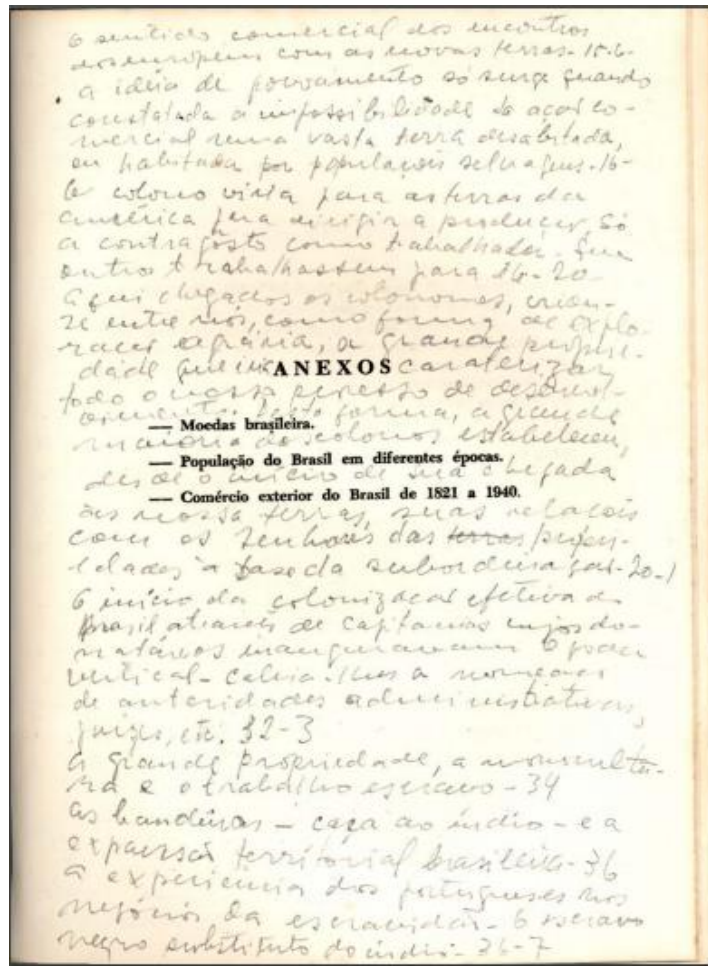
**Figura 1 – Anotações em *El fin y los Medios* (Aldous Huxley)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição da Figura 1:** A possibilidade de modificar se a natureza humana - 31 - | O desenvolvimento tecnológico e as transformações sociais decorrentes - suas consequências na "saúde" social - 61 | A paciência do homem e as razões de tolerância ao injusto - 65 | Nenhuma reforma que deixe o povo passivamente irresponsável será autêntica no sentido de melhora - 66 | O sentido unilateral das reformas econômicas puras - 68 | A justiça, a liberdade, a responsabilidade, a cooperação, fundamentos da autêntica reforma - 72 | A concepção marxista de Estado - 72/83 | A responsabilidade e autogoverno, caminhos para a reforma - 73 | A aceitação do existente como sendo o que devia existir - posição autoritariamente [ilegível] - 78 | A crença numa "providência histórica" a qual traga consequências positivas de atos negativos - 79 | A multidão e o grupo - sua vida mental - 82/83/84/85.

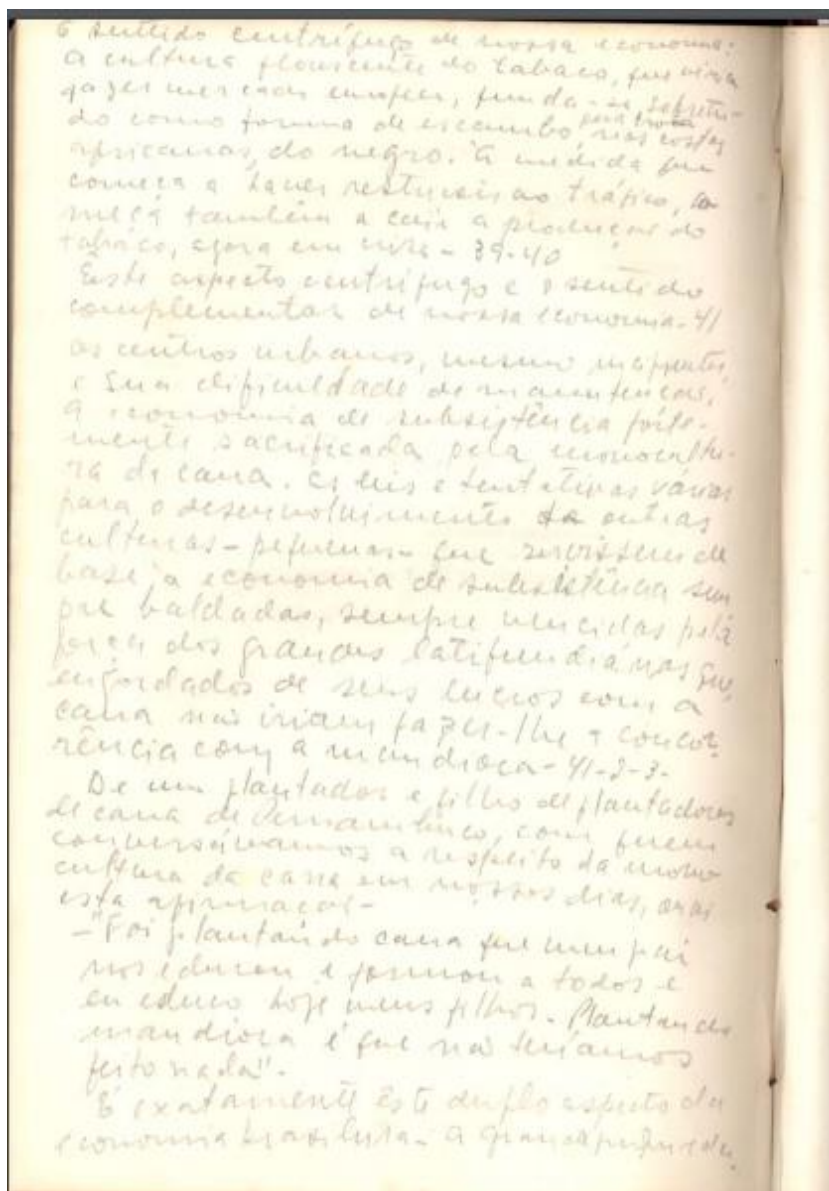
**Figura 2 – Anotações em História Econômica do Brasil (Caio Prado Júnior)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição da Figura 2:** O sentido comercial dos encontros dos europeus com as novas terras - 15/16 | A ideia de povoamento só surge quando constatada a impossibilidade do acordo comercial numa vasta terra desabitada ou habitada por populações selvagens - 16 | O colono viria para as terras da América para dirigir a produção, só a contragosto como trabalhador - que outros trabalhassem para ele - 20 | Aqui chegados os colonos, criou-se entre nós, como forma de exploração agrária, a grande propriedade [ilegível] caracterizar todo o nosso [ilegível] de desenvolvimento. Dessa forma, a grande maioria dos colonos estabeleceu desde o início de sua chegada às nossas terras, suas relações com os senhores das propriedades à base da subordinação - 20/21 | O início da colonização efetiva do Brasil através de capitânias cujos donatários inauguraram o poder vertical - cabia-lhes a nomeação de autoridades administrativas, juízes, etc - 32/33 | A grande propriedade, a [ilegível] e o trabalho escravo - 34 | As bandeiras - caça ao índio - e a expressão territorial brasileira - 36 | A experiência dos portugueses nos negócios da escravidão - o escravo negro substituto do índio - 36/37.

**Figura 3 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 2 (Caio Prado Júnior)**



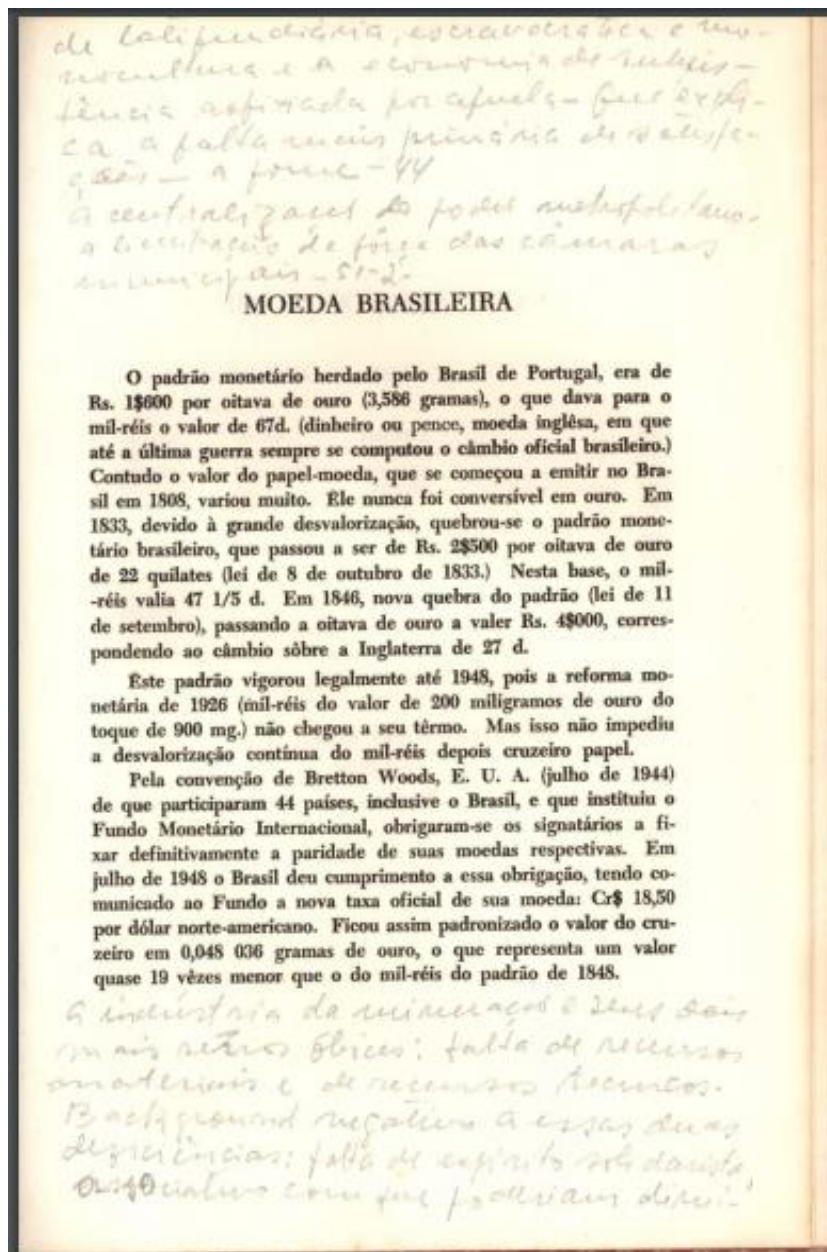
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição da Figura 3:** O sentido centrífugo de nossa economia: a cultura florescente do tabaco, que viria fazer mercado europeu, queda-se sobretudo como forma de escambo para troca, nas costas africanas, do negro. à medida que começa a haver restrições ao tráfico, começa também a cair a produção do tabaco, agora em crise - 39/40 | Esse aspecto centrífugo e o aspecto complementar da nossa economia - 41 | Os centros urbanos, mesmo incipientes, e sua dificuldade de manutenção, a economia de subsistência fortemente sacrificada pela monocultura da cana. As leis e tentativas várias para o desenvolvimento das outras culturas - pequenas - que servissem de base à economia de subsistência sempre baldadas, sempre vencidas pela força das grandes latifundiárias que engordados de seus lucros com a cana não iriam fazer-



lhe concorrência com a mandioca - 41/42/43 | de um plantador e filho de plantadores de cana de Pernambuco, com quem conversávamos a respeito da monocultura de cana em nossos dias, ouvi esta afirmação - “Foi plantando cana que meu pai nos educou e formou e eu educo hoje meus filhos - Plantando mandioca é que não teríamos feito nada” - É exatamente este duplo aspecto da economia brasileira - a grande propriedade [continua na outra página].

**Figura 4 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 3 (Caio Prado Júnior)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição da Figura 4:** latifundiária, escravocrata e monocultora e a cultura de subsistência asfixiada por aquela - que explica a falta mais primária de satisfações - a fome - 44 | A

centralização do poder metropolitano - a limitação das câmaras municipais - 51/52 | A indústria da mineração e seus dois mais sérios óbices: falta de recursos materiais e de recursos técnicos. Background negativo a essas duas deficiências: falta de espírito solidarista, associativo com que poderiam diminuir [continua na outra página].

**Figura 5 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 4 (Caio Prado Júnior)**

*mais as deficiências materiais, individuais e falta de educação, falta de preparo técnico, de que nunca o poder central se lembrara - 62 -  
Em vez de técnicos para dirigir os trabalhos da mineração mandavam-se para cá fiscais... - 62*

**POPULAÇÃO DO BRASIL**

ANOS	LIVRE	ESCRAVOS	TOTAL
1578 .....	—	—	57.000 (?)
1778 .....	—	—	1.900.000 (?)
1800 .....	2.000.000	1.000.000	3.000.000 (?)
1823 .....	2.813.351	1.147.515	3.960.866
1850 .....	5.520.000	2.500.000	8.020.000
1872 (recenseamento) .....	8.601.255	1.510.806	10.112.061
1887 .....	—	723.419	—
		(censo oficial)	
1890 .....	—	—	14.333.915
1900 .....	—	—	17.318.536
1920 (recenseamento) .....	—	—	30.635.605
1940 ( " ) .....	—	—	41.565.083
1950 ( " ) .....	—	—	51.941.767

**COMERCIO EXTERIOR DO BRASIL POR DECENIOS  
(1821-1940)**

DECENIOS	Exportação Importação		Exportação Importação	
	CONTOS DE REIS		EM £ £ 1.000 OUBRO	
1821-1830 .....	243.293	265.164	39.097	42.504
1831-1840 .....	348.258	385.742	45.205	54.291
1841-1850 .....	487.540	540.944	54.680	60.999
1851-1860 .....	900.534	1.016.686	102.007	115.280
1861-1870 .....	1.537.175	1.347.514	149.433	131.866
1871-1880 .....	1.963.718	1.621.251	199.685	164.929
1881-1890 .....	2.411.006	2.102.297	220.725	192.261
1891-1900 .....	7.349.258	6.307.324	291.017	252.817
1901-1910 .....	8.123.578	5.391.775	476.222	318.943
1911-1920 .....	12.300.766	9.960.223	688.038	546.906
1921-1930 .....	32.797.144	27.321.166	805.848	674.479
1931-1940 .....	41.978.650	36.650.153	377.024	300.349

*Mais uma vez o traço marcante da nossa economia colonial: fornecer ao estrangeiro matéria prima - 104/105*

Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição da Figura 5:** as dificuldades materiais individuais e falta de educação, falta de preparo técnico, de que nunca o poder central se lembrara - 62 | Em vez de técnicos para dirigir os trabalhos da mineração mandavam-se para cá fiscais... - 62 | Mais uma vez o traço marcante da nossa economia colonial: fornecer ao estrangeiro matéria prima - 104/105.



**Figura 6 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 5 (Caio Prado Júnior)**

*O regime escravocrata teve influência muito negativa na formação profissional da colônia. De um lado, tirando os meninos a experiência profissional que lhe adviria como aprendizes. De outro, criando uma disposição mental prejudicada com relação aos trabalhos manuais - 109 (a indústria nos princípios do século passado)*

**INDICE**

*A posição da metrópole contra o desenvolvimento da colônia - 110*

<b>PRELIMINARES (1500-1530)</b> <i>(início do século passado)</i>	
1. O meio geográfico .....	9
2. Caráter inicial e geral da formação econômica brasileira ..	13
3. Primeiras atividades. A extração do "pau-brasil" .....	25
<b>A OCUPAÇÃO EFETIVA (1530-1640)</b>	
4. Início da agricultura .....	31
5. Atividades acessórias .....	41
<b>EXPANSÃO DA COLONIZAÇÃO (1640-1770)</b>	
6. Novo sistema político e administrativo na colônia .....	49
7. A mineração e a ocupação do Centro-Sul .....	57
8. A pecuária e o progresso do povoamento no Nordeste ..	67
9. A colonização do vale amazônico e a colheita florestal ..	71
<b>APOGEU DA COLÔNIA (1770-1808)</b>	
10. Renascimento da agricultura .....	81
11. Incorporação do Rio Grande do Sul. Estabelecimento da pecuária .....	95
12. Síntese geral econômica no fim da era colonial .....	103
<b>A ERA DO LIBERALISMO (1808-1850)</b>	
13. Libertação econômica .....	125
14. Efeitos da libertação .....	135
15. Crise do regime servil e abolição do tráfico .....	145
<b>O IMPÉRIO ESCRAVOCRATA E A AURORA BURGUESA (1850-1889)</b>	
16. Evolução agrícola .....	161
17. Novo equilíbrio econômico .....	173
18. A decadência do trabalho servil e sua abolição .....	177
19. Imigração e colonização .....	187
20. Síntese da evolução econômica do Império .....	197

Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição Figura 6:** O regime escravocrata teve influência muito negativa na formação profissional da colônia. De um lado, tirando os meninos a experiência profissional que lhe adviria como aprendizes. De outro, criando uma disposição mental prejudicada com relação aos trabalhos manuais - 109 (a indústria nos princípios do século passado) | A posição da metrópole contra o desenvolvimento da colônia - 110.

Figura 7 – Anotações em História Econômica do Brasil - parte 6 (Caio Prado Júnior)

348	CAIO PRADO JÚNIOR	
A REPÚBLICA BURGUESA (1889-1930)		
21.	Apogeu de um sistema .....	213
22.	A crise de transição .....	223
23.	Expansão e crise da produção agrícola .....	231
24.	A industrialização .....	263
25.	O imperialismo .....	275
A CRISE DE UM SISTEMA (1930-7)		
26.	A crise de um sistema .....	291
A CRISE EM MARCHA (1950)		
27.	A crise em marcha .....	305
BIBLIOGRAFIA .....		330
ANEXOS		
Moeda Brasileira — População do Brasil em diferentes épocas — Comércio exterior do Brasil de 1821 a 1940 .....		343

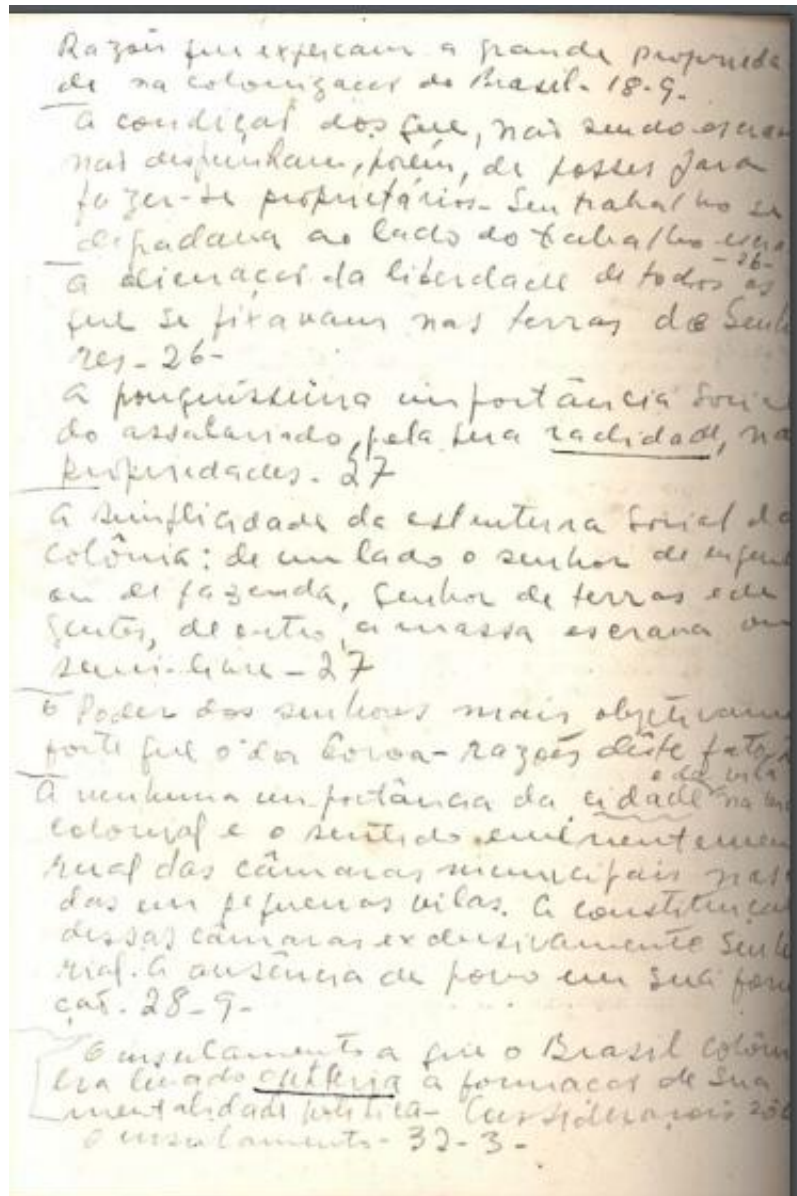
*Quem não fosse escravo e não pudesse ser senhor passava a engrossar o grupo cada vez maior de desajustados e marginais, sem nada de certo por fazer. A industrialização incipiente foi formando seus quadros proletários nessa massa marginal - 203 -*

*Só no século XIX, que surge a pequena propriedade 255 - causas desse surgimento.*

Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição da Figura 7:** Quem não fosse escravo e não pudesse ser senhor passava a engrossar o grupo cada vez maior de desajustados e marginais, sem nada de certo por fazer. A industrialização incipiente foi formando seus quadros proletários nessa massa marginal - 203 | Só no século XIX, que surge a pequena propriedade 255 - causas desse surgimento.

**Figura 8 – Evolução política do Brasil e outros estudos (Caio Prado Júnior)**

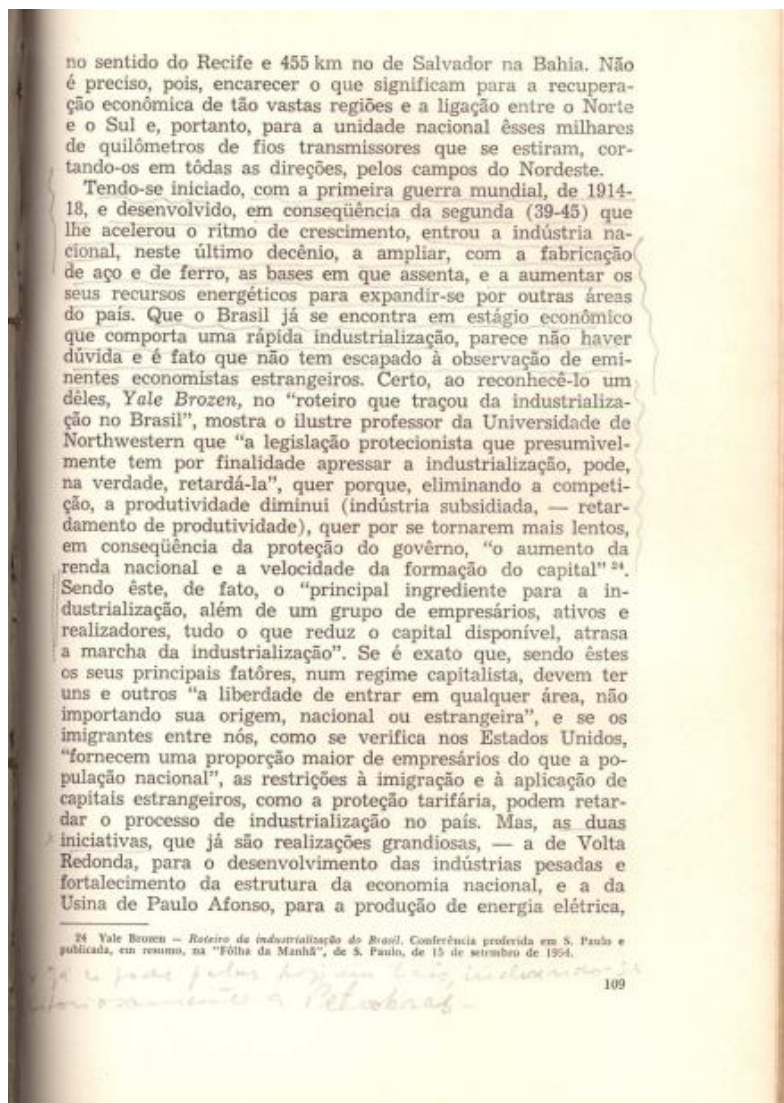


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição Figura 8:** Razões que explicam a grande propriedade na colonização do Brasil - 18/19 | A condição dos que, não sendo escravos não dispunham, porém de posses para fazer-se proprietários - seu trabalho se [illegível] ao lado do trabalho escravo - 26 | A alienação da liberdade de todos os que se fixavam nas terras de Senhores - 26 | A pouquíssima importância social do assalariado, pela sua realidade, nas propriedades - 27 | A simplicidade da estrutura social da colônia: de um lado o senhor de engenho ou de fazenda, senhor de terras e de gentes, de outro a massa escrava ou semi-livre - 27 | O poder dos senhores mais [illegível] que o da coroa - razões deste fato - 28 | A nenhuma importância da cidade e da vila na vida colonial e o sentido eminentemente rural das câmaras nos centros das pequenas vilas. A constituição dessas

câmaras exclusivamente senhoriais. A ausência do povo em sua formação - 28/29 | O insulamento a que o Brasil colônia era levado afetaria a formação da sua mentalidade política - considerações sobre o insulamento - 32/33.

**Figura 9 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 1 (Fernando Azevedo)**



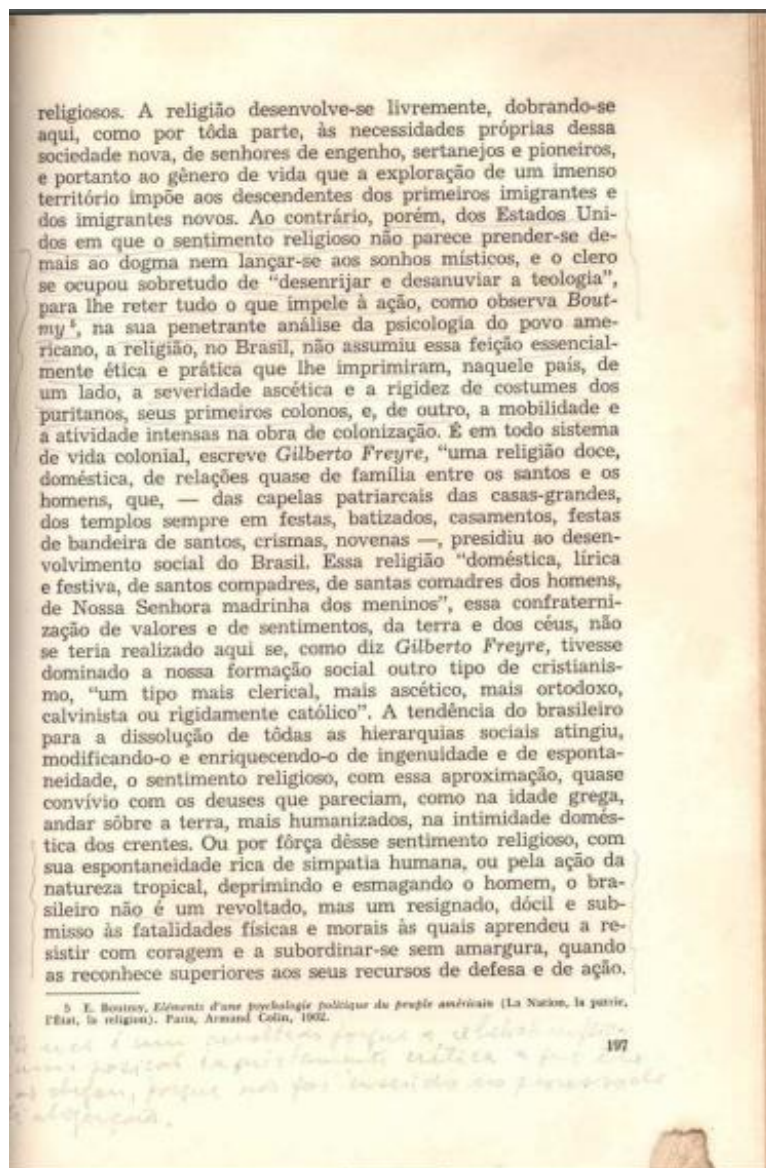
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição Figura 9:** [Grifo do PF] “Tendo-se iniciado, com a primeira guerra mundial, de 1914-18, e desenvolvido, em consequência da segunda (39-45) que lhe acelerou o ritmo de crescimento, entrou a indústria nacional, neste último decênio, a ampliar, com a fabricação de aço e de ferro, as bases em que assenta, e a aumentar os seus recursos energéticos para expandir-se por outras áreas do país. Que o Brasil já se encontra em estágio econômico que comporta uma rápida industrialização, parece não haver dúvida e é fato que não tem escapado à observação de eminentes economistas estrangeiros.” [Fim do grifo do PF] | Já se pode falar-se



hoje em três, incluindo-se vitoriosamente a Petrobrás.

**Figura 10 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 2 (Fernando Azevedo)**

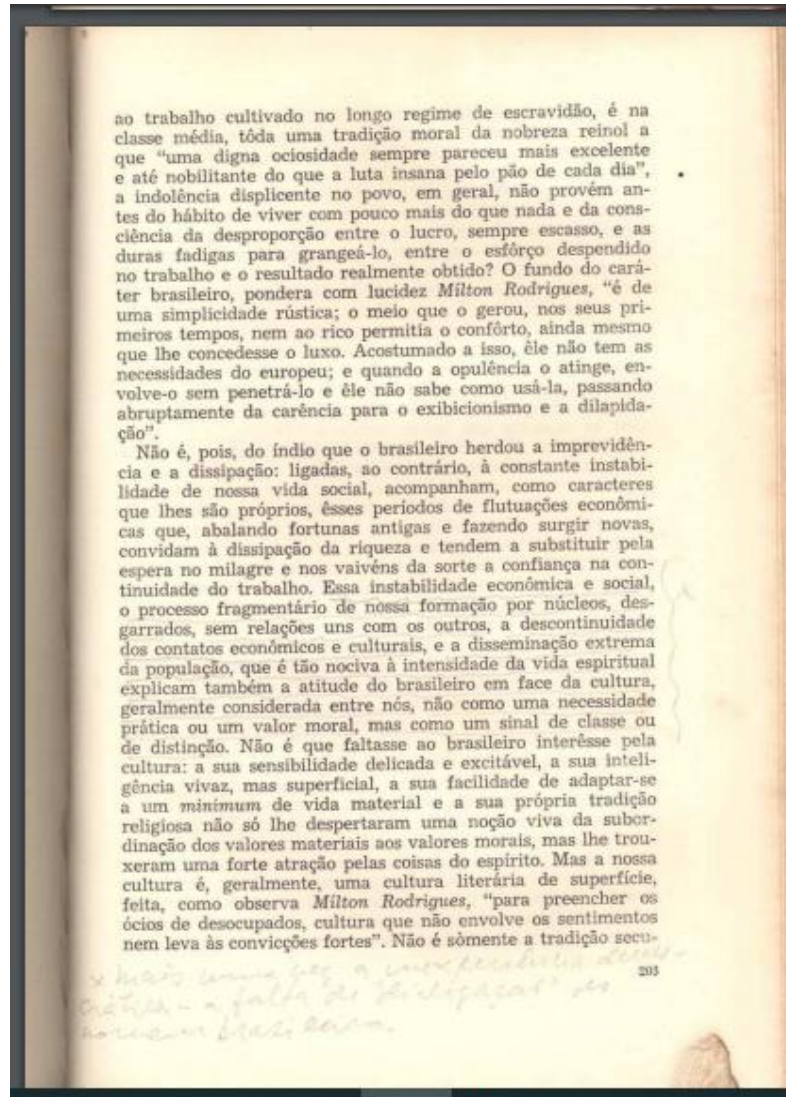


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição Figura 10:** [Grifo do PF] “Ao contrário, porém, dos Estados Unidos em que o sentimento religioso não parece prender-se demais ao dogma nem lançar-se aos sonhos místicos, e o clero se ocupou sobretudo de “desenrijar e desanuviar a teologia”, para lhe reter tudo o que impele à ação, como observa *Boutmy*, na sua penetrante análise da psicologia do povo americano, a religião, no Brasil, não assumiu essa feição essencialmente ética e prática que lhe imprimiram, naquele país, de um lado, a severidade ascética e a rigidez de costumes dos puritanos, seus primeiros colonos, e, de outro, a mobilidade e atividade intensas na obra da colonização.” [Fim do grifo do PF] | Ele [brasileiro] não é um revoltado porque a rebelião

implica uma posição inquietamente crítica a que ele não chegou, porque não foi inserido no processo de dialogação.

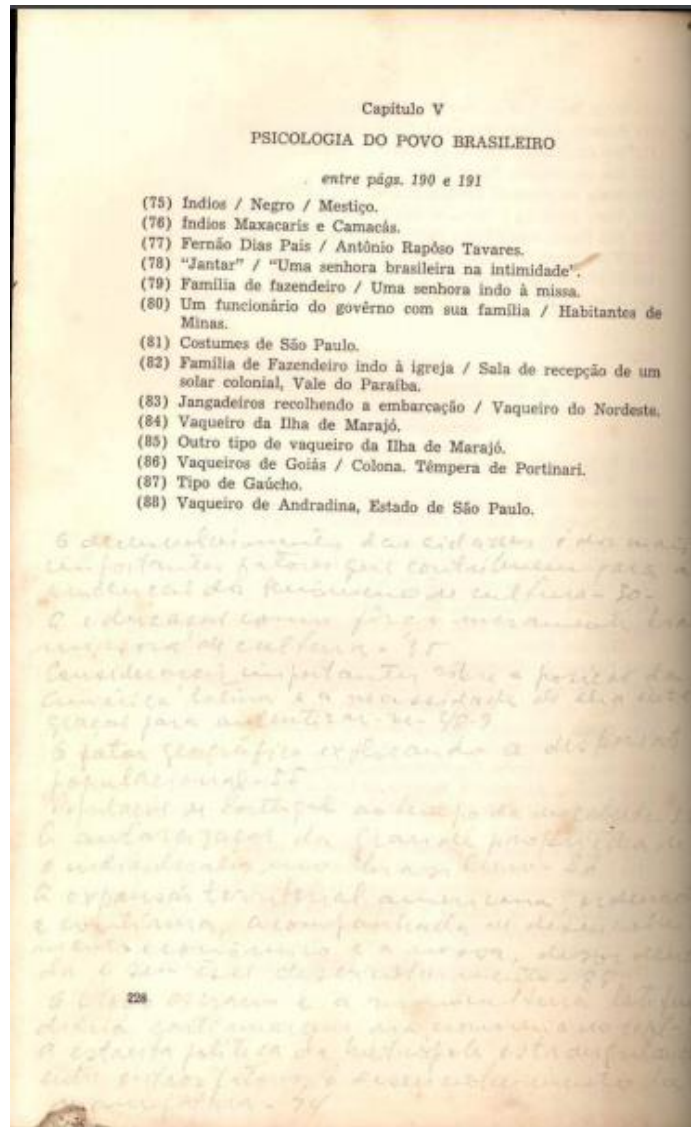
**Figura 11 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 3 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/).

**Transcrição Figura 11:** [Grifo do PF] “Essa instabilidade econômica e social, o processo fragmentário de nossa formação por núcleos, desgarrados, sem relação uns com os outros, a descontinuidade dos contatos econômicos e culturais, e a disseminação extrema da população, que é tão nociva à intensidade da vida espiritual explicam também a atitude do brasileiro em face da cultura, geralmente considerada entre nós, não como uma necessidade prática ou um valor moral, mas como um sinal de classe ou de distinção.” [Fim do grifo do PF] | Mais uma vez a inexperiência democrática - a falta de dialogação do homem brasileiro.

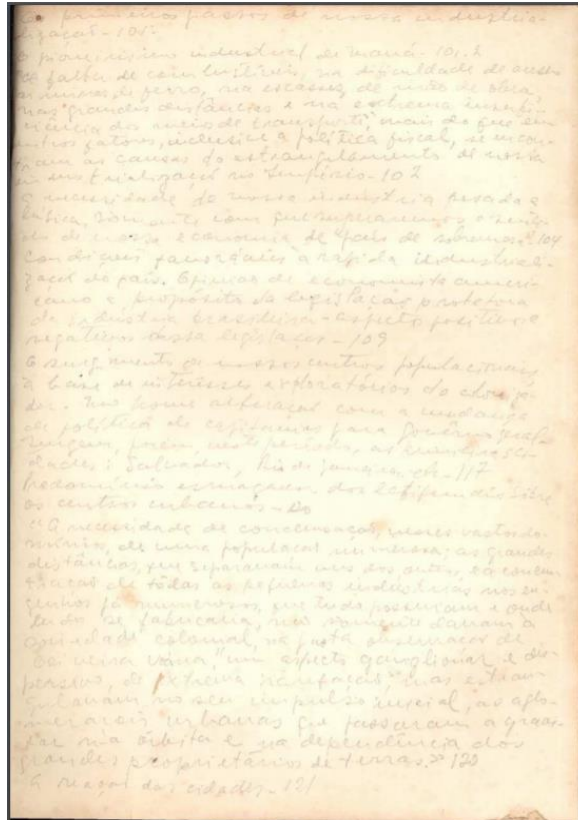
**Figura 12 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 4 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 12:** O desenvolvimento das cidades é um dos mais importantes fatores que contribuem para a produção do fenômeno da cultura - 30 | A educação meramente como força meramente transmissora de cultura - 35 | Considerações importantes sobre a posição da América Latina e a necessidade de sua integração para autenticar-se - 48/49 | O fator geográfico explicando a dispersão populacional - 55 | Populações de Portugal ao tempo de descoberta - 58 | A autorização da grande propriedade e o individualismo brasileiro - 88 | A expansão territorial americana, ordenada e contínua, acompanhada de desenvolvimento econômico e a massa, desordenada e sem esse desenvolvimento - 88 | O traço escravo e a monocultura latifundiária continuaram na economia do café - 91 | A estreita política da metrópole estrangulando, entre outros fatores, o desenvolvimento da manufatura - 94.

**Figura 13 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 5 (Fernando Azevedo)**



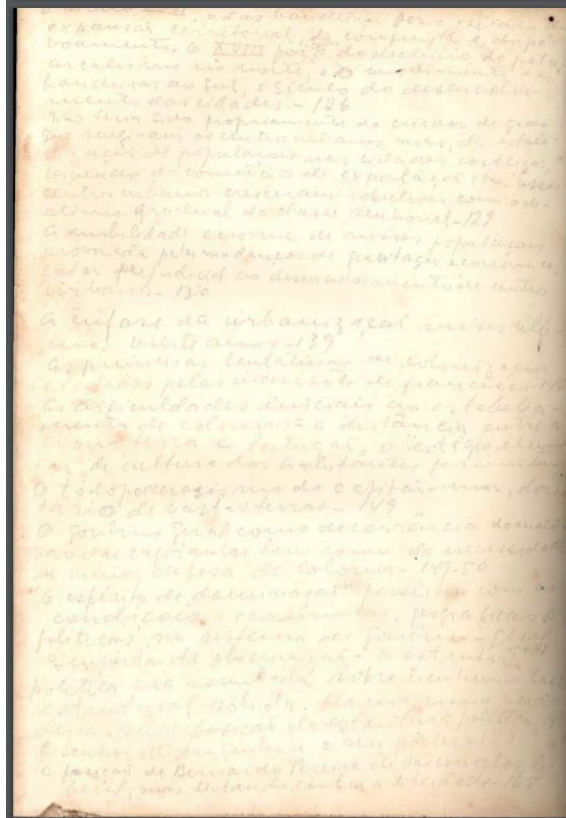
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 13:** Os primeiros passos da nossa industrialização - 101 | O pioneirismo industrial de Mauá - 101/102 | Na falta de combustíveis, na dificuldade de acesso às minas de ferro, na escassez de mão de obra, nas grandes distâncias e na extrema ineficiência dos meios de transporte, “mais do que entre outros fatores, inclusive a política fiscal, se encontram as causas de estrangulamento de nossa industrialização no Império - 102 | A necessidade da nossa indústria pesada e básica, somente com que superamos o sentido de nossa economia de “país de sobremesa” - 104 | Condições favoráveis à rápida industrialização do país. Opinião de economista americano a propósito da legislação protetora da indústria brasileira - aspecto positivo e negativo dessa legislação - 109 | O surgimento de nossos centros populacionais à base de interesse exploratório do colonizador. Não houve alteração com a mudança de política de capitanias para Governo Geral - surgem, porém, as primeiras cidades: Salvador, Rio de Janeiro, etc - 117 | Predomínio esmagador de latifúndios sobre os centros urbanos - 120 | “A necessidade de conclusão, nesses vastos domínios, de uma população numerosa; as grandes distâncias, que separam um dos outros, e a concentração de todas as pequenas indústrias nos engenhos já numerosos, que tudo possuíam e onde tudo se fabricava, não somente davam à sociedade colonial, na justa observação de Oliveira Viana: “um aspecto ganglionar e dispersivo,



de extrema rarefação, mas estranguláveis no seu impulso inicial, as aglomerações urbanas que passaram a gravitar na órbita e na dependência dos grandes proprietários de terras” - 120 | As reações das cidades – 121

**Figura 14 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 6 (Fernando Azevedo)**

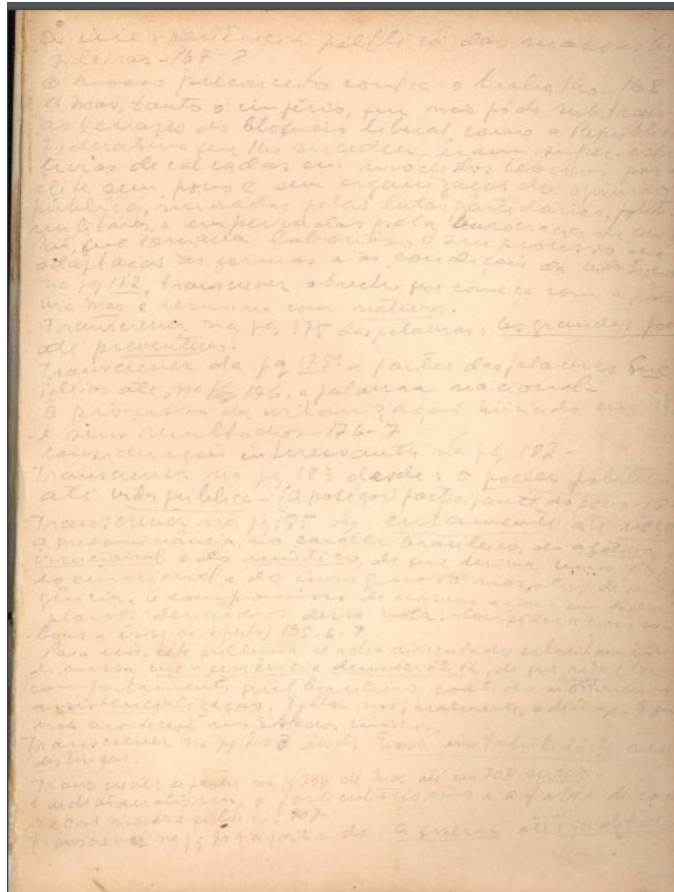


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 14:** O século XVII, o das bandeiras foi o século da expansão territorial, da conquista e do povoamento; o século XVII foi, como declínio do patriarcalismo no norte, e o movimento das bandeiras do Sul, o século do desenvolvimento das cidades - 126 | Não teria sido propriamente do criador de gado que surgiram os centros urbanos mas da [ilegível] de populações nas cidades costeiras, vivendo do comércio de exportação, etc. Esses centros urbanos cresceram sobretudo com o declínio gradual da classe senhorial - 129 | A mobilidade enorme de nossas populações pelas mudanças de gravitação econômica, fator prejudicial ao desenvolvimento dos centros urbanos - 130 | A ênfase da urbanização nesses últimos vinte anos - 139 | As primeiras tentativas de colonização excitadas pelas incursões de franceses - 148 | As dificuldades iniciais de estabelecimentos de colônias: a distância entre a nova terra e Portugal, o “estágio elementar” de cultura dos habitantes, permitindo o todopoderosismo do capitão-mor, donatário de vastas terras - 149 | O Governo Geral como decorrência do malogro das capitanias

bem como das necessidades de maior defesa da Colônia - 149/150 | “O espírito de dominação” persiste com as condições econômicas, geográficas e políticas no sistema de Governo Geral - 150/151 | Importante observação - a estrutura política era assentada sobre nenhuma base estrutural sólida. Havia uma [ilegível] superposição da estrutura política - 151 | O senhor de engenho e o seu poder - 183 | A posição de Bernardo Pereira de Vasconcelos, liberal, mas estando contra a liberdade - 165.

**Figura 15 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 1 - parte 6 (Fernando Azevedo)**

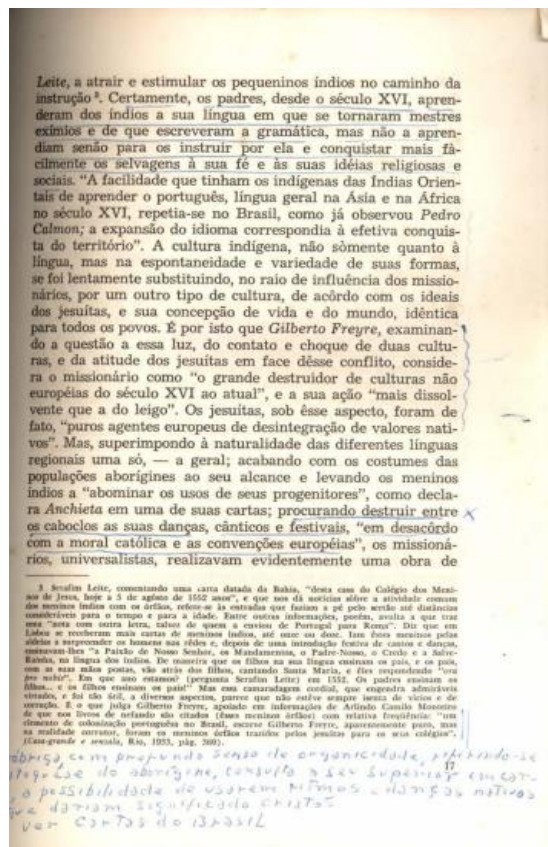


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 15:** A inexperiência política das massas brasileiras - 167/168 | O nosso preconceito contra o trabalho - 168 | “Mas tanto o império, que não pode subtrair-se às tenazes do bloqueio liberal como a República Federativa que lhe sucedeu, eram super estruturas decalcadas em modelos teóricos por uma elite sem povo e sem organização da opinião pública, minadas pelas lutas partidárias, políticas e militares e emperradas pela burocracia de [ilegível], que tornaria laborioso o seu processo de adaptação às formas e às condições da vida social | Na página 172, transcrever o trecho que começa com a palavra mas e termina com nativos. Transcrever na página 178 das palavras: as grandes [ilegível] até preventivo. | Transcrever da

página 175 a partir das palavras que as ideias até na página 176 a palavra nacional. | Transcrever na página 185 de certamente até nação irracional e do místico, de que deriva uma ênfase do emocional e do imaginoso nos atos da inteligência. O compromisso de nossas ações em todos os planos derivados dessa nota. Considerações muito boas a esse respeito - 195/196/197 | Para isso, esse problema se acha vinculado estreitamente à nossa inexperiência democrática, de que resulta o comportamento geral brasileiro novamente na assistencialização. Faltou-nos, realmente, o diálogo. O que não aconteceu nos Estados Unidos. | Transcrever na página 203 desde essa instabilidade até distinção. Transcrever da página 206 de mas até na 207 sertão - o individualismo, o forte [ilegível] e a falta de cooperação no brasileiro - 207 | Transcrever na página 209 a partir de a [ilegível] até igualitário.

**Figura 16 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 1 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 16:** [Grifo do PF] “Certamente, os padres, desde o século XVI, aprenderam dos índios a sua língua em que se tornaram mestres exímios e de que escreveram a gramática, mas não aprendiam senão para os instruir por ela e conquista mais facilmente os selvagens à sua fé e às suas ideias religiosas e sociais.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Procurando destruir entre os caboclos as suas danças, cânticos e festivais, “em desacordo com

a moral católica e as convenções européias” [Fim do grifo do PF] | Nóbrega, com profundo senso de organicidade, referindo-se a catequese do aborígene, consulta a seu superior [ilegível], a possibilidade e usarem ritmos - danças nativas que dariam significado cristão - Ver cartas ao Brasil.

**Figura 17 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 2 (Fernando Azevedo)**



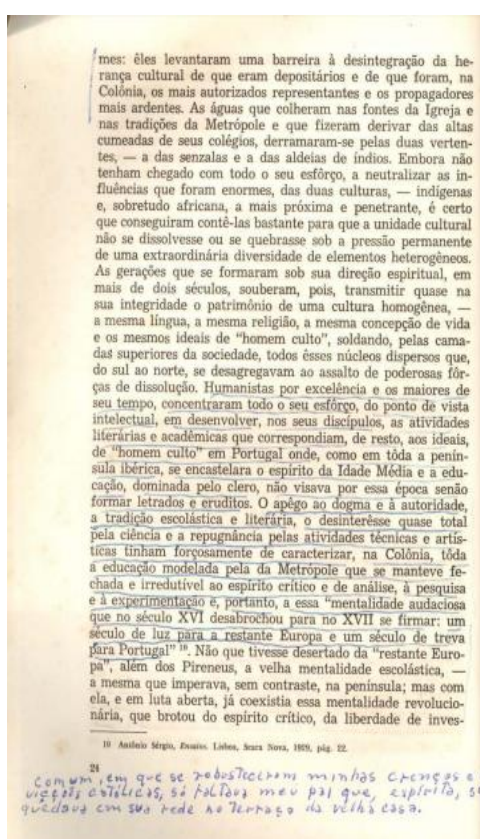
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 17:** [Grifo do PF] “A igreja que a princípio rondava a casa-grande, disputando a autoridade ao pater-familias, arrogante e luxurioso, acabou por nela se instalar, vivendo, por seus capelães, sob o mesmo teto e sentando-se à mesma mesa dos senhores de engenho” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Mãe negras e mucamas, escreve Gilberto Freyre, aliada aos meninos, às meninas, às moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirto e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semi-brancos, alunos de seus colégios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vão de conservar no Brasil. Depois dê-les, mas sem a mesma rigidez, padres-mestres e capelães de



engenho procuraram contrariar a influência dos escravos, opondo-lhes um português quase da estufa”. | A casa de minha avó materna, na estrada do Encanamento, em que nasci em 1921, um velho sobrado em um sítio cheio de mangueiras e sapotizeiras, sob cujas sombras, nos dias de festa, a família se reunia em torno de farta mesa, havia um quarto [ilegível] em que, sobre bonita cômoda de jacarandá se encontrava o trabalhado santuário. Lembro me que, até 1929, “se rezava o mês mariano”, na intimidade da família patriarcalmente acrescida aderentes e afilhados. A esses momentos de orações em [continua na próxima página].

**Figura 18 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 2 (Fernando Azevedo)**

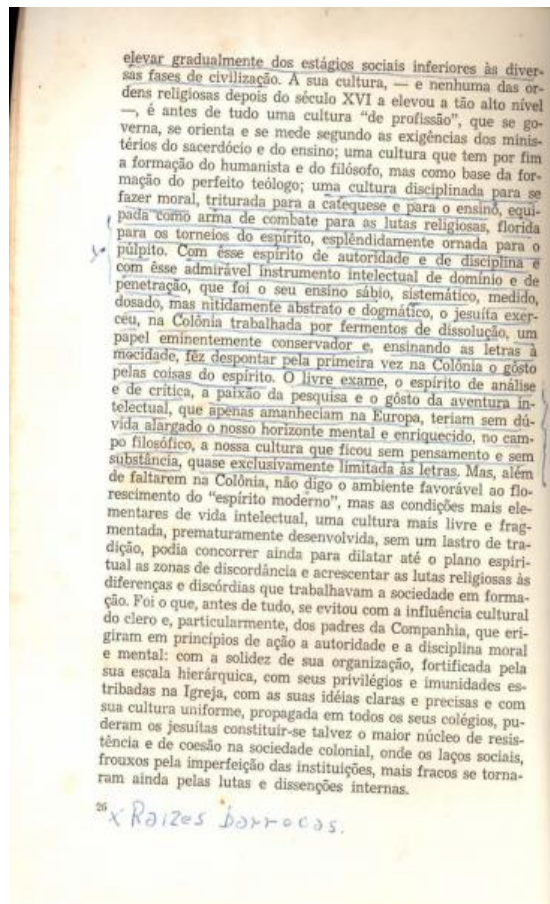


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 18:** [Grifo do PF] “Humanistas por excelência e os maiores de seu tempo, concentraram todo o seu esforço, do ponto de vista intelectual, em desenvolver, nos seus discípulos, as atividades literárias e acadêmicas que correspondiam, de resto, aos ideais, de “homem culto” em Portugal onde, como em toda península ibérica, se encastelara o espírito da Idade Média e a educação, dominada pelo clero, não visava por essa época senão formar letrados e eruditos. O apego ao dogma e à autoridade, a tradição escolástica e literária, o desinteresse quase total pela ciência e a repugnância pelas atividades técnicas e artísticas tinham forçosamente de caracterizar, na Colônia, toda a educação modelada pela na Metrópole que se

manteve fechada e irreduzível ao espírito crítico e de análise, à pesquisa e à experimentação e, portanto, a essa “mentalidade audaciosa que no século XVI desabrochou para no XVII se firmar: um século de luz para o restante da Europa e um século de treva para Portugal” [Fim do grifo do PF] | [continuação da última página] ...comum em que se robustecem minhas crenças e convicções católicas, só faltava meu pai que, espírita, se quedava em sua rede no terraço da velha casa.

**Figura 19 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 3 (Fernando Azevedo)**

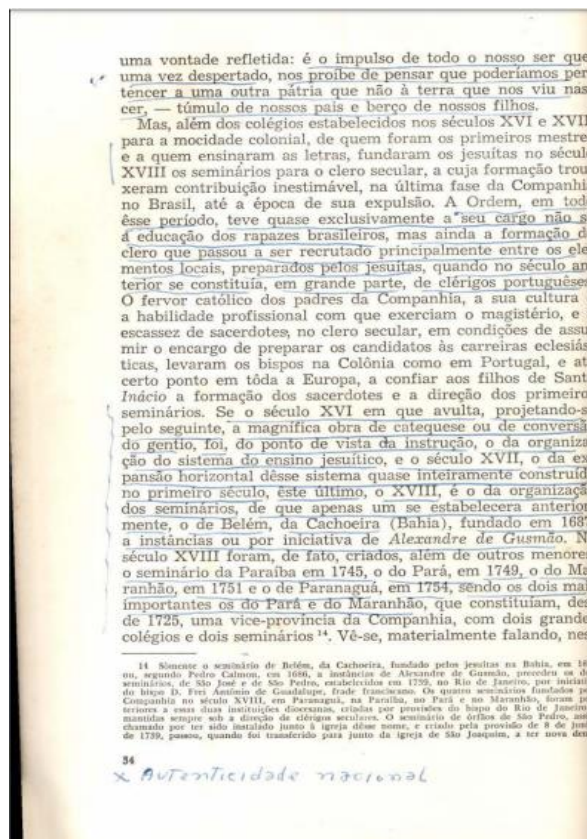


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 19:** [Grifo do PF] “...elevar gradualmente dos estágios sociais inferiores às diversas fases de civilização” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Uma cultura disciplinada para se fazer moral, triturada para a catequese e para o ensino, equipada como arma de combate para as lutas religiosas, florida para os torneios do espírito, esplendidamente ornada para o púlpito. Com esse espírito de autoridade e de disciplina e com esse admirável instrumento intelectual de domínio e de penetração, que foi o seu ensino sábio, sistemático, medido, dosado, mas nitidamente abstrato e dogmático, o jesuíta exerceu, na Colônia trabalhada por fermentos de dissolução, um papel eminentemente conservador e, ensinando as letras à mocidade, fez

despontar pela primeira vez na Colônia o gosto pelas coisas do espírito. O livro exame, o espírito de análise e de crítica, a paixão pela pesquisa e o gosto da aventura intelectual, que apenas amanheciam na Europa, teriam sem dúvida alargado o nosso horizonte mental e enriquecido, no campo filosófico, a nossa cultura que ficou sem pensamento e sem substância, quase exclusivamente limitada às letras. | Raízes barrocas.

**Figura 20 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 4 (Fernando Azevedo)**

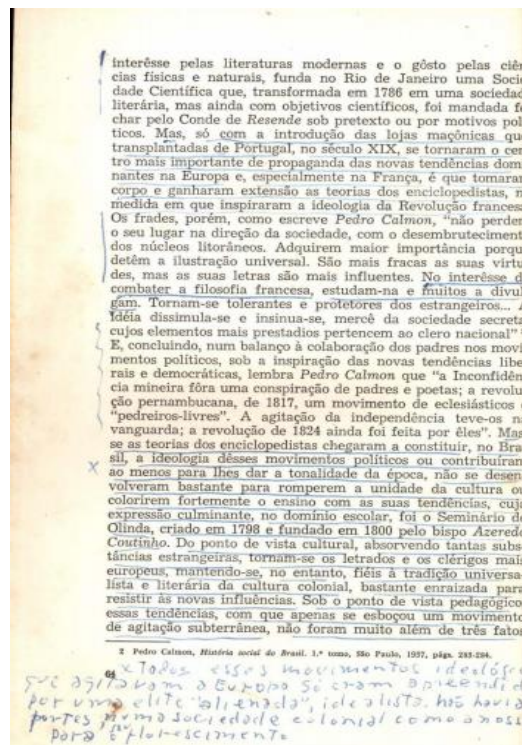


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 20:** [Grifo do PF] “..é o impulso de todo o nosso ser que, uma vez despertado, nos proíbe de pensar que poderíamos pertencer a uma outra pátria, que não à terra que nos viu nascer - túmulo de nosso pais e berços de nossos filhos” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “A ordem, em todo esse período, teve quase exclusivamente a seu cargo não só a educação de rapazes brasileiros, mas ainda a formação do clero que passou a ser recrutado principalmente entre os elementos locais, preparados pelos jesuítas, quando no século anterior se constituía, em grande parte, de clérigos portugueses.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Se o século XVI em que avulta, projetando-se pelo seguinte, a magnífica obra da catequese ou de conversão do gentio, foi, do ponto de vista da instrução, o da organização do sistema do ensino jesuítico, e o século XVII, o da expansão horizontal desse sistema quase inteiramente

construído no primeiro século, este último, o século XVIII, é o da organização dos seminários, de que apenas um se estabeleceu anteriormente, o de Belém, da Cachoeira (Bahia), fundado em 1687, a instância ou por iniciativa de Alexandre de Gusmão. O seminário de Paraíba, em 1751 e o de Paranaguá, em 1754, sendo os dois mais importantes os do Pará e os do Maranhão” [Fim do grifo do PF] | Autenticidade nacional.

**Figura 21 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 5 (Fernando Azevedo)**



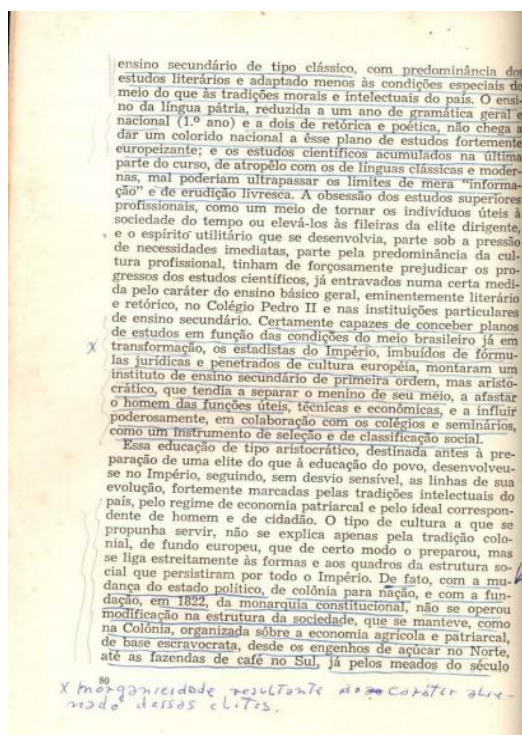
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 21:** [Grifo do PF] “Mas, só com a introdução das lojas maçônicas que, transplantadas de Portugal, no século XIX, se tornaram o centro mais importante de propaganda das novas tendências dominantes da Europa e, especialmente da França, é que tomaram corpo e ganharam extensão as teorias dos enciclopedistas, na medida em que inspiraram a ideologia da Revolução francesa.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “No interesse de combater a filosofia francesa, estudam-na e muitos a divulgam” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Mas se as teorias dos enciclopedistas chegaram a constituir, no Brasil, a ideologia desses movimentos políticos ou contribuíram ao menos para lhes dar a tonalidade da época, não se desenvolveram bastante para romperem a unidade da cultura ou colorirem fortemente o ensino com as suas tendências, cuja expressão culminante, no domínio escolar, foi o Seminário de Olinda, criado em 1798 e fundado em 1800 pelo bispo Azeredo Coutinho. Do ponto de vista cultural, absorvendo tantas substâncias estrangeiras, tornam-se os letrados e os clérigos mais europeus, mantendo-se, no entanto, fiéis à tradição universalista e literária da cultura colonial, bastante enraizada para resistir às novas influências. Sob o ponto de vista pedagógico, essas tendências, com que apenas se esboçou um movimento de agitação subterrânea, não foram muito além de três fatos



européus, mantendo-se, no entanto, fiéis à tradição universalista e literária da cultura colonial, bastante enraizada para resistir às novas influências. Sob o ponto de vista pedagógico, essas tendências, com que apenas se esboçou um movimento de agitação subterrânea, não foram muito além de três fatos [continua na próxima página]” [Fim do grifo do PF] | Todos esses movimentos ideológicos que agitaram a Europa só eram aprendidos por uma elite “alienada”, idealista, não havia partes, numa sociedade colonial como a nossa, para o seu florescimento.

**Figura 22 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 6 (Fernando Azevedo)**

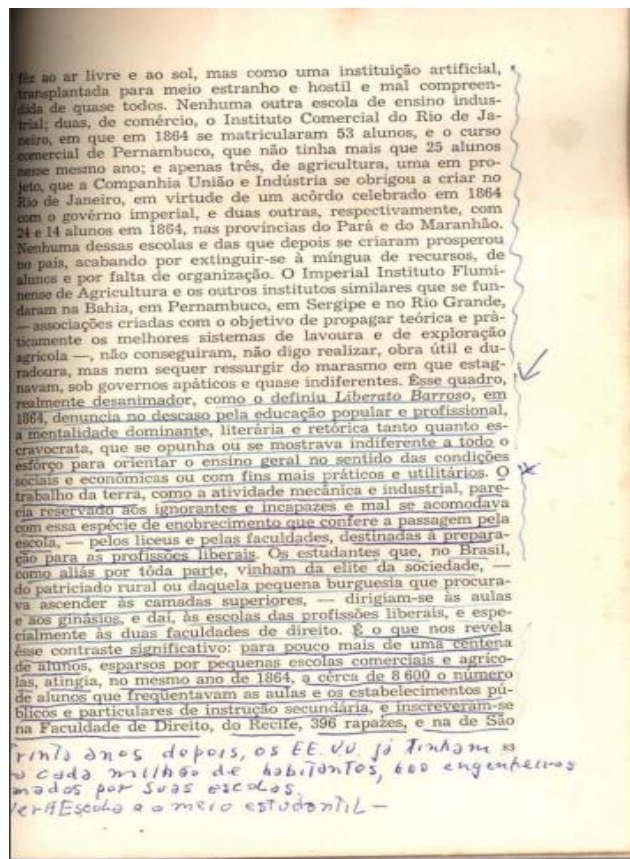


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 22:** [Grifo do PF] “...ensino secundário de tipo clássico, com predominância dos estudos literários e adaptando menos às condições especiais do meio do que às tradições morais e intelectuais do país. O ensino da língua pátria, reduzida a um ano de gramática geral e nacional (1o ano) e a dois de retórica e poética, não chega a dar um colorido nacional a esse plano de estudos fortemente europeizante; e os estudos científicos acumulados na última parte do curso, de atropelo com os de línguas clássicas e modernas, mal poderiam ultrapassar os limites de mera “informação” e de erudição livresca.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Certamente capazes de conceber planos de estudos em função das condições do meio brasileiro já em transformação, os estadistas do Império, imbuídos de fórmulas jurídicas e penetrados de cultura européia, montaram um instituto de ensino secundário de primeira ordem, mas aristocrático, que tendia a separar o menino de seu meio, a afastar o homem das

funções úteis, técnicas e econômicas, e a influir poderosamente, em colaboração com os colégios e seminários como um instrumento de seleção e classificação social.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “De fato, com a mudança de estado político, de colônia para nação, e com a fundação, em 1822, da monarquia constitucional, não se operou modificação na estrutura da sociedade, que se manteve, como na Colônia, organizada sobre a economia agrícola e patriarcal, de base escravocrata, desde os engenhos de açúcar do Norte até as fazendas de café do Sul, já pelos meados do século...[continua na próxima página]” [Fim do grifo do PF] | Inorganicidade resultante do caráter alienado dessas elites.

**Figura 23 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 7 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 23:** [Grifo do PF] “Esse quadro realmente desanimador, como definiu Liberato Barroso, em 1864, denuncia no descaso pela educação popular e profissional, a mentalidade dominante, literária e retórica tanto quanto escravocrata, que se opunha ou se mostrava indiferente a todo esforço para orientar o ensino geral no sentido das condições sociais e econômicas ou com fins mais práticos e utilitários. O trabalho da terra, como atividade mecânica e industrial, parecia reservado aos ignorantes e incapazes e mal se acomodava com essa espécie de enobrecimento que confere a passagem pela escola, - pelos liceus e pelas

faculdades, destinadas à preparação para as profissões liberais. Os estudantes que, no Brasil, como aliás por toda parte, vinham da elite da sociedade, - do patriarcado rural ou daquela pequena burguesia que procurava ascender às camadas superiores, - dirigiam-se às aulas e aos ginásios, e daí, às escolas das profissões liberais, e especialmente às duas faculdades de Direito, do Recife, 396 rapazes, e na de São...” [continua na próxima página] [Fim do grifo do PF] | Trinta anos depois, os E.E.U.U. já tinham para cada milhão de habitantes, 600 engenheiros formados pelas suas escolas. - Ver A escola e o meio estudantil.

**Figura 24 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 8 (Fernando Azevedo)**



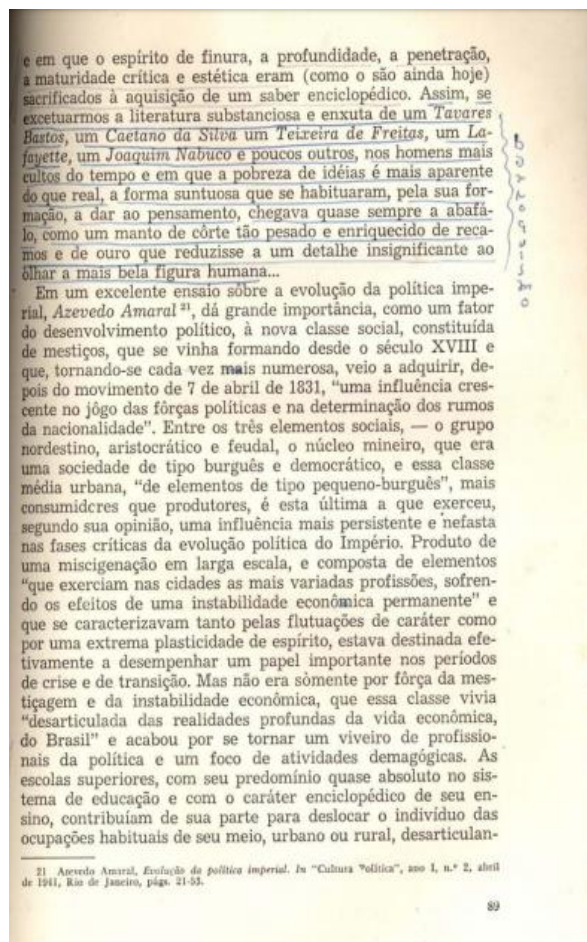
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 24:** [Grifo do PF] “Contribuíram essas escolas para pôr em moda e vulgarizar no Brasil o gosto pelos anéis simbólicos e pelos epítetos, tão vivo quanto o amor aos títulos, e tão difundido já nos fins do Império, que Max Leclerc se espantava, em 1890, com o número incalculável de pessoas “distintas” e “ilustres”, em nosso país, o que nos devia trazer, por isto, “maiores dificuldades do que alhures, quando se apresenta a oportunidade de um elogio, de encontrar um que não tivesse servido mil vezes”.”[Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Ligava-se, por outro lado, ao gosto e ao hábito da ênfase, cultivados no ensino básico



excessivamente retórico, e à falta de um método, de um critério. toda a nossa cultura está aliás marcada, nos seus aspectos mais típicos, por essa formação de base puramente literária e de carácter profissional, sob cuja influência, sem o lastro de sólidos estudos científicos e filosóficos, se desenvolveram a tendência às generalizações brilhantes em prejuízo das especializações fecundas, o gosto da retórica e da erudição livresca, a superficialidade mal dissimulada na pompa verbal, a unilateralidade da visão, e o diletantismo que leva o indivíduo a passear por todas as questões e doutrinas sem se aprofundar por nenhuma delas. É que, em todo o século XIX, à raiz e como fonte dessa cultura residia um sistema de formação de elites intelectuais, constituído de um ensino secundário, literário e retórico, e de um ensino superior, exclusivamente profissional e em que faltavam essas instituições destinadas aos estudos filosóficos metódicos e à pesquisa científica, em que se desenvolvem o espírito crítico e experimental e o gosto da observação e dos fatos” [Fim do grifo do PF] | Todo esse bacharelismo tem suas raízes na formação barroca do jesuíta.

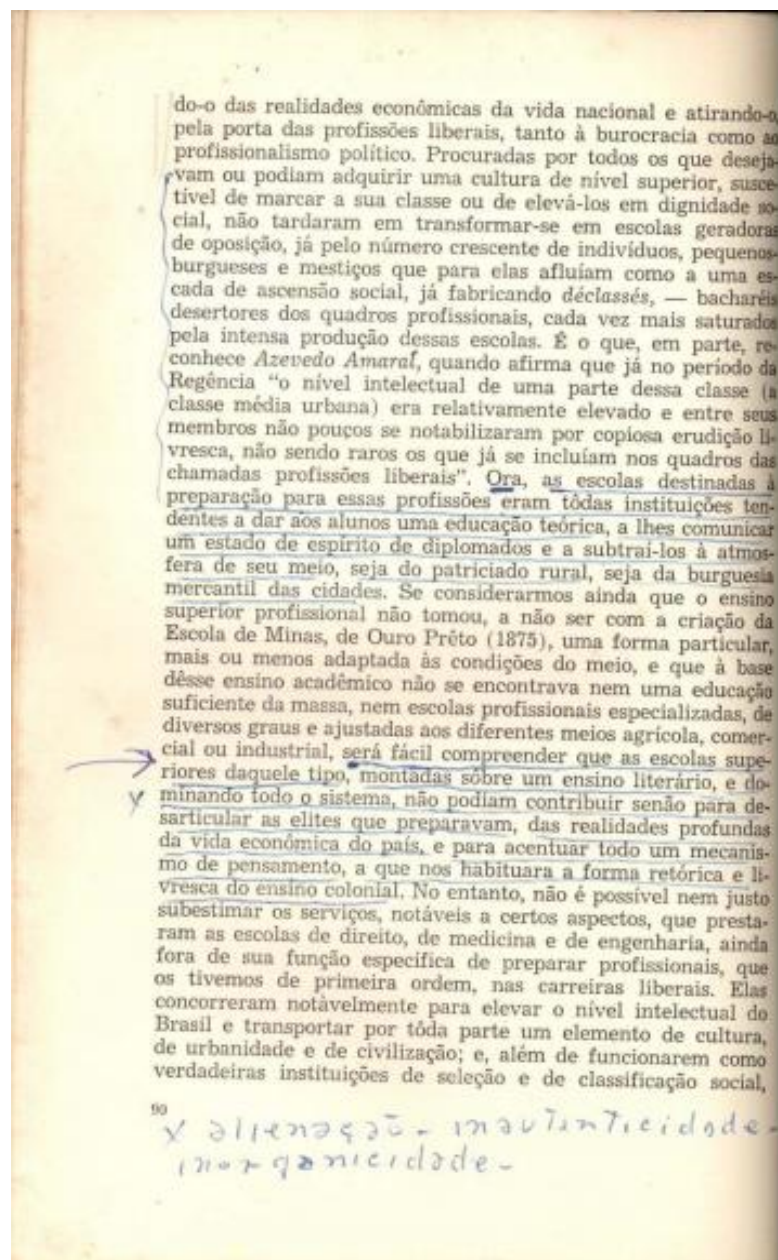
**Figura 25 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 9 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 25:** [Grifo do PF] “Assim, se excetuarmos a literatura substanciosa de um Tavares Bastos, um Caetano da Silva, um Teixeira de Freitas, um Lafayette, um Joaquim Nabuco e poucos outros, nos homens mais cultos do tempo e em que a pobreza de ideias é mais aparente do que real, a forma suntuosa que se habituaram, pela sua formação, a dar ao pensamento, chegava quase sempre a abafá-lo, como um manto de corte tão pesado e enriquecido de recamos e de ouro que reduzisse a um detalhe insignificante ao olhar a mais bela figura humana” [Fim do grifo do PF] | Bacharelismo.

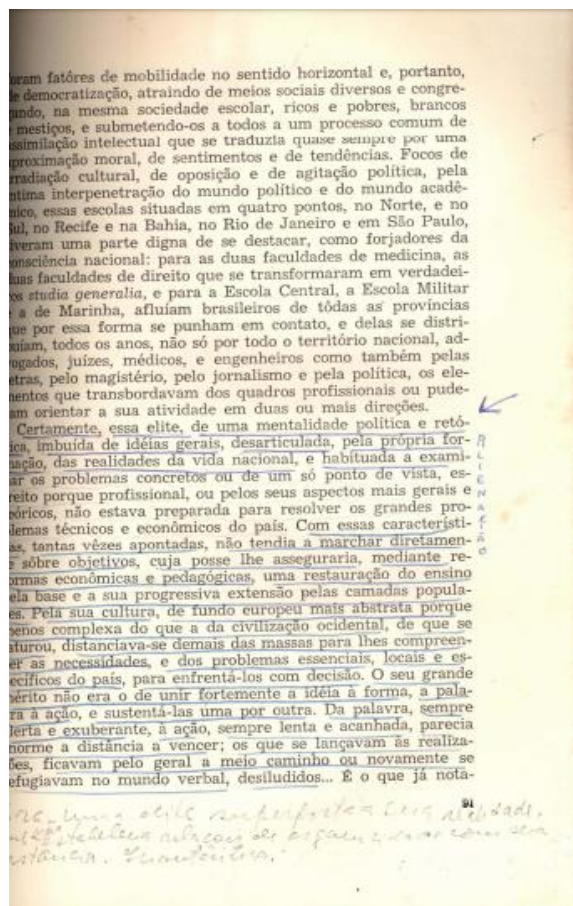
**Figura 26 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 10 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 26:** [Grifo do PF] “Ora, as escolas destinadas à preparação para essas profissões eram todas instituições tendentes a dar aos alunos uma educação teórica, a lhes comunicar um estado de espírito de diplomados e a subtraí-los à atmosfera de seu meio, seja de patriarcado rural, seja da burguesia mercantil das cidades.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Será fácil compreender que as escolas superiores daquele tipo, montadas sobre um ensino literário, e dominando todo o sistema, não podiam contribuir senão para desarticular as elites que preparavam, das realidades profundas da vida econômica do país, e para acentuar todo um mecanismo de pensamento, a que nos habituara a forma retórica e livresca do ensino colonial.” [Fim do grifo do PF] | Alienação - inautenticidade - inorganicidade.

**Figura 27 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 11 (Fernando Azevedo)**



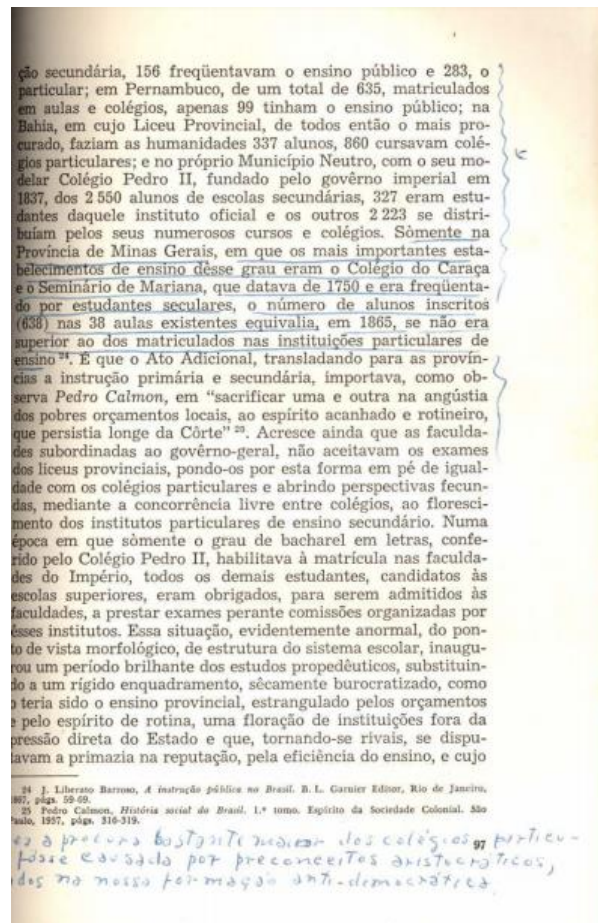
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 27:** [Grifo do PF] “Certamente, essa elite, de uma mentalidade política e retórica, imbuída das ideias gerais, desarticulada, pela própria formação, das realidades da vida nacional, e habituada a examinar os problemas concretos ou de um só ponto de vista, estreito porque profissional, ou pelos aspectos mais gerais e teóricos, não estava preparada para resolver os grandes problemas técnicos e econômicos do país.” [Fim do grifo do PF] | Alienação



| [Grifo do PF] “Com essas características, tantas vezes apontadas, não tendia a marchar diretamente sobre objetivos, cuja posse lhe asseguraria, mediante reformas econômicas e pedagógicas, uma restauração do ensino pela base e a sua progressiva extensão pelas camadas populares. Pela sua cultura, de fundo europeu mais abstrata porque menos complexa do que a da civilização ocidental, de que se maturou, distanciava-se demais das massas para lhes compreender as necessidades, e dos problemas essenciais, locais e específicos do país, para enfrentá-los com decisão. O seu grande mérito não era o de unir a ideia à forma, a palavra à ação, e sustentá-la uma por outra. Da palavra, sempre alerta e exuberante, à ação, sempre lenta e acanhada, parecia enorme a distância a vencer; os que se lançavam às realizações, ficavam pelo geral a meio caminho ou novamente se refugiavam no mundo verbal, desiludidos...” [Fim do grifo do PF] | Era uma elite superposta à sua realidade. Que não estabelecia relações de organicidade com sua circunstância. Inautêntica.

**Figura 28 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 12 (Fernando Azevedo)**

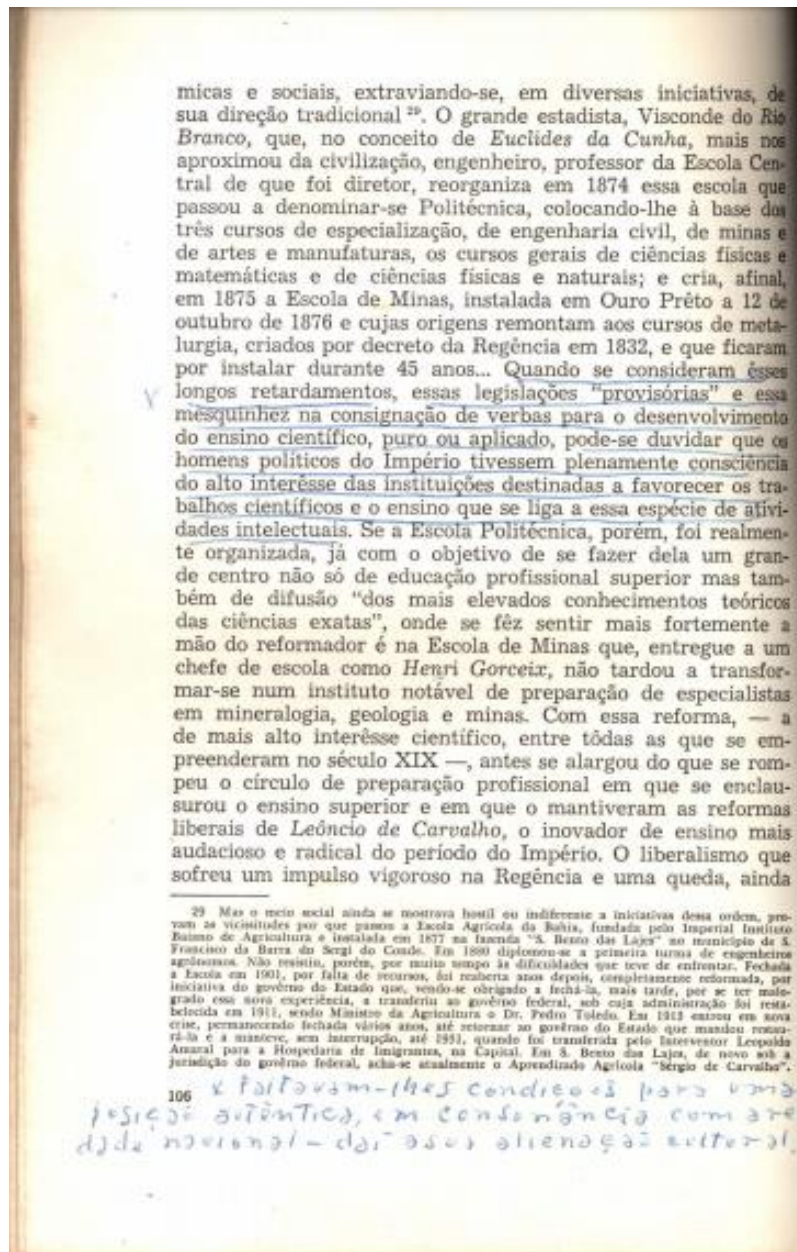


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

Transcrição Figura 28: [Grifo do PF] “Somente na província de Minas Gerais, em que os mais

importantes estabelecimentos de ensino desse grau eram o Colégio de Caraça e o Seminário de Mariana, que datava de 1750 e era frequentado por estudantes seculares, o número de alunos inscritos (638) nas 38 aulas existentes equivalia, em 1865, se não era superior ao dos matriculados nas instituições particulares de ensino.” [Fim do grifo do PF] | Talvez a procura bastante maior dos colégios particulares fosse causada por preconceitos aristocráticos dados na nossa formação antidemocrática.

**Figura 29 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 13 (Fernando Azevedo)**



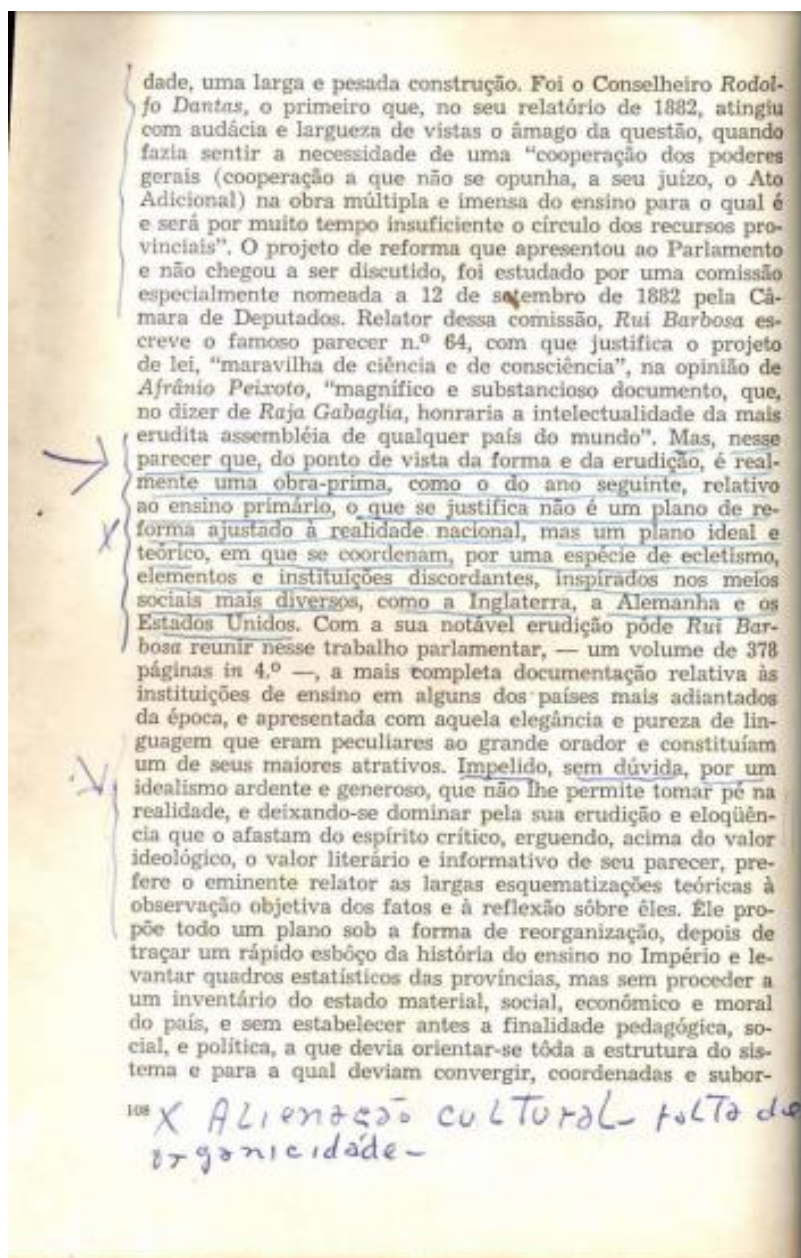
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

Transcrição Figura 29: [Grifo do PF] “Quando se consideram esses longos retardamentos,



essas legislações “provisórias” e essa mesquinhez na consignação de verbas para o desenvolvimento do ensino científico, puro ou aplicado, pode se duvidar que os homens políticos do Império tivessem plenamente consciência de alto interesse das instituições destinadas a favorecer os trabalhos científicos e o ensino que se liga a essa espécie de atividades intelectuais.” [Fim do grifo do PF] | Faltavam-lhe condições para uma posição autêntica, em consonância com a realidade nacional - daí a sua alienação cultural.

**Figura 30 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 14 (Fernando Azevedo)**

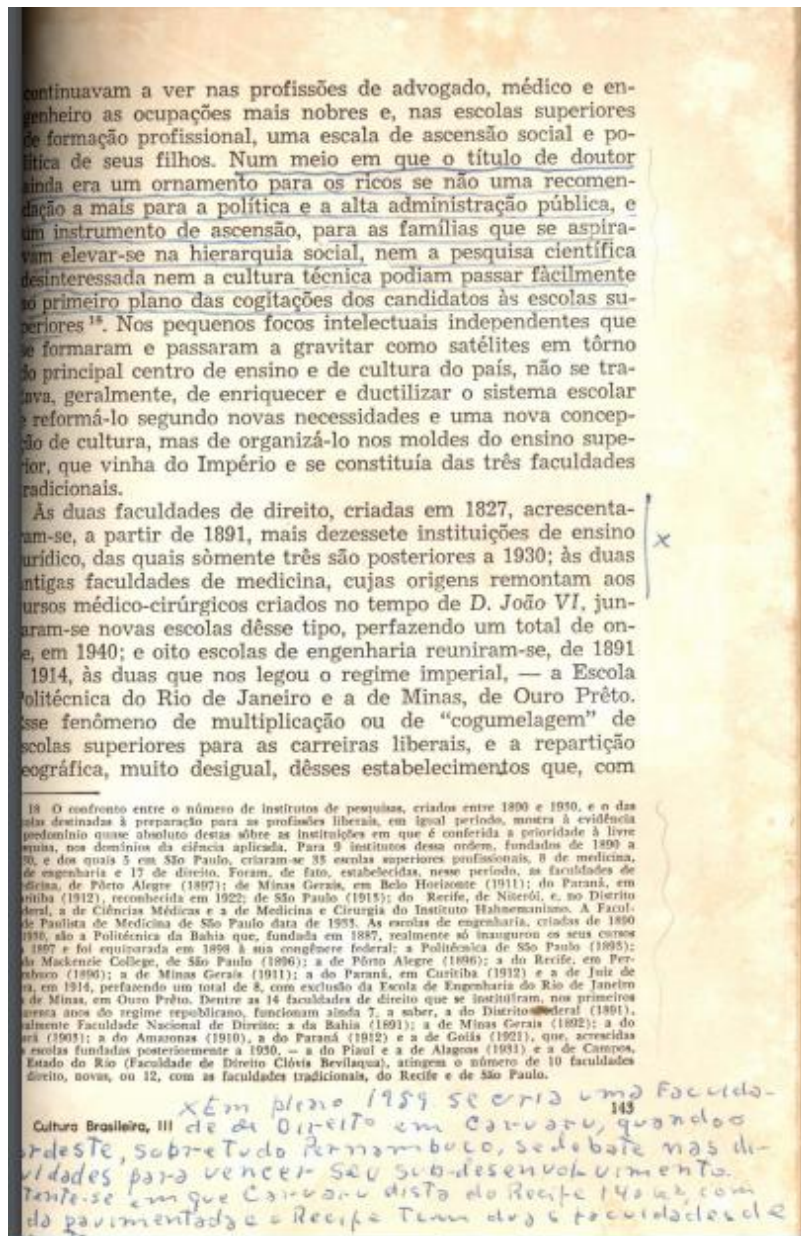


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

Transcrição Figura 30: [Grifo do PF] “Mas, neste parecer que, do ponto de vista da forma e

da erudição, é realmente uma obra prima, como o do ano seguinte, relativo ao ensino primário, o que se justifica não é um plano de reforma ajustado à realidade nacional, mas um plano ideal e teórico, em que se coordenam, por uma espécie de ecletismo, elementos e instituições discordantes, inspirados nos meios sociais mais diversos, como a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Impelido, sem dúvida, por um” [Fim do grifo do PF] | Alienação cultural - falta de organicidade.

**Figura 31 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 15 (Fernando Azevedo)**



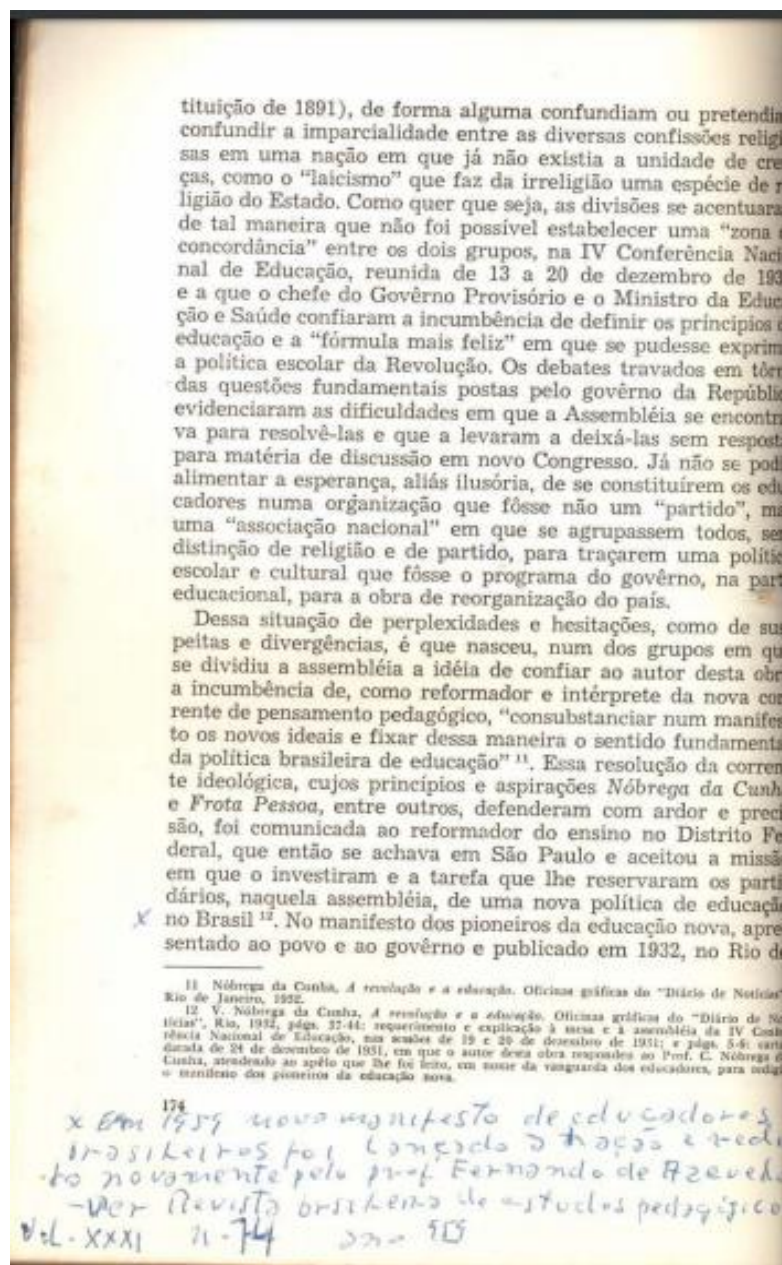
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 31:** [Grifo do PF] “Num meio em que o título de doutor ainda era um ornamento para os ricos se não uma recomendação a mais para a política e a alta administração



pública, e um instrumento de ascensão, para as famílias que se aspiravam elevar-se na hierarquia social, nem a pesquisa científica desinteressada nem a cultura técnica podiam passar facilmente ao primeiro plano das cogitações dos candidatos às escolas superiores” [Fim do grifo do PF] | Em pleno 1959 se cria uma faculdade de Direito em Caruaru, quando o Nordeste, sobretudo Pernambuco, se debate nas dificuldades para vencer seu subdesenvolvimento. Atente-se em que Caruaru dista de Recife 140km com estrada pavimentada e o Recife tem duas faculdades de Direito...

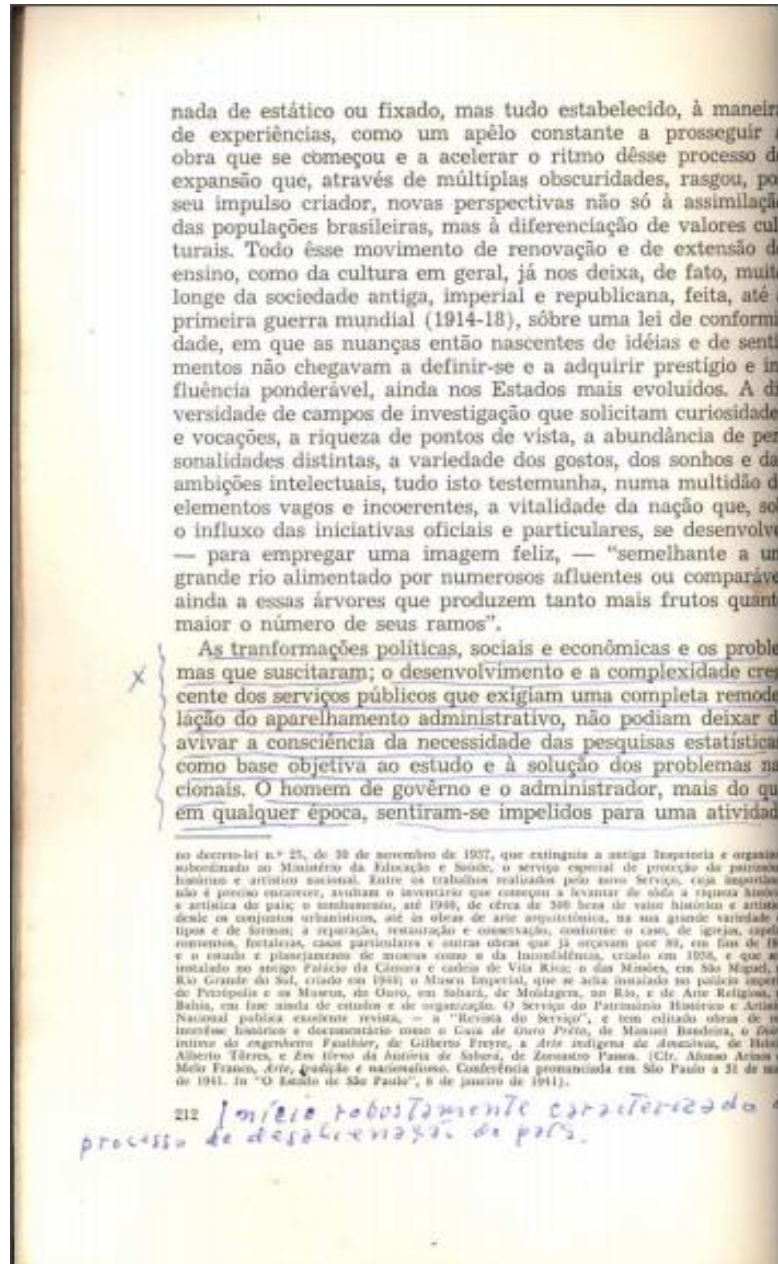
**Figura 32 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 16 (Fernando Azevedo)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 32:** Em 1959 novo manifesto de educadores brasileiros foi lançado [ilegível] e redigido novamente pelo Professor Fernando de Azevedo - ver revista brasileira de estudos pedagógicos – Vol. XXXI - N. 74 - ano 1959.

**Figura 33 – Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 17 (Fernando Azevedo)**

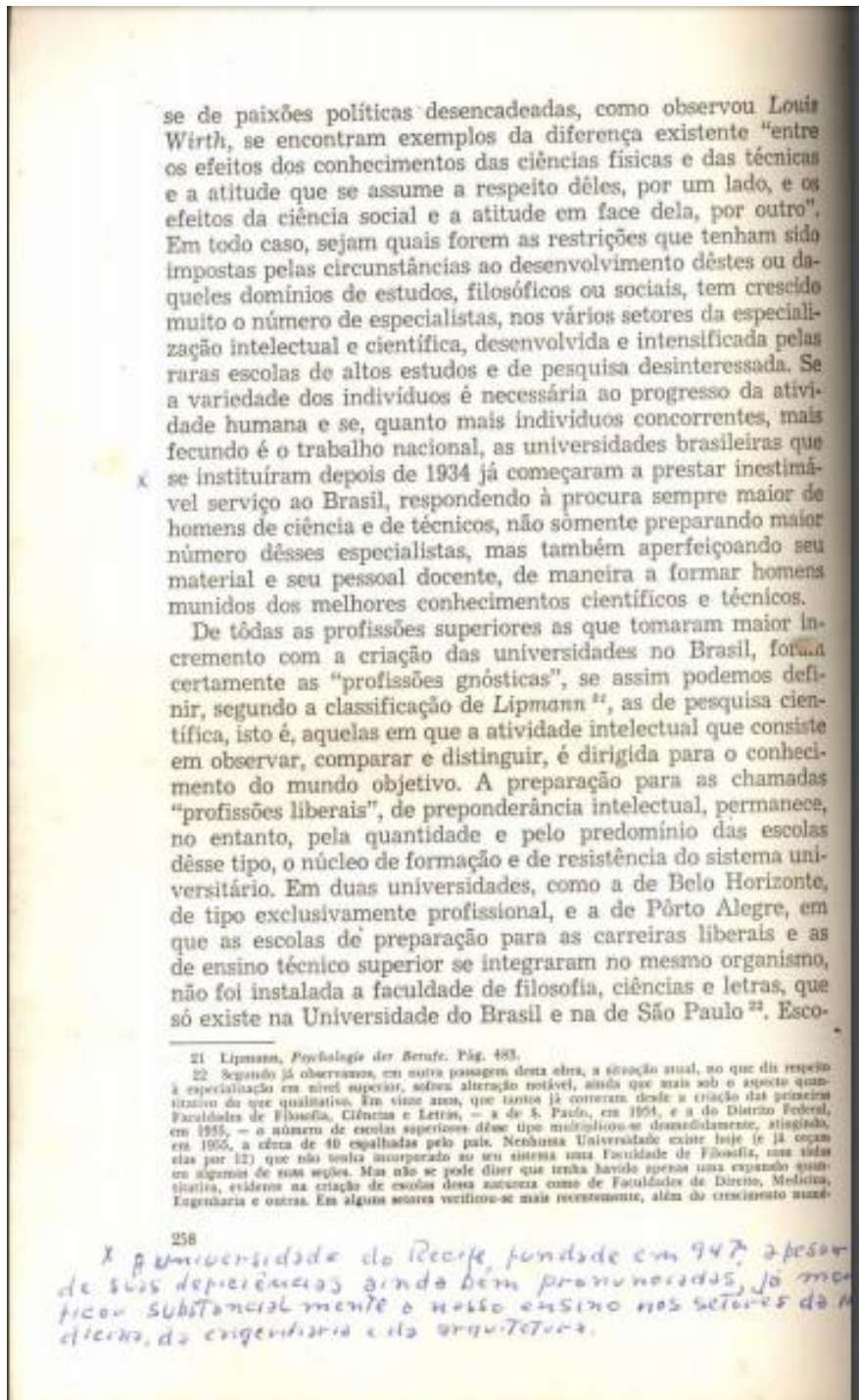


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 33:** [Grifo do PF] “As transformações políticas, sociais e econômicas e os problemas que suscitaram; o desenvolvimento e a complexidade crescente dos serviços públicos que exigiam uma completa remodelação do aparelhamento administrativo, não podiam deixar de avivar a consciência da necessidade das pesquisas estatísticas como base objetiva ao

estudo à solução dos problemas nacionais. O homem do governo e o administrador, mais do que em qualquer época, sentiram-se impelidos para uma atividade [continua na próxima página]” [Fim do grifo do PF] | Início robustamente caracterizado do processo de desalienação do país.

**Figura 34. Anotações em A cultura brasileira - tomo 3 - parte 18 (Fernando Azevedo)**

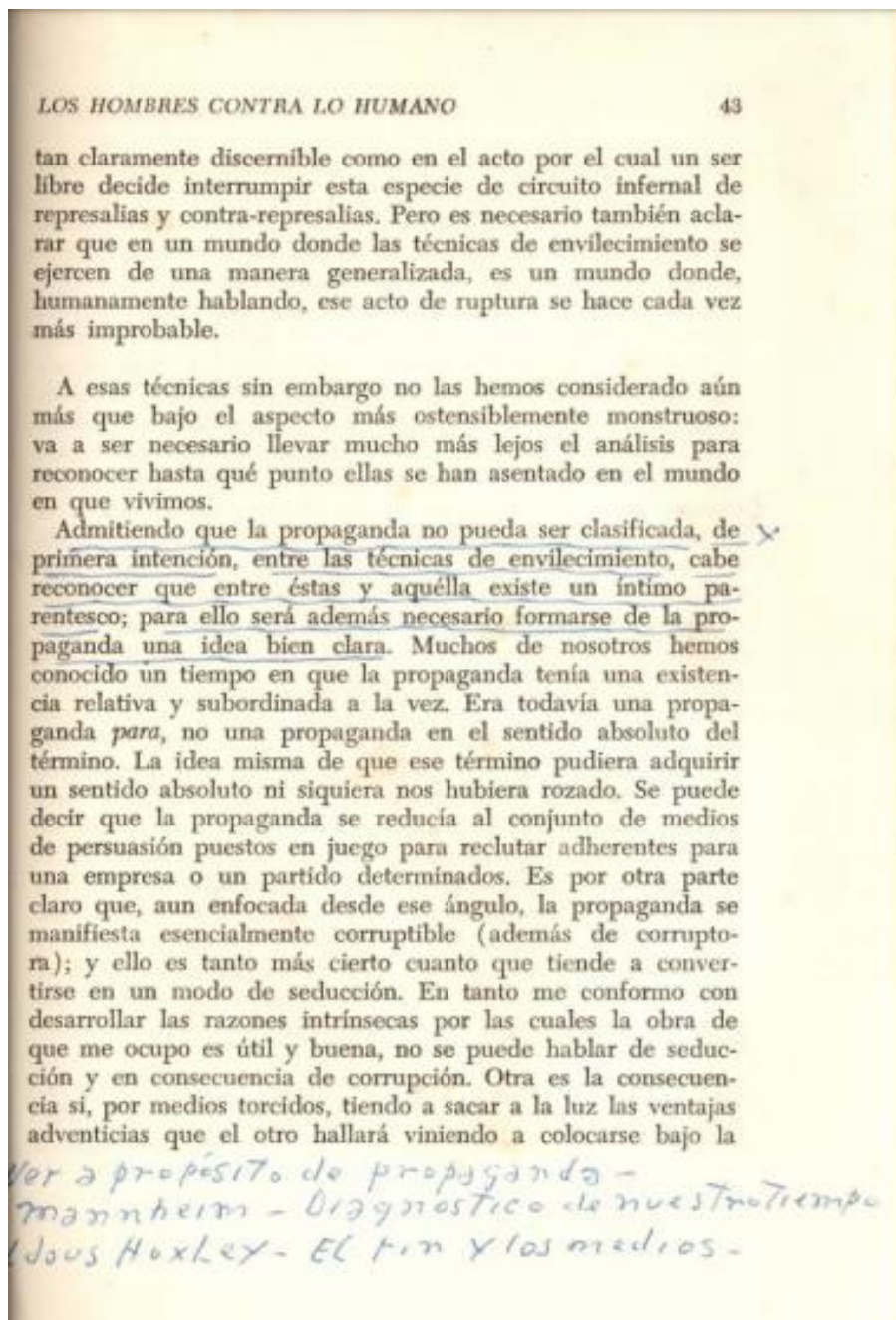


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)



**Transcrição Figura 34:** A Universidade do Recife, fundada em 1947, apesar de suas deficiências ainda bem pronunciadas, já modificou substancialmente o nosso ensino nos setores da Medicina, da Engenharia e da Arquitetura.

**Figura 35 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* – parte 1 (Gabriel Marcel)**

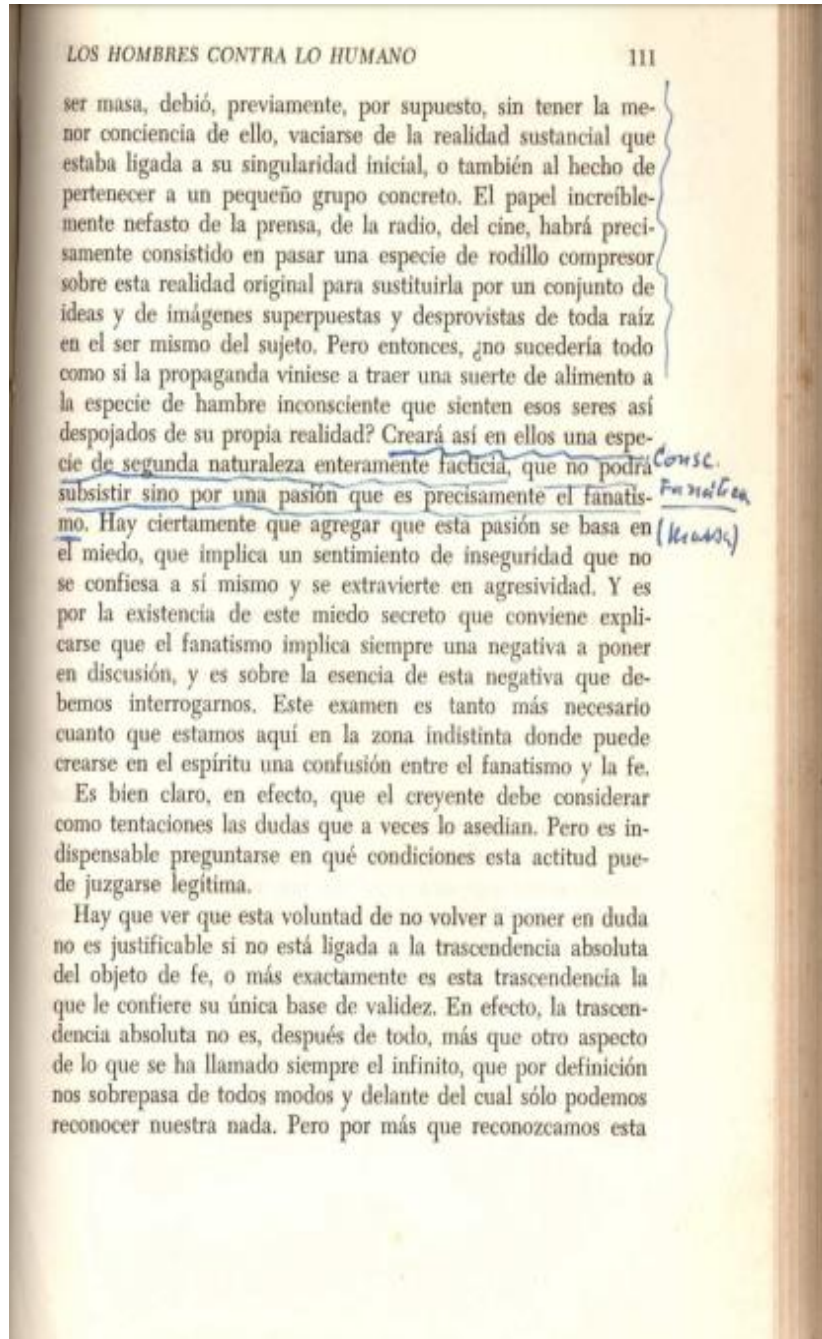


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 35:** [Grifo do PF] “Admitiendo que la propaganda no pueda ser clasificada, de primera intención, entre las técnicas de envilecimiento, cabe reconocer que entre éstas y aquélla existe un íntimo parentesco; para ello será además necesario formarse de la

propaganda una idea bien clara.” [Fim do grifo do PF]. | Ver a propósito da propaganda - Mannheim -Diagnostico de nuestro tiempo - Aldous Huxley - El fin y los medios -.

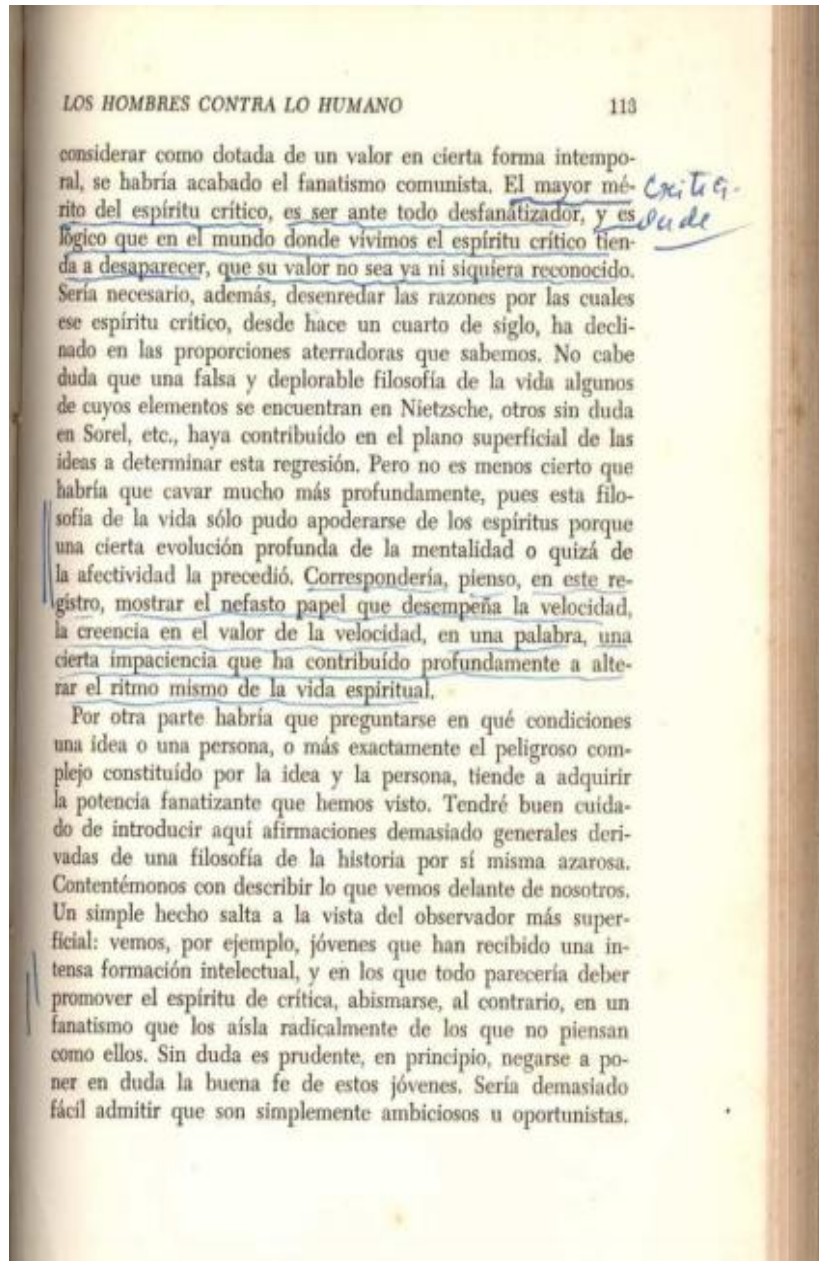
**Figura 36 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 2 (Gabriel Marcel)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 36:** [Grifo do PF] “Crearé así en ellos una especie de segunda naturaleza enteramente facticia, que podrá subsistir sino por una pasión que es precisamente el fanatismo” [Fim do grifo do PF] | Consciência fanática (massa).

Figura 37 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 3 (Gabriel Marcel)

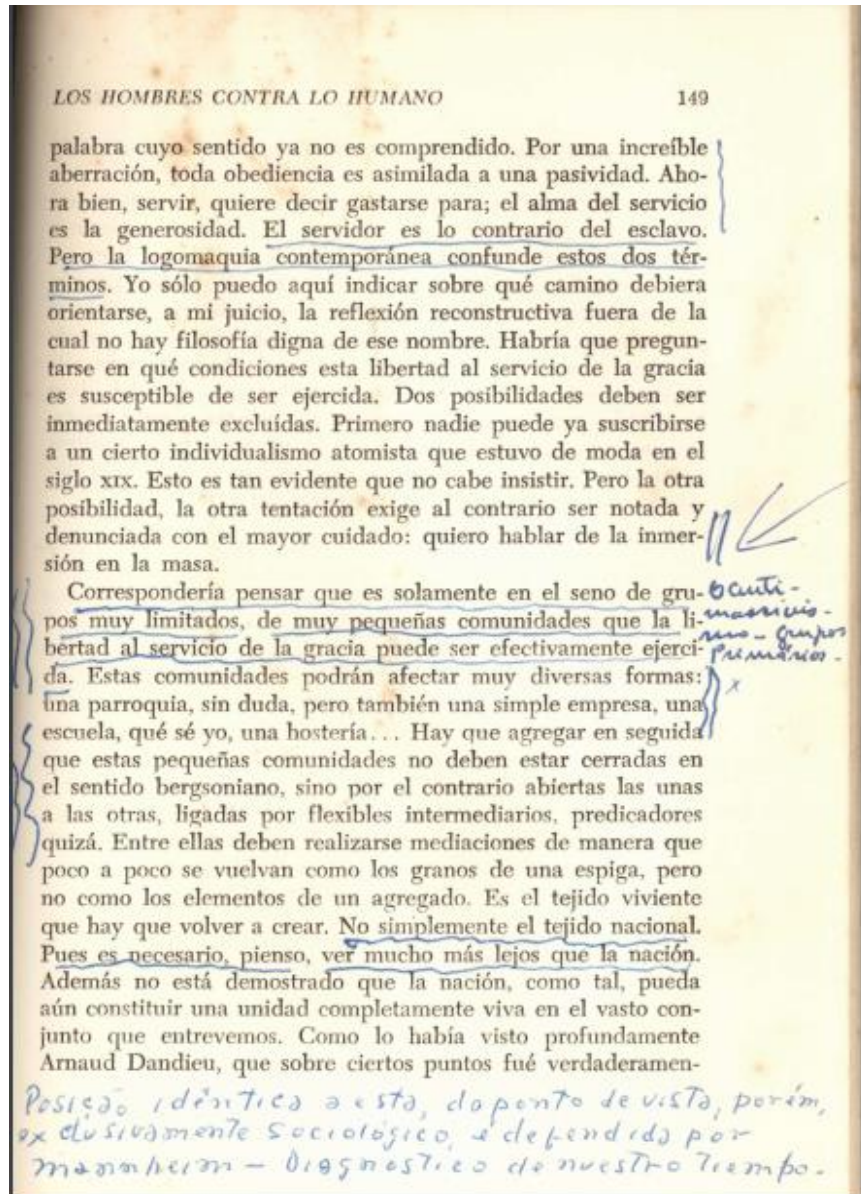


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 37:** [Grifo do PF] “El mayor mérito del espíritu crítico, es ser ante todo desfanatizador, y es lógico que en el mundo donde vivimos el espíritu crítico tiende a desaparecer, que su valor no sea ya ni siquiera reconocido” [Fim do grifo do PF] | Críticidade | [Grifo do PF] “Correspondería, pienso, en este registro, mostrar el nefasto papel que desempeña la velocidad, la creencia, en el valor de la velocidad, en una palabra, una cierta impaciencia que ha contribuido profundamente a alterar el ritmo mismo de la vida espiritual”. [Fim do grifo do PF]



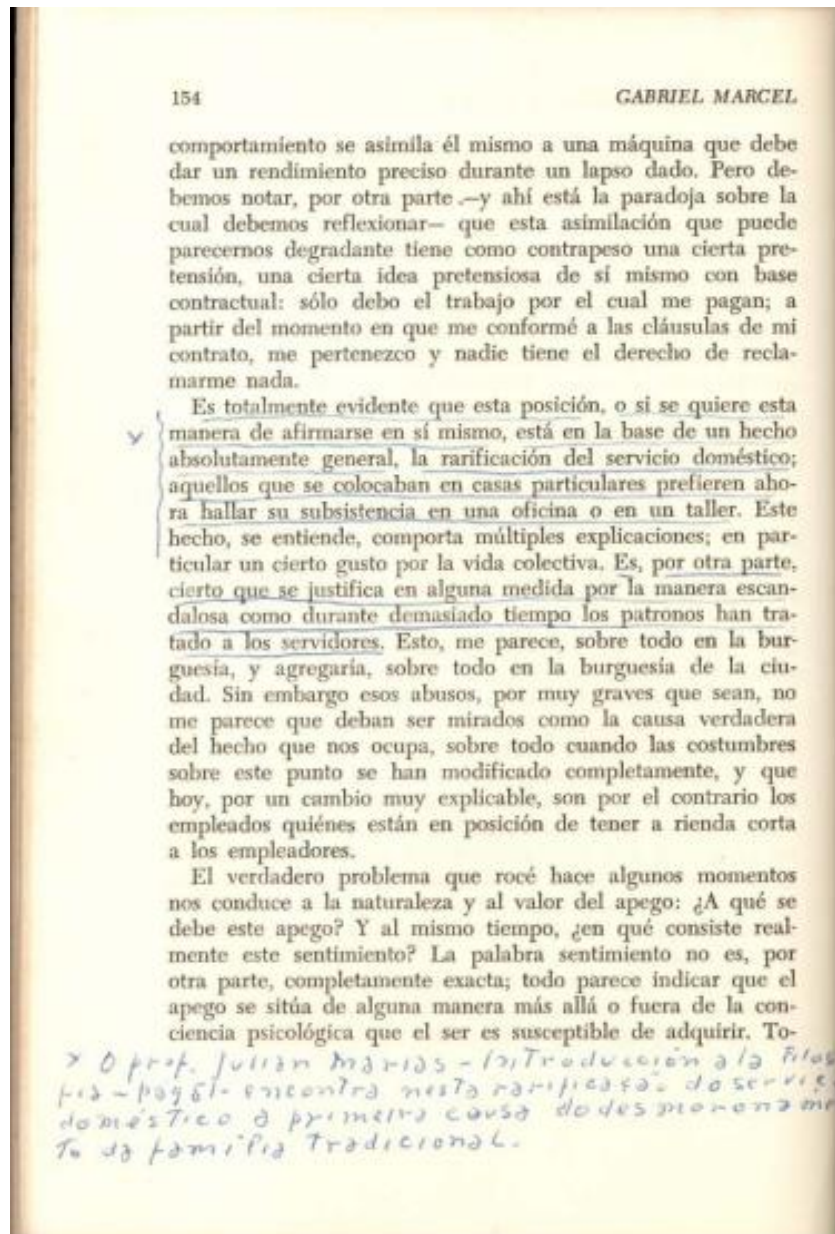
Figura 38 –Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 4 (Gabriel Marcel)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 38:** [Grifo do PF] “El servidor es lo contrario del esclavo. Pero la logomaquia contemporánea confunde estos dos términos” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Correspondería pensar que es solamente en el seno de grupos muy limitados, de muy pequeñas comunidades que la libertad al servicio de la gracia puede ser efectivamente ejercida.” [Fim do grifo do PF] | O criti-massivismo - grupos primários | [Grifo do PF] “no simplemente el tejido nacional. Pues es necesario, pienso, ver mucho más lejos que la nación”. [Fim do grifo do PF] | Posição idêntica a esta, do ponto de vista, porém, exclusivamente sociológico, é defendida por Mannheim - Diagnostico de nuestro tiempo.

Figura 39 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 5 (Gabriel Marcel)

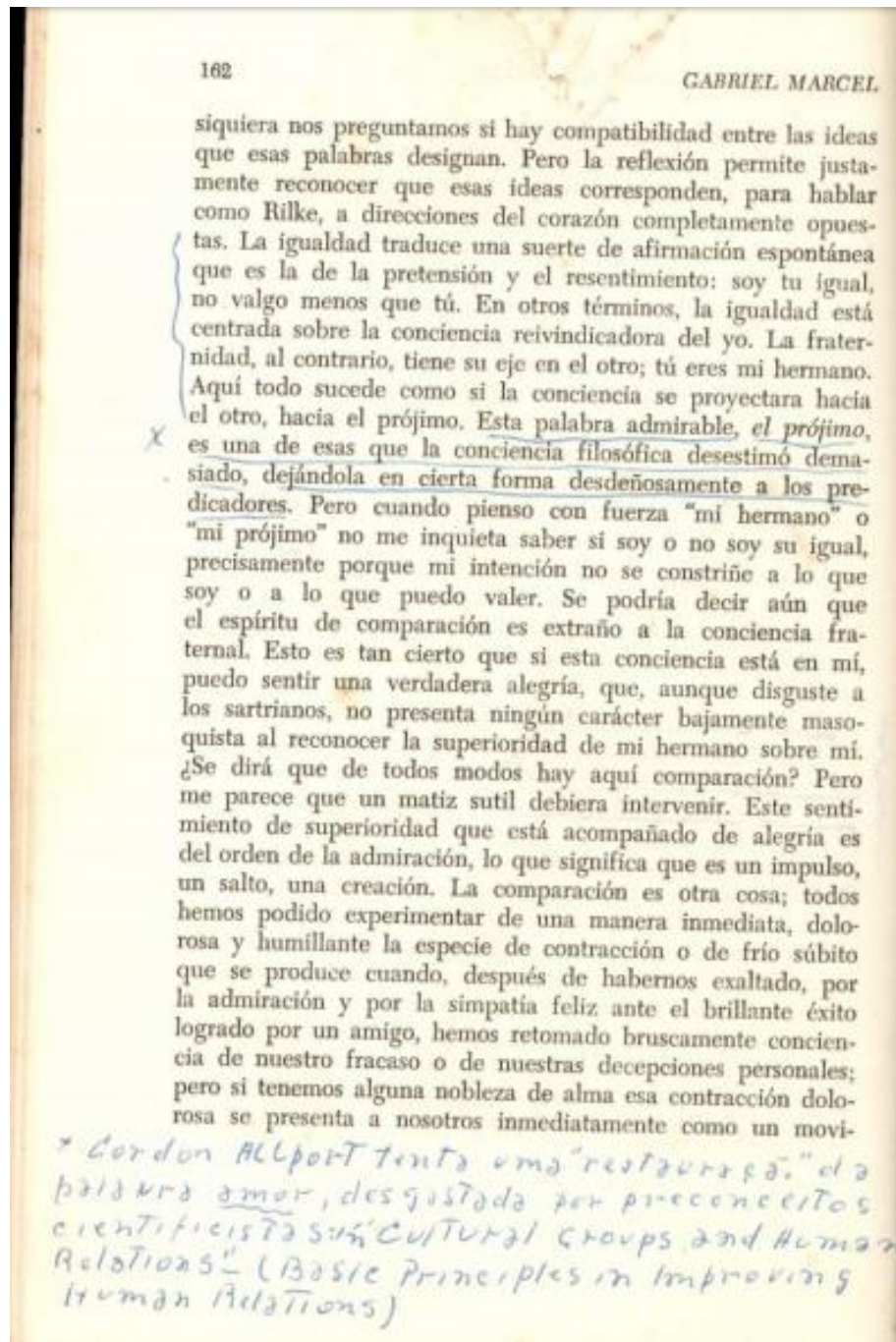


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 39:** [Grifo do PF] “Es totalmente evidente que esta posición, o si se quiere esta manera de afirmarse a sí mismo, está en la base de un hecho absolutamente general, la rarificación del servicio doméstico: aquellos que se colocaban en casas particulares prefieren ahora hallar su subsistencia en una oficina o en un taller” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] Es, por otra parte, cierto que se justifica en alguna medida por la manera escandalosa como durante demasiado tiempo los patronos han tratado a los servidores”. [Fim do grifo do PF] | O professor Julian Marias - Introducción a la filosofía - página 51 - encontra nesta rarificação do serviço doméstico a primeira causa do desmoroamento da família tradicional.



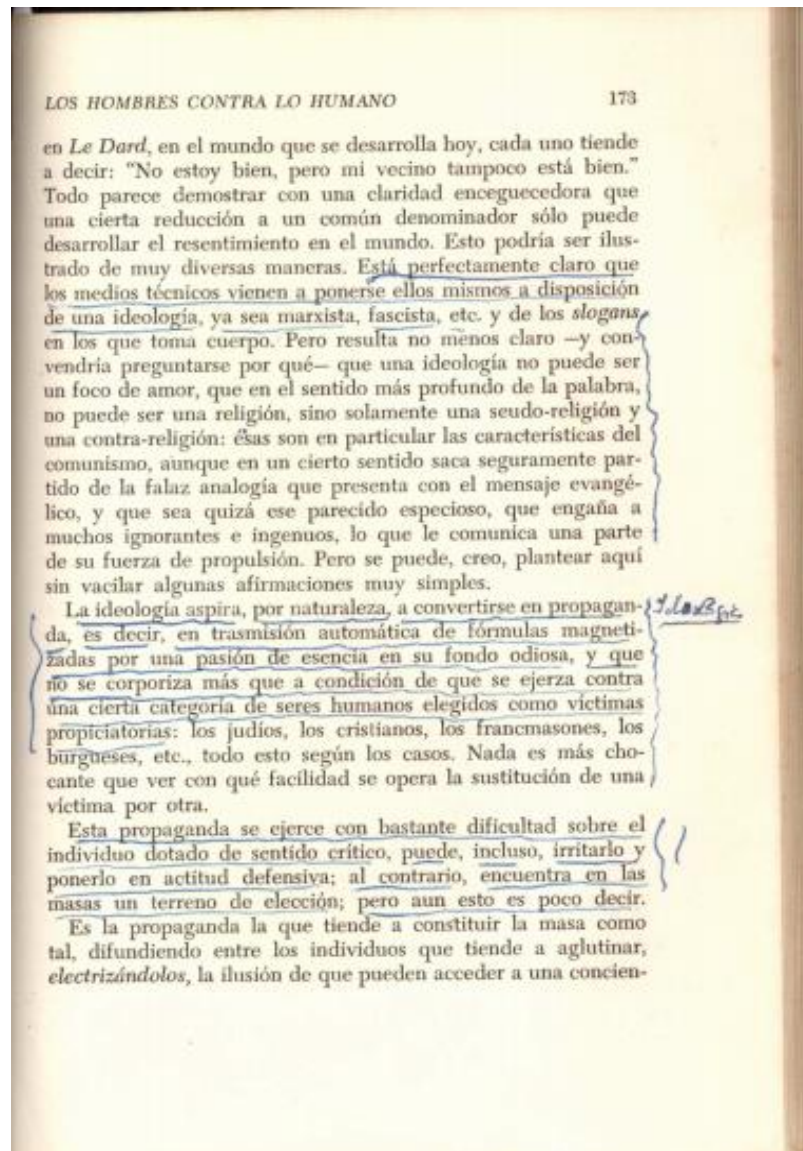
Figura 40 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 6 (Gabriel Marcel)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 40:** [Grifo do PF] “Esta palavra admirable, *el prójimo*, es una de esas que la conciencia filosófica desestimó demasiado, dejándola en cierta forma desdeñosamente a los predicadores” [Fim do grifo do PF] | Gordon Allport tenta uma “restauração” da palavra amor, desgastada por preconceitos cientificista: in “Cultural groups and human relations” - (basic principles in improving human relations).

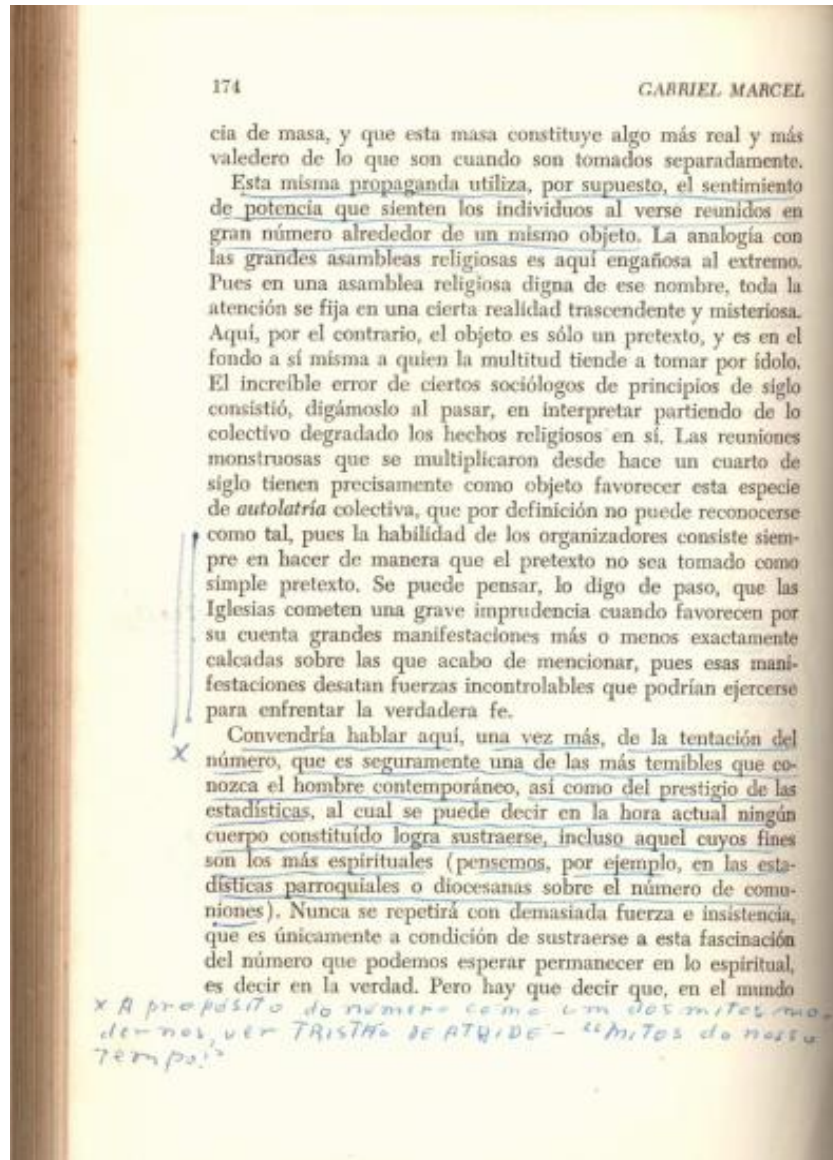
Figura 41 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 7 (Gabriel Marcel)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 41:** [Grifo do PF] “Está perfectamente claro que los medios técnicos vienen a ponerse ellos mismos a disposición de una ideología, ya sea marxista, fascista, etc.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “La ideología aspira, por naturaleza, a convertirse en propaganda, es decir, en transmisión automática de fórmulas magnetizadas por un pasión de esencia en su fondo odiosa, y que no se corporiza más que a condición de que se ejerza contra una cierta categoría de seres humanos elegidos como víctimas propiciatorias” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Esta propaganda se ejerce con bastante dificultad sobre el individuo en actitud defensiva: al contrario, encuentra en las masas un terreno de elección; pero aun esto es poco decir.”[Fim do grifo do PF].

Figura 42 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 8 (Gabriel Marcel)

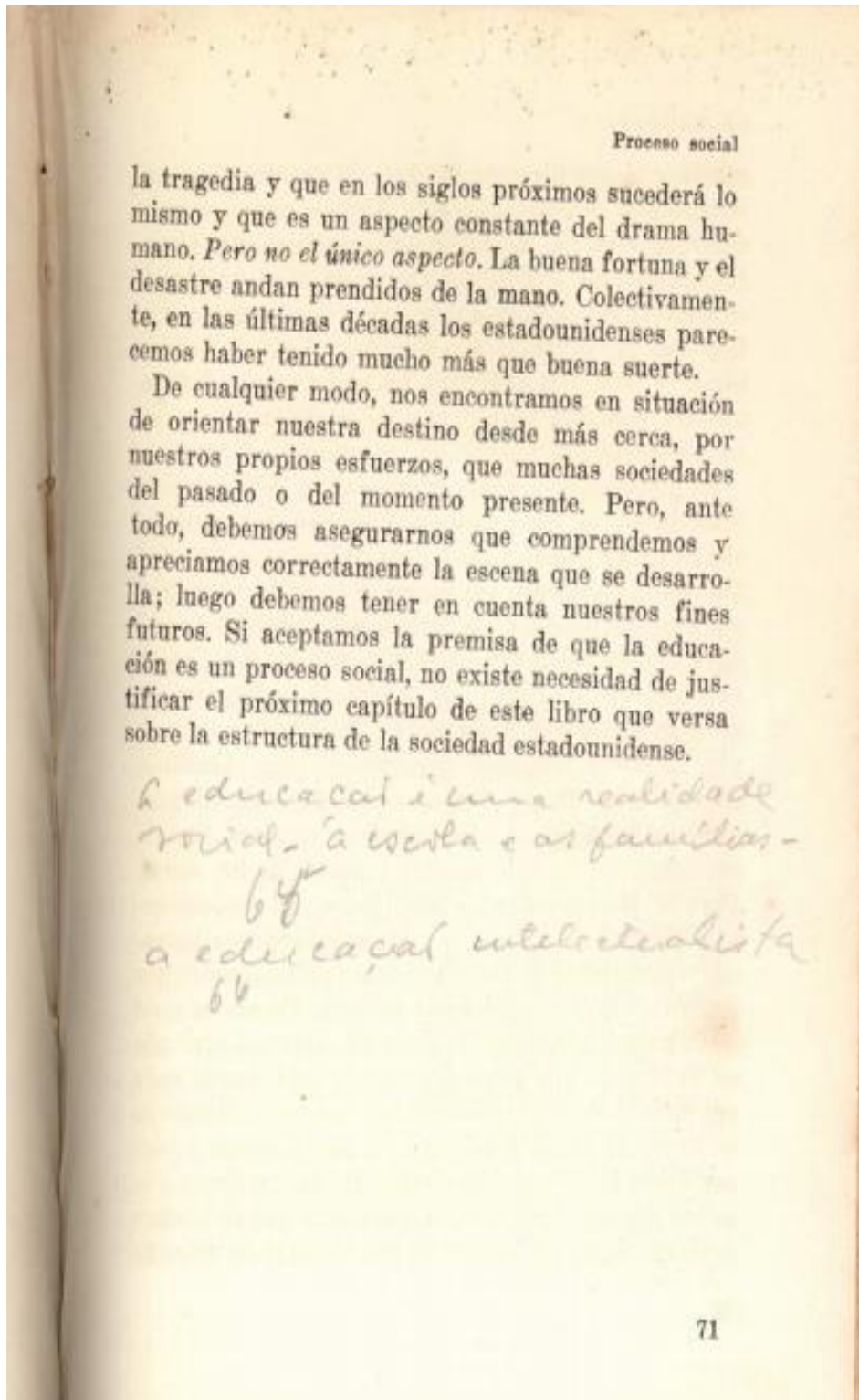


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 42:** [Grifo do PF] “Esta misma propaganda, por supuesto, el supuesto sentimiento de potencia que sienten los individuos al verse reunidos en gran número alrededor de un mismo objeto.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Convendría hablar aquí, una vez más, de la tentación del número, que es seguramente una de las más temibles que conozca el hombre contemporáneo, así como del prestigio de las estadísticas, al cual se puede decir en la hora actual ningún cuerpo constituido logra sustraerse, incluso aquel cuyos fines son los más espirituales (pensemos, por ejemplo, en las estadísticas parroquiales o diocesanas sobre el número de comuniones). [Fim do grifo do PF] | A propósito do número como um dos mitos modernos ver Tristão de Ataíde - “Mitos de nosso tempo”.



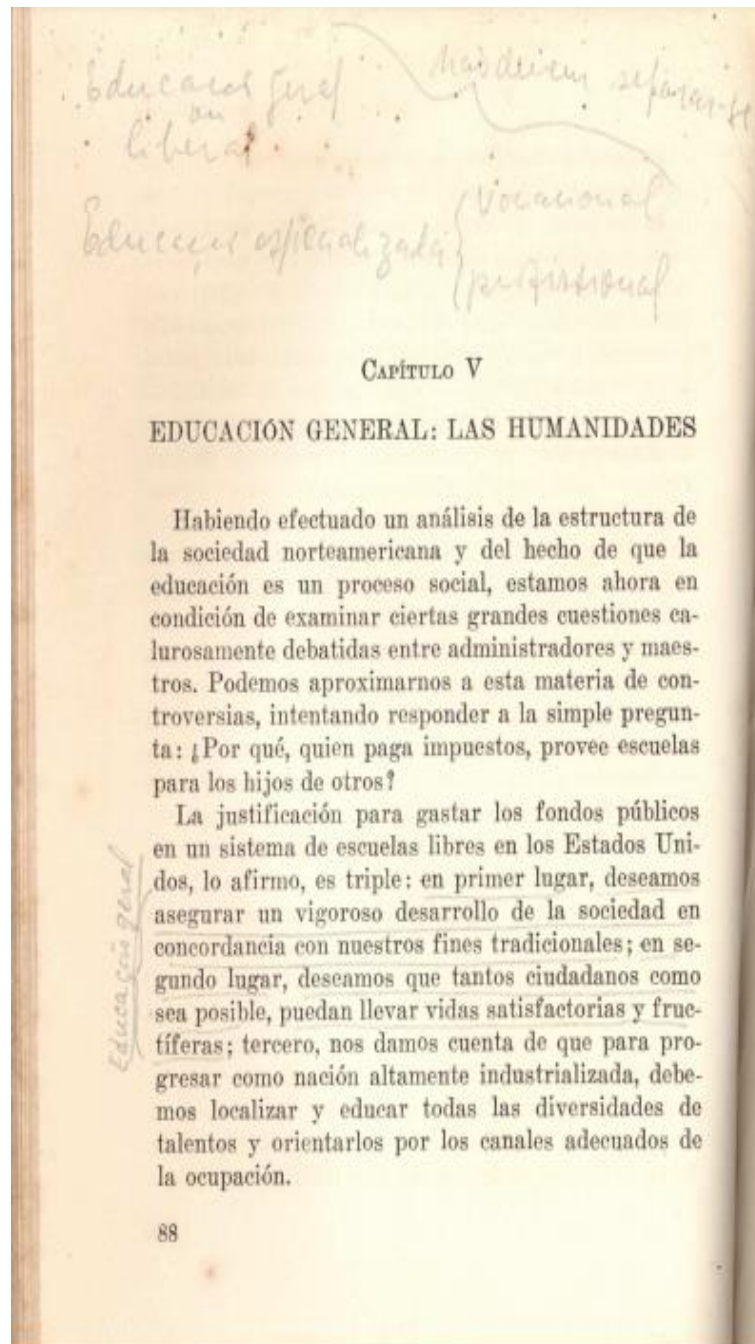
Figura 43 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 1 (James Conant)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 43:** A educação é uma realidade social - as escolas e as famílias - 65 | A educação intelectualista - 66.

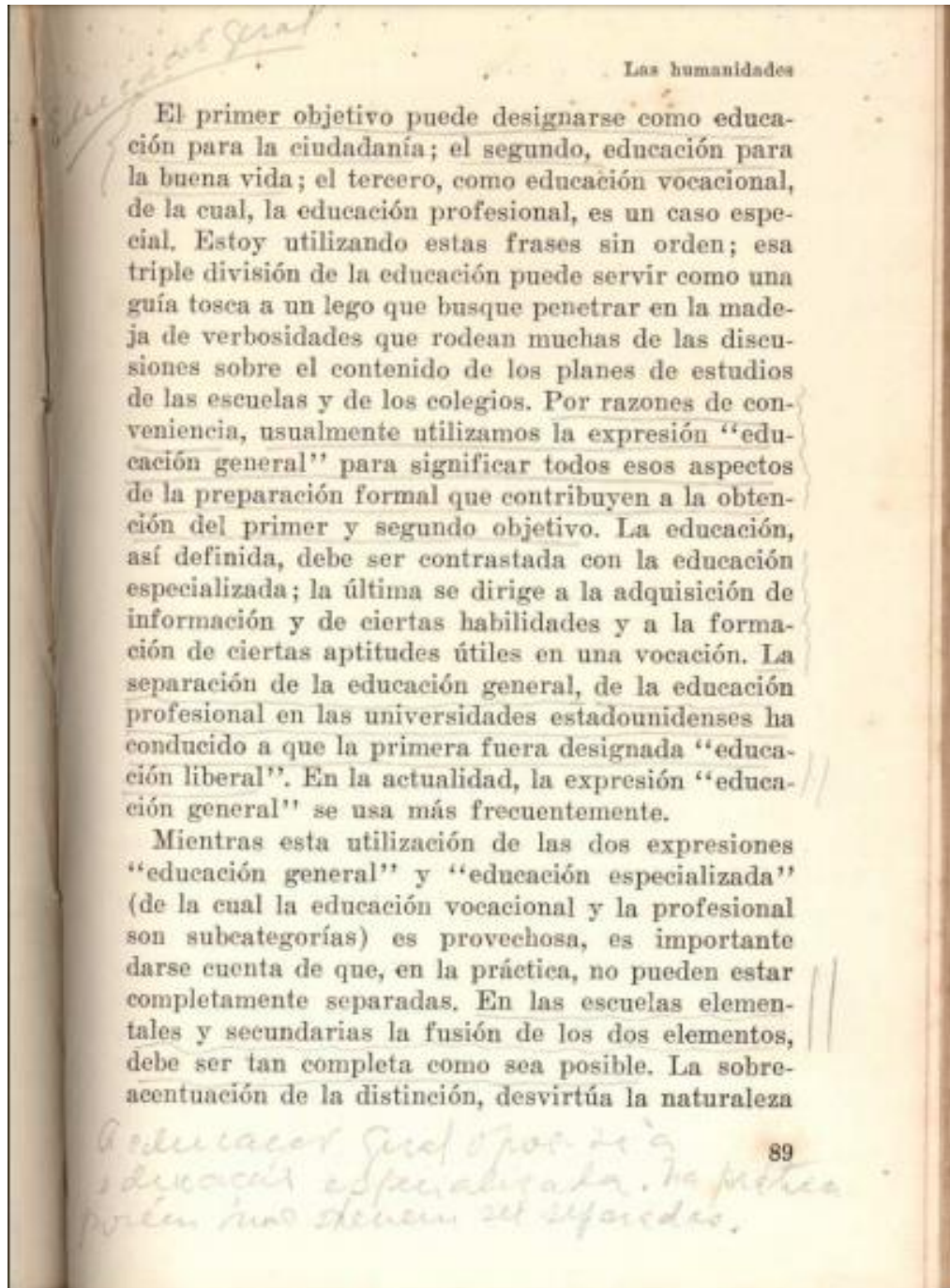
Figura 44 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 2 (James Conant)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 44:** Educação geral ou liberal | Educação especializada: vocacional - profissional | Educação geral e educação especializada não devem separar-se. | [Grifo do PF]  
 “En primer lugar, deseamos asegurar un vigoroso desarrollo de la sociedad en segundo lugar, deseamos que tantos ciudadanos como sea posible, puedan llevar vidas satisfactorias y fructíferas.” [Fim do grifo do PF] | Educação Geral.

Figura 45 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 3 (James Conant)



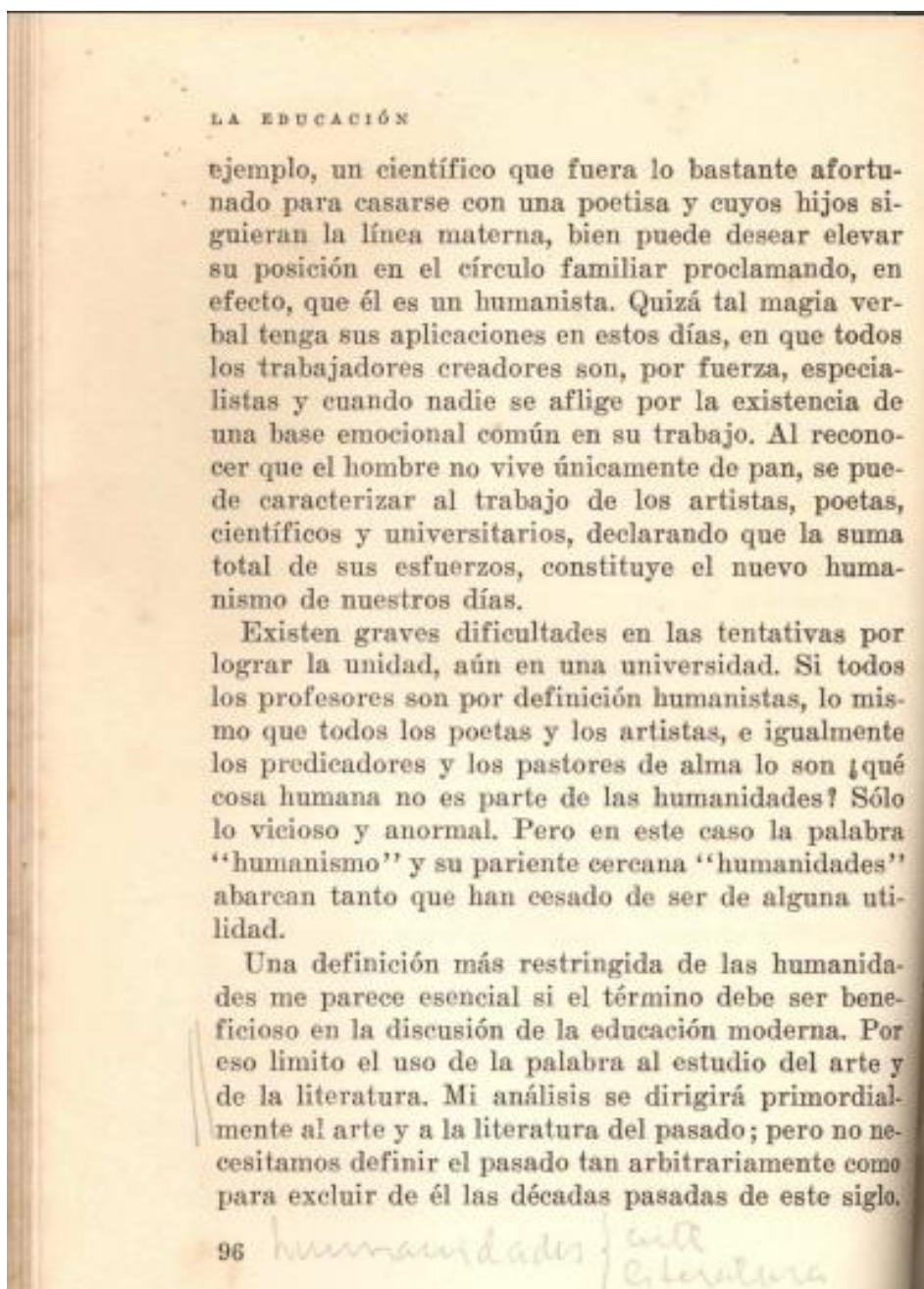
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 45:** Educação geral. | [Grifo do PF] “El primer objetivo puede designarse como educación para la ciudadanía; el segundo, educación para la buena vida”. [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Por razones de conveniencia, usualmente utilizamos la expresión: “educación general” para significar todos esos aspectos de la preparación formal que contribuyen a la obtención del primer y segundo objetivo.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “La separación de la educación general, de la educación profesional en la universidades



estadounidenses ha conducido a que la primera fora designada “educación liberal” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “En las escuelas elementales y secundarias la fusión de los dos elementos, debe ser tan completa como sea posible.” [Fim do grifo do PF] | A educação geral opõe-se a educação especializada, na prática porém não devem ser separadas.

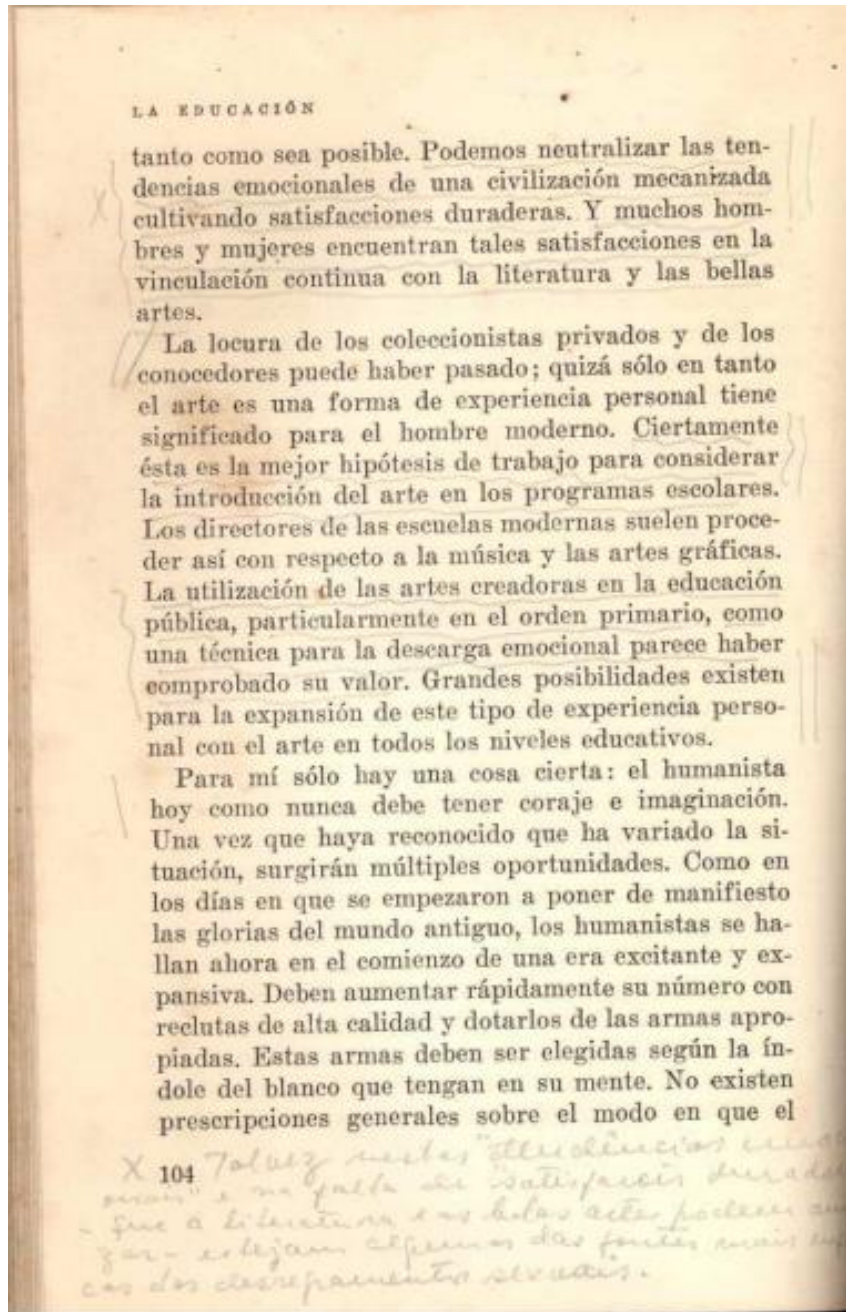
**Figura 46 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 4 (James Conant)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

Transcrição Figura 46: Humanidades: arte - literatura.

Figura 47 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 5 (James Conant)

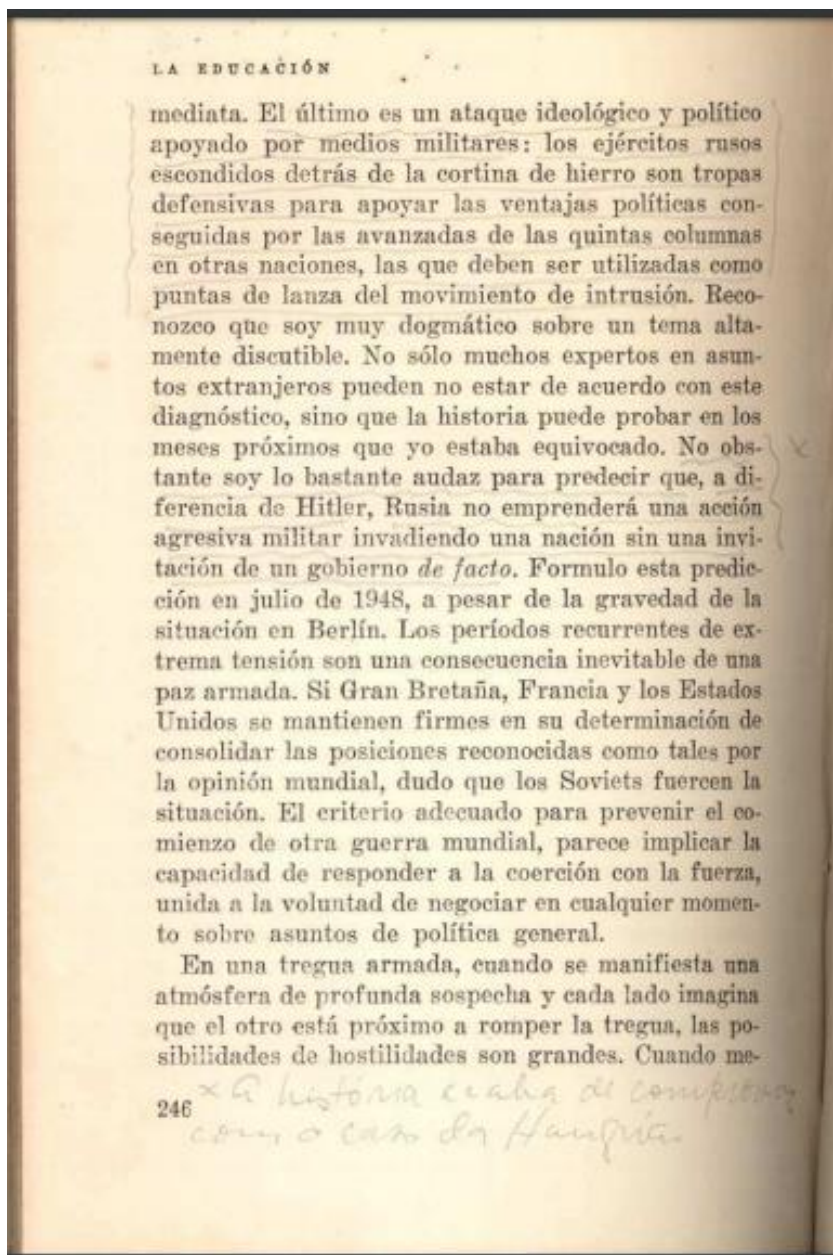


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 47:** [Grifo do PF] “Podemos neutralizar las tendencias emocionales de una civilización mecanizada cultivando satisfacciones duraderas. Y muchos hombres y mujeres encuentran tales satisfacciones en la vinculación continua con la literatura y las bellas artes.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Ciertamente ésta es la mejor hipótesis de trabajo para considerar la introducción del arte en los programas escolares.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “La utilización de las artes creadoras en la educación pública, particularmente en el orden primario, como una técnica para la descarga emocional parece haber comprobado su

valor.” [Fim do grifo do PF] | Talvez nestas “tendências emocionais” e na falta de “satisfações duradouras” que a literatura e as belas artes podem amenizar - estejam algumas das fontes mais [ilegível] dos desregramentos sexuais.

**Figura 48 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 6 (James Conant)**



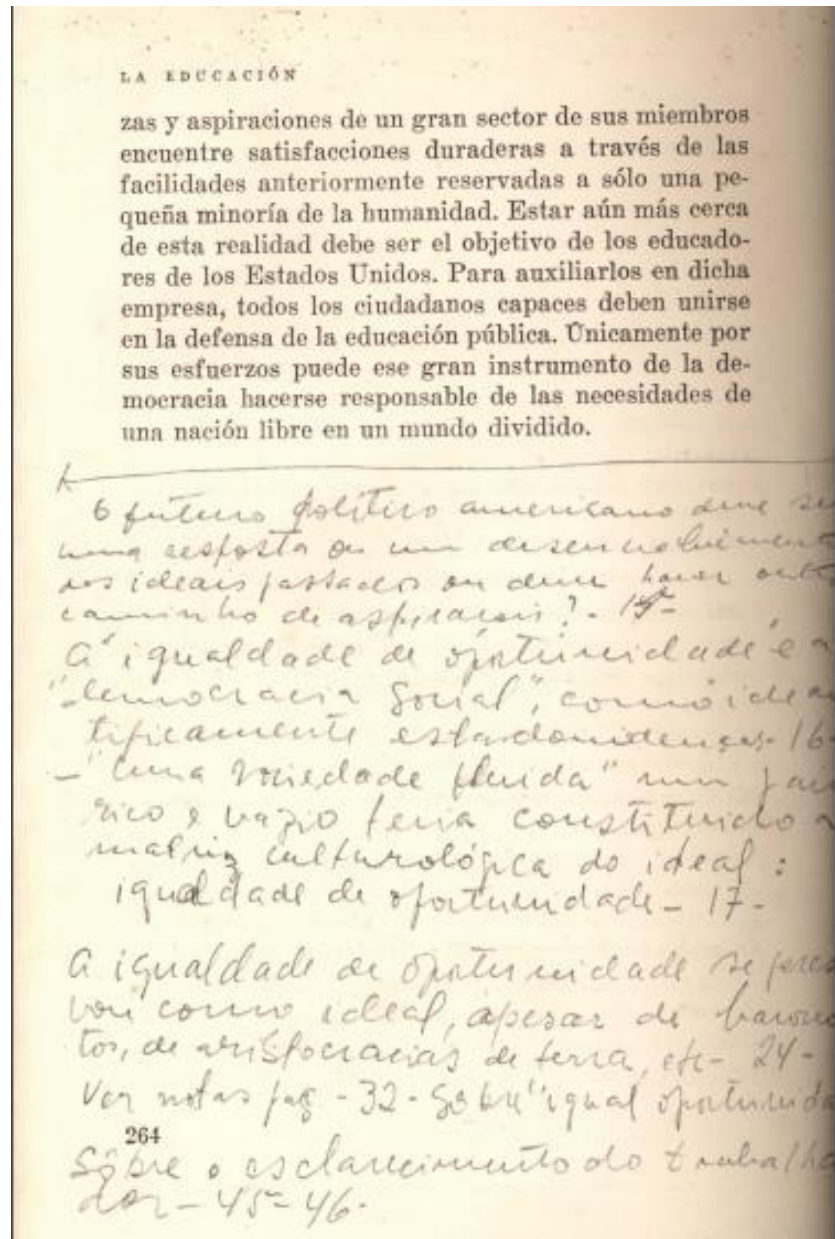
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 48:** [Grifo do PF] “El último ataque ideológico y político apoyado por medios militares: los ejércitos rusos escondidos detrás de la cortina de hierro son tropas defensivas para apoyar las ventajas políticas conseguidas por las avanzadas de las quintas columnas en otras naciones, las que deben ser utilizadas como puntas de lanza del movimiento



de intrusão.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “No obstante soy lo bastante audaz para predecir que, a diferencia de Hitler, Rusia no emprenderá una acción agresiva militar invadiendo una nación sin una invitación de un gobierno de facto.” [Fim do grifo do PF] | A história acaba de comprovar com o caso da Húngria.

**Figura 49 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 7 (James Conant)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 49:** O futuro político americano deve ser uma resposta a um desenvolvimento dos ideais passados ou deve haver outro caminho de aspirações? - 15 | A igualdade de oportunidade e a “democracia social” como ideal tipicamente estadunidenses - 16 | “uma sociedade fluida” em país rico e vazio teria constituído a matriz culturalógica do ideal:

“igualdade de oportunidade” - 17 | A igualdade de oportunidade se prestou como ideal, apesar de [ilegível], de aristocracias de terras, etc. - 24 | Ver notas página 32 - sobre igual oportunidade sobre o esclarecimento do trabalhador - 45/46.

**Figura 50 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 8 (James Conant)**

Deberemos analizar nuestros problemas  
 mas no solamente como cuestiones eco-  
 nómicas, senão em termos de motivos  
 humanos, de ideais sociais e das  
 relações de tais ideais com uma  
 apresentação bem fundada do fu-  
 turo da nação” pp. 47.

A necessidade de se encararem  
 como áreas interdependentes:  
 a indústria e a educação - 49/50.

INDICE GENERAL

	Pág.
Prefacio .....	7
Capítulo	
I. La capacidad de Norteamérica para sobrevivir	13
II. El mundo dividido .....	33
III. La educación como proceso social .....	54
IV. La estructura de la sociedad estadounidense ..	72
V. Educación general: las humanidades .....	88
VI. Educación general: el estudio del hombre ..	113
VII. Educación general: las ciencias naturales ..	136
VIII. Educación para una carrera .....	154
IX. La universidad .....	176
X. Reduciendo las barreras económicas .....	206
XI. Algunos problemas de una paz armada .....	238

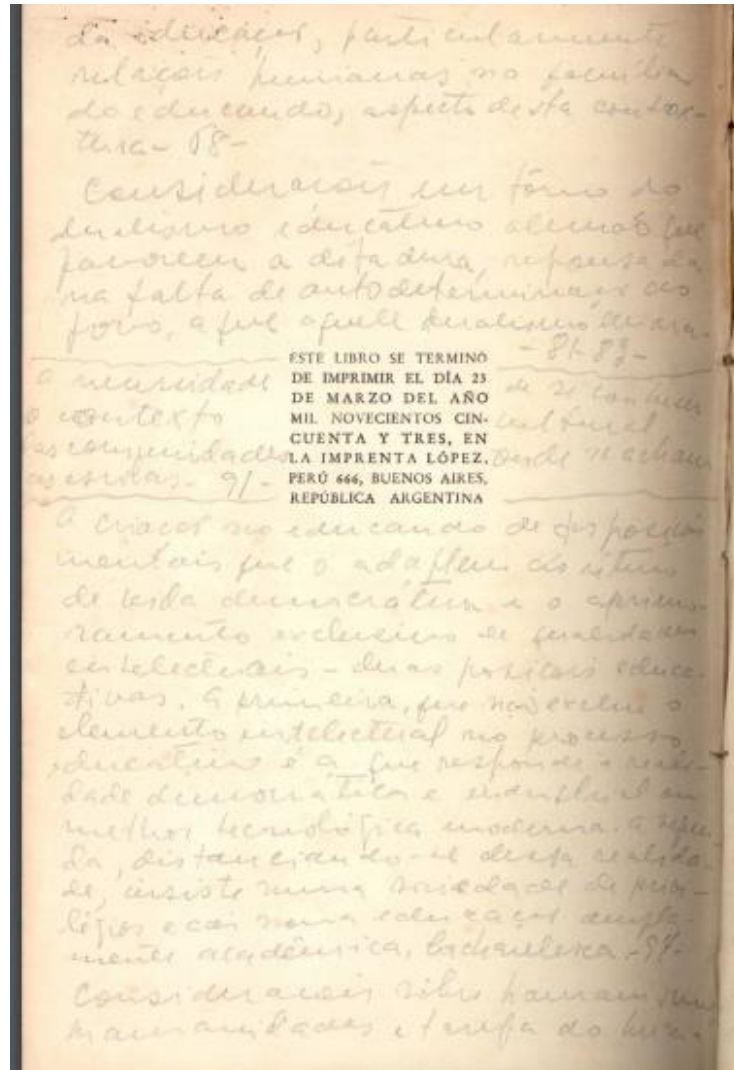
O background social do estudante e  
 plano de estudos adequados - 65  
 O autor descrê da aplicação da energia atômica  
 à indústria cujos resultados criação novas dimensões de vida hu-  
 mana e que vêm exigindo já  
 com relação ao que fazer do tempo 68  
 ênfase na cultura cultural

Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 50:** “Devemos analisar nossos problemas não somente como questões econômicas, senão em termos de motivos humanos, de ideais sociais e das relações de tais ideais com uma apresentação bem fundada do futuro da nação” página 47 | A necessidade de se encararem como áreas interdependentes: a indústria e a educação - 49/50 | O background social do estudante e plano de estudos adequados - 65 | O autor descrê da aplicação da energia atômica à indústria cujos resultados criação novas dimensões de vida [ilegível] e que vêm exigindo já

estudos em relação ao que fazer do tempo - 68 | Ênfase na contextura cultural [continua na próxima página].

**Figura 51 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 9 (James Conant)**

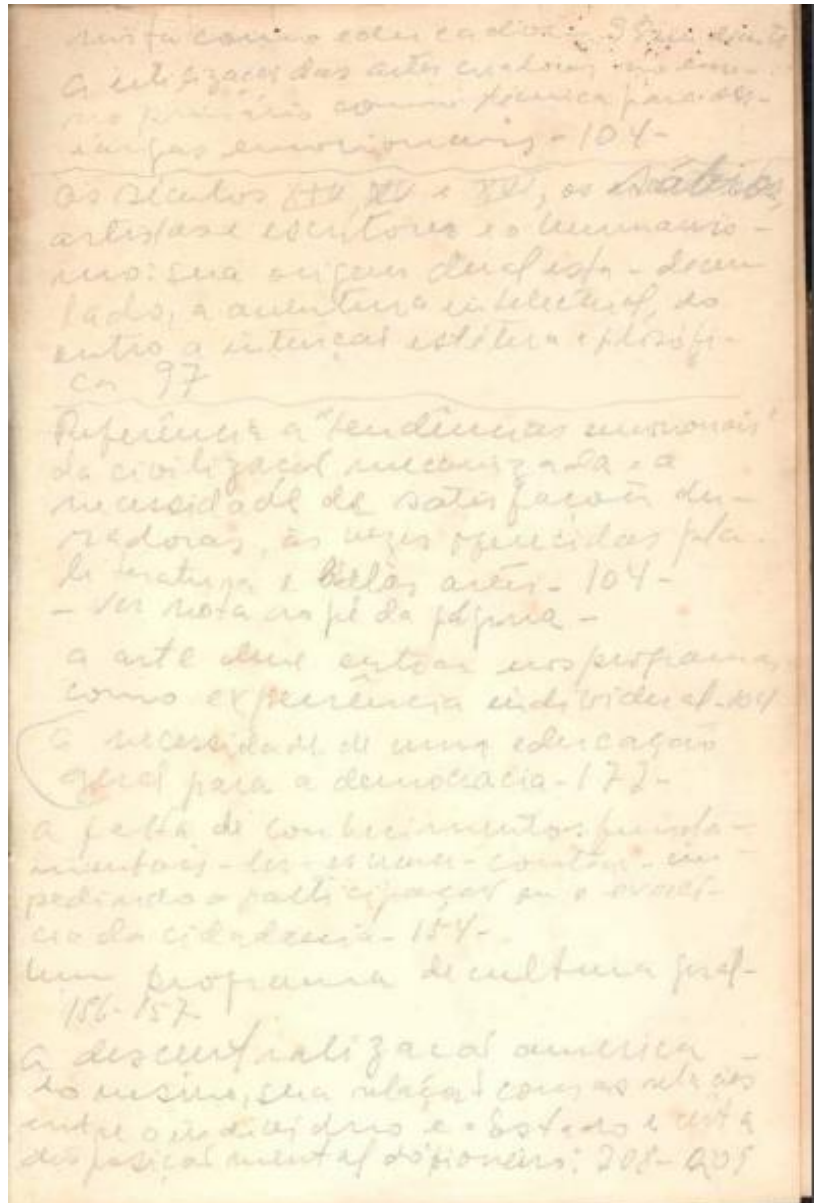


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 51:** ...da educação, particularmente relações humanas na família do educando, aspecto dessa contextura - 68 | Considerações em torno do dualismo educativo alemão que favoreceu a ditadura, repousa na falta de autodeterminação do povo, a que aquele dualismo levava - 81/82 | A necessidade de se conhecer o contexto cultural das comunidades onde se acham as escolas - 91 | A criação no educando de disposições mentais que o adaptem ao ritmo da vida democrática e o aprimoramento exclusivo de qualidades intelectuais - duas posições educativas. A primeira, que não exclui o elemento intelectual no processo educativo é a que responde a realidade democrática e industrial ou melhor tecnológica moderna. A segunda, distanciando-se dessa realidade, insiste numa sociedade de privilégios e com uma educação

duplamente acadêmica, bacharelesca - 94 | Considerações sobre humanismos, humanidades e tarefa do humanista [continua na próxima página].

**Figura 52 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 10 (James Conant)**



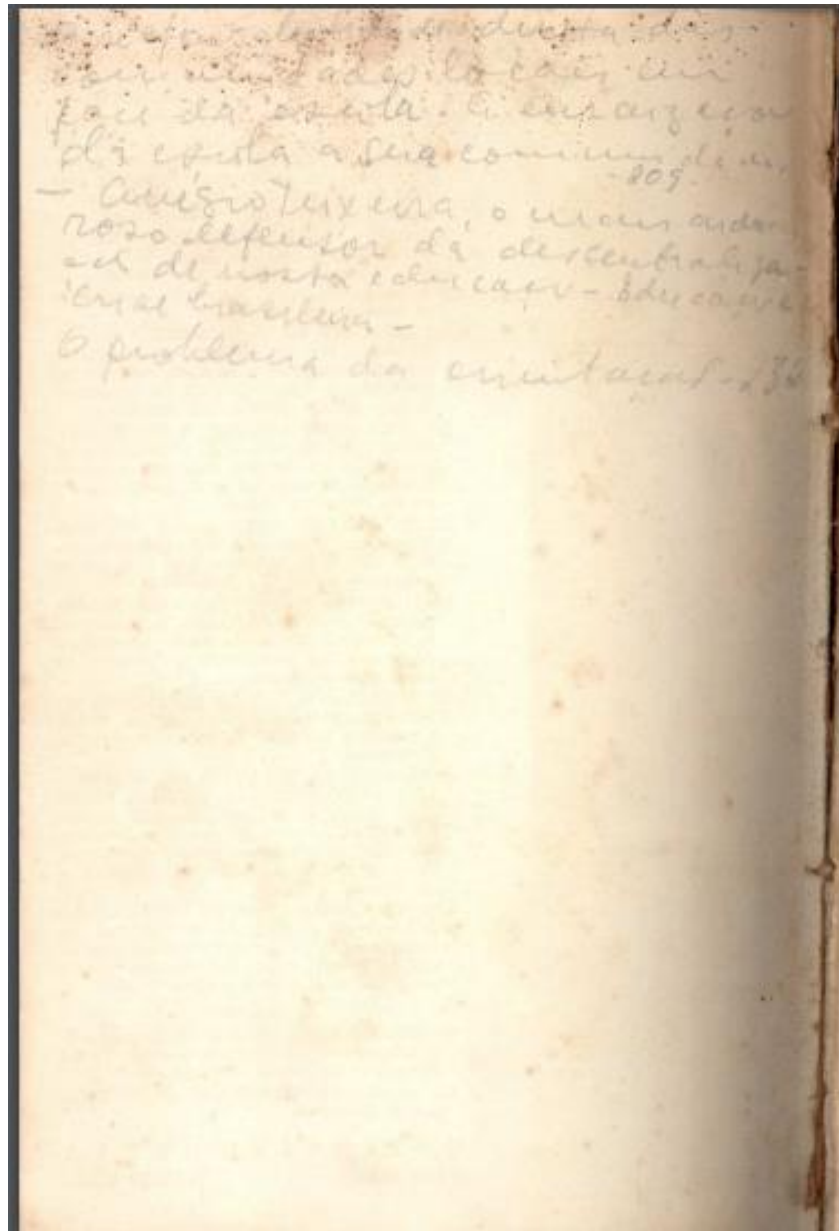
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 52:** ... como educador - 98 | Mediante a utilização das artes criadoras no ensino primário como técnica para descargas emocionais - 104 | O século XIV, XV e XVI, os sábios artistas escritores e o humanismo: sua origem dualista - de um lado a [ilegível] intelectual, de outro a intenção estética e filosófica - 97 | Referência a “tendências educacionais” da civilização mecanizada e a necessidade de satisfações duradouras, às vezes oferecidas pela



literatura e belas artes - 104 - ver nota ao pé da página | A necessidade de uma educação geral para a democracia - 172 | A falta de conhecimentos fundamentais - ler - escrever- contar - impedindo a participação ou o exercício da cidadania - 154 | Um programa de cultura geral - 156/157 | A descentralização [ilegível] do ensino, sua relação com as relações entre o indivíduo e o Estado e certa disposição mental do “pioneiro” - 208/209.

**Figura 53 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 11 (James Conant)**

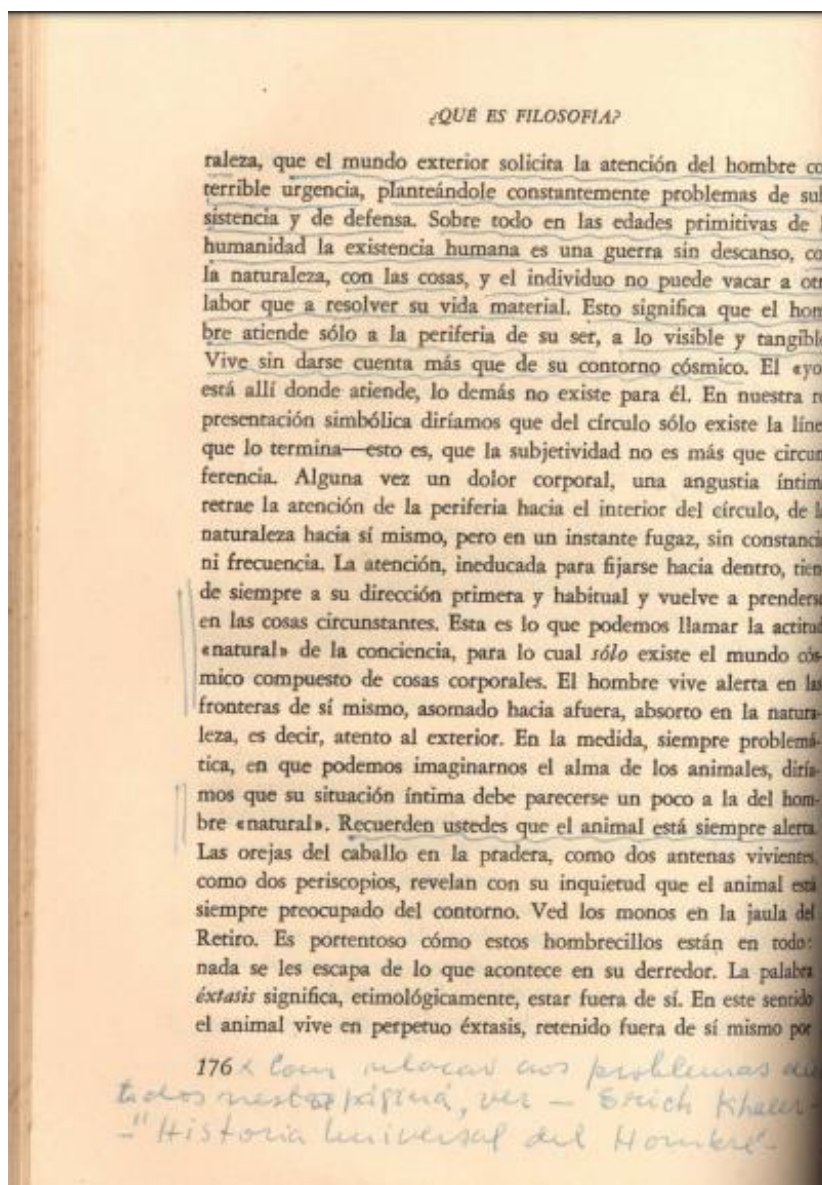


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 53:** A responsabilidade direta das comunidades locais em face das escolas. A enraização da escola sua comunidade - 209 | Anísio Teixeira, o maior [ilegível] da

descentralização de nossa educação - “Educação e a crise brasileira” - o problema da orientação - 232.

**Figura 54 – Anotações em O que é filosofia? - parte 1 (José Gasset y Gasset)**

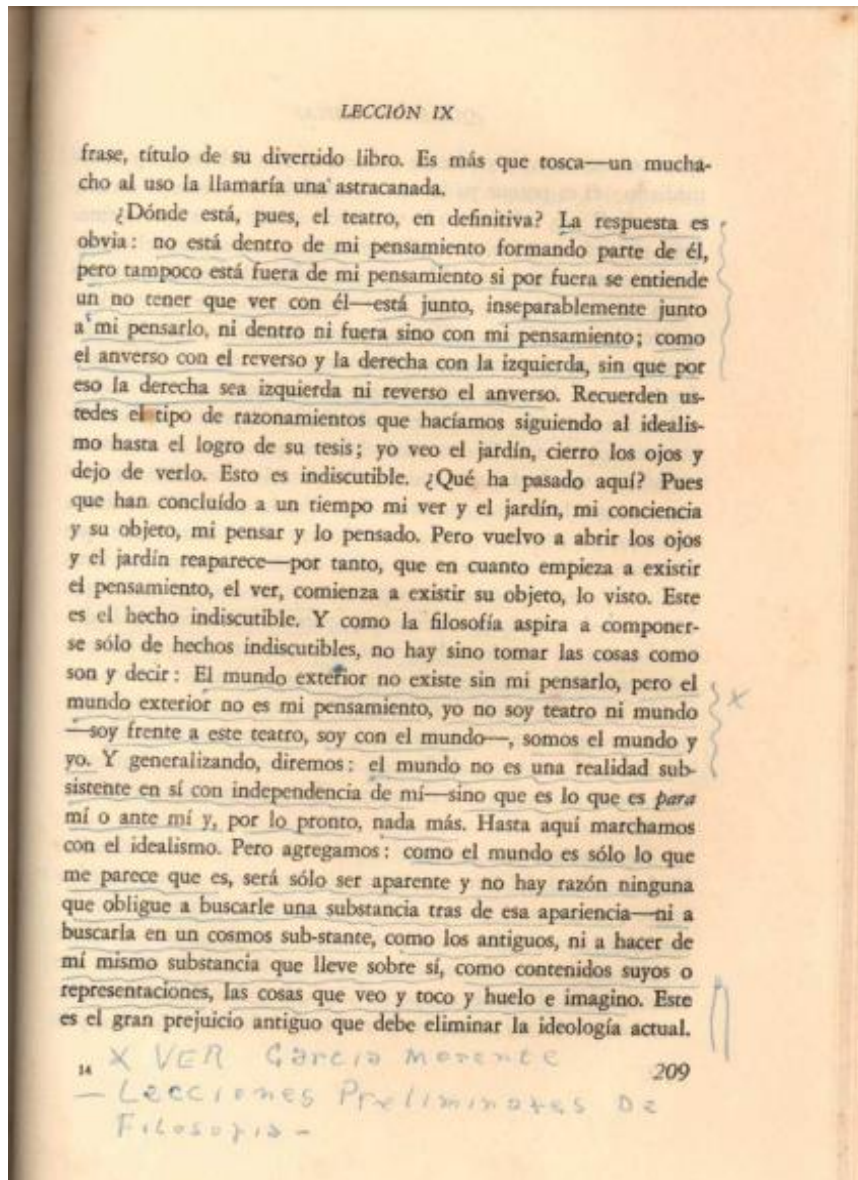


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 54:** [Grifo do PF] “que el mundo exterior la atención del hombre con terrible urgencia, plantéandole constantemente problemas de subsistencia y de defensa. Sobre todo en las edades primitivas de la humanidad la existencia es una guerra sin descanso, con la naturaleza, con las cosas, y el individuo no puede vacar a otro labor que a resolver su vida material. Esto significa que el hombre atiende sólo a la periferia de su ser, a lo visible y tangible. Vive sin darse a la periferia de su ser, a lo visible y tangible. Vive sin darse cuenta más que de su contorno cósmico. [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Recuerden ustedes que el animal

está siempre alerta” [Fim do grifo do PF] | Com relação aos problemas discutidos nessa página, ver Erich Khaler - “Historia universal del hombre”.

**Figura 55 – Anotações em O que é filosofia? - parte 2 (Jose Gasset y Gasset)**



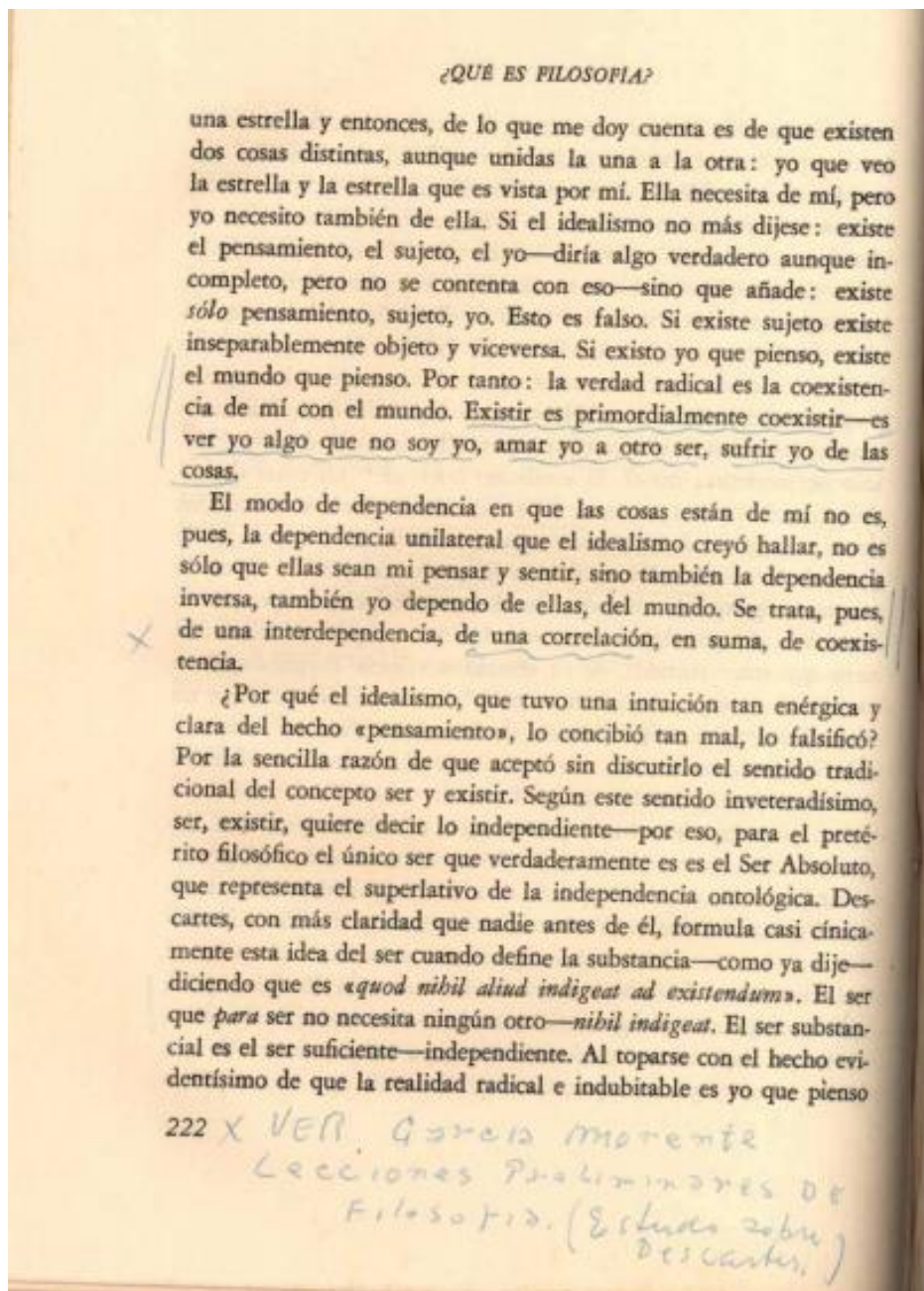
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 55:** [Grifo do PF] “La respuesta es obvia: no está dentro de mi pensamiento formando parte de él, pero tampoco está fuera de mi pensamiento si por fuera se entiende un no tener que ver con él - está junto, inseparablemente junto a mi pensarlo, ni dentro ni fuera sino con mi pensamiento; como el anverso con el reverso y la derecha con la izquierda, sin que por eso la derecha sea izquierda ni reverso el anverso.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “El mundo exterior no existe sin mi pensarlo, pero el mundo exterior no es mi pensamiento, yo no soy teatro ni mundo - soy frente a este teatro, soy con el mundo. El mundo no es una



realidad subsistente en sí con independencia de mí - sino que es lo que es para mí o ante mí y, por lo pronto, nada más. Como el mundo es sólo lo que obligue a buscarle una substancia tras de esa apariencia - ni a buscarla en el cosmos sub-stante, como los antiguos, ni a hacer de mí mismo substancia que lleve sobre sí, como contenidos suyos o representaciones, las cosas que veo y toco y huelo e imagino.” [Fim do grifo do PF] | Ver Garcia Morente - lecciones preliminares de filosofia.

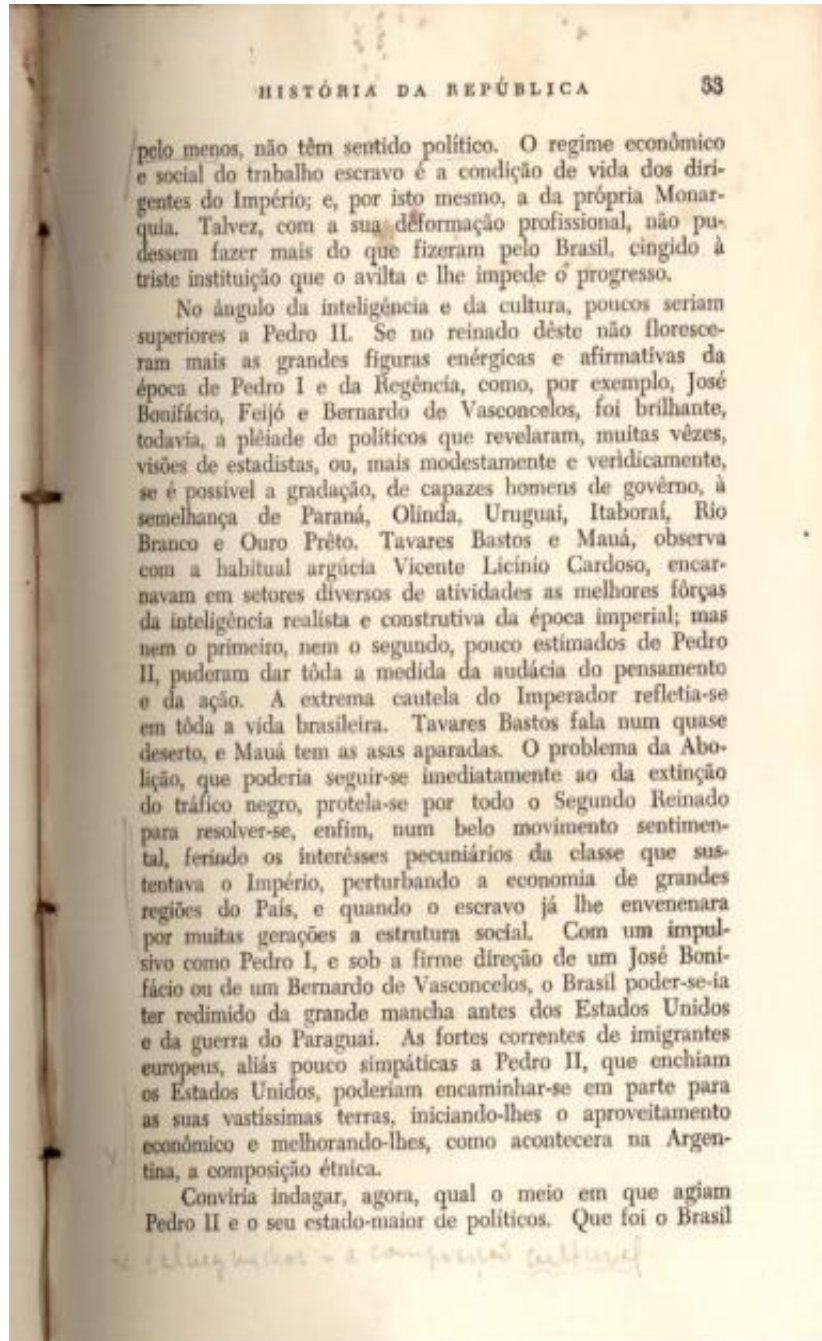
Figura 56 – Anotações em O que é filosofia? - parte 3 (Jose Gasset y Gasset)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 56:** [Grifo do PF] “Existir es primordialmente coexistir - es ver yo algo que no soy yo, amar yo a otro ser, sufrir yo de las cosas” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “de una correlación” | Ver Garcia Morente - Lecciones preliminares de filosofia (estudo sobre Descartes).

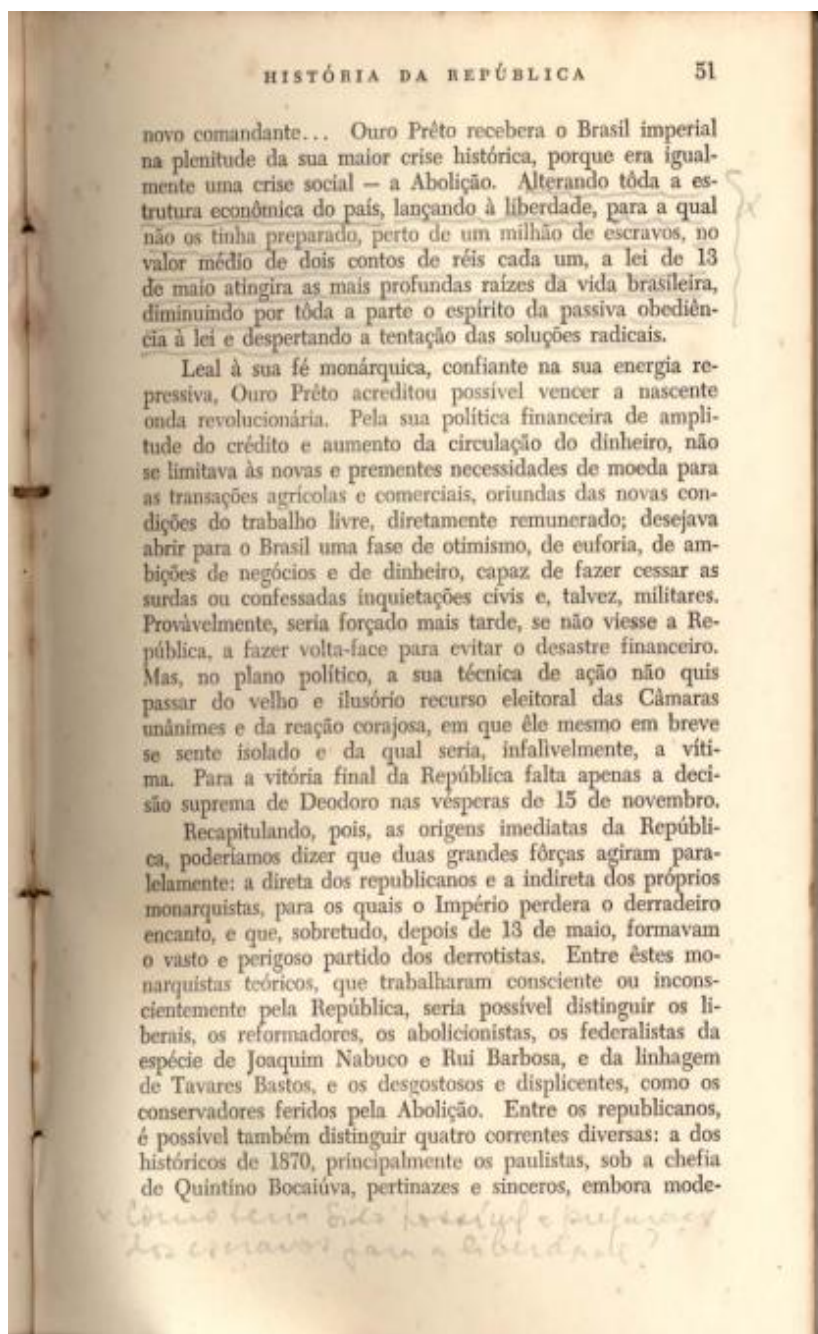
**Figura 57 – Anotações em História da República - parte 1 (José Maria Bello)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 57:** Talvez melhor - a composição cultural.

Figura 58 – Anotações em História da República - parte 2 (José Maria Bello)

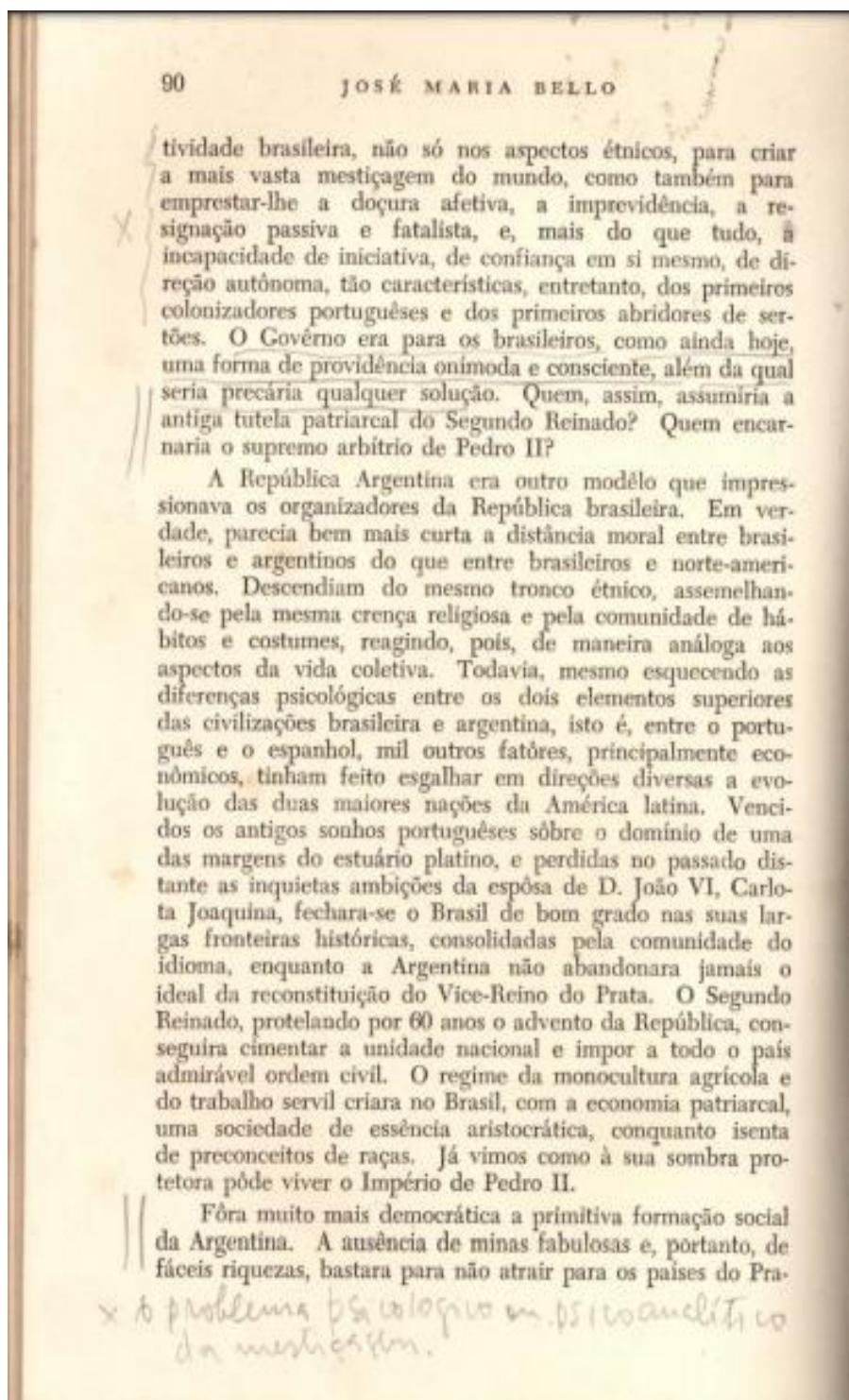


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 58:** [Grifo do PF] “Alterando toda a estrutura econômica do país, lançando à liberdade, para a qual não os tinha preparado, perto de um milhão de escravos, no valor médio de dois contos de réis cada um, a lei de 13 de maio atingira as mais profundas raízes da vida brasileira, diminuindo por toda a parte o espírito da passiva obediência à lei e despertando a tentação das soluções radicais.” [Fim do grifo do PF] | Como teria sido possível a preparação dos escravos para a liberdade?



Figura 59 – Anotações em História da República - parte 3 (José Maria Bello)



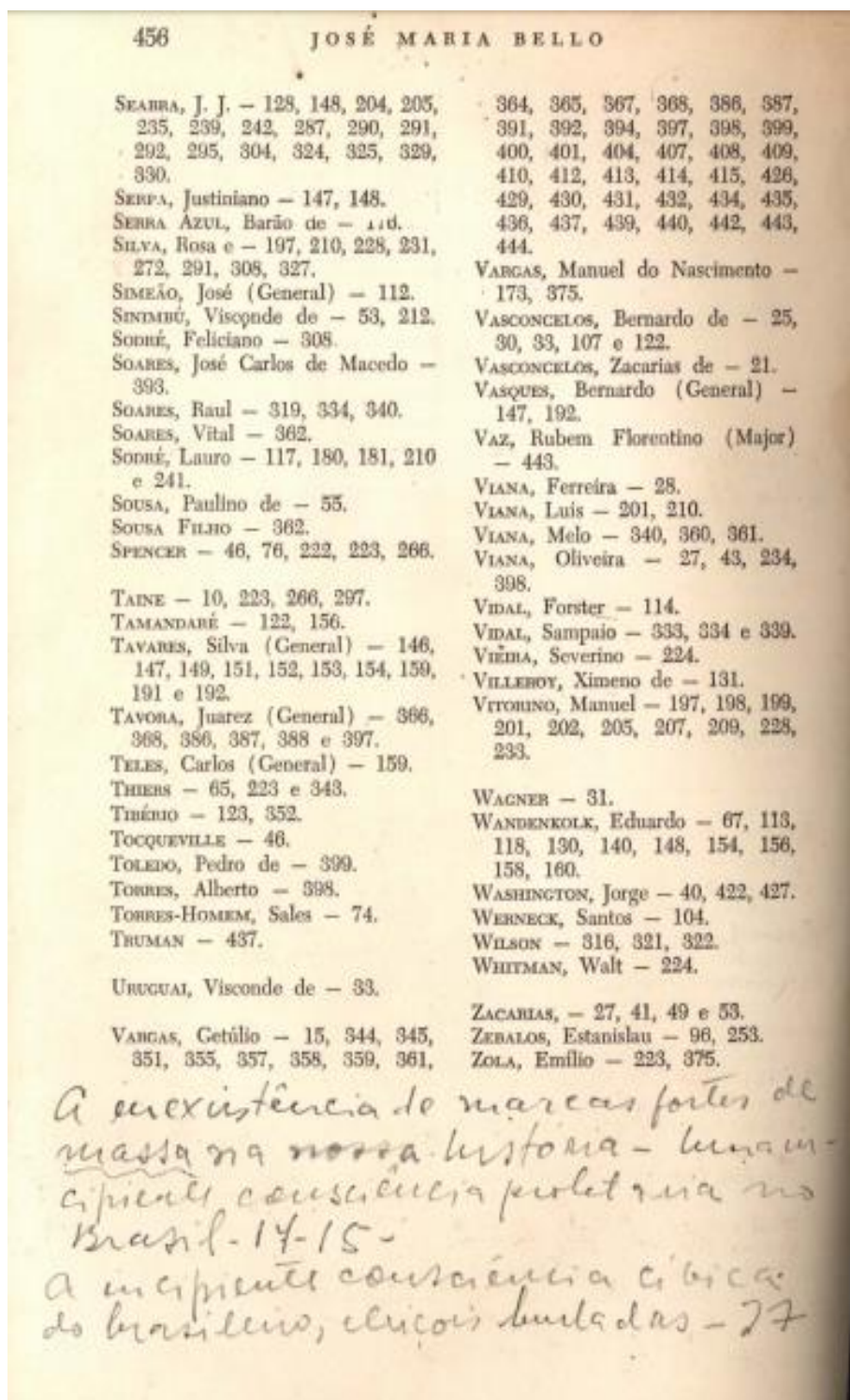
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 59:** [Grifo do PF] “O Governo era para os brasileiros, como ainda hoje, uma forma de providência onímoda e consciente, além da qual seria precária qualquer solução.”

[Fim do grifo do PF] | O problema psicológico ou psicoanalítico da mestiçagem.



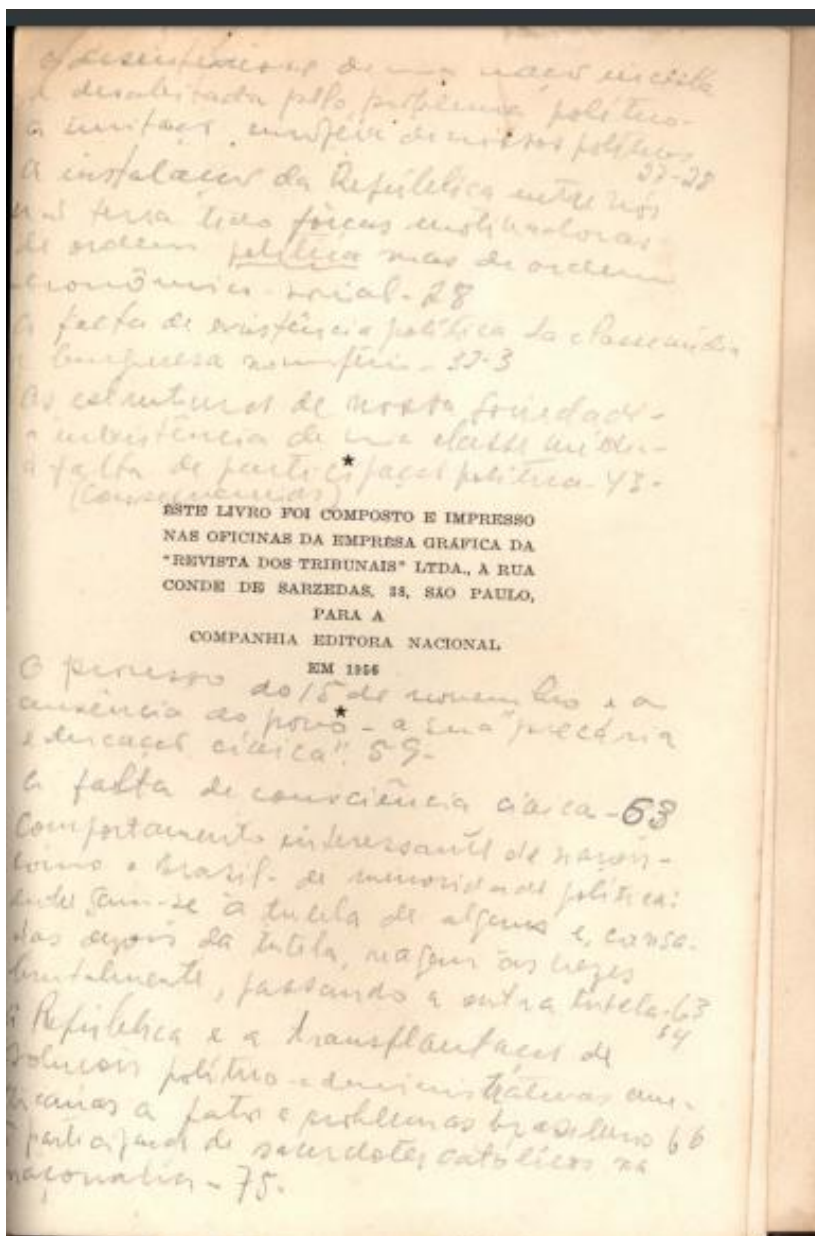
Figura 60 – Anotações em História da República - parte 4 (José Maria Bello)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 60:** A inexistência de marcas fortes de massa na nossa história - uma incipiente consciência proletária no Brasil - 15/17 | A incipiente consciência cívica do brasileiro, eleições burladas - 27.

Figura 61 – Anotações em História da República - parte 5 (José Maria Bello)

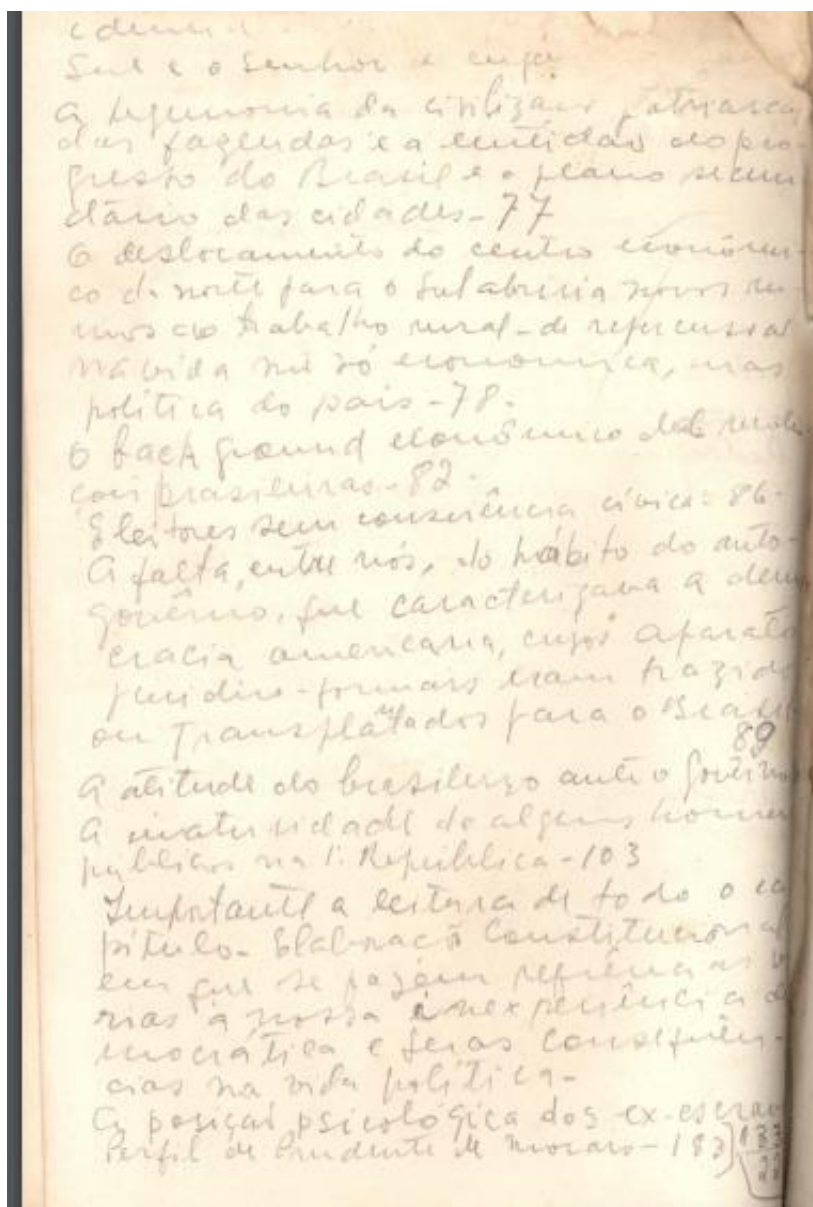


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 61:** O desinteresse de uma nação inculta e desabitada pelo problema político - a imitação europeia de nossos políticos - 27/28 | A instalação da República entre nós não teria tido forças mobilizadoras de ordem política mas de ordem econômica-social - 28 | A falta de existência política da classe média e burguesa no império - 32/33 | As estruturas de nossa sociedade - a inexistência de uma classe média - a falta de participação política - 43 - consequências | O processo do 15 de novembro e a ausência do povo - a sua "precária educação cívica" - 59 | A falta de consciência cívica - 63 | Comportamento interessante de nações - como o Brasil - de minoridade política: entregam-se a tutelas de alguns e, cansados depois da tutela, reagem às vezes brutalmente, passando a outra tutela - 63/64 | A República e a transplantação

de soluções político-administrativas a fatos e problemas brasileiros - 66 | A participação de sacerdotes católicos na maçonaria - 75.

**Figura 62 – Anotações em História da República - parte 6 (José Maria Bello)**

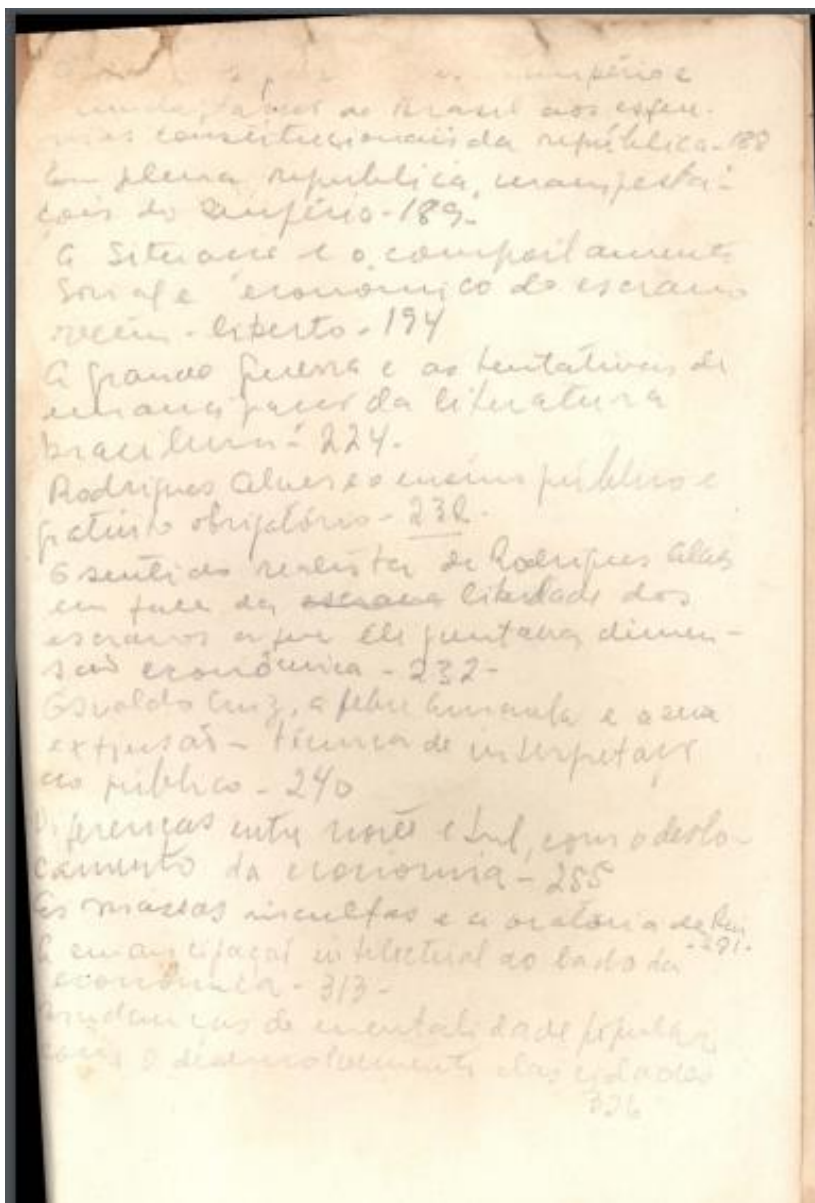


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 62:** A hegemonia da civilização patriarcal, das fazendas e a lentidão do progresso do Brasil e o plano secundário das cidades - 77 | O deslocamento do centro econômico do norte para o sul abriria novos rumos ao trabalho rural - de repercussão na vida não só econômica, mas política do país - 78 | O background econômico das revoluções brasileiras - 82 | eleitores sem consciência cívica - 86 | A falta entre nós, do hábito do autogoverno, que caracterizava a democracia americana, cujos aparatos jurídico-formais eram trazidos ou

transplantados para o Brasil - 89 | A atitude do brasileiro ante o governo - a imaturidade de alguns homens públicos na 1ª República - 103 | Importante a leitura de todo o capítulo - elaboração constitucional em que se fazem referência à nossa inexperiência democrática e suas consequências na vida política - a posição psicológica dos ex-escravos - perfil de Prudente de Morais - 183

**Figura 63 – Anotações em História da República - parte 7 (José Maria Bello)**



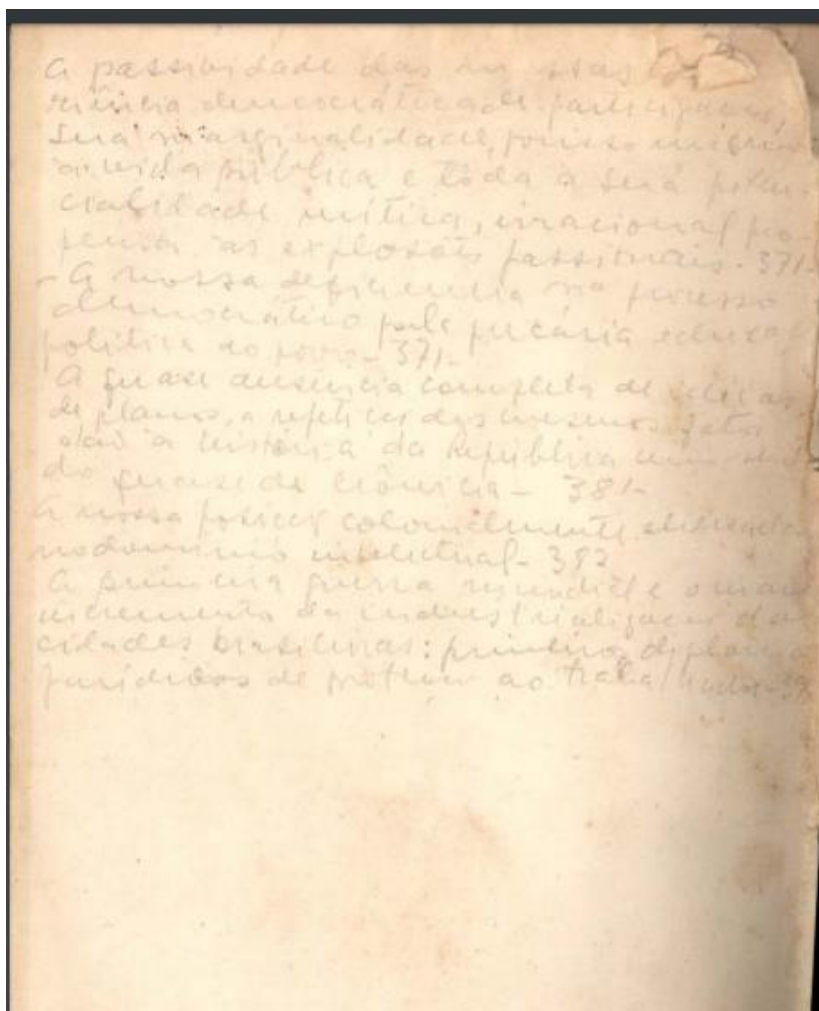
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 63:** Em plena República, manifestações do Império - 189 | A situação e o comportamento social e econômico do escravo recém liberto - 194 | A grande guerra e as tentativas de emancipação da literatura brasileira - 224 | Rodrigues Alves e o ensino público e



gratuito obrigatório - 232 | O sentido realista de Rodrigues Alves em face da liberdade dos escravos a que ele pautava dimensão econômica - 232 | Oswaldo Cruz, a febre amarela e a sua extinção - técnica de interpretação ao público - 240 | Diferenças entre norte e sul, com o deslocamento da economia - 255 | As massas incultas e a oratória de Reis - 281 | A emancipação intelectual do lado da econômica - 313 | mudanças de mentalidade popular com os deslocamentos das cidades - 326.

**Figura 64 – Anotações em História da República - parte 8 (José Maria Bello)**

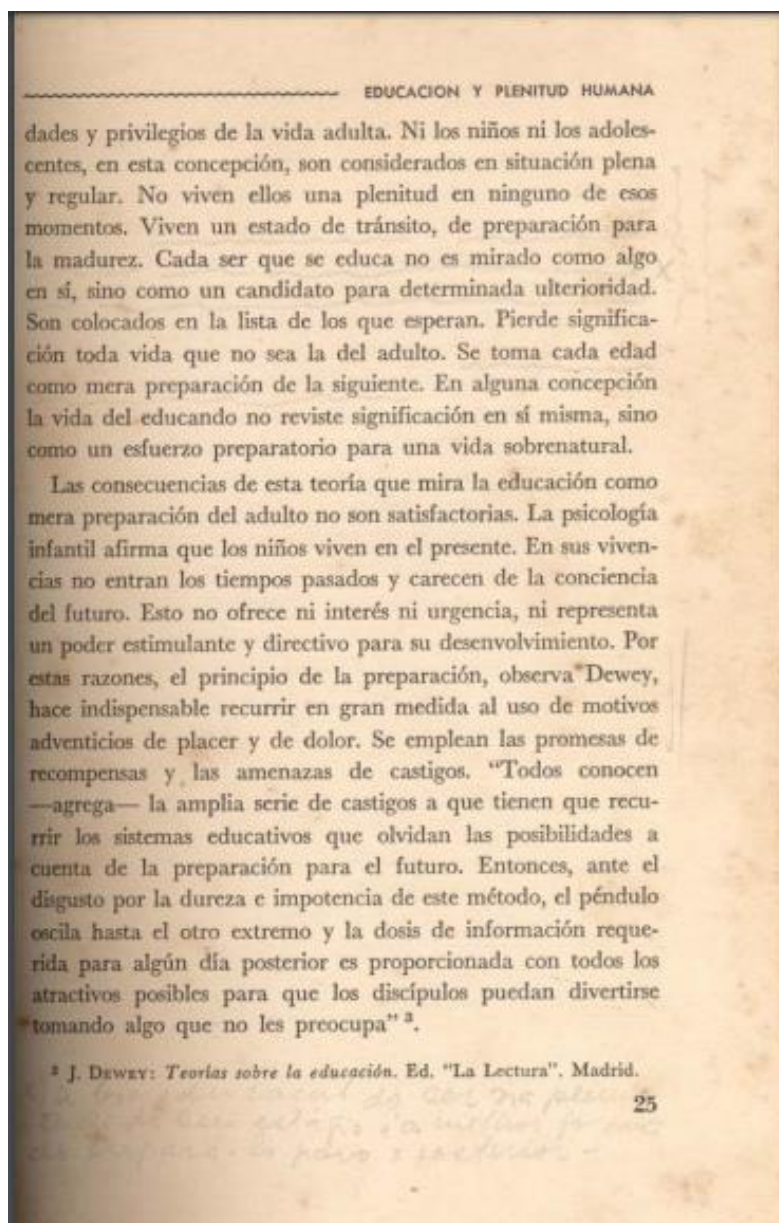


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 64:** A passividade das massas na vivência democrática de participação, sua marginalidade, por isso [ilegível] à vida pública e toda a sua [ilegível] crítica, irracional propensa às explosões [ilegível] - 371 | A nossa deficiência no processo democrático pela precária educação política do povo - 371 | A quase ausência completa de ideias, de planos, a repetição dos mesmos fatos dão à história da República um [ilegível] quase de [ilegível] - 381 | A nossa posição colonialmente alienada do modernismo intelectual - 382 | A primeira guerra

mundial e o maior incremento da industrialização das cidades brasileiras: primeiros diplomas jurídicos de proteção ao trabalhador - 391.

**Figura 65 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 1 (Juan Mantovani)**

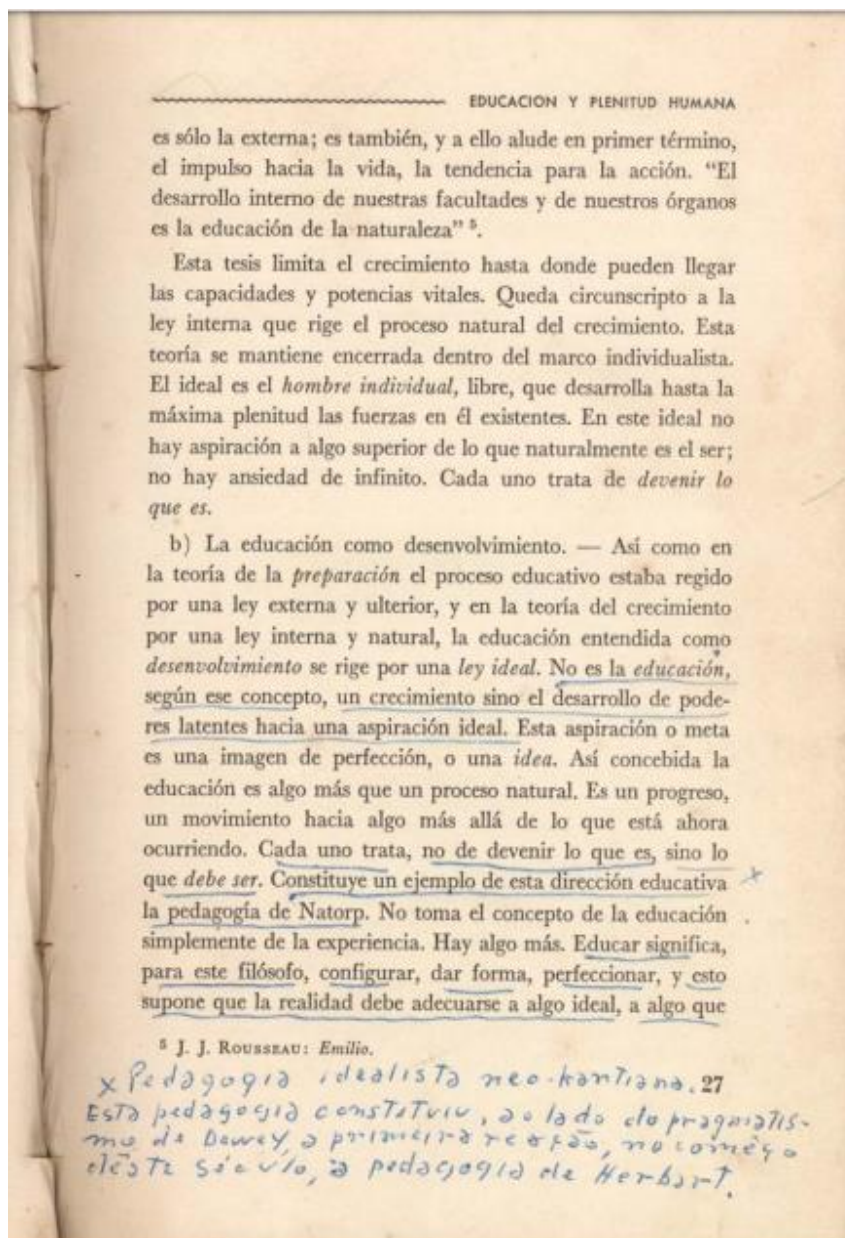


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 65:** [Grifo do PF] “Viven un estado de tránsito, de preparación para la madurez. Cada ser que se educa no es mirado como algo en sí, sino como un candidato para determinada ulterioridad.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Se toma cada edad como mera preparación para la siguiente.” [Fim do grifo do PF] | [Trecho no final da página completamente ilegível].



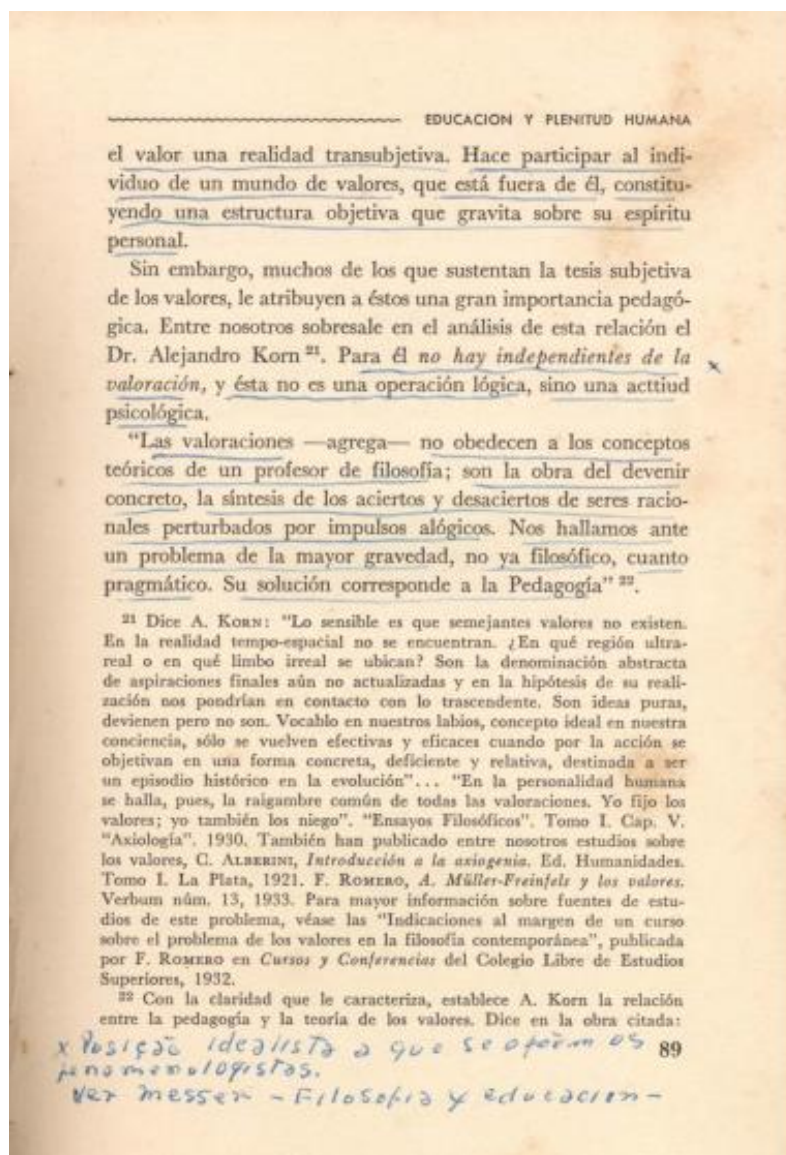
Figura 66 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 2 (Juan Mantovani)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 66:** [Grifo do PF] “No es la educación, según ese concepto, un crecimiento sino el desarrollo de poderes latentes hacia una aspiración ideal” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Cada uno trata, no de devenir lo que es, sino lo que debe ser. Constituye un ejemplo de esta dirección educativa la pedagogía de Natorp.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Educar significa, para este filósofo, configurar, dar forma, perfeccionar, y esto supone que la realidad debe adecuarse a algo ideal, a algo que” [Fim do grifo do PF] | pedagogia idealista neokantiana. Esta pedagogia constitui, ao lado do pragmatismo de Dewey, a primeira reação, no começo deste século à Pedagogia de Herbart.

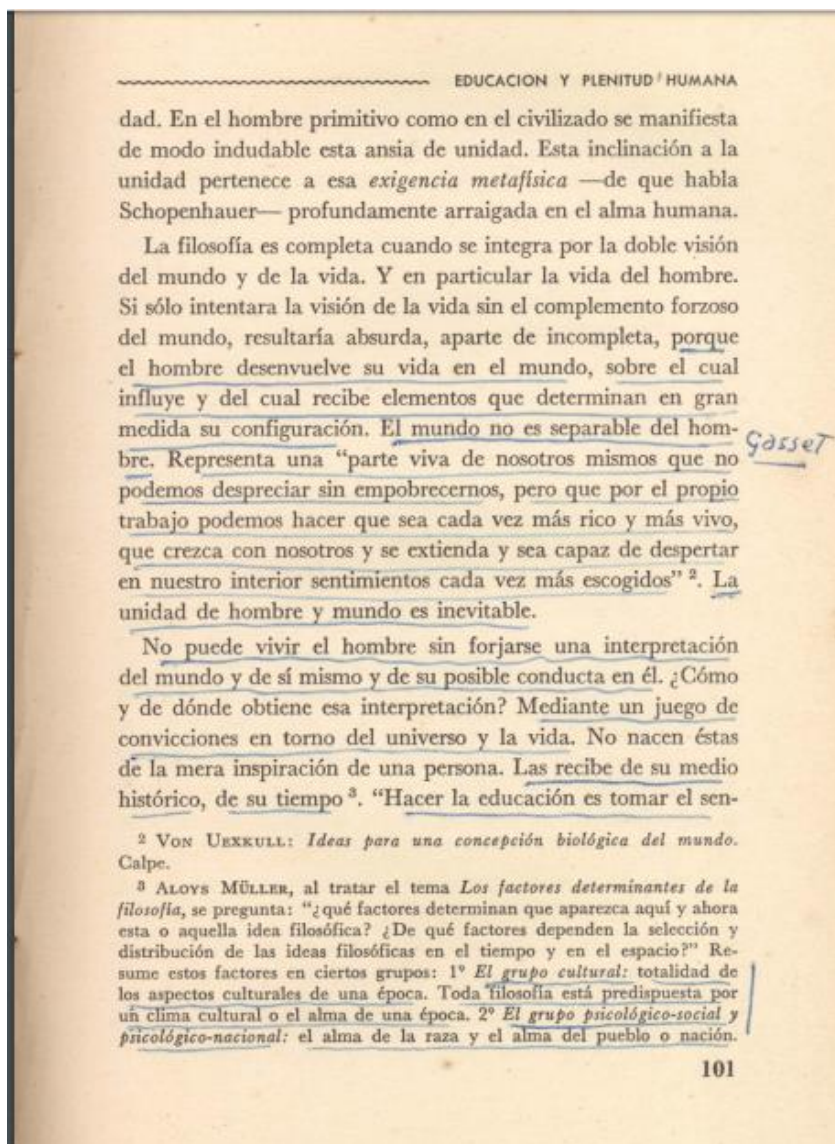
Figura 67 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 3 (Juan Mantovani)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 67:** [Grifo do PF] “el valor una realidad transubjetiva. Hace participar al individuo de un mundo de valores, que está fuera de él, constituyendo una estructura objetiva que gravita sobre su espíritu personal.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Para él no hay independientes de la valoración, y ésta no es una operación lógica, sino una actitud psicológica. “Las valoraciones no obedecen a los conceptos teóricos de un profesor de filosofía; son la obra del devenir concreto, la síntesis de los aciertos y desaciertos de seres racionales perturbados por impulsos alógicos. Nos hallamos ante un problema de la mayor gravedad, no ya filosófico, cuanto pragmático. Su solución corresponde a la Pedagogía.” [Fim do grifo do PF] | Posição idealista a que se opõem os fenomenologistas. Ver Messer - Filosofia y Educacion.

Figura 68 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 4 (Juan Mantovani)



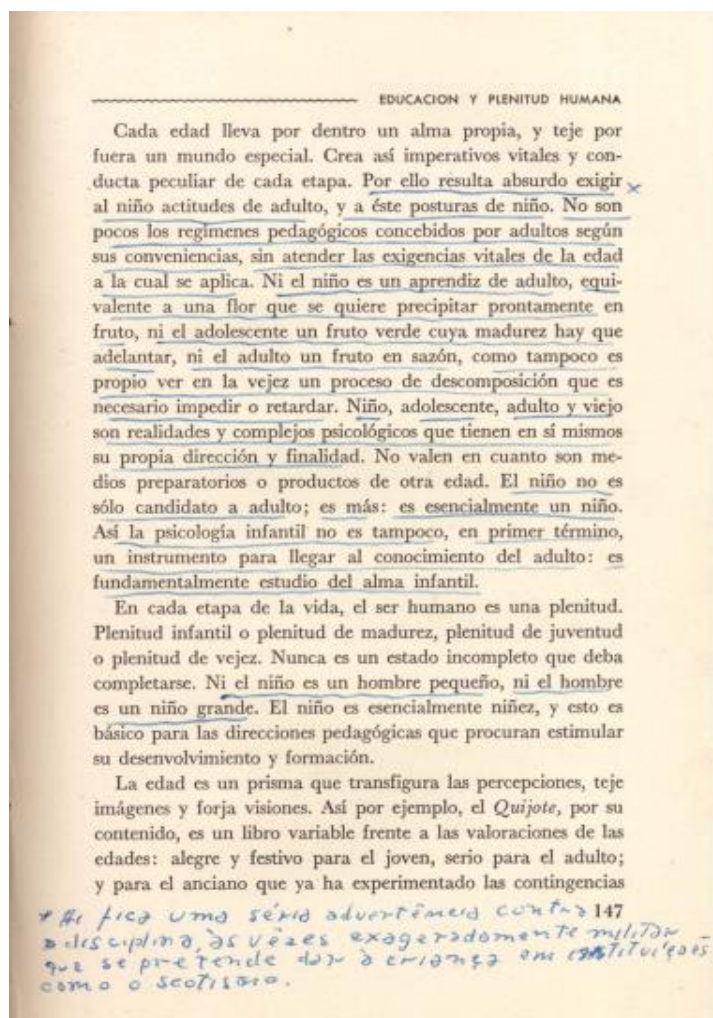
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 68:** [Grifo do PF] “Porque el hombre desenvuelve su vida en el mundo, sobre el cual influye y del cual recibe elementos que determinan en gran medida su configuración. El mundo no es separable del hombre. Representa una “parte viva de nosotros mismos que no podemos despreciar sin empobrecernos, pero que por el propio trabajo podemos hacer que sea cada vez más rico y más vivo, que crezca con nosotros y se extienda y sea capaz de despertar en nuestro interior sentimientos cada vez más escogidos”. La unidad de hombre y mundo es inevitable. No puede vivir el hombre sin forjarse una interpretación del mundo y de sí mismo y de su posible conducta en él.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Las recibe de su medio histórico, de su tiempo. “Hacer la educación es tomar el sen- [continua na outra página]” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF - rodapé] “El grupo cultural: totalidad de aspectos



culturales de una época. Toda filosofía está predispuesta por un clima cultural o el alma de una época. El grupo psicológico-social y psicológico-nacional: el alma de la raza y el alma del pueblo o nación” [Fim do grifo do PF].

**Figura 69 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 5 (Juan Mantovani)**

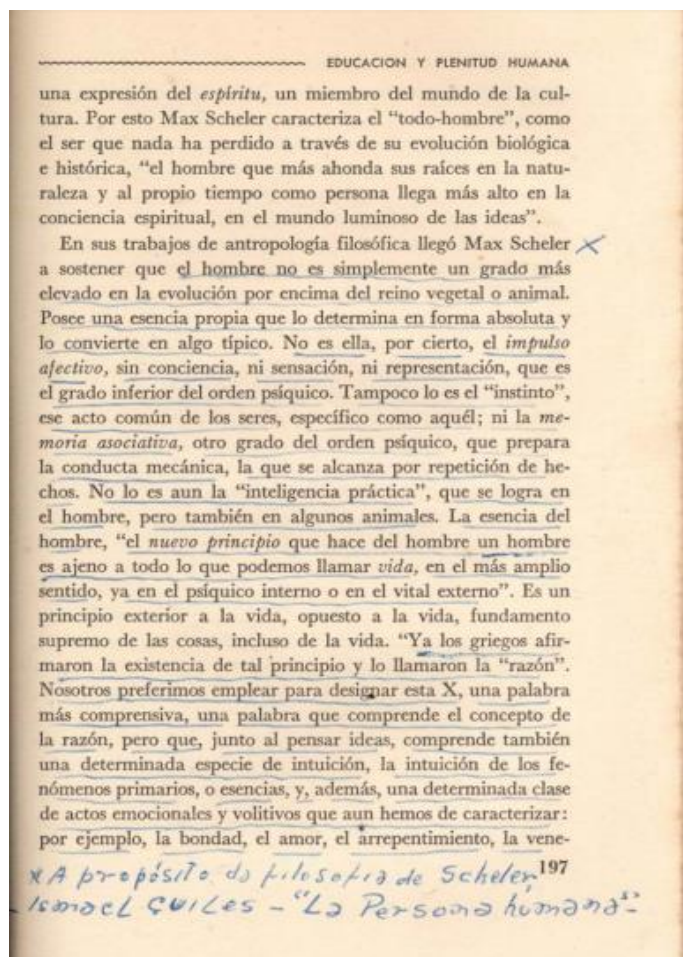


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 69:** [Grifo do PF] “Por ello resulta absurdo exigir al niño actitudes de adulto, y a éste posturas de niño. No son pocos los regímenes pedagógicos concebidos por adultos según sus conveniencias, sin atender las exigencias vitales de la edad a la cual se aplica. Ni el niño es un aprendiz de adulto, equivalente a una flor que se quiere precipitar prontamente en fruto, ni el adolescente un fruto verde cuya madurez hay que adelantar, ni el adulto un fruto en sazón, como tampoco es propio ver en la vejez un proceso de descomposición que es necesario impedir o retardar. Niño, adolescente, adulto y viejo son realidades y complejos psicológicos que tienen en sí mismos su propia dirección y finalidad’ [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “el niño no es sólo candidato a adulto; es más: es esencialmente un niño. Así la

psicología infantil no es tampoco, en primer término, un instrumento para llegar al conocimiento del adulto: es fundamentalmente estudio del alma infantil” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Ni el niño es un hombre pequeño; ni el hombre un niño grande.” [Fim do grifo do PF] | Ai fica uma séria advertência contra a disciplina, às vezes exageradamente militar - que se pretende dar à criança em instituições como seotismo.

**Figura 70 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 6 (Juan Mantovani)**



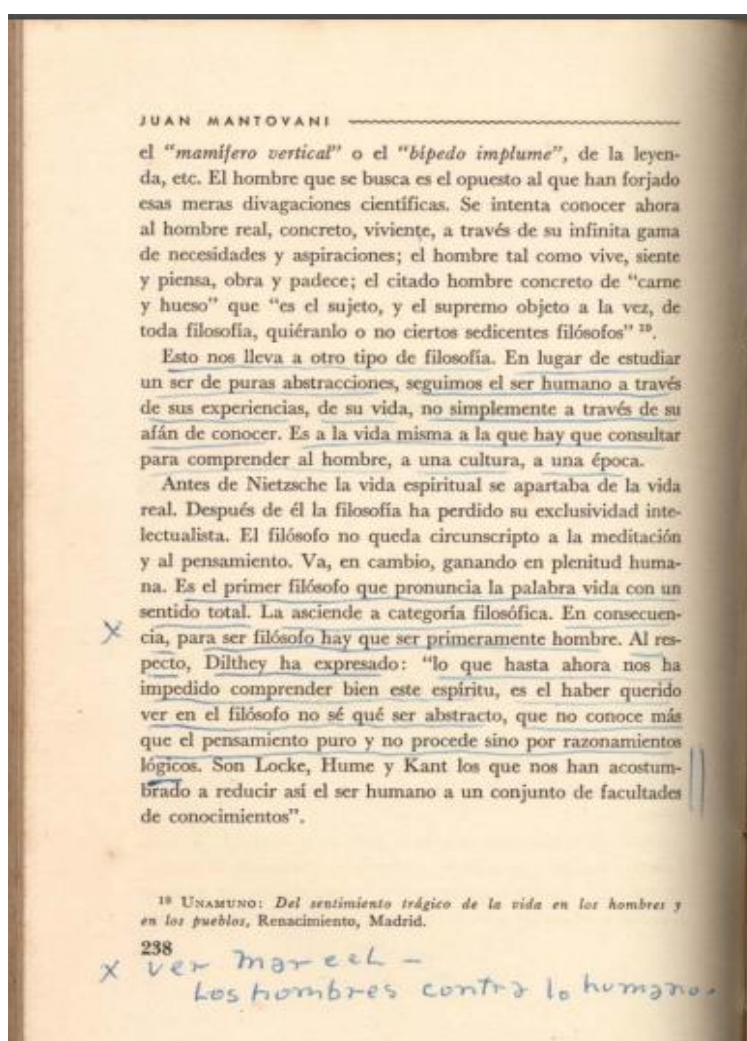
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 70:** [Grifo do PF] “El hombre no es simplemente un grado más elevado en la evolución por encima del reino vegetal o animal. Posee una esencia propia que lo determina en forma absoluta y lo convierte en algo típico. No es ella, por cierto, el *impulso afectivo*, sin conciencia, ni sensación, ni representación, que es el grado inferior del orden psíquico. Tampoco lo es el “instinto”, ese acto común de los seres, específico como aquél; ni la *memoria asociativa*, otro grado del orden psíquico que prepara la conducta mecánica, la que se alcanza por repetición de hechos. No lo es aún la “inteligencia práctica”, que se logra en el hombre, pero también en algunos animales. La esencia del hombre, “el *nuevo principio* que hace del hombre un hombre es ajeno a todo lo que podemos llamar *vida*, en el más amplio sentido, ya en el psíquico interno o en el vital externo”. Es un principio exterior a la vida, opuesto a la vida, fundamento supremo de las cosas, incluso de la vida. “Ya los griegos afirmaron la existencia de tal principio y lo llamaron la “razón”. Nosotros preferimos emplear para designar esta X, una palabra más comprensiva, una palabra que comprende el concepto de la razón, pero que, junto al pensar ideas, comprende también una determinada especie de intuición, la intuición de los fenómenos primarios, o esencias, y, además, una determinada clase de actos emocionales y volitivos que aun hemos de caracterizar: por ejemplo, la bondad, el amor, el arrepentimiento, la vene-



hace del hombre un hombre es ajeno a todo lo que podemos llamar *vida*, en el más amplio sentido, ya en el psíquico interno o en el vital externo” [Fim do grifo do PF] | “Ya los griegos afirmaron la existencia de tal principio y lo llamaron la “razón”. Nosotros preferimos emplear para designar esta X, una palabra que comprende el concepto de la razón, pero que, junto al pensar ideas, comprende también una determinada especie de intuición, la intuición de los fenómenos primarios, esencias, y, además, una determinada clase de actos emocionales y volitivos que aún hemos de caracterizar: por ejemplo, la bondad, el amor, el arrepentimiento, la [continua na próxima página]” [fim do grifo do PF] | A propósito da filosofia de Scheler - Ismael Cuiles - “La persona humana”.

**Figura 71 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 7 (Juan Mantovani)**

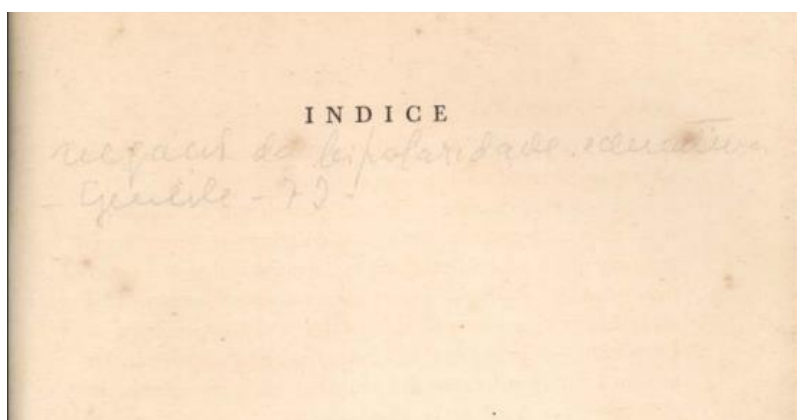


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 71:** [Grifo do PF] “Esto nos lleva a otro tipo de filosofía. En lugar de estudiar un ser de puras abstracciones, seguimos el ser humano a través de sus experiencias, de

su vida, no simplemente a través de su afán de conocer. Es a la vida misma a la que hay que consultar para comprender al hombre, a una cultura, a una época.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Es el primer filósofo que pronuncia la palabra vida con un sentido total. La asciende a categoría filosófica. En consecuencia, para ser filósofo hay que ser primeramente hombre. Al aspecto, Dilthey ha expresado: “lo que hasta ahora nos ha impedido comprender bien este espíritu, es el haber querido ver en el filósofo no sé qué ser abstracto, que no conoce más que el pensamiento puro y no procede sino por razonamientos lógicos” [Fim do grifo do PF] | Ver Marcel - “Los hombres contra lo humano”.

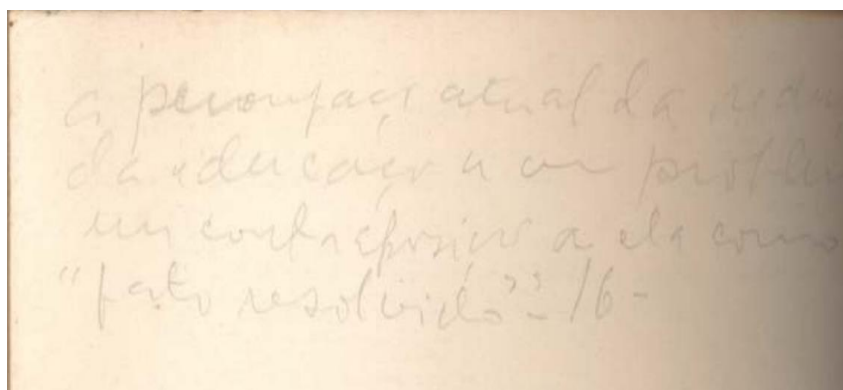
**Figura 72 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 8 (Juan Mantovani)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 72:** Negação da bipolaridade educativa - [ilegível] - 72.

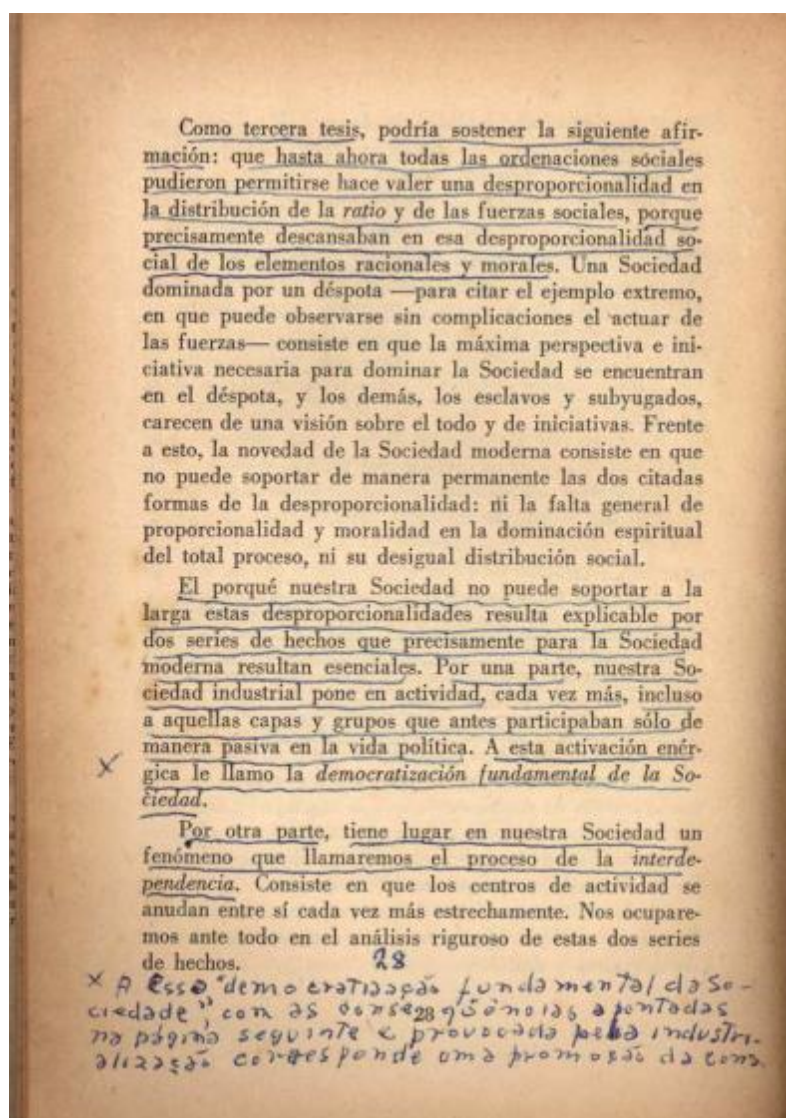
**Figura 73 – Anotações em *Educación y plenitud humana* - parte 9 (Juan Mantovani)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 73:** A preocupação atual da redução da educação a um problema em contraposição a ela como “fato resolvido” - 16.

Figura 74. Anotações em *El hombre y la sociedad en la época de crisis* - parte 1 (Karl Mannheim)



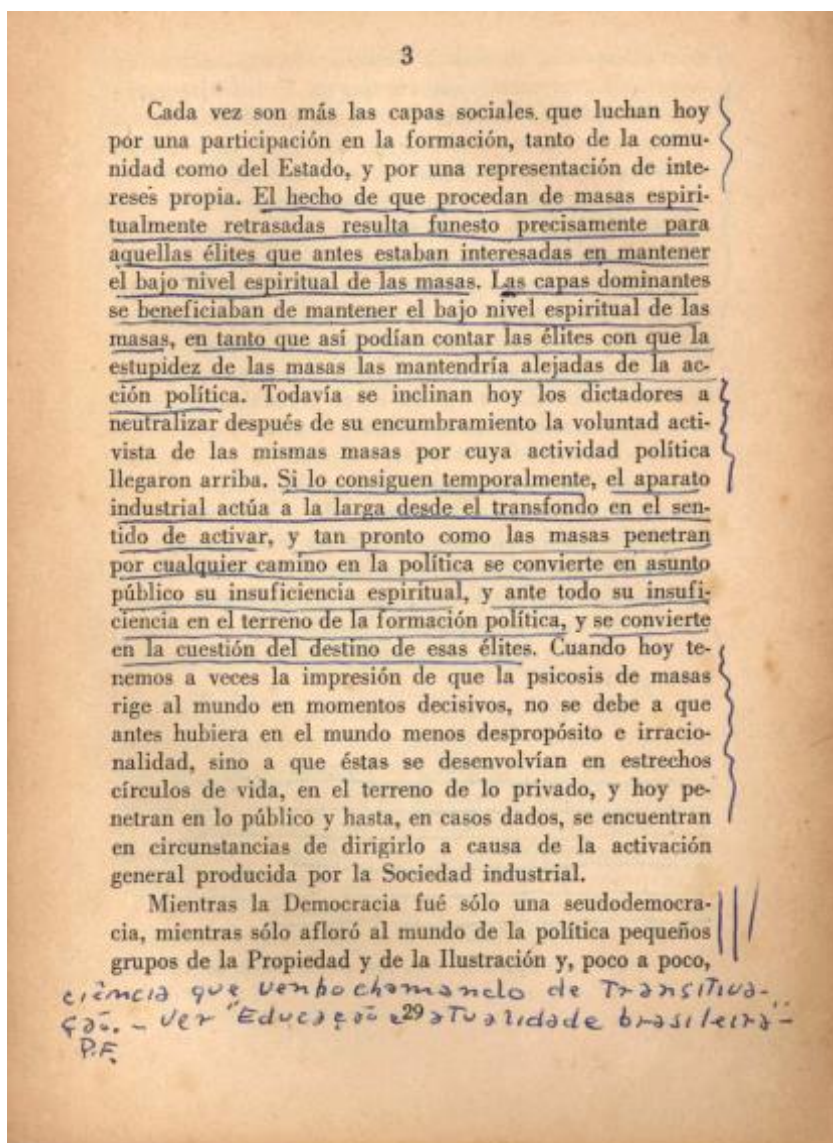
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 74:** [Grifo do PF] “Como terceira tesis, podría sostener la siguiente afirmación: que hasta ahora todas las ordenaciones sociales pudieron permitirse hace valer una desproporcionalidad en la distribución de la *ratio* y de las fuerzas sociales porque precisamente descansaban en esa desproporcionalidad social de los elementos racionales y morales.” [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “El porqué nuestra Sociedad no puede soportar a larga estas desproporcionalidades resulta explicable por dos series de hechos que precisamente para la Sociedad moderna resultan esenciales. Por una parte, nuestra Sociedad industrial pone en actividad, cada vez más, incluso a aquellas capas y grupos que antes participaban sólo de manera pasiva en la vida política. A esta activación enérgica le llamo la *democratización fundamental de la Sociedad*. Por otra parte, tiene lugar en nuestra Sociedad un fenómeno que



llamaremos el proceso de la *interdependencia*.” [Fim do grifo do PF] | A essa “democratização fundamental da sociedade”, com as consequência apontadas na página seguinte e provocada pela industrialização corresponde uma promoção da consciência [continua na próxima página].

**Figura 75 – Anotações em *El hombre y la sociedad en la época de crisis* - parte 2 (Karl Mannheim)**

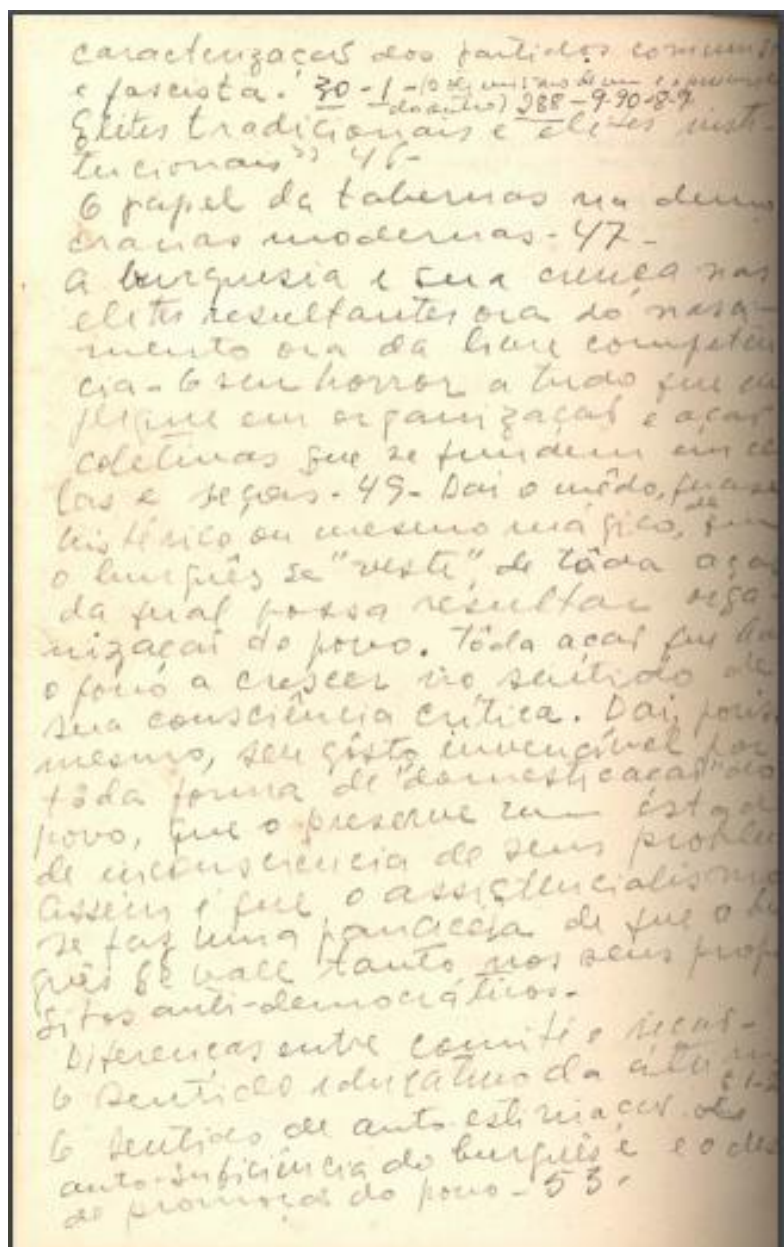


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 75:** [Grifo do PF] “El hecho de que procedan de masas espiritualmente retrasadas resulta funesto precisamente para aquellas élites que antes estaban interesadas en mantener el bajo nivel espiritual de las masas. Las capas dominantes se beneficiaban de mantener el bajo nivel espiritual de las masas, en tanto que así podían contar las élites con que la estupidez de las masas las mantendría alejadas de la acción política. [Fim do grifo do PF] |

[Grifo do PF] “Si lo consiguen temporalmente, el aparato industrial actúa a la larga desde el transfondo en el sentido de activar, y tan pronto como las masas penetran por cualquier camino en la política se convierte en asunto público su insuficiencia en el terreno de la formación política, y se convierte en la cuestión del destino de esas élites” [Fim do grifo do PF] |... que venho chamando de transitivity - ver “Educação e atualidade brasileira” - PF.

**Figura 76 – Anotações em *Los Partidos Políticos* - parte 1 (Maurice Duverger)**



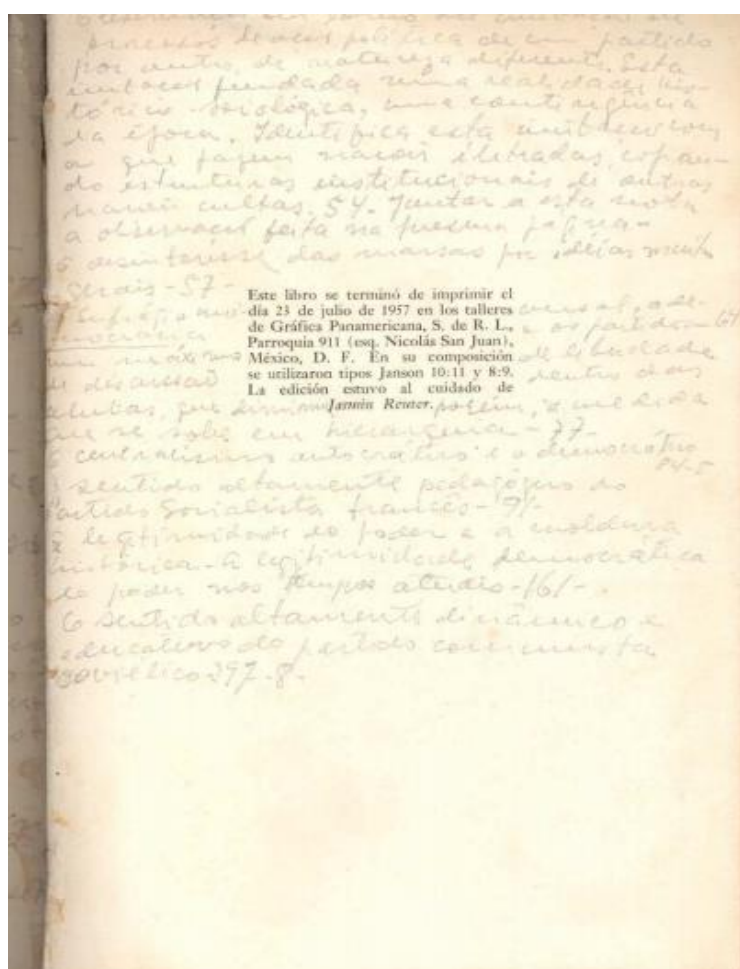
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 76:** Caracterização dos partidos comunistas e fascistas - 30/31 | Elites tradicionais e elites institucionais - 46 | O papel e tabernas na democracias modernas - 47 | A



burguesia e sua crença nas elites resultantes ora do nascimento, ora da livre competência - o seu horror a tudo que implique em organização e ação coletiva se fundem em celas e seções - 49 | Daí o medo, quase histérico ou mesmo mágico, de que o burguês se “veste”, de toda ação da qual possa resultar organização do povo. Toda ação que leve o povo a crescer no sentido de sua consciência crítica. Daí, por isso mesmo, seu gosto invencível por toda forma de “domesticação” do povo, que o preserve em estado de inconsciência de seus problemas. Assim é que o assistencialismo se faz uma panacéia de que o burguês se vale tanto nos seus propósitos anti-democráticos. | Diferença entre comitê e seção - o sentido de auto-estimação ou auto-suficiência do burguês e o [ilegível] de promoção do povo - 53.

**Figura 77 – Anotações em *Los Partidos Políticos* - parte 2 (Maurice Duverger)**

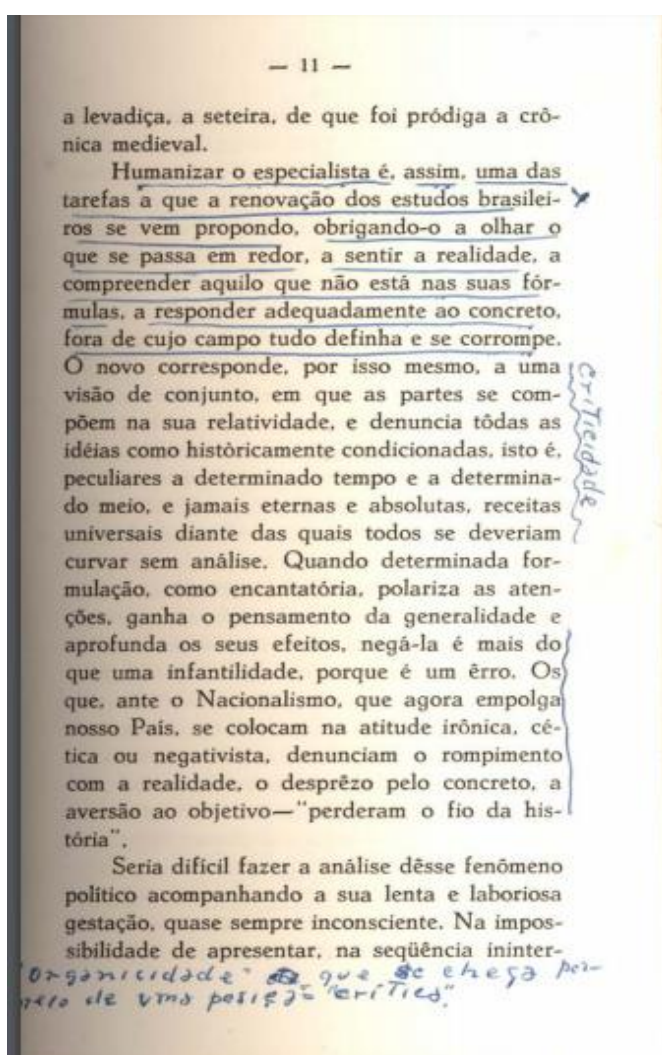


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 77:** Observação em torno da imitação de processos de ação de um partido político por outro, de natureza diferente. Esta imitação fundada em uma realidade histórica sociológica, em uma contingência da época. Identifica esta imitação com a que fazem nações iletradas, copiando estruturas institucionais de outras nações cultas - 54 | Juntar a esta nota a

observação feita na mesma página - o desinteresse das massas por ideias muito gerais - 57 | Sufrágio universal, a democracia e os partidos - 64 | Um máximo de liberdade de discussão dentro das células, que diminui porém, à medida que se sobe na hierarquia - 77 | O centralismo autocrático e o democrático - 84/85 | O sentido altamente pedagógico do partido socialista francês - 91 | A legitimidade do poder e a moldura histórica - a legitimidade democrática do poder nos tempos atuais - 161 | O sentido altamente dinâmico e educativo do partido comunista soviético - 297/298.

**Figura 78 – Anotações em Raízes históricas do nacionalismo brasileiro - parte 1 (Nelson Werneck Sodré)**

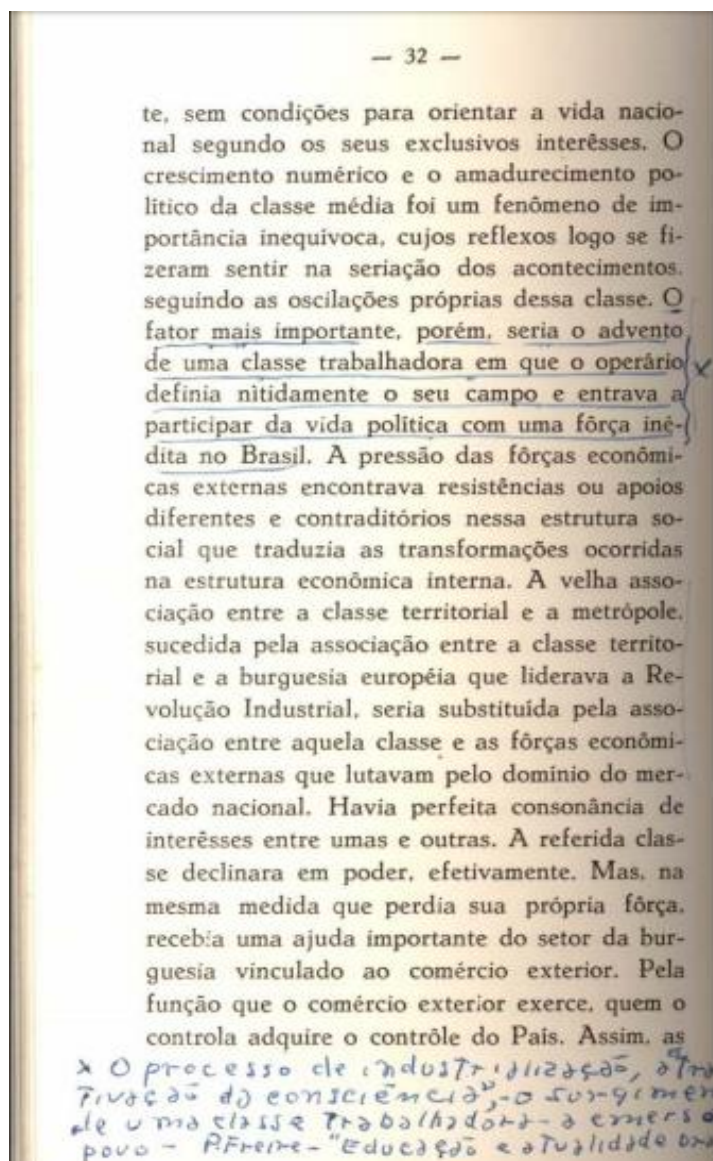


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 78:** [Grifo do PF] “Humanizar o especialista é, assim, uma das tarefas a que a renovação dos estudos brasileiros se vem propondo, obrigando-o a olhar o que se passa em redor, a sentido a realidade, a compreender aquilo que não está nas suas fórmulas, a

responder adequadamente ao concreto, fora do cujo campo tudo definha e se corrompe” [Fim do grifo do PF] | Criticidade | “Organicidade” que se chega por meio de uma posição “crítica”.

**Figura 79 – Anotações em Raízes históricas do nacionalismo brasileiro - parte 2 (Nelson Werneck Sodré)**

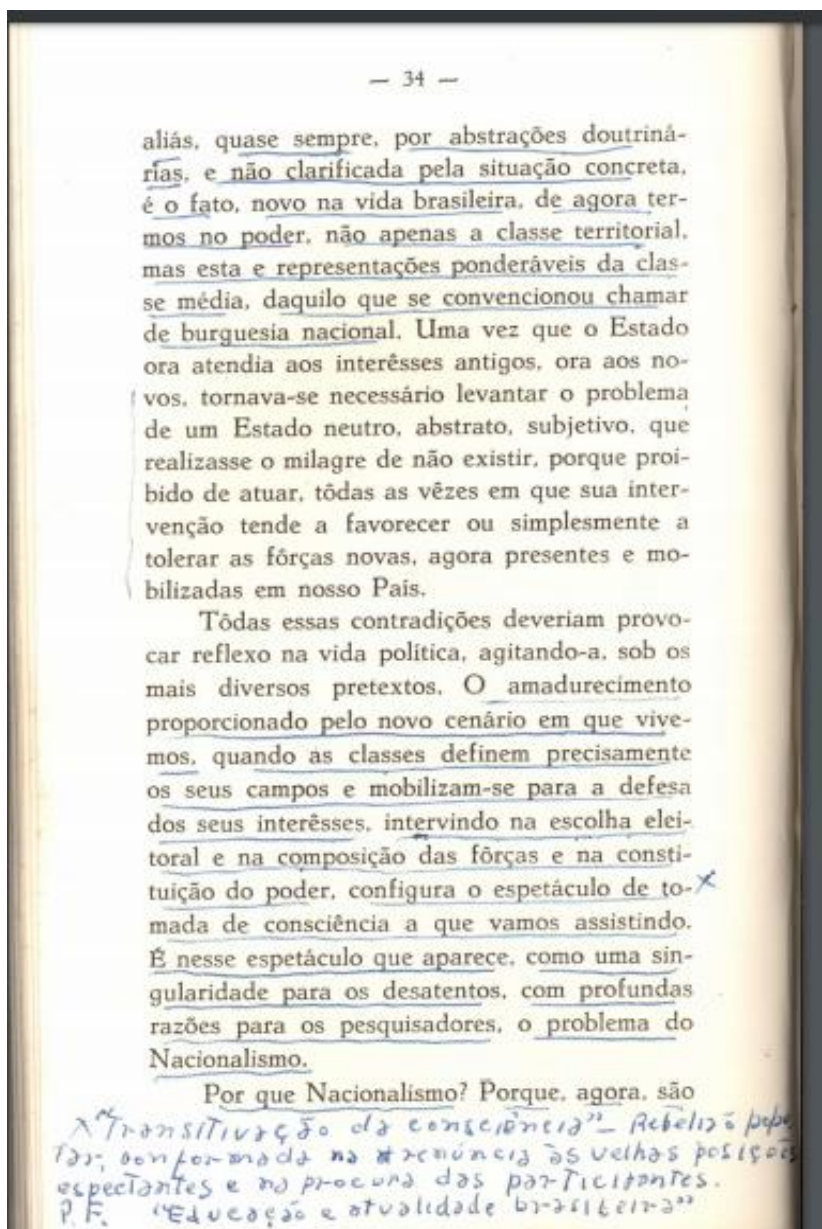


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 79:** [Grifo do PF] “O fator mais importante, porém, seria o advento de uma classe trabalhadora em que o operário definia nitidamente o seu campo e entrava a participar da vida política com uma força inédita no Brasil” [Fim do grifo do PF] | O processo de industrialização, a “transitivação da consciência”, o surgimento de uma classe trabalhadora - a emersão do povo - P. Freire “Educação e a atualidade brasileira”.



Figura 80 – Anotações em Raízes históricas do nacionalismo brasileiro - parte 3 (Nelson Werneck Sodré)

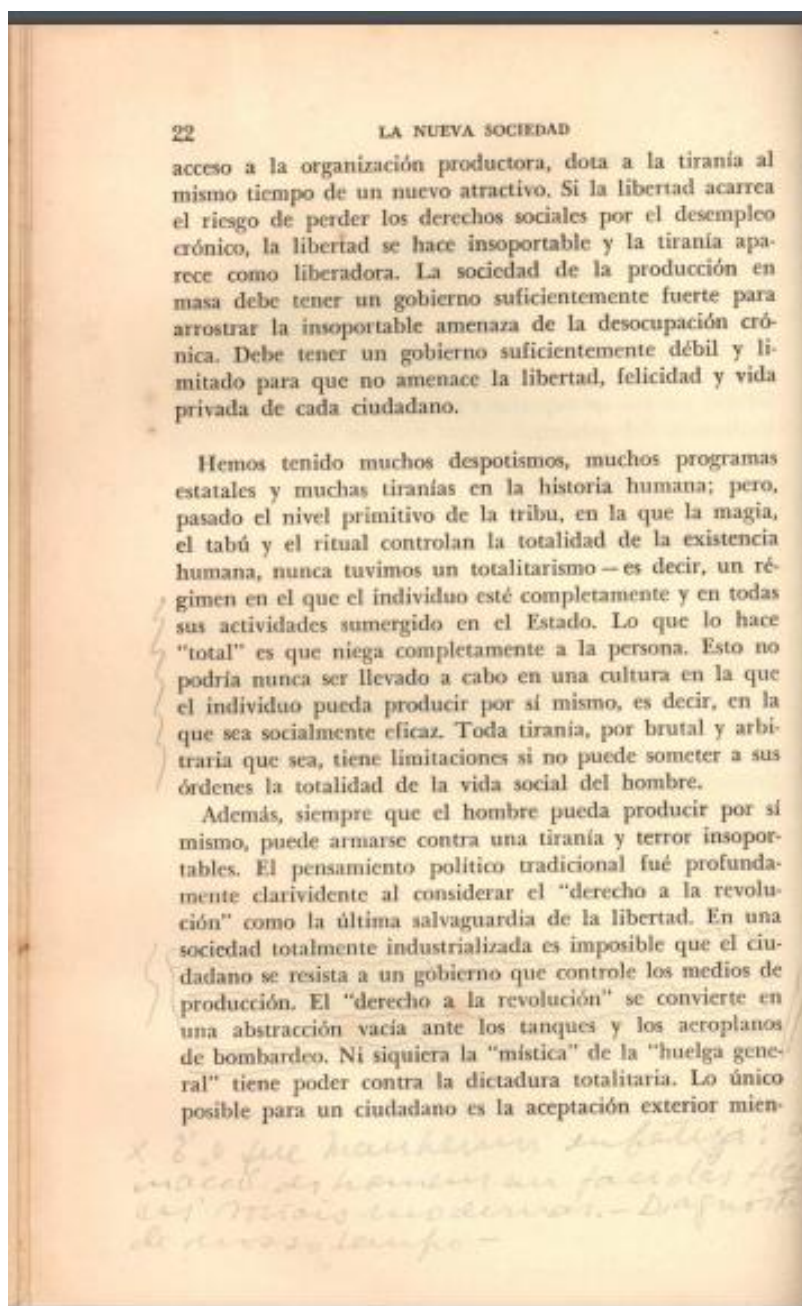


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 80:** [Grifo do PF] “Aliás, quase sempre, por abstrações doutrinárias, e não clarificada pela situação concreta, é o fato, novo na vida brasileira, de agora termos no poder, não apenas a classe territorial, mas esta e representações ponderáveis da classe média, daquilo que se convencionou chamar de burguesia nacional. [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “O amadurecimento proporcionado pelo novo cenário em que vivemos, quando as classes definem precisamente os seus campos e mobilizam-se para a defesa dos seus interesses, intervindo na escolha eleitoral e na composição das forças e na constituição do poder, configura o espetáculo de tomada de consciência a que vamos assistindo. É neste espetáculo que aparece, como uma

singularidade para os desatentos, com profundas razões para os pesquisadores, o problema do Nacionalismo. Porque Nacionalismo” [Fim do grifo do PF] | “Transitivção da consciência” - rebelião popular, conformada na renúncia às velhas posições expectantes e na procura das participantes. PF - “Educação e atualidade brasileira”.

**Figura 81 – Anotações em *La nueva sociedad* - parte 1 (Peter Drucker)**



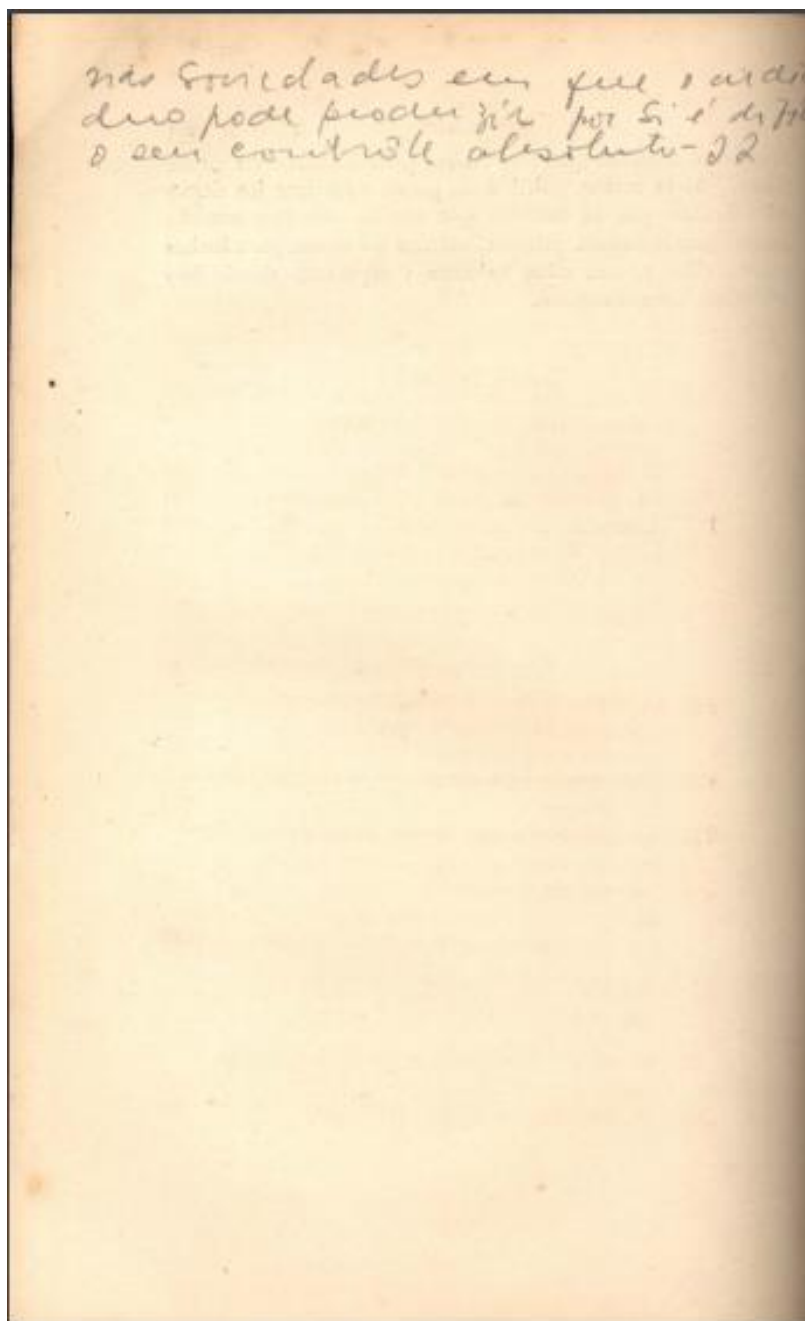
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 81:** [Grifo do PF] “En una sociedad totalmente industrializada es imposible que el ciudadano se resista a un gobierno que controle los medios de producción. El



“derecho a la revolución” se convierte en una abstracción vacía ante los tanques y los aeroplanos de bombardeo’ [Fim do grifo do PF] | É o que Mannheim enfatiza: a nação dos homens em face das técnicas sociais modernas - Diagnostico de nuestro tiempo.

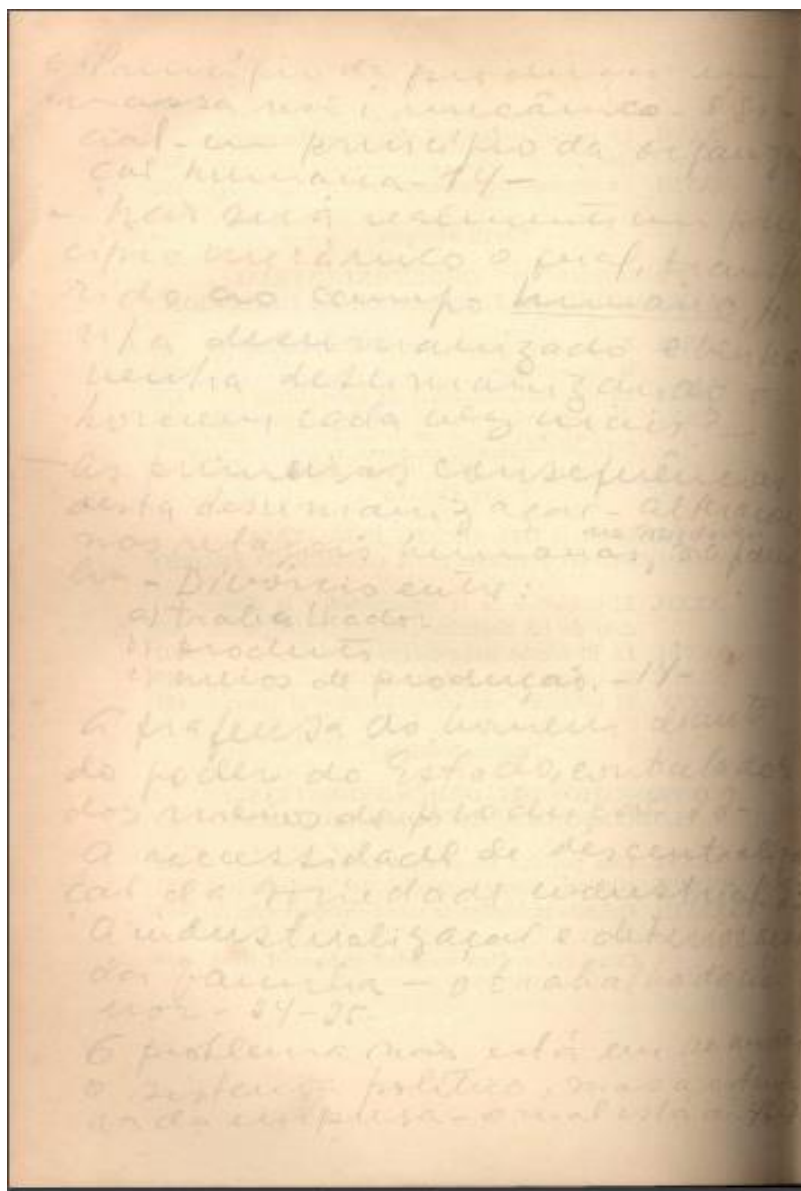
**Figura 82 – Anotações em *La nueva sociedad* - parte 2 (Peter Drucker)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 82:** Nas sociedades em que o indivíduo pode produzir por si só é difícil o seu controle absoluto - 22.

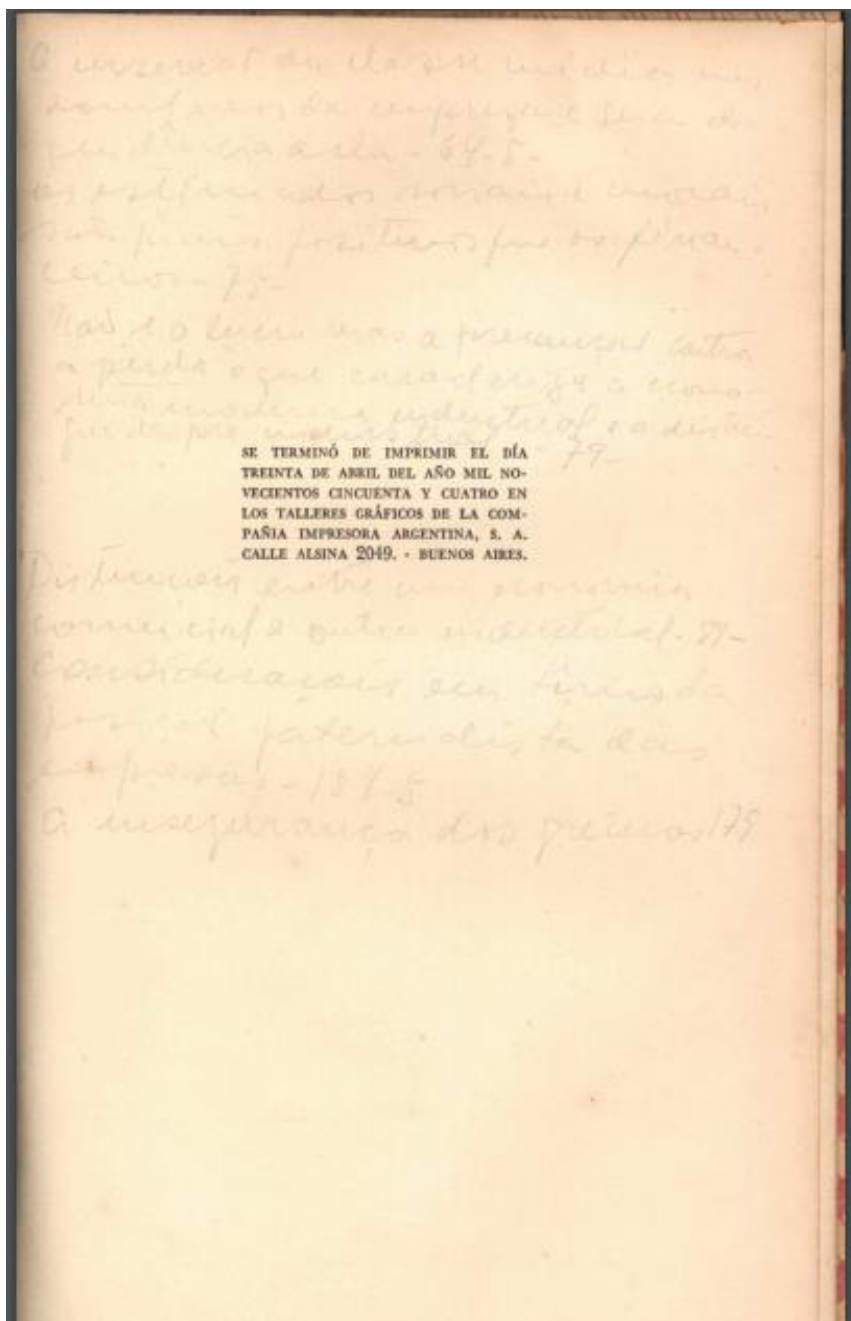
**Figura 83 – Anotações em *La nueva sociedad* - parte 3 (Peter Drucker)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 83:** O princípio da produção em massa não é mecânica - é social - um princípio de organização humana - 14 | E não será realmente um princípio mecânico o qual, transferido ao campo humano, tenha desumanizado e venha desumanizando o homem cada vez mais? | As primeiras consequências desta desumanização - alteração na sociedade - nas relações humanas - na família - divórcio entre: a) trabalhador; b) produtos; c) meios de produção - 14 | A fraqueza do homem diante do poder do Estado, controlador dos meios de produção - 22 | A necessidade de descentralização da sociedade industrial - 23 | A industrialização e deterioração da família - o trabalho do menor - 24/25 | O problema não está em se mudar o sistema político, mas a estrutura da empresa - o mal está aí - 46/47.

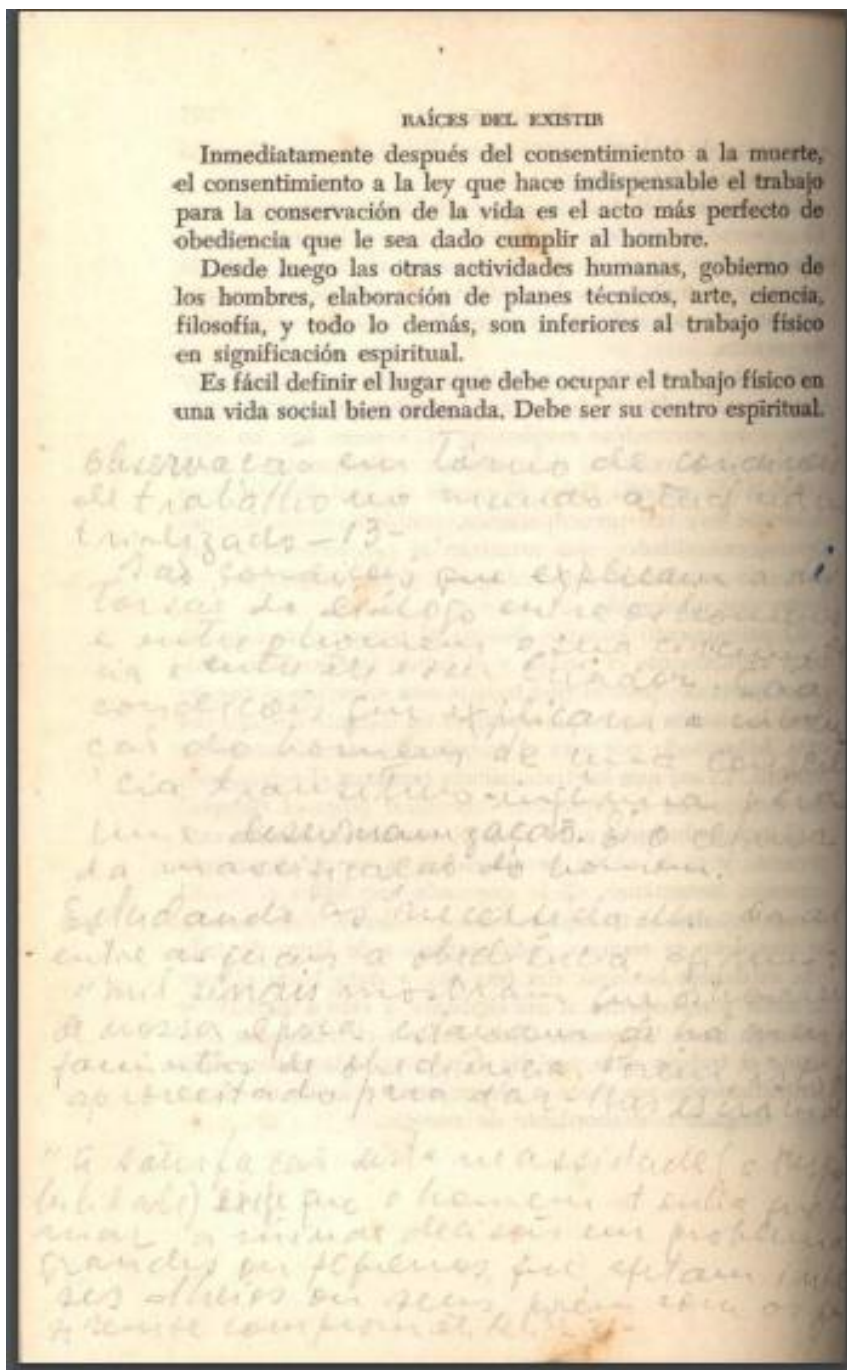
**Figura 84 – Anotações em *La nueva sociedad* - parte 4 (Peter Drucker)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 84:** A inserção da classe média nos domínios da empresa e sua dependência a ela - 64/65 | Os estímulos sociais e morais são mais positivos que os financeiros - 75 | Não é o lucro, mas a precaução contra a perda a que caracteriza a economia moderna industrial e a distingue da pré-industrial - 79 | Distinções entre uma economia comercial e outra industrial - 81 | Considerações em torno da posição paternalista das empresas - 154/155 | A insegurança dos [ilegível] - 179.

Figura 85 – Anotações em *Raíces del Existir* - parte 1(Simone Weil)



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 85:** Observação em torno de condições de trabalho no mundo atual industrializado - 13 | São condições que explicam a distorção do diálogo entre os homens e entre o homem e sua circunstância e entre ele e seu criador. São condições que explicam a involução do homem de uma consciência transitiva-ingênua para uma desumanização. É o [ilegível] da massificação do homem. | Estudando as necessidades da [ilegível] entre as quais a obediência, afirma: “mil sinais mostram que os homens de nossa época estariam há [ilegível]

famintos de obediência. Porém, isto foi aproveitado para lhes dar a escravidão. | “A satisfação dessa necessidade (a responsabilidade) exige que o homem tenha que [ilegível] a [ilegível] decisões em problemas grandes ou pequenos, que afetam interesses alheios ou seus, porém com os quais se sente comprometido - 31.

**Figura 86 – Anotações em *Raíces del Existir* - parte 2 (Simone Weil)**

INDICE	
PRÓLOGO, por Maria Eugenia Valentí	7
PRIMERA PARTE: <i>Las necesidades del alma</i>	19
El orden	25
La libertad	28
La obediencia	29
La responsabilidad	31
La igualdad	32
La jerarquía	35
El honor	35
El castigo	36
La libertad de opinión	38
La seguridad	48
El riesgo	49
La propiedad privada	49
La propiedad colectiva	51
La verdad	52
SEGUNDA PARTE: <i>El desarraigo</i>	57
El desarraigo obrero	58
El desarraigo campesino	89
Desarraigo y nación	108
TERCERA PARTE: <i>El arraigo</i>	189

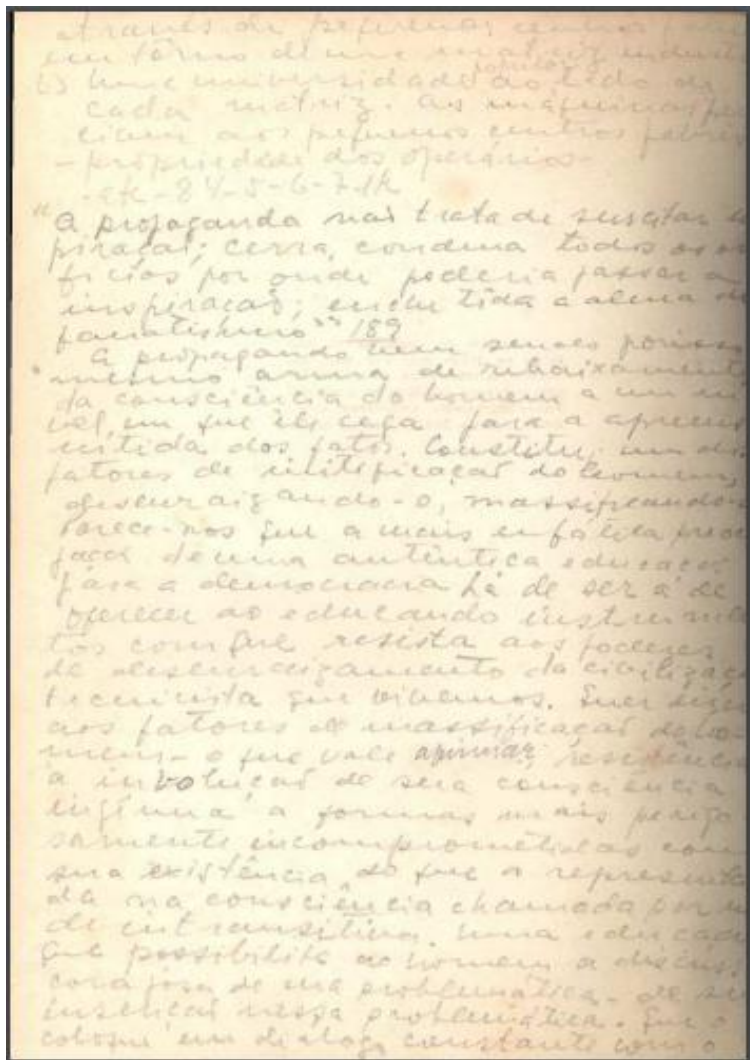
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 86:** É exatamente por isso que a responsabilidade é um dado existencial. A responsabilidade, por isso, [ilegível] incorporada [ilegível] intelectualmente nas vivencialmente. Uma educação para responsabilidade será aquela que ofereça ao educando oportunidades em que interfira e participe. A responsabilidade implica no desenvolvimento da



consciência crítica. | “Toda coletividade, qualquer que seja, que não proporcione estas satisfações a seus membros, está enferma e deve ser transformada” - 31 | Da necessidade de controle da publicidade, como de toda [ilegível] ação massificadora - 41/42.

**Figura 87 – Anotações em *Raíces del Existir* - parte 3 (Simone Weil)**

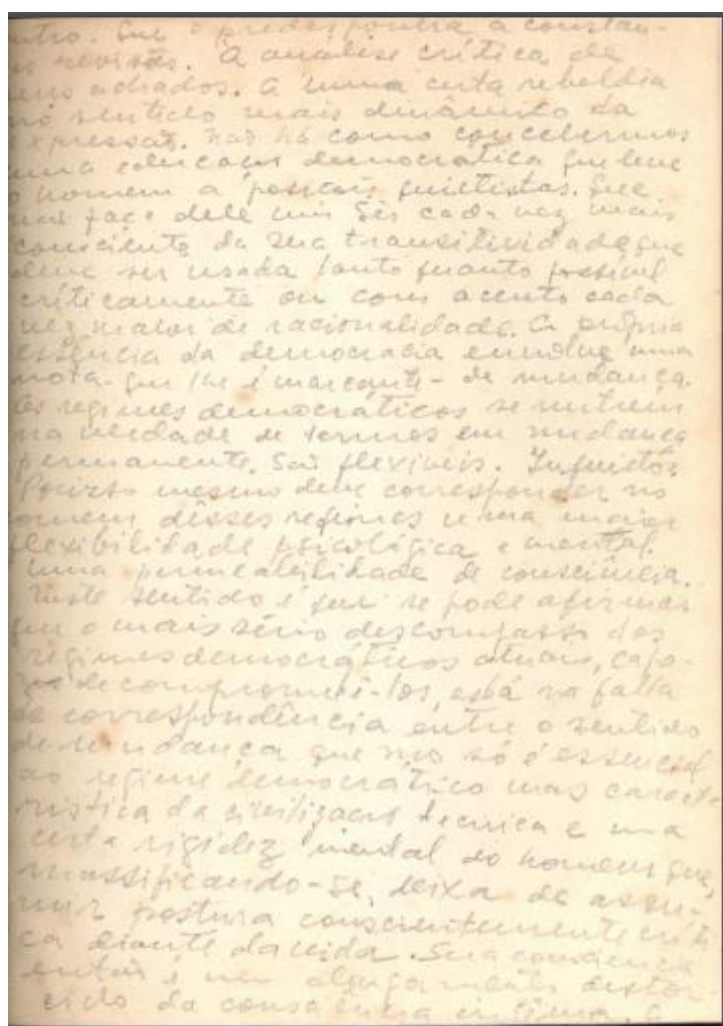


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 87:** Através de pequenos centros [ilegível] em torno de uma matriz industrial | [ilegível] uma universidade popular do lado de cada matriz. As máquinas [ilegível] aos pequenos centros fabris - prosperidade dos operários - 84/85/86/87 | A propaganda não trata de suscitar a inspiração; cerra [ilegível] todos os orifícios por onde poderia passar a inspiração; [ilegível] toda a alma de fanatismo” - 189 | A propaganda [ilegível] sendo por isso mesmo arma de rebaixamento da consciência do homem a um nível em que cega para [ilegível] [ilegível] dos fatos. Constitui, um dos fatores de [ilegível] do homem, desenraizando-o, massificando-o. | Parece-nos que a mais enfática preocupação de uma autêntica educação para a democracia há

de ser a de oferecer ao educando instrumentos com que resista aos poderes de desenraizamento da civilização tecnicista que vivemos. Quer dizer, aos fatores de massificação do homem - que vale afirmar, resistência a involução da sua consciência ingênua a formas mais perigosamente comprometidas com sua existência do que a representada na consciência chamada por mim de intransitiva. Uma educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática - de sua inserção nessa problemática - que o coloque em diálogo constante com o outro [continua na próxima página].

**Figura 88 – Anotações em *Raíces del Existir* - parte 4 (Simone Weil)**

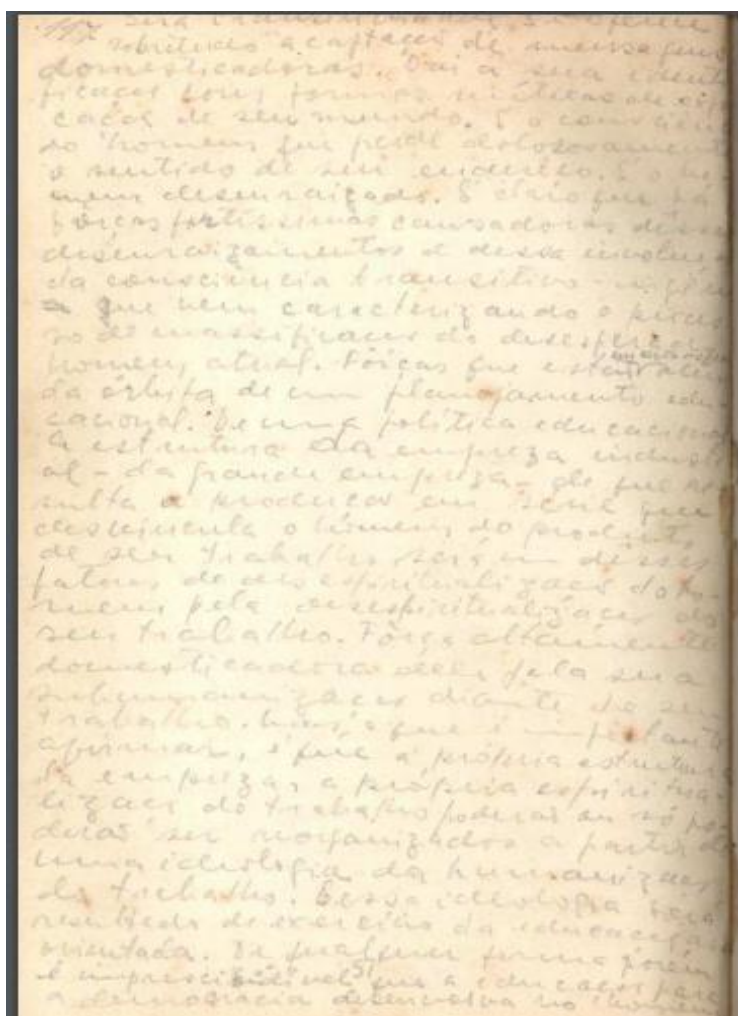


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 88:** Que o predisponha a constantes revisões. À análise crítica de seus achados. A uma certa rebeldia no sentido mais dinâmico da expressão. Não há como concebermos uma educação democrática que leve o homem posições quietistas. Que não faça dele um ser cada vez mais consciente de sua transitividade que deve ser usada tanto quanto possível criticamente ou com acento cada vez maior de racionalidade. A própria essência da

democracia envolve uma nota - que lhe é marcante - de mudança. | Os regimes democráticos se mantêm na verdade de termos em mudança permanente. São flexíveis. Inquietos. Por isso mesmo deve corresponder no homem desses regimes uma maior flexibilidade psicológica e mental. Uma permeabilidade da consciência. | Neste sentido que se pode afirmar que o mais sério descompasso dos regimes democráticos atuais está na falta de correspondência entre o sentido de mudança que não é só essencial ao regime democrático mas característica da civilização técnica e uma certa rigidez mental do homem que, massificando-se, deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida. Sua consciência então é um [ilegível] distorcida da consciência ingênua [continua na próxima página].

**Figura 89 – Anotações em *Raíces del Existir* - parte 5 (Simone Weil)**

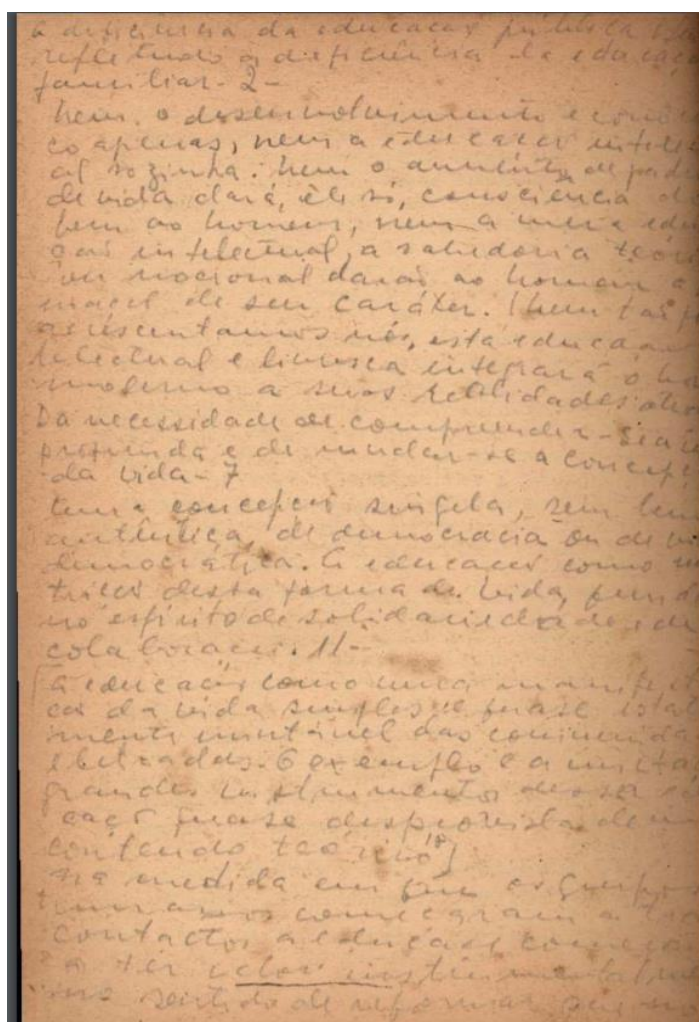


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 89:** Sua [ilegível] se oferece sobretudo a captação de mensagens domesticadoras. Daí sua identificação com formas críticas de [ilegível] de seu mundo. É a consciência do homem que perde dolorosamente o sentido de seu endereço. É o homem

desenraizado. É claro que há forças fortíssimas causadoras desse desenraizamento e dessa involução da consciência transitiva-ingênua que vem caracterizando o processo de massificação do desesperado homem atual. Forças que estão em certo aspecto acima da órbita de um planejamento educacional. De uma política educacional. | A estrutura da empresa industrial - da fraude empresa - de que resulta a produção em série que desvincula o homem do produto de seu trabalho será um desses fatores de desespirtualização do homem pela desespirtualização do seu trabalho. Forças altamente domesticadoras dele pela sua [ilegível] diante de seu trabalho. Mas o que é importante afirmar, é que a própria estrutura da empresa, a própria espirtualização do trabalho poderão ou só poderão ser reorganizadas a partir de uma ideologia da humanização do trabalho. E essa ideologia será resultado do exercício da educação assim orientada. De qualquer forma, porém é imprescindível que a educação para a democracia desenvolva no homem.

**Figura 90 – Anotações em *Hay que cambiar de educación* – parte 1 (Roberts Dottrens)**

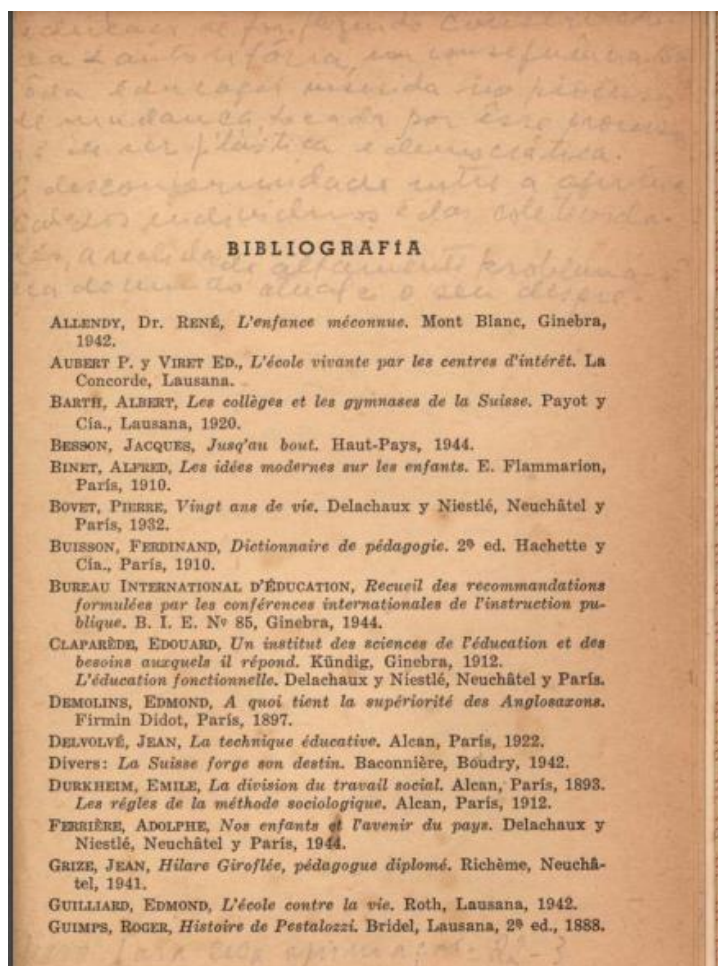


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)



**Transcrição Figura 90:** A deficiência da educação pública está refletindo a deficiência da educação familiar - 2 | Nem o desenvolvimento econômico apenas, nem a educação intelectual sozinha: nem o padrão de vida dará, ele só, consciência do bem ao homem, nem a meia educação intelectual, a sabedoria teórica ou racional darão ao homem a formação de seu caráter. Nem tão pouco, acrescentamos nós, esta educação intelectual e livresca integrará moderno à suas realidades atuais. A necessidade de compreender-se a vida profunda e de mudar-se a concepção de vida - 7 | Uma concepção singela, [ilegível] autêntica de democracia ou de vida democrática. A educação como [ilegível] dessa forma de vida, funda no espírito de solidariedade e de colaboração - 11 | A educação como uma manifestação da vida simples e quase [ilegível] inevitável das comunidades iletradas - o exemplo e a [ilegível] grandes instrumentos dessa educação quase desprovida de um conteúdo teórico - 18 | Na medida em que os grupos humanos começaram a ter contatos, a educação começa a ter valor instrumental, [ilegível] no sentido de reformar ou mesmo de preservar formas de vida.

**Figura 91 – Anotações em *Hay que cambiar de educación* - parte 2 (Roberts Dottrens)**

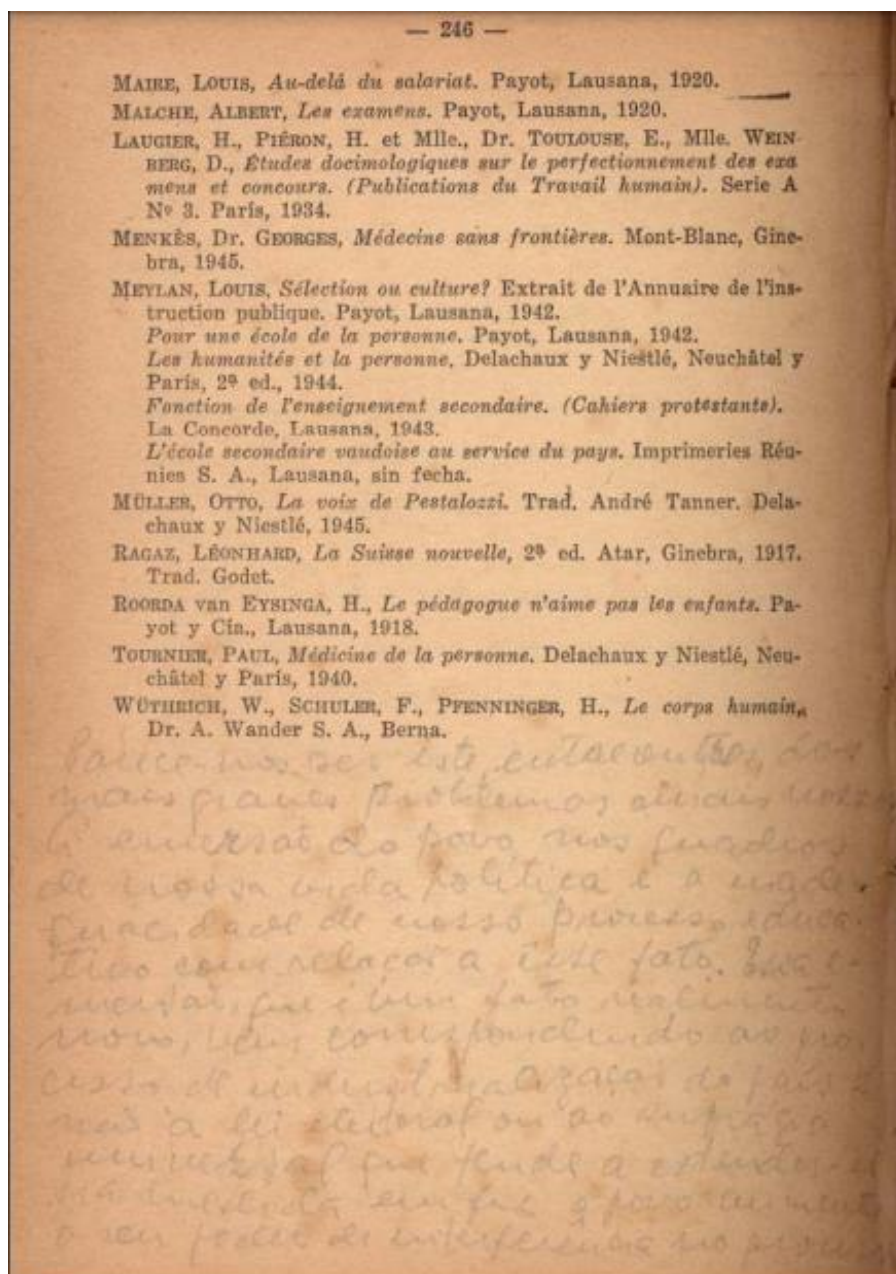


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)



**Transcrição Figura 91:** A educação foi se fazendo conservadora e autoritária, em consequência da educação inserida no processo de mudança tocada por esse processo de ser plástica e democrática. A desconformidade entre a afirmação dos indivíduos e das coletividades, a realidade altamente problemática do mundo atual e seu desprezo.

**Figura 92 – Anotações em *Hay que cambiar de educación* - parte 3 (Roberts Dottrens)**

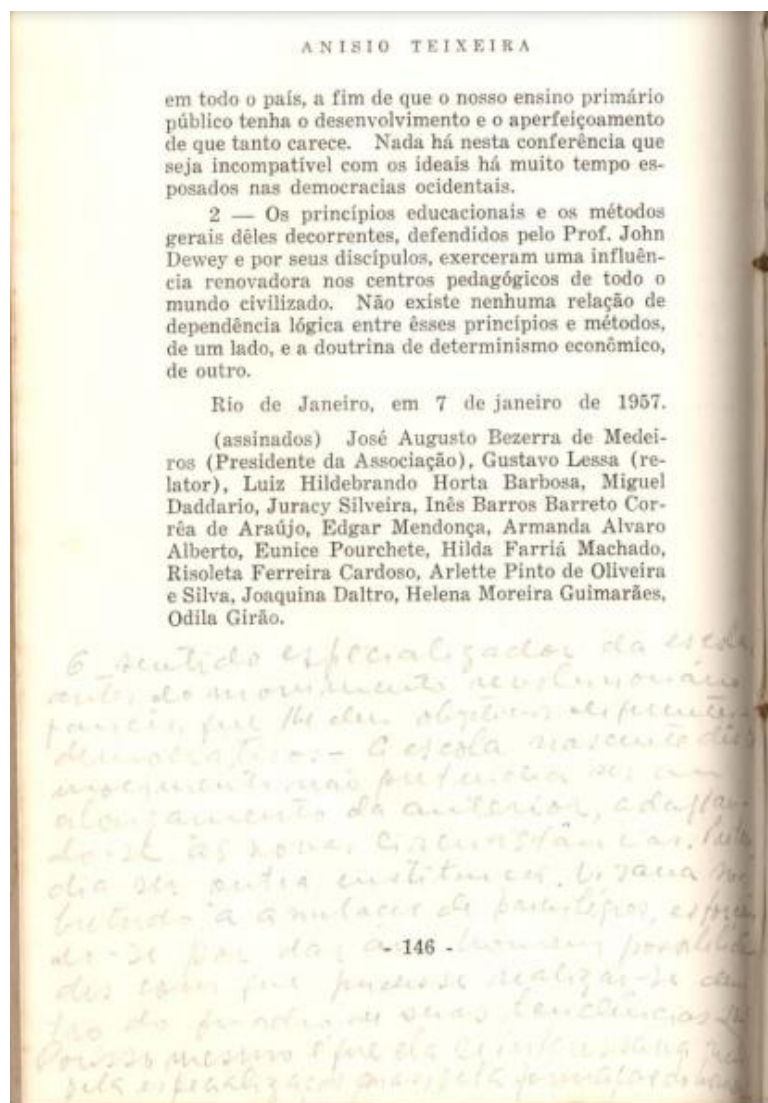


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 92:** Parece nos ser este, dentre outros, dos mais grandes problemas atuais nossos. A emersão do povo, nos quadros de nossa vida política e a inadequacidade de nosso progresso educativo com relação a esse fato. Essa emersão, que é um fato realmente novo, vem

correspondendo ao processo de industrialização do país e não à lei eleitoral ou ao sufrágio universal que tende a estender-se na medida em que o povo aumente o seu poder de interferência no processo histórico nacional.

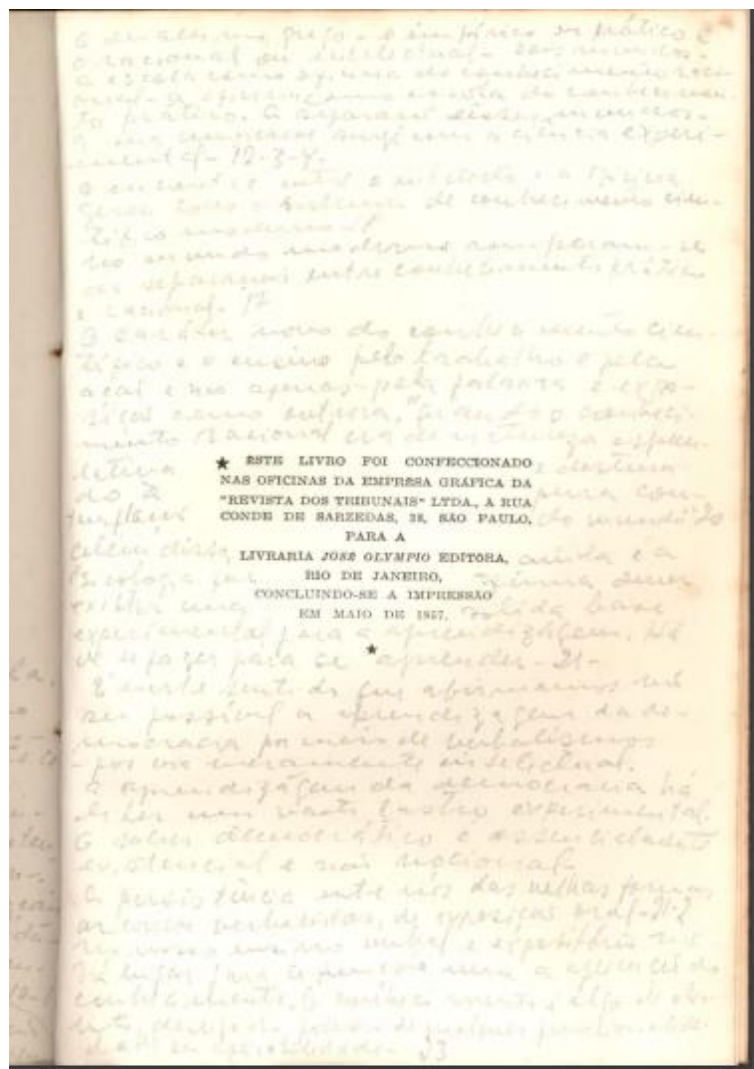
**Figura 93 – Educação não é privilégio- parte 1 (Anísio Teixeira)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 93:** O sentido especializador da escola antes do movimento revolucionário francês, que lhe deu objetivos diferentes - democráticos - a escola nascente desse movimento não pretendia ser um alongamento da anterior, adaptando-se as novas circunstâncias. Pretendia ser outra instituição. Visaria sobretudo a anulação de privilégios, esforçando-se por dar ao homem possibilidades com que pudesse realizar-se dentro do quadro de suas tendências. Por isso mesmo é que ela se interessaria não pela especialização, mas pela formação de homens.

**Figura 94 – Educação não é privilégio- parte 2 (Anísio Teixeira)**

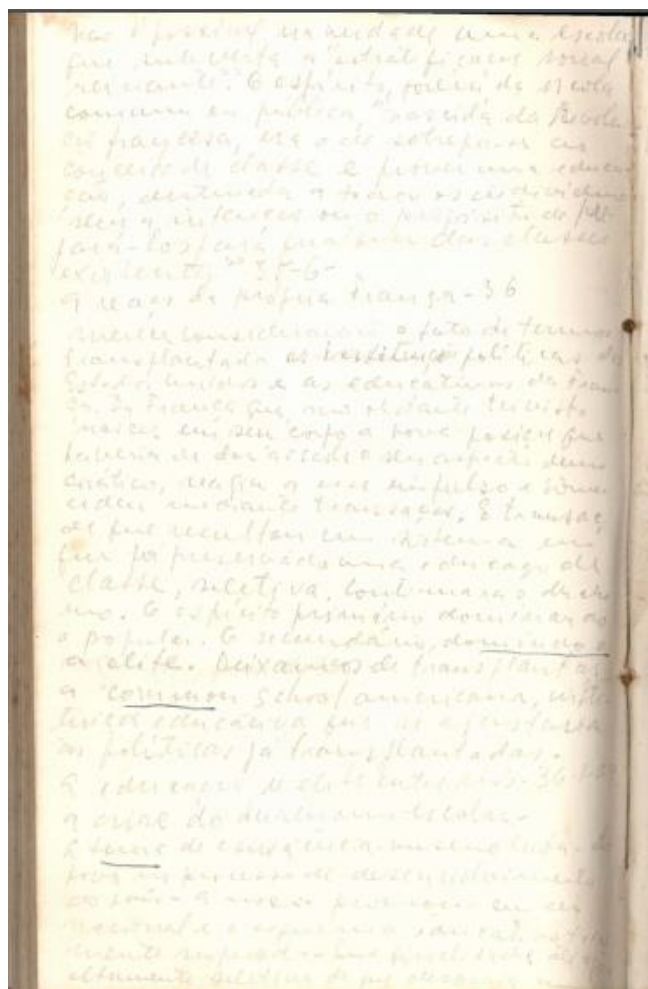


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 94:** O dualismo grego - o empírico ou prático ou o racional ou intelectual - dois {ilegível} - a escola como oficina do conhecimento racional - a oficina como escola do conhecimento prático. A separação desses {ilegível} - a sua {ilegível} surge uma ciência experimental - -12/13/14. | O encontro entre intelecto e a {ilegível} gerou todo o sistema de conhecimento científico moderno - 15 | No mundo moderno romperam-se as separações entre conhecimento prático e racional - 17 | O caráter do conhecimento novo do conhecimento científico e o ensino pelo trabalho e pela ação e não apenas pela palavra e exposição como outrora, " quando o conhecimento racional era de natureza {ilegível} e {ilegível} à pura contemplação do mundo - 20 | Além disso, ainda é a psicologia que {ilegível} dever existir uma sólida base experimental para a aprendizagem. Há de se fazer para aprender - 21 | É nesse sentido que afirmamos não ser possível aprendizagem da democracia por meio de verbalismos - por via meramente intelectual. A aprendizagem da democracia há de ter um vasto lastro

experimental. O saber democrático é assim {ilegível} existencial e não nocional | A persistência entre nós das velhas formas arcaicas verbalistas, de exposição oral - 21/22 | No nosso ensino verbal e expositório não há lugar para a função e aplicação do conhecimento. O conhecimento é algo de abstrato, desligado de qualquer funcionalidade ou aplicabilidade - 23.

**Figura 95 – Educação não é privilégio- parte 3 (Anísio Teixeira)**



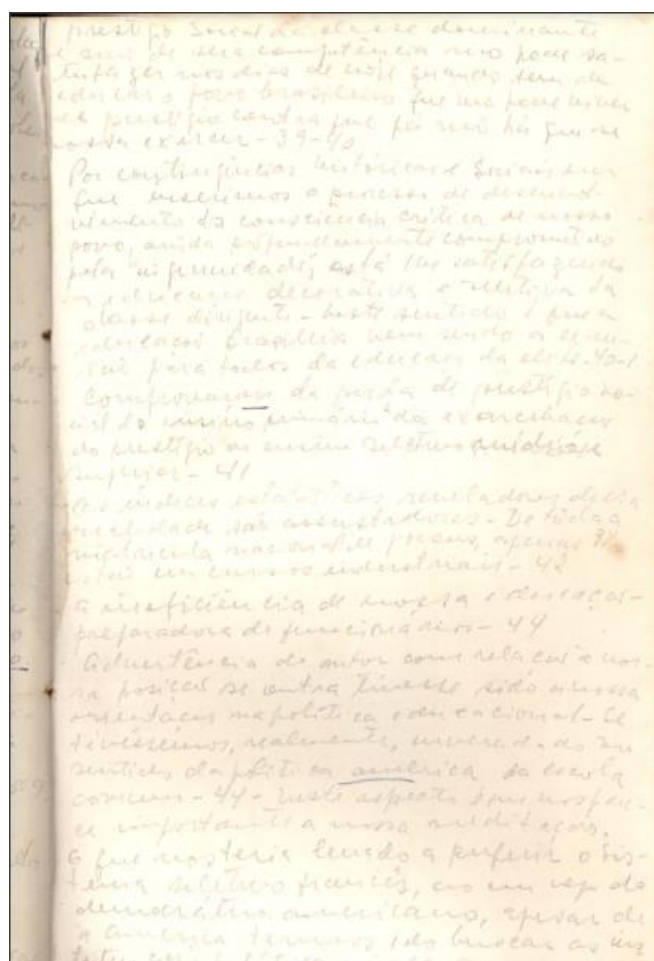
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 95:** Não é possível na verdade uma escola que subverta a "estratificação social" e {ilegível}. O espírito porém da escola comum ou pública, nascida da revolução francesa, era a de sobrepor-se ao conceito de classe e prover uma educação, destinada a todos os seus indivíduos, sem a intenção ou o propósito de prepará-los para qualquer das classes existentes 35/36 | A reação da própria França - 36 | Merece considerações o fato de termos transplantado as instituições políticas dos Estados Unidos e as educativas da França. Da França que não obstante ter visto nascer em seu corpo a nova posição que haveria de dar a escola o seu aspecto democrático, reagia a esse impulso e {ilegível} mediante transação. E transação de que



resultou um sistema em que foi preservada uma educação de classe, seletiva. Continuava o dualismo. O espírito primário dominar o popular. Deixamos de transplantar a “Common School” americana, instituição educativa que se ajustaria às políticas já transplantadas - a educação de elite entre nós - 36/37/38/39 - a crise do dualismo escolar - a forma de consciência mesmo lenta do povo no processo de desenvolvimento do país - a nossa promoção em ser nacional e o esquema educativo totalmente separado - sua finalidade até agora altamente seletiva de que decorria um {continua na próxima página}.

**Figura 96 – Educação não é privilégio- parte 4 (Anísio Teixeira)**



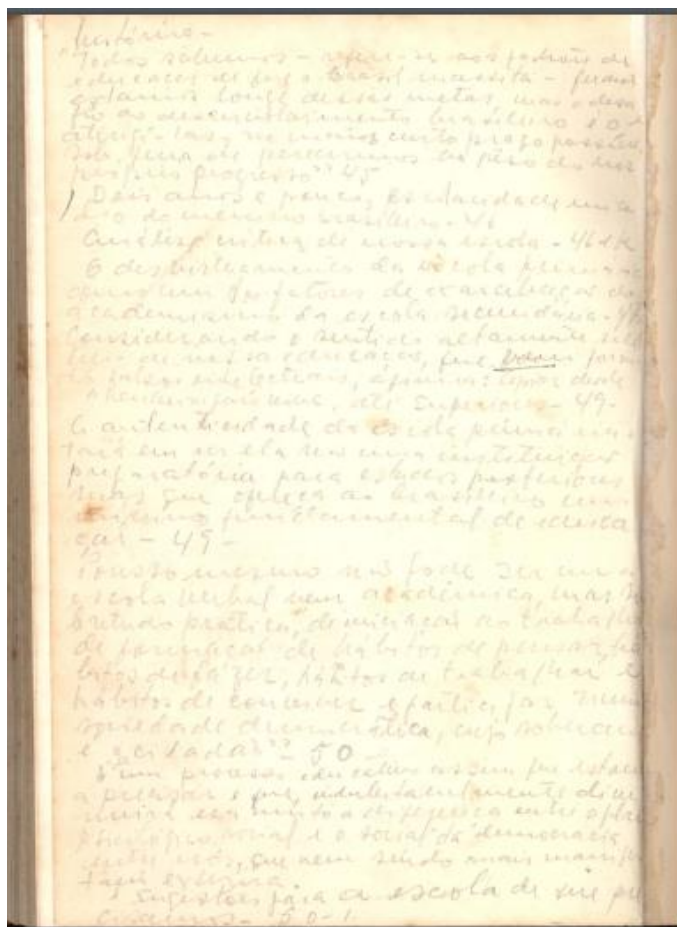
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 96:** prestígio social da classe dominante e não de sua competência {ilegível} pode satisfazer nos dias de hoje quando tem de educar o povo brasileiro que não pode viver de prestígio contra que já não que se nossa exercer - 39/40. Por contingências históricas e sociais em que inserimos o processo de desenvolvimento da consciência crítica de nosso povo, ainda profundamente comprometido pela "ingenuidade", está lhe satisfazendo a educação decorativa e seletiva da classe dirigente - nesse sentido é que a educação brasileira a extensão



para todos da educação da elite - 40/41 | Comprovações da perda de prestígio social da educação primária da exacerbação do prestígio do ensino seletivo {ilegível} {ilegível} - 41 | Os índices estatísticos reveladores dessa realidade são assustadores - de toda a matrícula nacional, apenas 3% estão em cursos industriais - 42 | A insuficiência da nossa educação preparadora de funcionários - 44 | Advertência do autor com relação a nossa posição se outra tivesse sido a nossa orientação política e educacional - se tivéssemos realmente enveredado no sentido da política americana da escola comum - 44 | neste aspecto é que nos parece importante a nossa meditação. O que nos teria levado a preferir o sistema seletivo francês, ao em vez do democrático americano, apesar de na América termos ido buscar as instituições políticas é algo que nos interessa na explicação do nosso processo histórico.

**Figura 97 – Educação não é privilégio- parte 5 (Anísio Teixeira)**

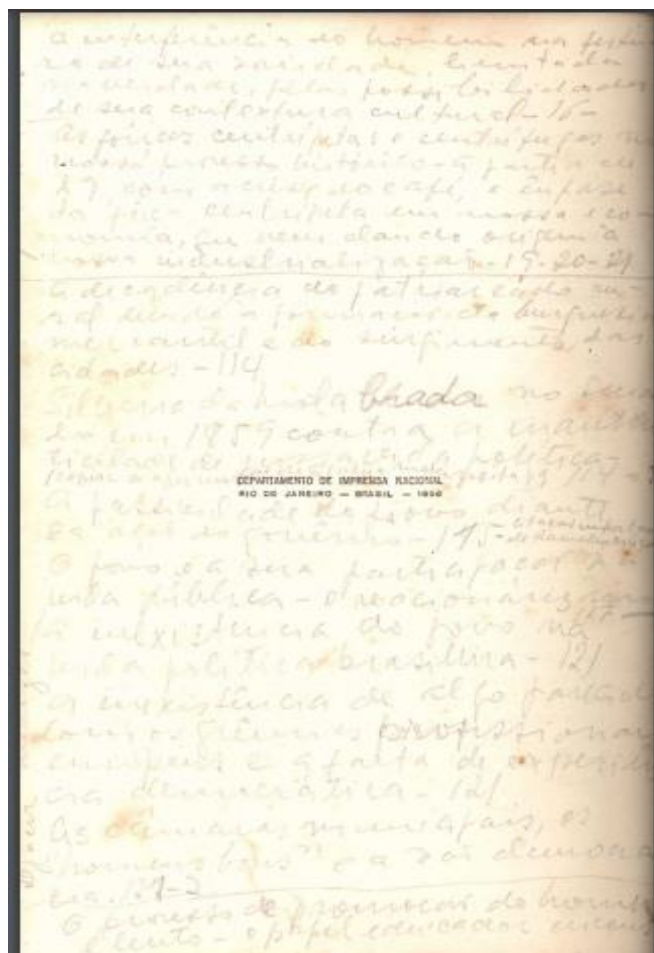


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 97:** “Todos nós sabemos - refere-se aos padrões de educação que o Brasil necessita - quanto estamos longe dessas metas, mas o desafio do desenvolvimento brasileiro é o de atingi-las, no maior curto prazo possível, sob pena de percermos no peso do nosso próprio

progresso” - 45 | Dois anos e pouco, escolaridade média do menino brasileiro - 46 | Análise crítica de nossa escola 46 e 47 | O desvirtuamento da escola primária como um dos fatores de exacerbação do academicismo da escola secundária - 47 | Considerando o sentido altamente seletivo de nossa educação, que {ilegível} falsos intelectuais, afirma: copiar desde {ilegível} um país {ilegível} , até superiores - 49 | A autenticidade da escola primária dará em ser ela não uma instituição preparatória para estudos posteriores, mas que ofereça aos brasileiros um {ilegível} fundamental da educação - 49 | Por isso mesmo não pode ser uma escola verbal, nem acadêmica, mas sobretudo prática, de iniciação no trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conhecer e participar na sociedade democrática, cujo soberano é o cidadão - 50 | É de um processo educativo assim que estamos a precisar e que indubitavelmente que diminuirá em muito a diferença entre o {ilegível} psicológico social e o social da democracia entre nós, que vem sendo mais uma manifestação externa. | sugestão para as escolas que precisamos - 50/51.

**Figura 98 – Introdução aos problemas do Brasil (ISEB)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 98:** “A interferência do homem na feitura de sua realidade, limitada na verdade, pelas possibilidades da sua contextura cultural - 16 | As forças centrípetas e centrífugas no nosso processo histórico - a partir de 29, com a crise do café, a ênfase da força centrípeta em nossa **economia**, que vem dando origem à nossa industrialização - 19/20/21 | A decadência do patriarcado rural devido a formação da burguesia mercantil e do surgimento das cidades - 114 | Silveira da Mota brada no {ilegível} em 1859 contra inautenticidade da nossa vida política - 115 | O povo e a sua participação na vida pública - o reacionarismo / a inexistência do povo na vida política brasileira - 121 | a inexistência de algo parecido como grêmios profissionais aos europeus e a falta de experiência democrática - 121 | As câmaras municipais, “os homens bons” e a não democracia - 121/122 | O processo de promoção do homem eleito - o papel educador inconsciente do político que capta votos - 129 | Uma posição diante do coronelismo - 131 | A inadequação entre as estruturas do governo, assentadas para a direção de elites e a elevação política das massas - a crise do estado moderno e este fenômeno - 152 | As nossas elites despreparadas para sua tarefa - considerações simples sobre este aspecto - 155 | A sociedade e a cultura colonial - o sentido fundamental de nossa formação - 162/163/164 | “A massa servil não estava educada para a liberdade! Era preciso prepará-la para a alforria - no chicote do feitor e na labuta escrava. Este argumento é irmãozinho daquele que pretende educar o povo para a democracia, instaurando a ditadura” - 117| Ainda na página 117, considerações {ilegível} sobre soluções verticais em nome da memoridade do povo a quem, todavia, não se pretende dar maioridade. O que tem levado Hermes {ilegível} a afirmar: ao longo da história política social de nosso país, julgo existir mais ou menos disfarçado o {ilegível} de uma participação ativa do povo na vida pública - 117 | A inautenticidade democrática das chamadas elites diante das preferências do povo, a quem eles {ilegível} e receiam. Daí pretendem o grande paradoxo: a democracia {ilegível};

### 3.3 Aspectos relevantes dos materiais transcritos

Analisei mais de 90 passagens, que foram transcritas durante esse processo de pesquisa. A partir desse trabalho, foi possível dividir as anotações de Freire em quatro diferentes categorias, que indicam a estrutura e o formato desses materiais: a) destaques a partir de textos lidos; b) fichamento de páginas; c) micro resenhas em páginas avulsas; d) apontamentos para análise, construção ou reflexão da tese, bem como relações com outras leituras.

A primeira categoria é basicamente oriunda do ato de destacar ou sublinhar passagens de textos, realizadas por Freire nas obras lidas, com eventual descritivo ou reflexão de algum termo destacado pelo leitor, anotado à sua margem. Essa categoria é encontrada mais de 50 vezes, principalmente nos exemplares de obras de Fernando Azevedo, Gabriel Marcel, James Conant, Juan Montovani, José Maria Bello, Nelson Werneck Sodré, entre outros.

A segunda categoria é um tipo de anotação realizada por Freire que se aproxima de fichamento do texto lido, trazendo o resumo dos principais pontos abordados e em que páginas da obra elas estão. Esse material aproxima-se da seção de “índice” ou “notas” encontrada em alguns livros ou obras publicadas, mas neste caso esse processo é personalizado e mais detalhado pelo próprio leitor. Tais anotações geralmente são encontradas nas páginas finais dos exemplares utilizados por Freire ou até mesmo em papéis avulsos. Essa categoria foi encontrada mais de 30 vezes, principalmente nos exemplares de obras de Caio Prado Júnior, Aldous Huxley, Fernando Azevedo, Simone, Peter Drucker, entre outros.

A terceira categoria é caracterizada por um resumo das ideias do leitor realizado em algum exemplar de obra que tenha examinado. Aqui o fluxo da escrita do leitor é mais contínuo e demonstra argumentos, análises e raciocínios que, em alguns casos, são encontrados de forma similar ou parcialmente equivalentes em sua tese publicada “Educação e atualidade brasileira”. Essa categoria pode ser considerada mais profunda e autoral, visto que não é o ato de “apontar” ou “coleccionar” as ideias de outro autor, mas sim uma produção intelectual mais elaborada. Esses materiais foram encontrados pouco menos de 10 vezes, principalmente no exemplar da obra *Raíces del Existir* de Simone Weil.

A quarta categoria é geralmente encontrada de forma conjunta com a primeira, demonstrando um apontamento de alguma ação para continuar ou aprofundar-se na análise do material encontrado na obra. Nessas passagens, é comum encontrar verbos como “ler”; “analisar”; “procurar”, demonstrando uma ação indicada pelo leitor para buscar outros autores

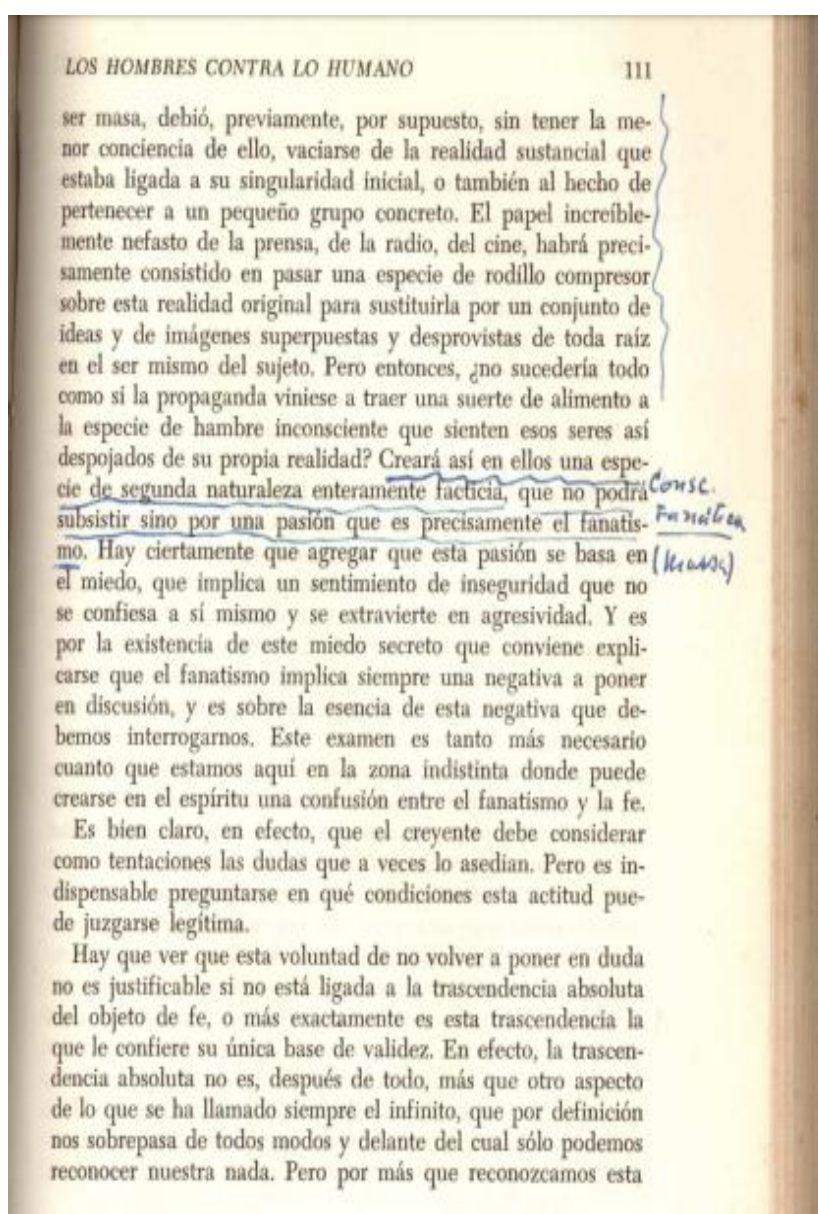
<sup>1</sup>As categorias foram demonstradas no artigo de 2020: “Das notas de leitura à tese: alguns apontamentos sobre a elaboração de Educação e atualidade brasileira, de Paulo Freire” escrito por Sérgio César da Fonseca e Fernanda Ribeiro Ruffo Roberto. Aqui aprofundamos esse modelo de análise.

que tratam sobre o assunto ou até mesmo refletir sobre sua própria tese de doutoramento. Tal categoria foi encontrada 20 vezes ao longo desta pesquisa.

Abaixo, destaco alguns exemplos das categorias aqui explicadas para evidenciar os aspectos que marcam cada uma delas.

- **Exemplo da primeira categoria:** destaques a partir dos textos lidos;

**Figura 36 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 2 (Gabriel Marcel)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 36:** [Grifo do PF] “Crearé así en ellos una especie de segunda naturaleza

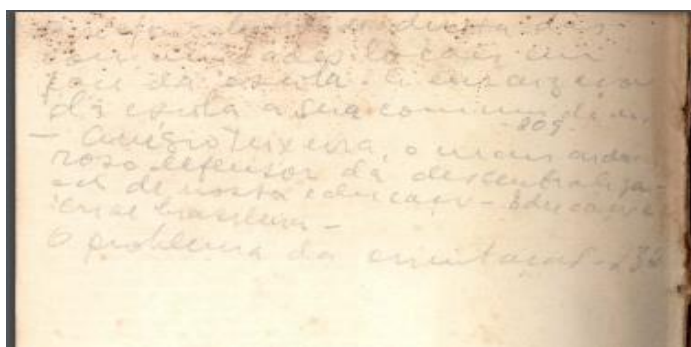


enteramente factícia, que podrá subsistir sino por una pasión que es precisamente el fanatismo”  
[Fim do gripo do PF] | Consciência fanática (massa).

Aqui neste exemplo, fica evidente a prática de Freire de destacar passagens no texto que despertaram uma reflexão.

- **Exemplo da segunda categoria:** fichamento de páginas;

**Figura 53 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 11 (James Conant)**

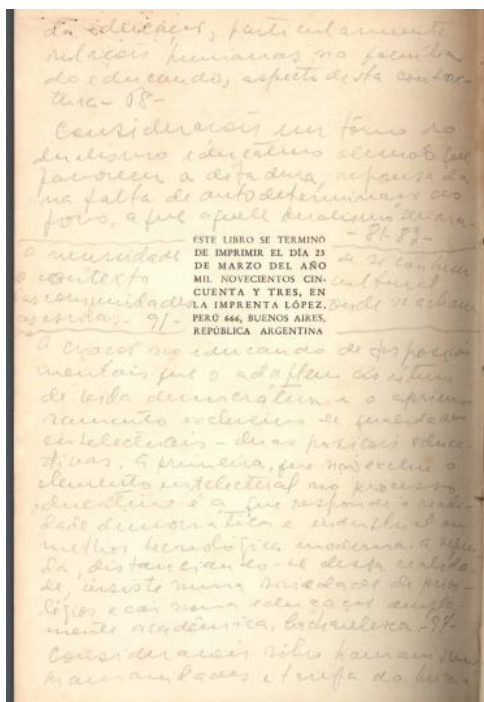


Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 53:** A responsabilidade direta das comunidades locais em face das escolas. A enraização da escola sua comunidade - 209 | Anísio Teixeira, o maior defensor da descentralização de nossa educação - “Educação e a crise brasileira” - o problema da orientação - 232.

- **Exemplo da terceira categoria:** micro-resenhas em páginas avulsas;

**Figura 51 – Anotações em *La Educación en un Mundo Dividido* - parte 9 (James Conant)**



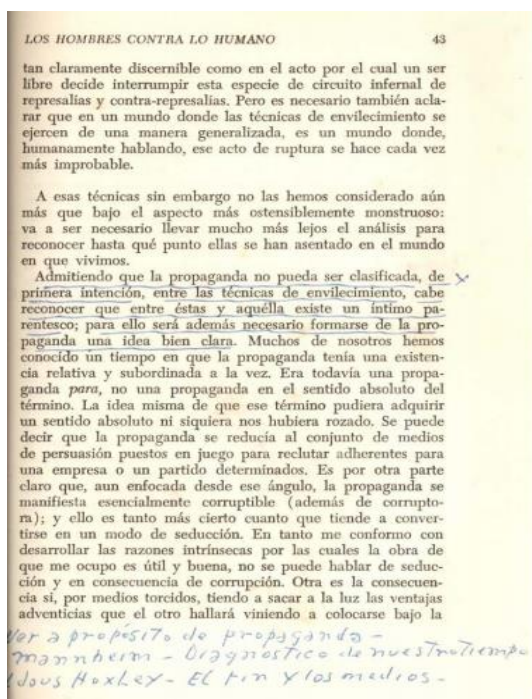
Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 51:** ...da educação, particularmente relações humanas na família do educando, aspecto dessa contextura - 68 | Considerações em torno do dualismo educativo alemão que favoreceu a ditadura, repousa na falta de autodeterminação do povo, a que aquele dualismo levava - 81/82 | A necessidade de se conhecer o contexto cultural das comunidades onde se acham as escolas - 91 | A criação no educando de disposições mentais que o adaptem ao ritmo da vida democrática e o aprimoramento exclusivo de qualidades intelectuais - duas posições educativas. A primeira, que não exclui o elemento intelectual no processo educativo é a que responde a realidade democrática e industrial ou melhor tecnológica moderna. A segunda, distanciando-se dessa realidade, insiste numa sociedade de privilégios e com uma educação duplamente acadêmica, bacharelesca - 94 | Considerações sobre humanismos, humanidades e tarefa do humanista [continua na próxima página].

Esse exemplo demonstra um trecho que compõe tanto a segunda como a terceira categoria de forma conjunta. Ao longo do que seria o fichamento das páginas, Freire traz uma contribuição própria do que considerava ser duas posições a serem tomadas no processo educativo.

- **Exemplo da quarta categoria:** apontamentos para análise, reflexão ou construção da tese.

**Figura 35 – Anotações em *Los hombres contra lo humano* - parte 1 (Gabriel Marcel)**



Fonte: Acervo Paulo Freire (2021). Disponível em: [www.http://acervo.paulofreire.org/](http://acervo.paulofreire.org/)

**Transcrição Figura 35:** [Grifo do PF] “Admitiendo que la propaganda no pueda ser clasificada, de primera intención, entre las técnicas de envilecimiento, cabe reconocer que entre éstas y aquélla existe un íntimo parentesco; para ello será además necesario formarse de la propaganda una idea bien clara.” [Fim do grifo do PF]. | Ver a propósito da propaganda - Mannheim -Diagnostico de nuestro tiempo - Aldous Huxley - El fin y los medios -

Cada uma dessas categorias, de forma contemplar uma a outra, demonstra o modo comprometido e sistematizado que Paulo Freire conduzia as suas leituras e estudos. Esse material revela o processo que conduziu para elaboração de suas primeiras contribuições intelectuais, demonstrando as relações que fazia com outras leituras, apontamentos de ações que deveria tomar para aprofundar-se nas análises, citações de como identificava certas problemáticas ou assuntos específicos, bem como trechos e reflexões autorais que foram posteriormente absorvidos em sua tese de doutoramento e em outras produções. Ou seja, são pistas que demonstram a formulação de conceitos específicos que perpassam suas obras, como o caso do conceito de personalidade democrática.

## **4 A QUESTÃO DA PERSONALIDADE DEMOCRÁTICA**

Um aspecto importante a ser levado em consideração é o fato de que Paulo Freire não emprega em sua obra - pelo menos não em seus primeiros textos - o termo “personalidade democrática”. Ou seja, esse conceito não foi elaborado por ele, embora é importante levar em consideração que é um conceito sim explorado e adotado por Freire em seus primeiros trabalhos, com fortes influências de pesquisadores e intelectuais europeus e até mesmo brasileiros. O termo personalidade aparece vez ou outra citado em ‘Educação e atualidade brasileira’ mas não de forma acompanhada do adjetivo que refere-se à democracia. Já o termo mentalidade aparece cerca de 15 vezes em seu texto. Mentalidade é uma palavra também encontrada em textos menores de Freire antes da publicação de sua tese e fortemente colocada no debate sobre democracia e como integrante do processo de democratização. Um fato importante: o termo “personalidade democrática” é descrito mais de uma vez, em diferentes estudos, como uma construção pertencente a sua obra, por ter ocupado um lugar relevante em seus questionamentos mesmo que o conceito em si não tem sido elaborado em primeira mão pelo educador. Inclusive são diversos os autores que descreveram o conceito de personalidade democrática como estrutural na obra de Freire, pelo papel de alicerce que exerceu em suas ideias iniciais sobre educação, sociedade e democracia (BEISIEGEL, 2010 GADOTTI, 1996). Dessa forma, outros termos similares ou próximos, como mentalidade, são considerados para essa investigação. Partiu-se também do pressuposto que a ideia de personalidade democrática pode estar contida e pode fazer parte de sua obra como uma questão importante mesmo sem o emprego específico da palavra “personalidade” em seus textos.

### **4.1 Personalidade Democrática: o referencial como pano de fundo**

Tal como sua tese inicial e sua obra completa, a ideia da personalidade democrática foi fruto de uma série de estudos, conexões, diálogos e intercâmbios que Freire realizou durante toda a vida. Foi também, e talvez principalmente, resultado do seu movimento voltado a vivenciar a práxis, ou seja, do constante exercício de refletir e agir sobre o mundo para transformá-lo, de uma vivência crítica, da unidade dialética entre sua subjetividade e sua objetividade. Do seu viver, imbuído do conscientizar-se e responsabilizar-se. De um modo de vida e trabalho que buscava, de certa forma, incentivar essa personalidade democrática nos outros em conjunto com o incentivo de sua própria.

Vê-se uma significativa influência dos principais nomes do ISEB sobre o Paulo Freire da tese, quando este descreve o momento “em trânsito” que a sociedade brasileira passava naquela época. O conceito de personalidade democrática surge a partir desse pano de fundo - um contexto de movimento, ilustrado pela possibilidade de passagem da sociedade brasileira, até então tida como “arcaica”, para uma sociedade que fosse “moderna”. Esse trânsito era fruto da industrialização e de uma série de transformações econômicas e sociais, que geraram uma nova organização do trabalho e um novo formato de distribuição da riqueza. Esse momento de transição era uma oportunidade para o Brasil de fato evoluir para o que Freire e diversos outros autores consideravam como democracia. Essa janela de oportunidade histórica, por sua vez, também deveria acompanhar uma formação de um novo aparato de comportamentos e concepções de mundo por parte dos sujeitos dessa sociedade. Esse aparato também pode ser compreendido como as “personalidades democráticas”. Ou seja, do mesmo modo que a sociedade poderia evoluir, a personalidade das pessoas também poderia – e deveria – acompanhar essa transformação para que de fato a democracia se tornasse uma realidade para o Brasil. A personalidade democrática é descrita como constituinte desse contexto de movimentação.

Entre os principais autores que são mais citados como os principais influenciadores da construção do conceito de personalidade democrática em Freire, encontram-se dois estrangeiros: Karl Mannheim e Zevedei Barbu. A presença desses dois autores na construção da personalidade democrática de Freire já foi relatada por Celso Beisiegel em seu livro “Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil”, escrito em meados de 1980. Neste livro, Beisiegel (1982, p. 76) também pontua a relação estabelecida entre a conscientização e a personalidade democrática.

Karl Mannheim foi um intelectual europeu, nascido em 1893 em Budapeste. Foi estudante da Universidade de Budapeste, em que realizou sua graduação e, posteriormente, seu doutorado. Responsável por uma obra extensa, escrita no período de 1918 a 1945, o europeu publicou mais de 30 textos que foram para a publicação, entre eles artigos e livros. Entre suas principais obras, encontra-se “Ideologia e Utopia” (1929), “Homem e sociedade em uma era de reconstrução social (1935), “Diagnóstico de nosso tempo” (1943) e “Liberdade, poder e planificação democrática” que foi publicado apenas depois de sua morte em 1950. Essas duas últimas obras, por sua vez, foram referências de peso significativo na tese de Paulo Freire.

De acordo com Cepêda e Mazucato (2015), Mannheim foi reconhecido, principalmente, pela constituição dos marcos da Sociologia do Conhecimento e pelas obras que exploravam questões relevantes para as ciências sociais em geral, com uma ênfase significativa para pontos



explorados pelos campos de filosofia, sociologia e educação. Foi recebido pelos estudiosos do Brasil no período de 1950 a 1970 sob diversos formatos de apropriação. Antes mesmo da tradução de seus livros para o português brasileiro, já se observava citações e referências de Mannheim por parte de diversos intelectuais e cientistas sociais, tais como Florestan Fernandes, Costa Pinto e Guerreira Ramos. Autores que também dialogavam com Freire e a construção de seu pensamento.

Vanilda Pereira Paiva (1979), uma estudiosa da educação popular, explorou de forma detalhada, em um dos seus textos publicados, a influência de Mannheim na obra de Freire. Para isso, primeiro vislumbrou uma ponte entre o momento histórico que Mannheim viveu na metade do século XX na Alemanha com o momento histórico de Paulo na segunda metade do século XX no Brasil. Essa aproximação entre os cenários históricos era plausível na medida em que Mannheim buscava combater e colocar em cheque os totalitarismos (seja o fascismo, seja o comunismo), da mesma forma que Freire quando falava sobre os ‘traços autoritários’ da sociedade arcaica brasileira.

Assim, de certa forma, a elaboração da personalidade democrática dos brasileiros - segundo a proposta de Paulo Freire - poderia ser feita à semelhança do que Mannheim propôs para a sociedade europeia da sua época (PAIVA, 1979). É válido dizer que no livro “Liberdade, Poder e Planificação Social” (1943), Mannheim descreve detalhadamente o que seria uma personalidade democrática e quais os aspectos e estruturas sociais que poderiam/deveriam apoiar seu desenvolvimento.

Essa elaboração da personalidade democrática andaria de mãos dadas com um modelo educacional que permita ao povo vivências autenticamente democráticas. Essa educação deveria ser consciente das necessidades do povo, atuando contra a massificação oriunda do processo da industrialização, trabalhando fortemente com o exercício de participação ativa do homem na sociedade, em que a escola pode e deve atuar como uma facilitadora e incentivadora da atuação política do sujeito com sua comunidade, uma escola que tenha propósito explorar problemas que vão além dos seus muros. Uma educação dinâmica que acompanhe a transformação da sociedade, de modo a incentivar, também, a transformação dos indivíduos. A relação entre educação e personalidade democrática é descrita por Mannheim, e posteriormente, por Freire.

Essa visão de transformação da sociedade explorada por Paulo Freire carrega uma estrutura faseológica que, de acordo com Toledo (1977), chegou para ele por meio dos isebianos, mas que só foi possível estar nos textos desses autores, primeiro, por meio da influência que a obra de Mannheim teve sob os intelectuais isebianos.

No entanto, mesmo que as influências de Mannheim em Freire sejam indiscutíveis, é importante tomarmos cuidado com radicalismos no comparativo entre a linha de pensamento dos dois intelectuais. Esse cuidado é descrito por Gadotti na seguinte passagem:

Vanilda Paiva tem tentado mostrar em detalhes a semelhança entre o conceito de processo de consciência crítica de Freire e o processo de compreensão proposto pelo sociólogo húngaro. Do mesmo modo, os maiores temas de Mannheim, tais como a ampla discussão sobre liberdade, planejamento democrático, democratização fundamental da sociedade e a teoria da personalidade democrática são questões cruciais nos primeiros escritos de Freire. A avaliação ex-post de Paiva é arriscada, pois enfatiza similaridades formais enquanto omite uma substantiva análise das diferenças entre Mannheim e Freire. (GADOTTI, 1996, p. 118)

Mafra (2007), em sua tese de doutorado que aborda o conceito de conectividade em Paulo Freire, é outro pesquisador que reforça a importância do papel do sociólogo húngaro Mannheim na construção da estrutura do pensamento de Freire em suas primeiras incursões teóricas. Segundo ele, Mannheim é um dos teóricos que mais aparece como citação na sua tese de 1959, totalizando cerca de vinte citações no texto original. Aprofundando-se no estudo sobre o conceito de conectividade, Mafra (2007) relata sobre a proximidade que esse conceito - que viria a se tornar transversal na obra de Freire - tem com o conceito de organicidade de Mannheim. Organicidade é uma palavra citada mais de cinquenta vezes na tese de doutoramento de Paulo Freire, o que ampara a conclusão de que Mannheim contribuiu com a linha de raciocínio teórico de Freire tanto no que tange a construção de conceitos específicos, mas também de conceitos estruturais de sua obra.

A organicidade é descrita por Freire como aspecto essencial de uma educação que se objetiva a potencializar a democracia. Essa organicidade implica necessariamente em um conhecimento crítico da realidade, em uma aproximação do sujeito com sua comunidade que seja de caráter integrativo e não superposto. Em uma conscientização - termo esse que vai estar continuamente presente e relacionado a experiência democrática relatada por Freire em sua tese. E ao desenvolvimento de uma personalidade democrática que sustente essa experiência. Existe, portanto, uma relação entre organicidade - conscientização - personalidade democrática no pensamento do educador.

Segundo Freire, no entanto, conscientização é um termo que não foi criado por ele:

Costuma-se pensar que sou o autor deste estranho vocábulo, 'conscientização', por ser ele o conceito central de minhas idéias sobre a educação". Na realidade ele foi criado por uma equipe de professores do

Instituto Superior de Estudos Brasileiros, em 1964, aproximadamente. É possível citar entre eles, o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. (FREIRE, 1980, p. 25).

A conscientização está entrelaçada com alguns outros conceitos como disposições mentais, experiência e antinomia. Disposições mentais em Freire tem uma relação direta com “frame of mind” de Zevedei Barbu, que por sua vez, foi introduzido a Paulo Freire em um texto ainda não traduzido ao português, em versão de língua inglesa, por meio da publicação realizada pelo próprio Karl Mannheim. Tal informação é trazida por José Eustáquio Romão (2003), em seu texto introdutório que compôs a republicação da tese de Freire, em que Romão contextualizava o texto de doutoramento, a partir de uma descrição detalhada sobre as interfaces e intercâmbios do autor com as referências utilizadas para a elaboração da obra de 1959:

Paulo lê Zevedei Barbu na edição em inglês, *Democracy and dictatorship* (1956), publicada na coleção *International Library of Sociology and Social Reconstruction*, criada por Karl Mannheim. Barbu examina a democracia e a ditadura, por intermédio dos instrumentos da história, da sociologia e a da psicologia, com predominância desta última. A leitura desse autor deve ter impressionado muito Paulo Freire, pois são vários os trechos assinalados por ele na obra e que, depois, podem ser conferidos nas ideias dele ou neles inspiradas, em *Educação e Sociedade brasileira*. Contudo, do autor romeno, o que mais marca Paulo Freire é certa aproximação fenomenológica da realidade, para captar sua totalidade. (ROMÃO, 2003, p. 42).

Penna (2004) introduz Zevedeu Barbu como um professor romeno, nascido em 1914, que teve a oportunidade ímpar de viver sob quatro regimes políticos diferentes: monarquia absoluta, democracia, fascismo e ditadura. Lecionou em Glasglow e Sussex, e logo depois, na África, Canadá, Estados Unidos e, também no Brasil por mais de dez anos na Universidade de Brasília. É válido dizer que o contato de Freire com a obra de Barbu precedeu o período de sua vinda ao Brasil, que só ocorreu alguns anos após a publicação de seus livros “*Democracy and Dictatorship*” (1956) e “*Problems of Historical Psychology*” (1960).

Observa-se a adoção de ideias de Barbu no pensamento de Freire em alguns pontos, como: (i) a importância do diálogo para a formação do comportamento democrático; (ii) a estrutura e disposição mental por trás da experiência democrática; e (iii) o clima que fomenta a estrutura mental que é propícia ao fazer democrático e que combata a nossa “inexperiência democrática”.

Barbu é citado diversas vezes no texto de doutoramento de Paulo Freire e aparece nos seus textos antes mesmo da publicação de sua tese. Encontra-se já uma citação ao intelectual romeno em seus artigos sobre os círculos de pais e professores no Diário de Pernambuco em

1957, mais especificamente no capítulo sobre educação a adultos publicado em 31 de março de 1957. Aqui Paulo Freire descreve que os círculos de pais e professores era uma iniciativa que permitia o desenvolvimento da mentalidade democrática a partir do debate, da discussão e da crítica em grupo. Em suas palavras:

Dentro dos grupos, na dinâmica de suas discussões é que, não há dúvida, a democracia nasce, não como manifestação externa, mas como “disposição mental”, na expressão social do psicólogo social romeno Zevedei Zerbu. É nessa “disposição mental” prévia a qualquer manifestação formal da democracia, que caracteriza e faz dela forma de vida. Esta forma de vida precisa ser “ensinada” pela escola, não só a seus alunos mas aos pais destes, a seus ex-alunos, irmãos daqueles.” (FREIRE, 1957, p. 2)

Além de Mannheim e Barbu, percebe-se que outros autores contribuíram para a construção do que se pode entender como personalidade democrática na obra do brasileiro. Entre esses outros influenciadores, encontram-se Gabriel Marcel, Aldous Huxley, Nelson Sodré, Simone Weil, entre outros. Tais autores aparecem na tese de Freire em diferentes momentos, mas todos, de certo modo, agregaram para a discussão que fomenta a rela o entre consciência e personalidade democrática. Mais do que isso, a importância da evolu o da consciência do ser humano para estágios que possibilitem a experiência verdadeiramente democrática. No entanto, como se forma essa consciência? Como essa consciência de fato se relaciona com a personalidade do homem? Para compreender melhor o conceito de mentalidade democrática, buscou-se explorar a rela o entre o conceito com a questão de conscientiza o e com demais conceitos e temas que estruturam e dão peso a esse constructo.

## **5 ESTRUTURA DA MENTALIDADE DEMOCRÁTICA**

A questão da personalidade democrática é conhecida por Freire a partir de diversas referências como foi descrito anteriormente, com forte influência de intelectuais europeus que exploraram a intersecção entre psicologia, sociologia, educação e política. É um conceito que teve contato e que estudou profundamente, mas que adaptou e utilizou, com ressalvas, e a sua própria maneira. A partir do estudo dessas referências, da reflexão em relação ao contexto e momento em que Freire estava inserido, e da análise dessa questão à luz da educação e da sociedade brasileira, Freire descreve não a personalidade, mas “mentalidade democrática”. Embora essa adequação de personalidade para mentalidade não tenha sido descrita abertamente pelo educador, alguns fatores podem estar por trás dessa escolha. Talvez, justamente porque acreditava na plasticidade dessa questão, Freire tenha adotado o termo de mentalidade invés de personalidade. Em linhas gerais, personalidade é geralmente um termo empregado para descrever atributos mais estáveis, enquanto mentalidade pode carregar um caráter mais fluído e estrutural, como um “estado” que pode aparecer ou desaparecer – ou seja, uma transitividade. Afinal, “A mentalidade, ela mesma, não é estrutura?” (LE GOFF, 1976, p. 70). A personalidade, geralmente, descreve a aquilo que é “natural” ou “verdadeiro” do ser humano, contemplando as “diferenças individuais” que ditam o que se é, porque se é e como se é (PERVIN & JOHN, 2009, p. 23) – uma concepção mais fixa, que escapa a questão de movimento e possibilidade que Freire quer elucidar.

A mentalidade democrática, em sua obra, está relacionada a uma série de outros conceitos e temáticas e começa a aparecer como elemento fundamental de seus textos já em meados de 1955, em artigos menores e, muitas vezes, vinculado a conscientização. Partindo dessa relação da mentalidade democrática com o processo de conscientização, muitos outros conceitos emergiram como fundamentais na estrutura dessa mentalidade. Aqui explorei a construção dessa questão/conceito e sua relação com demais outros conceitos e temáticas, trazendo à tona passagens da tese de Freire, de seus artigos anteriores e também das marginais e escritas informais encontradas no acervo do educador.

### **5.1 O que origina a mentalidade democrática?**

A relação entre consciência e mentalidade democrática fica evidente na passagem de Freire (1959) já no início de sua tese e é reforçada em diversas partes do texto até a sua



conclusão final. Para o autor, a consciência transitiva crítica é colocada como uma **característica essencial** da mentalidade democrática:

A consciência transitivo-ingênua tanto pode evoluir para a transitivo-crítica, característica da mentalidade mais legitimamente democrática, quanto pode distorcer para uma forma rebaixativa, ostensivamente desumanizada, característica da massificação. (FREIRE, 1959, p. 33)

Assim como a sociedade passaria por uma evolução para se tornar verdadeiramente democrática (evolução essa que se colocaria como um elemento constante, visto que marca fundamental da democracia é a mudança), uma evolução interna, em cada ser humano, se fazia necessária para que a experiência democrática se tornasse completa e legítima. Concluindo-se aqui que somente a evolução da sociedade ou do ambiente externo não seria suficiente para despertar e fomentar a experiência democrática. Em um dos exemplares do livro “Hay que cambiar de educación”, escrito por Dottrens (1947), encontra-se alguns comentários de Freire que reforçam essa visão. Na passagem encontrada, o educador relata que não é apenas o desenvolvimento econômico sozinho, nem a educação em seus moldes tradicionais trarão consciência democrática ao homem ou integrarão o homem moderno a suas novas realidades políticas e sociais:

Nem o desenvolvimento econômico apenas, nem a educação intelectual sozinha: nem o padrão de vida dará, ele só, consciência do bem ao homem, nem a meia educação intelectual, a sabedoria teórica ou racional darão ao homem a formação de seu caráter. Nem tão pouco, acrescentamos nós, esta educação intelectual e livresca integrará moderno às suas realidades atuais. A necessidade de compreender-se a vida profunda e de mudar-se a concepção de vida. (Anotação de Paulo Freire - Figura 90)

Avançando nessa linha de pensamento, Freire concorda com a visão de Mangabeira na obra em “Que é o homem? Um esboço da antropologia”, escrito em 1943 que, o contexto externo não é somente insuficiente para fomentar a atitude democrática, mas em última análise, é necessário que os aspectos espirituais e mentais nos homens se transformem para sustentarem efetivamente um novo tipo de contexto social - a democracia. Pois são as forças espirituais e mentais que determinam as forças econômicas e sociais.

A mentalidade democrática resultaria, assim, de um contexto externo propício e de uma estrutura mental interna para ser efetivamente desenvolvida. Existiria, portanto, certas disposições mentais relevantes para a experiência democrática. Um aparato psicológico e

mental como já indicava Barbu. Esse aparato mental, ora pode ser compreendido como “dado” pelo contexto de industrialização, ora como “construído” pela educação.

Para que os homens e mulheres pudessem vivenciar e proporcionar a democracia, faz-se necessário, segundo Freire (1959), a organicidade do homem com sua realidade. Organicidade por ele descrita como uma posição conscientemente integrada por parte do sujeito em seu contexto. A integração do homem com seu contexto, seu momento e sua história a partir de uma ampliação da sua consciência como ser aberto, mutável e participante. O processo de conscientização do sujeito como um ser participante do desenvolvimento, como um sujeito que tem responsabilidade social e política. Essa integração, em partes, seria resultado da industrialização e da urbanização, que por sua vez oferece o ingresso do homem em um modelo de vida mais complexo e dinâmico. Esse novo contexto levaria a consciência, que antes era intransitiva para um estágio transitivo. A transitividade está muito vinculada a um aparato mental mais flexível e aberto.

O contexto que caracteriza a atualidade de 1959 é, no entanto, cheio de marcas do passado. Em sua tese, Freire (1959) descreve a “inexperiência democrática” tão viva no país como resultado de nossa história, produzida pela falta de diálogo em que o país se fundou e cresceu. Diversos são os fatores em nossa formação como país que contribuíram para essa realidade, desde aspectos demográficos e geográficos à culturais e sociais. Tais fatores, de certa forma, fundamentaram as bases da mentalidade do brasileiro. Para escrever o fenômeno, Freire consultou diversos teóricos como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Fernando Azevedo como também pesquisadores de fora que escreveram sobre a constituição do Brasil como país e sociedade. Em algumas das suas anotações no livro “Evolução política do Brasil e outros estudos”, encontra-se um breve resumo de pontos que contribuíram para a sua descrição sobre essa inexperiência:

Razões que explicam a grande propriedade na colonização do Brasil - 18/19 | A condição dos que, não sendo escravos não dispunham, porém de posses para fazer-se proprietários - seu trabalho se [ilegível] ao lado do trabalho escravo - 26 | A alienação da liberdade de todos os que se fixavam nas terras de Senhores - 26 | A pouquíssima importância social do assalariado, pela sua realidade, nas propriedades - 27 | A simplicidade da estrutura social da colônia: de um lado o senhor de engenho ou de fazenda, senhor de terras e de gentes, de outro a massa escrava ou semi-livre - 27 | O poder dos senhores mais [ilegível] que o da coroa - razões deste fato - 28 | A nenhuma importância da cidade e da vila na vida colonial e o sentido eminentemente rural das câmaras nos centros das pequenas vilas. A constituição dessas câmaras exclusivamente senhorial. A ausência do povo em sua formação - 28/29 | O insulamento a que o Brasil colônia era levado afetaria a formação da sua mentalidade política - considerações sobre o insulamento - 32/33. (Anotação de Paulo Freire, data

não confirmada, encontrada no exemplar da obra de Caio Prado Júnior – Figura 8)

O desenvolvimento da nação, portanto, foi marcado pela falta, pela ausência, pelo mutismo do povo. Uma posição expectante que eventualmente se transformava por turbulências externas, mas não em sua essência. O país havia se consolidado sob um regime autoritário, de poder vertical e “anti-povo”. Em seus primórdios de descoberta, não havia intenção de tornar a terra descoberta em uma civilização e pouco se fez nessa direção. Não houve quase nenhuma experiência que despertasse a consciência de grupo e o senso de comunidade no povo - surgindo a oportunidade dessas vivências democratizadoras praticamente apenas no processo tardio de industrialização e urbanização do nosso país. Mesmo no século XX, diante desses progressos culturais e econômicos, Freire acreditava que havia um conflito existente entre o passado e o futuro, oriunda dessas antigas estruturas de poder – já introjetadas no espírito das mulheres e dos homens brasileiros.

O desinteresse de uma **nação inculta e desabitada pelo problema político** - a imitação europeia de nossos políticos - 27/28 | A instalação da República entre nós não teria tido forças mobilizadoras de ordem política mas de ordem econômica-social - 28 | A falta de existência política da classe média e burguesa no império - 32/33 | As estruturas de nossa sociedade - a **inexistência de uma classe** média - a falta de participação política - 43 - consequências | O processo do 15 de novembro e a ausência do povo - a sua “precária educação cívica” - 59 | A falta de **consciência cívica** - 63 | Comportamento interessante de nações - como o Brasil - de minoridade política: entregam-se a tutelas de alguns e, cansados depois da tutela, reagem às vezes brutalmente, passando a outra tutela - 63/64 | A República e a transplantação de soluções político-administrativas a fatos e problemas brasileiros - 66 | A participação de sacerdotes católicos na maçonaria - 75. (Anotação de Paulo Freire, data não confirmada, encontrada no exemplar da obra de José Maria Bello – Figura 61)

Quando Freire descreve o contexto de atualidade e sua relação com o processo de conscientização, vê-se grande influência dos trabalhos e ideias dos isebianos na obra de Freire. Esse impacto da transformação da sociedade no processo de conscientização dos homens e das mulheres é perfeitamente descrito por Nelson Werneck Sodré em “Raízes históricas do nacionalismo brasileiro”. Tanto   que em uma versão impressa do livro, foi encontrado grifos e comentários de Paulo Freire indicando essa rela o nas seguintes passagens do livro de Sodré:

O fator mais importante, porém, seria o advento de uma classe trabalhadora, em que o operário definia nitidamente o seu campo e entrava a participar da vida política com uma força inédita no Brasil. [...]

O amadurecimento proporcionado pelo novo cenário em que vivemos, quando as classes definem precisamente os seus campos e mobilizam-se para a defesa de seus interesses, intervindo na escolha eleitoral e na composição das forças e na constituição do poder, configura o espetáculo de tomada de consciência a que vamos assistindo. É nesse espetáculo que aparece, como uma singularidade para os desatentos, com profunda razões para os pesquisadores, o problema do nacionalismo. (SODRÉ, 1959, p. 33-34)

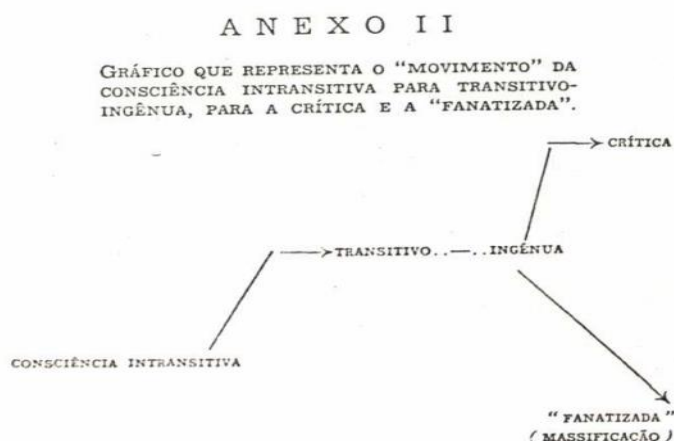
Entre os comentários de Freire, encontrados ao final da página, temos passagens que elucidam a relação desse momento da sociedade com a “transitivção da consciência”. Esse momento da sociedade é marcado pela emersão do povo, pelo surgimento da classe trabalhadora que é um dos reflexos do processo de industrialização. Segundo comentário encontrado na página 34 deste exemplar: “Transitivção da consciência – rebelião popular conformada na renúncia às velhas posições espectantes e na procura das participantes” (FREIRE, [S. l.]). Esse momento de transitivção da consciência também é encontrado em Vieira Pinto em “Ideologia e desenvolvimento nacional” (1956), outro isebiano plenamente citado na tese de Freire. Uma passagem que elucidada esse movimento da consciência em sua obra pode ser vista abaixo:

Como se poderá promover o progresso da ideologia na **consciência nacional**, de que modo se difunde, por que meios é possível favorecer essa difusão? Enunciar essa questão é simplesmente formular o problema da educação das massas. [...] Neste momento em que a comunidade brasileira atinge o limiar de consciência nacional, caracterizada por inédita representação de sua realidade, e se dispõe a projetar e empreender o desenvolvimento dos recursos materiais, que a deve conduzir a outro estágio de existência, torna-se indispensável criar um novo conceito de educação como parte essencial daquele projeto, e condição do seu completo êxito. Não estamos ainda preparados para dizer qual o plano educacional a realizar, porque se trata justamente de elaborá-lo desde os fundamentos. O que nos parece necessário, no entanto, é imprimir novo rumo à nossa educação, a fim de orientá-la, sem compromisso com qualquer credo político, no sentido da ideologia do desenvolvimento econômico e social. Uma teoria da educação deverá surgir, cuja tarefa inicial será a de definir que tipo de homem se deseja formar para promover o desenvolvimento do País. (VIEIRA PINTO, 1956, p. 41-42)

Portanto, para que essa conscientização alcançasse a sua totalidade, seria necessário um **modelo educacional novo**. Para Vieira Pinto (1956), esse modelo educacional ainda precisaria ser estruturado, para Freire, alguns movimentos educacionais que já havia testado – e que defende como um modelo que traria a organicidade para a vida do homem – podem ser considerados como modelos pró-democráticos. Modelo esse que promoveria o homem ao diálogo, ao debate e, assim, a uma posição verdadeiramente crítica. Esse modelo se propunha a cumprir, considerando indispensável e urgente, a consciência do processo de desenvolvimento (vivenciado pela nossa sociedade) por parte do povo.

Como relatado por Freire (1959), as iniciativas de círculo de pais e professores e o clube dos operários no SESI permitiram observar esse movimento de inserção do povo como conscientemente responsável e crítico em relação a seu contexto. Essas iniciativas foram descritas como “vitoriosas” no que tange a evolução da consciência do povo a partir do diálogo. Dessa forma, para que o sujeito alcance o que se entende como mentalidade/personalidade democrática, é necessário um movimento da sua consciência para o que seria uma consciência crítica. Movimento marcado fortemente pela promoção do diálogo e pela apropriação do senso de perspectiva histórica. Esse movimento da consciência é ilustrado por Freire (1959) em um anexo utilizado em sua tese:

**Figura 99 – Evolução da consciência**

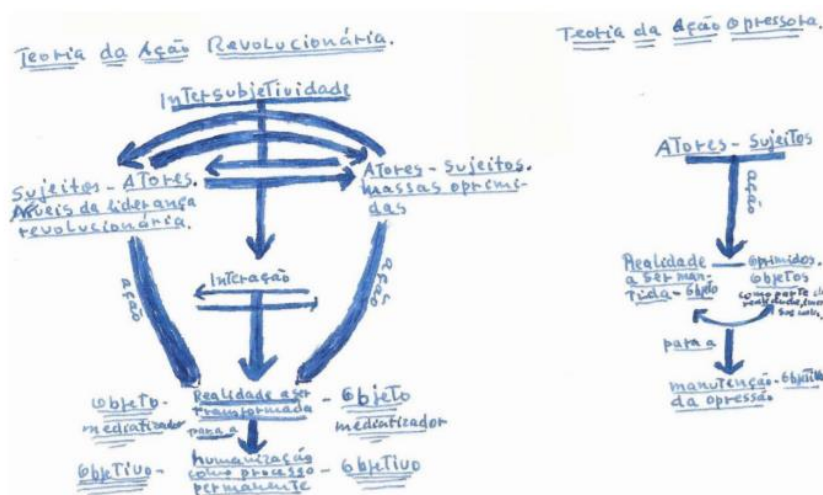


**Fonte:** FREIRE, 1959.

Essa ação de ilustrar em esquemas demonstra a preocupação de Paulo Freire em representar graficamente as problemáticas chaves que vem trabalhando, demonstrando de claramente as etapas e relações que caracterizam e formam essas problemáticas. Um esquema similar a este foi encontrado posteriormente no manuscrito de “Pedagogia do Oprimido”, explorado por Silva (2017) em sua tese de doutorado:

**Figura 100 – Teoria da ação revolucionária e teoria da ação opressora**





Fonte: FREIRE, 1968, IV Capítulo, p. 15. In: SILVA, 2017

Em ambos os esquemas: no de 1959 e nos dois de 1968, é possível observar aspectos comuns. Por exemplo, as duas figuras demonstram um modelo de fluxo, em que um aspecto se conecta com outro a partir das flechas. Um ponto importante é que a flecha demonstra em que direção o aspecto é direcionado – qual ação reflete em outra ação, ou qual etapa se transforma em outra etapa, o que age sobre o que. No caso do esquema que descreve a evolução da consciência, as flechas demonstram o fluxo pelo qual a consciência pode ir avançando. Então aqui, vê-se que a consciência intransitiva pode avançar para a consciência transitiva, mas o contrário não é possível. Já no esquema que demonstra a teoria da ação revolucionária, existe uma interação entre sujeitos-atores e atores-sujeitos. A relação entre esses dois aspectos pode vir tanto a partir de um como de outro – aqui demonstrando o que seria um contexto de diálogo entre os dois públicos. No esquema da teoria de ação opressora, por sua vez, vê-se uma simplificação, em que não há essa troca – demonstrada pelas flechas em duas direções na teoria da ação revolucionária – e o fluxo demonstra um caminho só: atores-sujeitos agindo sobre a realidade e os oprimidos. Aqui os oprimidos não estão no papel de troca e diálogo construindo conjuntamente a realidade, como evidenciado no esquema de teoria revolucionária. Um ponto comum entre o esquema de 1959 e o de 1968 é que o panorama por trás do esquema de evolução da consciência e o esquema da teoria da ação revolucionária se dão em um contexto de ampla troca e transformação – de diálogo. É esse contexto que cria a possibilidade de movimento ilustrado pelas flechas, seja o movimento de evolução da consciência, seja o movimento de interação e transformação das realidades. Um ponto comum é: tanto o final do fluxo que resulta em consciência transitiva crítica como o final do fluxo da mútua participação entre sujeitos-atores e atores-sujeitos sobre a realidade podem gerar a humanização, a emersão do homem, a

tomada desses sujeitos como participantes ativos da sua sociedade. Um ponto de destaque é que a ilustração de 1959 vai focar em um processo interno (mesmo que tenha sim contato e relação com aspectos externos) e a ilustração de 1968 vai focar em um processo externo (mesmo que também envolva aspectos internos). De certa forma, existe uma complementaridade entre ambas ilustrações, mesmo que construídas em momentos e contextos diferentes.

A estrutura da evolução da consciência ilustrada na tese de 1959, dependendo do caminho que efetivamente toma, leva a formação da mentalidade/personalidade democrática. Ou seja, não existe apenas um caminho possível. A imagem mostra o embate entre duas possíveis realidades mentais: a crítica e a fanatizada/massificada. A consciência fanatizada carrega um cunho negativo para Freire, e pode ser compreendido como um processo de involução do modo de pensar e agir, que pode ser considerado como um estágio pior que o da consciência intransitiva. Para construir sua visão referente a esse estágio da consciência, Freire dialogou com Aldous Huxley, Gabriel Marcel, Simone Weil, entre outros. Essa consciência é marcada pela massificação e pelo desenraizamento do ser humano. O carácter negativo que Freire atribui a esse estágio da consciência pode ser elucidado pela seguinte texto do educador encontrado em um exemplar de “Raices del existir” de Simone Weil. Aqui o brasileiro também reforça a missão que a educação tem como modelo que crie, junto a seu educando, fórmulas e instrumentos para resistir à massificação:

Parece nos que a mais enfática preocupação de uma autêntica educação para a democracia há de ser a de oferecer ao educando instrumentos com que resista aos poderes de desenraizamento da civilização. Quer dizer, aos fatores de massificação do homem, o que vale afirmar resistência a involução da sua consciência ingênua a formas mais perigosamente comprometidas com sua existência do que a representada na consciência chamada de intransitiva. Uma educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática – de sua inserção nessa problemática, que o coloque em diálogo constante com o outro, que o predisponha a constantes revisões, a análise crítica de seus achados, a uma certa rebeldia no sentido mais dinâmico da expressão. Não há como concebermos uma educação democrática que leve o homem a posições quietistas, que faça dele um ser cada vez mais consciente da sua transitividade que deve ser usada tanto quanto possível criticamente ou com acento cada vez maior de racionalidade. (Anotação de Paulo Freire, data não confirmada, encontrada no exemplar da obra de Simone Weil - Figuras 87 e 88)

Essa anotação, praticamente em sua forma integral, foi aproveitada em sua tese, na página 33 e 34. Essa massificação que se refere seria resultante do mesmo contexto que pode gerar a criticidade. A industrialização, a medida que necessita, por parte do sujeito, comportamentos mecanizados e repetitivos e de um olhar acentuadamente especializado sob

um processo ou um produto, pode proporcionar um tipo de cegueira que se inicia como uma miopia técnica, ao tentar vislumbrar de forma reduzida o contexto em que está inserido. Um afastamento do papel crítico, um desenraizamento do ser humano. O estágio da consciência resultante dessa massificação é marcado pelo descomprometimento, pelo conformismo e pela irresponsabilidade. Um estágio que pode se tornar perigosamente uma realidade, caso não haja resistência, luta e rebeldia. Caso não haja, para o sujeito, um movimento constante de ampliar o olhar sobre o contexto e discuti-lo, colocando em cheque as verdades pré-estabelecidas, as causas e as consequências.

Dito isso, independente de qual seja o estágio da consciência da pessoa, após a sua inserção em modos de vida mais complexos, ele pode mudar, por isso se descreve como transitiva. Para que se alcance o estágio de consciência (crítica) que se vincula e que proporciona uma mentalidade democrática, dois aspectos se mostram relevantes: (i) o movimento; e (ii) a rebeldia. O movimento proporciona o caráter transitivo, ou seja aberto e flexível da consciência e mentalidade. Esse movimento, como já dito por Freire e por diversos outros autores, não precisa ser, necessariamente, causado internamente, mas pode ser (e provavelmente seja) resultado de situações externas a pessoa. Mudanças estruturais como industrialização e urbanização, causariam isso, por exemplo. Já a rebeldia, marcada pelo inconformismo e pela crítica, seria o aspecto mais relevante desse tipo de consciência, pois é ele que verdadeiramente a difere dos outros estágios. A crítica que alimenta o movimento de dentro para fora, na medida que coloca em cheque o status quo. E que junto com o sentimento de responsabilidade, gera o aspecto mental que promove a ação para a mudança e, que portanto, promove a democracia. A responsabilidade surge em conjunto com o senso de perspectiva histórica, na medida em que conhecendo a sua realidade, o sujeito se integra e se sente parte da sua realidade e, por isso, pensa em transformá-la. A ligação entre o sentimento de responsabilidade com o potencial de gerar transformações é citado por Freire em uma das marginais encontradas no livro de Aldous Huxley intitulado “El fin y los medios”. Na passagem, Freire relata a importância das reformas sociais promoverem o sentimento de responsabilidade nos homens. Só assim, poderiam ser consideradas como reformas positivas para a humanidade. A justiça, a liberdade e a responsabilidade são descritos pelo brasileiro como fundamentos das autênticas reformas sociais.

O gatilho da rebeldia manteria vivo o aspecto de movimento que caracteriza a consciência transitiva e crítica. Só ao atingir (e, posteriormente, alimentar continuamente) esse estágio de consciência que se pode concluir que houve de fato o desenvolvimento do que Paulo

Freire chama de mentalidade democrática e, que anteriormente, por outros autores é chamado de personalidade democrática.

Ou seja, só quando a consciência se torna capaz de endereçar mudança pode se concluir que o sujeito desenvolveu em si a genuína mentalidade democrática. Na medida em que a democracia é intrinsecamente ligada à mudança, a verdadeira mentalidade democrática só pode ser compreendida como aquele aparato mental, que é constantemente imbuído de uma consciência e de uma visão de mundo capaz de gerar a mudança. No entanto, como de fato “introjetar” essa mentalidade nos sujeitos?

## **5.2 Aspectos ligados ao desenvolvimento e à sustentação da mentalidade democrática**

A educação entra como promotora da mentalidade democrática na medida em que suscita e **mantém** a consciência da pessoa em estágio transitivo crítico. Segundo Freire (1959) “a consciência transitiva crítica há de resultar do trabalho formador, apoiado em condições históricas” que sejam favoráveis a essa evolução. Para isso, a educação de fato deve se comportar como “agente dos cambios sociais”, promovendo o debate e o constante diálogo entre as pessoas. É necessário formar e orientar para a responsabilidade. No entanto, é um equívoco acreditar que o diálogo pode se mostrar apenas como um “acontecimento”. Nem mesmo um diálogo por diálogo, como se fosse uma conversa jogada fora. É necessário estrutura, técnica e planejamento. É necessário um preparo do educador para que possa efetivamente facilitar o diálogo entre as pessoas, fortalecer e enriquecer a discussão e incentivar a ação democrática. Promovendo discussões que se apliquem sobre problemas e situações reais, eleitas como reais em seu público. Aqui, essa educação não necessariamente tem ligação com o espaço da escola, com os demais deveres curriculares e técnicos, embora pode se usar desse espaço ou desses deveres para endereçar certos debates. Aqui se fala de uma educação para além da formação tecnicista - que também tem sua relevância para a sociedade e economia. Se fala, aqui, da educação para a humanidade, para o sonho da democracia. Uma educação mais comprometida com objetivos da vida conjunta e problemas nem sempre conceituais. Seria, assim, uma educação com um conceito mais “moderno”, aproximando-se de uma crença em que aprender será necessariamente melhorar, progredir e capacitar. “Anexar a si experiências, qualidades que nos deem maior capacidade de resolver nossos problemas futuros, sejam eles quais forem” (Penteado Júnior, 1938, em passagem da página 100, do exemplar destacado por Freire em alguma de suas leituras).

Esse novo modelo educacional desejado estava distante do que Freire observava como predominante na educação brasileira da década de 50. A educação brasileira estava “superposta a realidade” e não atendia as necessidades impostas pelo desenvolvimento econômico e tampouco as necessidades vinculadas ao desenvolvimento da democracia. No exemplar de “Educação não é privilégio” de Anísio Teixeira, Paulo demonstra uma visão crítica desse modelo a luz das contribuições de Anísio, que foram absorvidas em seu texto de doutoramento:

Todos nós sabemos - refere-se aos padrões de educação que o Brasil necessita - quanto estamos longe dessas metas, mas o desafio do desenvolvimento brasileiro é o de atingí-las, no maior curto prazo possível, sob pena de perecermos no peso do nosso próprio progresso" - 45 | Dois anos e pouco, escolaridade média do menino brasileiro - 46 | Análise crítica de nossa escola 46 e 47 | O desvirtuamento da escola primária como um dos fatores de exarcebação do academicismo da escola secundária - 47 | Considerando o sentido altamente seletivo de nossa educação, que {ilegível} falsos intelectuais, afirma: copiar desde {ilegível} um país {ilegível} , até superiores - 49 | A autenticidade da escola primária dará em ser ela não uma instituição preparatória para estudos posteriores, mas que ofereça aos brasileiros um {ilegível} fundamental da educação - 49 | Por isso mesmo não pode ser uma escola verbal, nem acadêmica, mas sobretudo prática, de iniciação no trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conhecer e participar na sociedade democrática, cujo soberano é o cidadão - 50 | É de um processo educativo assim que estamos a precisar e que indubitavelmente que diminuirá em muito a diferença entre o {ilegível} psicológico social e o social da democracia entre nós, que vem sendo mais uma manifestação externa. | sugestão para as escolas que precisamos - 50/51. (Anotação de Paulo Freire, data não confirmada, encontrada no exemplar da obra de Anísio Teixeira - Figura 97).

Quando se pensa em educação (em um novo formato pró-democrático), se pensa no outro. Outro sujeito disposto e capaz de trocar, incentivar e acreditar. Dois elementos são essenciais para o desenvolvimento da mentalidade democrática, mesmo atingida a consciência transitiva crítica: **conexão** e **confiança**. Conexão pela companhia. Companhia que também pode ser traduzida por coletividade, grupo, clube, conglomerado. Conexão entre duas ou mais pessoas. Entre escola e família. Entre educando e educador. Entre o povo e seu contexto social e histórico. Entre o pensamento e a prática. Entre o intelecto e o físico. Entre a teoria e a prática. Só assim atinge-se a organicidade. Traduzido sempre, no final das contas, como possibilidade de troca e/ou integração. Com o “enraizamento”. Troca que gera movimento, mudança. “Cambios sociales”. Troca que é por si só um sinônimo do transitivo daquela consciência necessária. A consciência transitiva é a consciência acompanhada, que permite tocar-se pelo outro. Pelo diferente. Que se integra ao movimento. Ou seja, a conexão seria, de certa forma, o próprio processo de organicidade. Quando justamente, ao conhecer, compreender e refletir, o



homem consegue integrar-se com sua realidade. Aterrissar na sua própria vida. Nas palavras adaptadas de Ortega y Gasset (1957), grifadas por Freire em uma de suas leituras do livro “O que é filosofia?”, o mundo exterior não existe sem o pensar, no entanto, o mundo exterior não é o pensamento em si. Se existe o eu que penso, existe também o mundo que este eu pensa. E a verdade radical seria essa: a coexistência entre pessoa e mundo. Por isso, viver é coexistir e se relacionar. É conexão. E a realidade só é apropriada na medida que, além de vivida, também é pensada. E essa realidade é maior que a realidade individual, é a realidade coletiva. Realidade atingida por um nível de conexão compromissada que entende e tem consciência de si e dos outros, de si junto com os outros.

Já confiança, pode ser traduzido pela crença, pela fé, pela esperança na própria humanidade. Naquilo que Paulo Freire, mais pra frente em sua vida, chamaria do aspecto do “ser mais”:

Cada vez mais necessita o homem brasileiro de atitudes mentais que o possibilitem realizar em melhores condições o seu ajustamento a um mundo em ritmo de mudanças rápidas, que exige crescente flexibilidade mental e iniciativa. Que exige decisão. Que requer na afirmação de Zevedei Barbu - “Democracy and Dictatorship” página 87 - “more confidence in the capacity of his own mind to grasp the relation between things, to organize his environment, and to discover news forms of adjustment.” (FREIRE, 1959, p. 119)

A confiança, por sua vez, mostra-se necessariamente ligada a conexão: “more confidence > to grasp the relation”. É necessário confiar na humanidade. “Acreditar no homem e convidá-lo a participar” (Freire 1957, pág. 3). Confiar, também, em si de forma que não haja medo de perder sua individualidade ou status conforme se abre para a cooperação e para a mudança. É preciso enxergar potencial e lidar com respeito e tolerância. É realmente desenvolver uma **disposição** mental. Disposição aqui talvez tenha sido a palavra escolhida por Freire para descrever os atributos necessário e vinculados a mentalidade democrática, talvez, justamente por ser uma palavra vinculada a um aspecto positivo e favorável. Disposição como um estado favorável. Disposição como carregada de uma certa objetividade ou intenção. Disposição como uma vontade genuína e minimamente constante de acreditar. Em um relatório escrito em 1958, Freire reforça que essas disposições só poderiam ser apreendidas mesmo existencialmente. Não por noções ou por exercícios intelectuais. Nunca por discursos, mas por diálogos. Pela participação. Mas é válido que a disposição mental desperta por algo além da participação, mas pela intenção na participação. Pela escolha, no final das contas, de participar de algo maior do que ele mesmo. Por escolher exercer a humanidade e aprender com ela.

Tanto conexão como confiança vinculam-se ao elemento social da vida humana, ao contato com o outro. Só podem ser feitos na troca, no debate, no diálogo. Por isso, o processo de desenvolvimento da mentalidade democrática não pode se dar sozinho, em um formato individual. Só pode se dar no conjunto, no contato, na troca, na confiança. Aqui aparece o papel essencial do educador.

Para isso, o educador também precisa ter atingido um nível mais “avançada” de conscientização. Aqui, de certa forma, cabe reforçar grande parte das críticas que Freire faz ao sistema de educação de sua época, que fomentava uma posição bacharelista e “palavrosa”, distante da realidade social. Uma posição distante do propósito democrático. Esse bacharelismo teria se originado na época do Brasil colônia e ainda seria um fator absolutamente presente no modelo educacional da década de 50. Partindo da leitura de “A Cultura Brasileira” de Fernando Azevedo, Freire circunscreve o conceito de bacharelismo que aparece depois em sua tese - modelo este como sugerido a ser deixado para trás, dando espaço a um educar em prol da democracia:

[Grifo do PF} Contribuíram essas escolas para pôr em moda e vulgarizar no Brasil o gosto pelos anéis simbólicos e pelos epítetos, tão vivo quanto o amor aos títulos, e tão difundido já nos fins do Império, que Max Leclerc se espantava, em 1890, com o número incalculável de pessoas “distintas” e “ilustres”, em nosso país, o que nos devia trazer, por isto, “maiores dificuldades do que alhures, quando se apresenta a oportunidade de um elogio, de encontrar um que não tivesse servido mil vezes”. [Fim do grifo do PF] | [Grifo do PF] “Ligava-se, por outro lado, ao gosto e ao hábito da ênfase, cultivados no ensino básico excessivamente retórico, e à falta de um método, de um critério. toda a nossa cultura está aliás marcada, nos seus aspectos mais típicos, por essa formação de base puramente literária e de carácter profissional, sob cuja influência, sem o lastro de sólidos estudos científicos e filosóficos, se desenvolveram a tendência às generalizações brilhantes em prejuízo das especializações fecundas, o gosto da retórica e da erudição livresca, a superficialidade mal dissimulada na pompa verbal, a unilateralidade da visão, e o diletantismo que leva o indivíduo a passear por todas as questões e doutrinas sem se aprofundar por nenhuma delas. É que, em todo o século XIX, à raiz e como fonte dessa cultura residia um sistema de formação de elites intelectuais, constituído de um ensino secundário, literário e retórico, e de um ensino superior, exclusivamente profissional e em que faltavam essas instituições destinadas aos estudos filosóficos metódicos e à pesquisa científica, em que se desenvolvem o espírito crítico e experimental e o gosto da observação e dos fatos [Fim do grifo do PF] | Todo esse **bacharelismo** tem suas raízes na formação barroca do jesuíta. (Anotação de Paulo Freire, data não confirmada, encontrada no exemplar da obra de Fernando Azevedo - Figura 24)

Esse abismo entre educação e momento da sua sociedade, pode ser entendido de forma implícita, pela falta de conscientização dos próprios educadores, que poderiam estar se

comportando de maneira ingênua ou até fanatizada, compartilhando uma fase da tomada de consciência tão comum dentre as massas. Existe, a partir desse momento, uma necessidade de humanizar o educador, bem como é proposto para qualquer outro especialista. Colocando o contexto da escola também em cheque. Nas palavras de Sodré (1959) grifadas por Freire:

Humanizar o especialista é, assim, uma das tarefas a que a renovação dos estudos brasileiros se vem propondo, obrigando-o a olhar o que se passa ao seu redor, a sentir a realidade, a compreender aquilo que não está nas suas fórmulas, a responder adequadamente ao concreto, fora de cujo campo tudo definha e se corrompe". (SODRÉ, 1959, p. 11)

Paulo Freire aborda sobre a importância dos profissionais entenderem plenamente seu contexto social e colocar-se em uma posição humilde e respeitosa já em 1957, em dos seus artigos curtos, antes mesmo da elaboração de "Educação e atualidade brasileira". Bem como o educador deve incentivar a consciência, ele deve exercer a consciência crítica sobre seu próprio trabalho. Senão, esse educador e esse modelo de educação arcaica, continuará sendo um obstáculo ao desenvolvimento econômico, político e social do país. O educador deve fugir do centralismo, do verbalismo, do autoritarismo e também da assistencialização. Por isso, que movimentos e iniciativas como o clube dos operários e os círculos dos pais e professores são verdadeiros laboratórios da democratização, na medida em que tiram o educador da sua zona de conforto e o colocam em papel de igual com o educando. De acordo com Freire:

Será então pelos erros e acertos, no processo de sua experiência, que os grupos irão aprendendo a democracia. Neste sentido, é que as reuniões de pais e professores se fazem um meio importante da mentalidade. Realizando-se através de técnicas de educação informal, irão possibilitando seus componentes, pela experiência do debate, da crítica, pela tarefa que não só pode, mas sobretudo deve ser atribuída a comissões que se transformem em grupos de estudo e depois em equipes de ação, vão possibilitando a criação ou desenvolvimento da mentalidade democrática entre seus participantes." (FREIRE, 1957, p. 3)

Entre os principais recursos desse modelo se encontra o elemento da pergunta. "Perguntar, perguntar muito" (FREIRE, 1957). Perguntas que provoquem a ponto de exigir um esforço maior de conhecimento e compreensão. Perguntas que causem incômodo e estímulo. Que despertem para uma colaboração. Criando, assim, um modelo educacional COM a participação ativa dos alunos. Assim, a educação pode cumprir seus dois principais papéis: desenvolver os aspectos técnicos necessários a economia e formar as disposições mentais democráticas necessárias a evolução social e política. Ou seja, a educação deveria compor tanto

os objetivos do que Freire, ao ler Conant (1945), intitulou de “educação geral” como também da “educação especializada”. De maneira nenhuma deveriam ser pensadas e realizadas de forma separada. A educação geral teria como objetivo formar para a cidadania, para a vida em comum, já a “educação especializada” prepararia para os objetivos profissionais. Esse preparo, de caráter mais técnico, será relevante para que o sujeito possa interferir produtivamente no processo de desenvolvimento da sua sociedade. Para que possa, também, contribuir para o processo de industrialização e modernização de sua região. O educador, neste contexto de um modelo de educação integrado, seria o exemplo vivo da mentalidade democrática e ocuparia o papel de incentivar o aspecto de movimento e rebeldia presente na construção da consciência propícia para a mentalidade democrática. A medida que ele se permite dialogar com o educando, também acaba por incentivar sua própria conscientização dos fatos e vivenciar o seu contexto de forma verdadeiramente mais democrática. Junto a isso, deve o educador contribuir para que o educando se instrumentalize também. Que o coloque em contato com a pesquisa e com a prática. Que o empodere e ajude na criação de meios e caminhos que possibilitem a ele participar também do desenvolvimento social e econômico da sua região, da sua cidade, do país.

### **5.3 Entre mentalidades democráticas e o desenvolvimento social e econômico**

O conceito de “desenvolvimento econômico” aparece no texto de **Educação e atualidade brasileira** mais de 15 vezes. Esse conceito, geralmente, aparece amarrado praticamente ao processo de democratização descrito por Freire como quase que inevitável na atualidade do Brasil de 1950-1960. De um lado, o desenvolvimento econômico, caracterizado pela industrialização, possibilitaria o avanço da democratização, a partir do momento que permite que os sujeitos vivam em ambientes mais complexos, como já retomado anteriormente. Por outro, a própria democratização garantirá que o desenvolvimento econômico siga em movimento.

Em seu texto de 1959, Freire indica que a educação se tornou um obstáculo tanto para a democratização como também para o desenvolvimento econômico. É também a partir desse fato, e em inconformado com ele, que o educador propõe um modelo educacional que objetive-se a formar disposições mentais a favor da democratização e a preparar tecnicamente os homens e as mulheres para que sustentem e elevem o desenvolvimento econômico. Mais do que isso, em algumas passagens, pode-se concluir que não é só o preparo técnico que estariam vinculados ao desenvolvimento econômico, mas as próprias disposições mentais – ligadas à formação da

mentalidade democrática – são essenciais para que as pessoas se integrem ao desenvolvimento econômico, na medida em que aceitem conscientemente os traumas e as restrições oriundas do processo de industrialização (FREIRE, 1959, p. 18).

À medida que se aproprie de uma visão não só individual, mas comunitária – e espere-se, em algum momento, nacional, o homem contribuiria melhor ao desenvolvimento econômico. Afinal, as fases transitivas da consciência, ou seja a conscientização crítica do homem a respeito do seu papel, sua responsabilidade e sua história, estariam ligadas a zonas de desenvolvimento econômico mais fortes (FREIRE, 1959, p. 29).

Existe a necessidade, além de uma nova estrutura educacional mais completa e integral, de ultrapassar alguns preconceitos oriundos de nossa vida colonial. Preconceitos que diminuem e resistem a necessidade de uma educação também técnica, por essa lembrar de certa forma aqueles trabalhos manuais da era da escravidão. Essa resistência contra nossa história, nossas limitações, afasta a verdadeira democratização e o desenvolvimento econômico, pois atrasa e atrapalha a integração completa do homem com sua realidade. É necessário que o homem, conforme vai se conscientizando de sua realidade, que se aproprie dela. Para se apropriar completamente dela, é importante aceitar sua história, sem subestimar ou superestimar sua posição atual, mas entender que é uma posição mutável, flexível.

O processo de integração com seu contexto de forma honesta geraria, de forma conjunta, a identificação nacional que permite a instrumentalização dos homens a favor do desenvolvimento social e econômico. O desenvolvimento econômico, caracterizado pelas constantes mudanças, manteria o clima propício para a democratização, visto que a marca fundamental desta é o movimento. A industrialização em XX de fato se concretizou como uma oportunidade de integração maior do nosso povo na sua própria realidade. No entanto, é importante ficar atento até que ponto a industrialização contribui para a ascensão da mentalidade democrática e da vivência democratiza, à medida que esse modelo de produção pode envolver facilmente as pessoas a um descolamento do todo, do contexto – o tecnicismo pode facilitar o fanatismo.

O princípio da produção em massa não é mecânica - é social - um princípio de organização humana - 14 | E não será realmente um princípio mecânico o qual, transferido ao campo humano, tenha desumanizado e venha desumanizando o homem cada vez mais? | As primeiras consequências desta desumanização - alteração na sociedade - nas relações humanas - na família - divórcio entre: a) trabalhador; b) produtos; c) meios de produção - 14 | A fraqueza do homem diante do poder do Estado, controlador dos meios de produção - 22 | A necessidade de descentralização da sociedade industrial - 23 | A industrialização e deterioração da família - o trabalho do menor - 24/25 | O problema não está em se mudar o sistema político, mas a estrutura da empresa



- o mal está aí - 46/47. (Anotação de Paulo Freire, data não confirmada, encontrada no exemplar da obra de Peter Drucker - Figura 83).

Aqui é válido dizer que o processo educativo em prol da democracia de fato deve estar presente em espaços para além da escola - na família, no trabalho, nos espaços sociais. Feita essa ressalva, pode se dizer que o desenvolvimento econômico está vinculado à mentalidade democrática em três grandes pontos: como sustentação e como requisição – e, em casos desvirtuados, também em sua anulação. O desenvolvimento econômico desperta cenários mais favoráveis a mentalidade democrática, aparecendo como um elemento de sustentação dessa. Em seu exemplar do livro “La nueva sociedad” de Peter Drucker, Paulo Freire comenta que “nas sociedades em que o indivíduo pode produzir por si só, é difícil seu controle absoluto” (figura 82). A produção própria, a participação no desenvolvimento da economia, promove um caminho para a emancipação do homem. Essa mesma percepção é descrita por Freire no relatório do Seminário Regional de Educação de Adultos, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1958. Nesse relatório é explorada a ideia de que uma educação com foco no preparo técnico e especializado possibilitaria aos homens e mulheres a interferir no “processo de desenvolvimento do país”, saindo do papel de marginal e ocupando o papel ativo, participativo na produção, no rendimento (RELATÓRIO, 2008 [1958], s. p.).

Existe uma interligação entre a liberdade/participação econômica e o processo de conscientização, de apropriação de contexto - de desenvolvimento da mentalidade democrática. Esse ponto também é elucidado em uma anotação que Freire fez no livro “História da República”:

Em plena República, manifestações do Império - 189 | A situação e o comportamento social e **econômico** do escravo recém liberto - 194 | A grande guerra e as tentativas de emancipação da literatura brasileira - 224 | Rodrigues Alves e o ensino público e gratuito obrigatório - 232 | O sentido realista de Rodrigues Alves em face da liberdade dos escravos a que ele pautava dimensão econômica - 232 | Oswaldo Cruz, a febre amarela e a sua extinção - técnica de interpretação ao público - 240 | Diferenças entre norte e sul, com o deslocamento da economia - 255 | As massas incultas e a oratória de Reis - 281 | **A emancipação intelectual do lado da econômica** - 313 | mudanças de mentalidade popular com os deslocamentos das cidades - 326. (Anotação de Paulo Freire, data não confirmada, encontrada no exemplar da obra de José Maria Bello- Figura 63).

Freire (1960) também reforça a importância de uma integração à economia em seu texto “Escola primária para o Brasil”, relatando que o desenvolvimento e a integração econômica seria o caminho para a integração e evolução da nossa nação. Em uma das passagens deste

texto, descreve o desenvolvimento da economia, por meio da industrialização, como um imperativo existencial. Mas para o desenvolvimento econômico se manter como cenário atuante, a mentalidade democrática precisa evoluir em seu povo, partindo de uma maior conscientização e de uma maior responsabilização. É junto desses processos que os homens e as mulheres conseguirão criar soluções sociais, políticas e econômicas que de fato sejam autênticas e relevantes para o avanço e a prosperidade da sociedade como um todo. É necessário, segundo Freire (1960), arrebataram os ciclos viciosos:

Sua insuficiência se explica pelo chamado "ciclo vicioso" das economias subdesenvolvidas. Somos subdesenvolvidos porque não temos educação e saúde. Não temos educação e saúde porque somos subdesenvolvidos. Somos subdesenvolvidos porque não temos indústrias. Não temos indústrias porque somos subdesenvolvidos. O grande problema dessas economias é, por isso mesmo, arrebataram os ciclos viciosos. (Freire, 1960, p. 4)

A mentalidade democrática deve estar integrada ao potencial de desenvolvimento econômico para de fato construir e vivenciar a democracia. Não existe povo sem mercado (interno) (Freire, 1959, pág. 49). Não existe sociedade sem economia. E talvez, não exista democracia sem economia. E, desse modo, não deve existir uma educação sem integração com a economia. Principalmente, se essa educação está voltada a um público adulto. Nas palavras de Gadotti:

Na educação de adultos, a alternância entre estudo e trabalho se constituía no fundamento de toda proposta pedagógica. Entendíamos que o trabalhador não podia parar de trabalhar para estudar. Então, não bastava promover a conscientização e a organização popular. Era preciso associar a consciência crítica e organizativa ao produtivo, ao trabalho e à renda. E começamos por associar a educação comunitária à economia popular. (GADOTTI, 2009, p. 17)

Aqui, Gadotti reforça a importância de uma educação - que se propõe a desenvolver a mentalidade democrática - de estar vinculada a um entendimento maior sobre os processos de produção, troca e uso dos recursos de nossa sociedade. E de se integrar a eles. A educação vinculada ao entendimento dos processos econômicos. No entanto, para isso essa relação não pode ser entendida de maneira reducionista, ou apenas como causa e efeito uma da outra. É importante compreender a complexidade entre essas duas ciências e entre esses dois campos de atuação. Afinal, a educação não tem que devotar-se a economia, mas indicar caminhos para a economia. Reforçando a importância de entender a amplitude e complexidade por trás da relação entre a educação e a economia, Gadotti fala:

O investimento em educação não deve ser feito apenas para fomentar a economia (visão instrumental da educação). A educação não deve ser entendida apenas como uma variável econômica ou como pura adaptação aos imperativos da economia informacional e global. Na educação, precisamos sair desse paradigma profundamente ideológico e substituí-lo por um paradigma da cidadania, cerne do desenvolvimento. O pensamento pedagógico não pode ser colonizado pela economia, como se a economia tivesse por função legitimar a política educacional. A educação não é apenas um investimento econômico de atuação. (GADOTTI, 2010, p. 144)

Não cabe aqui neste momento, realizar uma análise profunda da relação entre educação e economia, que com certeza mereciam uma série de pesquisas voltadas a descobrir mais a fundo essa problemática, seja no nível micro ou macro. Inclusive, diversos são os autores que se objetivam a estudar essa relação, como Carnoy (1986), Castro (2004), Arruda (2014), etc. Apenas deseja-se reforçar que de uma forma ou de outra essa relação existe e, compreendendo isso como um fato real, é evidente que a formação da mentalidade democrática só poderia se dar no campo de intersecção entre as duas, visto que atuaria em uma experiência mais ou menos democrática que necessariamente envolve um modelo de educação propício e uma participação na economia favorável.

Afinal, no momento em que entendemos que a economia regula a forma como acontecem a maioria das trocas da nossa sociedade e resgatando o fato de que a troca e a conexão com o outro é essencial para o desenvolvimento da mentalidade democrática - que por si só é (um dos) motor(es) da democracia - pode-se afirmar que entender o desenvolvimento econômico ajudaria, em certos aspectos, a entender (e também promover) sobre o desenvolvimento da mentalidade democrática na sociedade.

Deseja-se integrar o sujeito com sua realidade e uma forma adequada de se fazer isso seria auxiliá-lo no entendimento desses aparatos e estruturas econômicas que participa e que também pode transformar. A educação que promover uma conscientização do potencial econômico do homem e da mulher poderá de fato instrumentalizar adequadamente as pessoas para a transformação social, política e econômica. Promover a democracia é promover certos tipos de economias. Espera-se que mais justas, participativas e, quem sabe, igualitárias.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Décadas se passaram desde os primeiros trabalhos desenvolvidos por Paulo Freire, ainda antes do momento em que foi exilado. Foram diversos acontecimentos que dividem as décadas de 1950-1960 do presente momento, e, mesmo assim, tantas das reflexões feitas por Freire e tantos dos desafios apontados por ele em nossa sociedade, em nossa educação e até mesmo em nossa economia parecem ainda presentes, mesmo que com suas características próprias definidas pelo nosso novo momento histórico e contexto social e cultural. De fato Kohan (2019) estava certo quando descreve a relevância de se debater e de reinventar a obra de Freire em nossa contemporaneidade “mais do que nunca”, justamente por ela carregar em seu âmago discussões e formulações que transcendem o tempo e o contexto em que fora primeiramente elaborados.

A educação, tal como a democracia, carregam em sua essência o elemento de mudança, de constante transformação - e por isso mesmo nunca é um trabalho que se finda. Neste espectro comum (em educação-democracia), está situado o conceito de personalidade/mentalidade democrática, que acabaria por ser um dos atributos essenciais a serem desenvolvidos pela educação, segundo Freire. Esse conceito torna-se como um elemento central de seus primeiros trabalhos, visto que Freire propôs uma educação que avançasse em direção a uma democracia ideal. O entendimento desse conceito contribui para uma visão mais profunda e completa dos trabalhos realizados por Freire, que fundamentam toda a construção da sua linha de pensamento. A mentalidade democrática de Freire, desenvolvida nas primeiras décadas de seu trabalho como educador, e explorado neste estudo, é um conceito perene, pois os elementos estruturais dessa mentalidade podem ser identificados independente do contexto ou do momento histórico a qual se proponha estudá-lo, resgatá-lo ou reformulá-lo. Entre os elementos estão: (i) a relação intrínseca entre o desenvolvimento da mentalidade democrática e o processo de tomada de consciência; (ii) o contexto como ponto de partida desse processo de conscientização, e portanto, do próprio desenvolvimento da mentalidade democrática; (iii) o papel da educação para suscitar e sustentar o processo de formação da mentalidade democrática; (iv) a dependência da relação social para o desenvolvimento da mentalidade democrática; e (v) a rebeldia como postura essencial para e dessa mentalidade.

Mais do que a breve contribuição para os estudos referentes a obra de Freire, os achados dessa pesquisa podem enriquecer as discussões frente ao desenvolvimento das democracias atuais, bem como, dos modelos educacionais que buscam contribuir para a formação e o fortalecimento dessas democracias. Em um cenário desafiador como o atual, em que a pandemia

coloca em cheque nossas formas e modelos de vida, refletir sobre nossa sociedade a partir de Paulo Freire pode servir como uma inspiração – ou até mesmo como um indicativo – para retomarmos os eixos da democracia e seguirmos em frente para uma comunidade mais unida, consciente e preocupada com o próximo.

Dessa forma, espera-se que essa dissertação possa evoluir em tantos futuros trabalhos, seja no que se refere ao entendimento mais completo das contribuições de uma das principais figuras no campo da Educação, seja para o desenvolvimento mais assertivo de práticas educacionais que desejem desenvolver uma mentalidade democrática, partindo das formulações realizadas aqui, como também, reformulando esse trabalho tantas vezes que forem possíveis em prol de uma ciência cada vez mais próxima dos problemas vivenciados em nossa realidade e em prol de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária - cada vez mais democrática.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Alyanna Priscilla Barbosa. **A Economia solidária na Educação de Jovens e Adultos**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campo Grande, 2014.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998
- BEISIEGEL, Celso de Rui. Educação popular e ensino superior em Paulo Freire. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 44, p. e104010, 2018. DOI: 10.1590/s1678-4634201844104010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022018000100130&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022018000100130&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 set. 2020.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular**. São Paulo: Ática, 1989.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BORGHETI, Rodrigo da Silva. **O problema da liberdade nas obras de Paulo Freire e Erich Fromm**. 2013. 268 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2013.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. Martins Fontes, 2005.
- CARNOY, Martin. Educação, economia e Estado (base e superestrutura, relações e mediações). **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, vol. 26, n. 1, p. 121-123, jan./mar. 1986. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/39125>. Acesso em: 3 jun. 2020.
- CASTRO, Ramón Peña. Escola e mercado: a escola face à institucionalização do desemprego e da precariedade na sociedade colocada ao serviço da economia. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 22, n. 1, p. 79-92, jan./jun. 2004. DOI: 10.5007/%25x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10084>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. São Paulo: Forense Universitária, 2000.
- CEPÊDA, Vera Alves; MAZZUCATO, Tiago (org.). **O intelectual e seus diálogos intelectuais**. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições; UFSCAR, 2015.
- CONANT, James B. **La Educación en un Mundo Dividido**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1945.
- DOTTRENS, Robert. **Hay que cambiar de educación: perfectiva, responsabilidades, reflexiones**. Kapelusz, 1947.
- FERREIRA NETO, João Leite. A experiência da pesquisa e da orientação: uma análise genealógica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, p. 533-546, 2008. DOI: 10.1590/S1984-02922008000200017. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922008000200017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922008000200017&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 3 jun. 2020.

FONSECA, Sérgio C.; PACIFICO, Soraya Maria Romano. Paulo Freire antes de “Pedagogia do Oprimido”, ou, de “Educação e atualidade brasileira” à “Educação como prática da liberdade”. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, vol. 7, n. 2, p. 36-62, 2017. DOI: 10.18554/cimeac.v7i2.2445. Disponível em: <http://seer.ufm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/2445>. Acesso em: 3 jun. 2020.

FONSECA, Sérgio C.; ROBERTO, Fernanda Ribeiro Ruffo. Das notas de leitura à tese: alguns apontamentos sobre a elaboração de 'Educação e atualidade brasileira', de Paulo Freire. **Cadernos CIMEAC**, v. 10, n. 3, p. 171-191, 2020.

FORACCHI, Marialice Mencarini. Introdução. *In*: FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). **Mannheim**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. *In*: GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/IPF, 1996.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: reading the world and reading the word. **Cadernos CEDES**, Campinas, vol. 35, n. 96, p. 291-298, maio/ago. 2015. DOI: 10.1590/CC0101-32622015723767. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622015000200291](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622015000200291). Acesso em: 20 set. 2020.

FREIRE, Paulo. Círculo de Pais e Professores – Capítulo da Educação de Adultos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 31 mar. 1957. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/1133>. Acesso em: 4 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. Escola primária para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v.35, n. 82, p.15-33, abr./jun. 1961. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1041>

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 1959. 141 f. Tese (Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação) – Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1976>. Acesso em: 6 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não – cartas a quem ousa ensinar**. 4. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 8. ed. Rev. ampl. Indaiatuba, SP: Vila das Letras, 2007 (Coleção Dizer a Palavra).

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, vol. 23, n. 1-2, 1997. DOI: 10.1590/S0102-25551997000100002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551997000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002). Acesso em: 10 jul. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: Pequena biografia. São Paulo: Centro de Referência Paulo Freire, 2010.

GADOTTI, Moacir; CANOY, Martin. **Reiventando Freire**: a práxis do Instituto Paulo Freire. Editora Instituto Paulo Freire, 2018.

GARCIA, Diogo Basei. **Por uma pedagogia da autonomia**: Bakhtin, Paulo Freire e a formação de leitores autorais. 2012. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2012.

GHANEM JUNIOR, Elie George Guimarães. **Educação escolar e democracia no Brasil**. 2000. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2000.

GREEN, Elliott D. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)?. **Impact of Social Sciences Blog**, 12 maio 2016. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>. Acesso em: 4 set. 2020.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Acervo Paulo Freire – Repositório Digital**. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/>. Acesso em: 20 set. 2019.

JESUS, Joselito Manoel. “Tu é fio de quem?” Tecendo os fios com Bakhtin, Vigotski e Paulo Freire. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, n. 3, p. 127-139, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3375>. Acesso em: 30 set. 2020.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Autêntica, 2019.

LE GOFF, Jacques. **As mentalidades: uma história ambígua**. História: novos objetos, v. 3, p. 68-83, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

LINS, Leonardo Melo. **Educação e economia**: um estudo da relação entre estrutura produtiva e demandas educacionais nas regiões metropolitanas de São Paulo e Belo Horizonte. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, 2011. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v2i2.196. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6519>. Acesso em: 4 out. 2020.

MAFRA, Jason Ferreira. **A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire**. 2007.

MANNHEIM, Karl. **Liberdade, poder e planificação democrática**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

MARCEL, Gabriel. **Los hombres contra lo humano**. Madrid: Caparrós Editores, 2001.

MASSIMI, Marina. **História das idéias psicológicas no Brasil em obras do período colonial**. 1985. 365 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 1985.

MAZZOTTI, Tarso. Ciências da Educação em questão. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 32, n. 3, p. 539-550, set./dez. 2006. DOI: 10.1590/S1517-97022006000300008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000300008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300008). Acesso em: 25 abr. 2020.

MINICUCCI, Agostinho. **Psicologia Aplicada à Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

NICOLAIDES, Christine Siqueira; FERNANDES, Vera. Learner autonomy in the light of Freire. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, vol. 24, n. 3, p. 493-511, 2008. DOI: 10.1590/S0102-44502008000300006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29146>. Acesso em: 6 mar. 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. **Qué es filosofía?** Madrid: Revista de Occidente, 1957. Notas marginais escritas por Paulo Freire nas páginas: 176; 222.

PAIVA, Vanilda Pereira. Sobre a influência de Mannheim na Pedagogia de Paulo Freire. **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, vol. 5, n. 14, p. 43-63, 1978. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2343>. Acesso em: 5 out. 2020.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Paulo Freire e o nacional desenvolvimentismo**. São Paulo: Graal, 2000.

PENA, Alexandra Coelho; NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. e172870, 2018. DOI: 10.1590/0102-4698172870. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982018000100113](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100113). Acesso em: 16 set. 2020.

PENNA, J. O. M. Zebedeu Barbu e o Brasil. *Jornal da Tarde*, 24 maio 2004.

PENTEADO JUNIOR, Onofre Penteado. **Fundamentos do methodo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. Artmed Editora, 2009.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, 2001. 10.1590/S0100-15742001000300008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 14 set. 2020.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ideologia e desenvolvimento nacional**. Rio de Janeiro: ISEB/MEC, 1956.

PRZEWORSKI, Adam. Ama a Incerteza e Serás Democrático. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 9, p. 36-46, jul. 1984. Disponível em: <http://novosestudios.com.br/produto/edicao-09/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

PRZEWORSKI, Adam; CHEIBUB, José Antônio; LIMONGI, Fernando. Democracy and culture: a non-culturalist view. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, Campinas, n. 58, p. 9-35, 2003. DOI: 10.1590/S0102-64452003000100003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452003000100003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000100003). Acesso em: 20 mar. 2020.

REINDERS, Hayo; BALCIKANLI, Cem. Learning to foster autonomy: The role of teacher education materials. **Studies in Self-Access Learning Journal**, [S. l.], vol. 2, n. 1, p. 15-25, 2011. Disponível em: [https://sisaljournal.org/archives/mar11/reinders\\_balcikanli/](https://sisaljournal.org/archives/mar11/reinders_balcikanli/). Acesso em: 6 mar. 2020.

REIS, Pollyanna Júnia Fernandes Maia. **Paulo Freire: análise de uma história de vida**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2012.

RELATÓRIO Final do Seminário Regional de Educação de Adultos. 3ª Comissão. Tema: A educação dos adultos e as populações marginais: problema dos mocambos. Pernambuco, 1958. In: FÁVERO, O.; e BRENNER, A. K. (org.). Educação popular (1947-1966). DVD: NEDEJA/UFF/FAPERJ, 2008.

RIBEIRO, Márden de Pádua. Por mais Paulo Freire e menos Escola sem Partido. **Horizontes**, Bragança Paulista, SP, v. 36, n. 1, p. 222-236, 2018. DOI: 10.24933/horizontes.v36i1.495. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/495>. Acesso em: 15 fev. 2020.

ROMÃO, José Eustáquio. Contextualização: Paulo Freire e o pacto populista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cortez; IPF, 2003.

ROSSI, Wagner. **Pedagogia do Trabalho: Caminhos da educação socialista**. São Paulo: Moraes, 1982.

SCHUGURENSKY, Daniel. **Paulo Freire**. New York: Continuum, 2011



SCOCUGLIA, Afonso Celso Caldeira. **A teoria só tem utilidade se melhorar a prática educativa**: as propostas de Paulo Freire. São Paulo: Depetalli, 2013.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. As interconexões da pedagogia crítica de Paulo Freire. **Filosofia e Educação**, Campinas, vol. 10, n. 1, p. 200-232, 2018. DOI: 10.20396/rfe.v10i1.8652006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652006>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SCOCUGLIA, Afonso Celso Caldeira. Paulo Freire e a pedagogia da pesquisa. **EJA em Debate**, Florianópolis, vol. 4, n. 4, p. 29-44, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1499>. Acesso em: 4 fev. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. **Educação em Revista**, vol. 30, n. 3, p. 245-266, jul./set. 2014. DOI: 10.1590/S0102-46982014000300011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982014000300011&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000300011&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 4 mar. 2020.

SILVA, Camila Teo da. **A gênese da Pedagogia do Oprimido**: o manuscrito. 2017. 572 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2017.

SODRE, Nelson Werneck. **Raízes históricas do nacionalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.

SPINK, Mary Jane P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**, Porto Alegre, vol. 31, n. 1, p. 7-22, jan./jul. 2000.

DE TOLEDO, Caio Navarro. ISEB: fábrica de ideologias. Editora Ática, 1977.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. Edicoes Loyola, 1979.

TROMBETTA, Sérgio; TROMBETTA, Luís Carlos. Ética. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WEIL, Simone. **Raíces del existir**: preludeo a una declaración de deberes hacia el ser humano. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1954.